



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Roberta Cristina Araujo de Lima  
“Roberta Lira”

**A TRADUÇÃO AFRODIASPÓRICA E CULTURAL PELAS/NAS ARTES:  
“A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS” E OUTRAS PERFORMANCES COMO  
DISPOSITIVOS DESCOLONIZANTES E ANTIRRACISTAS DO(S) MEU / NOSSOS  
PERCURSO(S) UNIVERITÁRIO(S)**

Florianópolis  
2021

Roberta Cristina Araujo de Lima  
“Roberta Lira”

**A TRADUÇÃO AFRODIASPÓRICA E CULTURAL PELAS/NAS ARTES:  
“A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS” E OUTRAS PERFORMANCES COMO  
DISPOSITIVOS DESCOLONIAIS E ANTIRRASCISTAS DO(S) MEU /  
NOSSOS PERCURSO(S) UNIVERITÁRIO(S)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução. Área de Concentração: Processos de Retextualização. Linha de Pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução.

Orientadora: Dra. Eliane Santana Dias Debus  
Coorientadora: Dra. Denise Carrascosa França

Florianópolis  
2021

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Professora Eliana Santana Dias Debus, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Professor Tiganá Santana Neves Santos, Dr.  
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Professora Maristela Campos, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestra em Estudos da Tradução.

---

Prof.(a) Dr.(a) Andréa Guerini  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. (a) Dr. (a) Eliana Santana Dias Debus,  
Orientador (a)

Florianópolis, 04 de junho de 2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lima (Roberta Lira), Roberta Cristina Araujo de  
A Tradução Afrodiaspórica e Cultural pelas/nas Artes: :  
"A Beleza de Nossos Corpos Negros" e Outras Performances  
Como Dispositivos Descolonizantes e Antirracistas do(s)  
Meu /Nossos Percurso(s) Universitário(s) / Roberta  
Cristina Araujo de Lima (Roberta Lira) ; orientadora,  
Eliane Santana Dias Debus, coorientadora, Denise  
Carrascosa França, 2021.  
324 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Afrodiaspórica. Raça e  
Descolonização. Beleza e Existência... 3. Arte-Política e  
Artes Negras da Cena. Descolonização. Existência e Cura..  
4. Debus, Eliane Santaba Diais. França, Denise Carrascosa,  
Universidade Federal de Santa Catarina. 5. Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução. Título. I. Debus, Eliane  
Santana Dias . II. França, Denise Carrascosa . III.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

“Com Licença do Curiandamba, Com Licença do Curiacuca, Com Licença do Sinhô Moço,  
Com Licença do Dono de Terra...”  
*Vissungo da Licença para Cantar*

## Pade-Nosso<sup>1</sup> (Canto Reza)

<https://www.youtube.com/watch?v=bS9IyXE7zBA&t=106s><sup>2</sup>

“Otêêê! Pade-Nosso cum Ave Maria,  
Securo camera qui T’Angananzambê, aiôo, aiooôô...!  
Pade-Nosso cum Ave Maria,  
Securo camera qui T’Angananzambê, aio, aioô!  
Aiô!...T’Angananzambê, aio...  
Aiô!...T’Angananzambê, aio....

É calunga qui tom’ ossema’,  
É calunga qui tom’ Anzambi aiô, aioô...  
Pade-Nosso com Ave Maria,  
Securo camera qui T’Angananzambi aiô, aioô, aiôôô...!  
É T’Angananzambê, aio...É T’Angananzambê, aio....  
Pade-Nosso cum Ave Maria,  
Securo camera qui T’Angananzambê, aio, aioô, aiôôôôôô...!

Pade Nosso é um *vissungo* que faz parte dos cânticos de mineração. Na atualidade este é praticado nos rituais dos funerais, por quilombolas de São João da Chapada, em Minas Gerais. Mas, também contam que o canto era entoado para o agradecimento da comida e do trabalho nas minas, nos tempos da escravização.

Os *vissungos* são cantos de força que quilombolas como o Sr. Pedro de Alexia entoam com amor.

Sr. ativo, artista, mestre das práticas tradicionais de matriz africana de sua região, muito simples e sábio, um dos antigos mantenedores destes cantos.

Fala mansa e escuta atenta, meditativo logo respondia com sorriso atencioso as minhas perguntas.

Conversamos pessoalmente em 2013, no *Curso de Cantos Tradicionais Afrobrasileiros, no Festival de Inverno da Diamantina, da UFMG*, onde ele mostrou preocupação que os cantos acabassem.

Muito alegre e sorridente afirmou seu orgulho em ser ativo nos reinados e tradições locais dos nossos ancestrais africanos, ainda presente na região.

Porém, explicou que as tradições orais estavam se perdendo, pois as/os mais jovens não queriam aprender pela oralidade e preferia as tecnologias dos walkmans, equivaleria hoje aos celulares.

Dedico este fazer artístico tradutório

Com todo o meu amor,

Às ancestralidades Sagradas que me guiam e protegem,

Às minhas ancestralidades que lutaram para que eu chegasse neste tempo,

As Nossas Velhinhas e aos Nossos Velhinhos da Espiritualidade

Às minhas avós e avôs de vida e coração. Agradeço!

Asé

---

<sup>1</sup> Pade-Nosso – É um canto somente das minerações segundo as pesquisas de Aires da Mata Machado Filho (1985) que os coletou relatos, estudou o contexto que eram criados e entoados durante a escravidão e depois dela (com as previsíveis limitações), também nos deixa uma relíquia, que embora seja uma transcrição das canções, temos mais de cinquenta cantos registrados para estudos a serem ampliados, publicados no livro “*O Negro e o Garimpo de Minas Gerais*”, de Aires da Mata Machado Filho (1985), nas referências desta pesquisa. Eles tornaram-se mais conhecidos, pois em 1980 foram gravados com o nome “*O Cantos dos Escravos*” em adaptação contemporânea, sem seus fundamentos tradicionais, porém ganhamos interpretações ancestrais majestosas de nossas rainhas do Samba Dona Clementinha de Jesus, Tia Doca da Portela e do nosso rei do Samba Paulistano e dos carnavais Sr. Geraldo Filme. Os estudos apresentados de minha elaboração, produção e autoria, presentes aqui e no decorrer desta dissertação em trechos de artigos, ensaios, conversas, relatos dentre outros já publicados, fazem parte dos processos e das pesquisas que venho desenvolvendo e estão relacionadas diretamente com este trabalho específico de pesquisas. Nota da autora.

<sup>2</sup> Link – Vissungo “O Pade Nosso – Canto dos Escravos – Canto XI”, Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bS9IyXE7zBA&t=106s>.

"Tá caindo fulô, tá caindo fulô  
Tá caindo fulô... Ê tá caindo fulô  
Cai do céu, cá na terra  
Êi tá caindo fulô...Olê...Olê...  
Tá caindo fulô<sup>3</sup>

Desejo, sonho, projeto, me encanto, ajo  
E desfruto das conquistas que posso alcançar...  
Sinto a dor pelas injustiças, opressões, perdas e decepções sofridas, pelos meus erros e falhas,  
Mas (re)existo a cada alvorecer e me reinvento em cíclicas manhãs que me serenam a alma,  
Que ativam o meu sorriso e me deixam sentir a vida em todo o meu corpo  
A vibração e o calor da minha alegria, da esperança e da renovação natural da vida.  
(Re)vivo, agradeço e reverencio meu universo de memórias, meus amores e afetos  
Pelas tantas coisas belas consonantes e as dissonantes que já vivi nesta vida,  
Vivo a cada dia oxigenando meu coração e corpo ativo, negro e afro belo, de África, perseguido e protegido.  
Mesmo nos dias mais tristes,  
Permito-me sentir e amar tudo o que posso do dialético sopro breve e eterno da vida...



Entre mares de cenas reais e ficcionais que me cercam, e querem se tornar reais ficcionais...  
Sinto a natureza, o intenso e observo a busca humana,  
Diante do discrepante, desigual e estranho movimento de condições surreais humanas...  
Ajo e vivo...e quero sempre compreender mais e mais o existir, a vida humana,  
Aprender o que ela tem de melhor...a natureza com nossas ancestralidades  
A espiritualidade e seus segredos, nosso brilhante precioso. Rejeito a insensibilidade.  
Sigo percorrendo, horizontes entrelaçados, coloridos,  
(en)cantados, ora complexos e ora cheios de amor, diverso e repleto de enigmáticas,  
Performances existenciais. (LIRA, 2021)<sup>4</sup>  
Leia... Veja... Sinta ... Escute... Viva.... ;) <https://www.youtube.com/watch?v=3E6oLy6hFyg&t=462s><sup>5</sup>

<sup>3</sup> “Tá caindo fulô” – Canto Reza homenagem as entidades anciãs dos sagrados afrobrasileiros, chamadas/os de Pretas e Pretos Velhas/os. Nota da autora.

<sup>4</sup> LIRA, 2021 – escrita feita para esta dissertação pela autora.

<sup>5</sup> Beautiful SOUTH AFRICA Chillout & Lounge Mix Del Mar.

## AGRADECIMENTOS

Abro esta manifestação de kurima<sup>6</sup> com reverência, agradecimentos e oferta desta feitura, em forma de produção científica, artística, ativista, afrodiaspórica e negra, principalmente à minha ancestralidade africana e indígena, à espiritualidade que me acompanhou em todo este processo.

Agradeço às minhas avós, aos meus avôs que são muitos, à Mãe Terra e ao mais Alto Sagrado Nzambi<sup>7</sup>. Para mim, Zambi, que está dentro de mim, em tudo o que existe, protege e vitaliza a minha e todas as nossas vidas e planetas sempre.

Em especial agradeço às minhas professoras orientadoras, que tiveram papel fundamental pela pedagogia de excelência, colaborativa e de perspectivas de Ubuntu<sup>8</sup> afrobrasileira, que entraram neste trabalho, acolhendo minha pesquisa com o respeito e entendimento que ela exigia e a mim enquanto pesquisadora. Com carinho, respeito e afeto à Eliane Debus e Denise Carrascosa, a cada uma em especial, às suas singularidades afrodiaspóricas, meu axé de coração.

Agradecimentos sinceros à banca composta pela professora Dra. Maristela Campos e pelo professor Dr. Tiganá Santana, que pronto e gentilmente aceitaram participar desse momento importante em meu processo de formação.

Agradeço às/aos membras/os da comissão e colaboração do Coletivo Kurima; Vozes de Zambi e Kurima Bantu Mulheres – MUDEMPODIRO<sup>9</sup> existirem e me apoiarem durante minha jornada universitária e em diferentes momentos na composição deste trabalho.

---

<sup>6</sup> Kurima: palavra que em língua quimbundo afrobrasileira ou kimbundu de Angola, presente em línguas irmãs, carrega o sentido de cultivo, lavrar nas línguas africanas. Na diáspora afrobrasileira carrega também o sentido de trabalho. O que para as ações do Coletivo a palavra cultivo e trabalho deram um forte sentido como potencializam a essência e o ideal do Coletivo Kurima, como das propostas e projetos que desdobraram a partir dele.

<sup>7</sup> Nzambi ou Zambi: ambos os nomes em kimbundo dão o sentido de Deus, Criação Suprema, não no sentido cristão, a Criação de tudo que existe que não sabemos que É, mas que é o mais Alto Sagrado a Criação Suprema do Universo para diversos povos africanos da Cultura Bantu.

<sup>8</sup> Ubuntu: palavra que traz um sentido de união das coletivas africanas, de origens Bantu de diferentes regiões de África que aqui destaco nossas perspectivas afrodiaspóricas e afrobrasileiras deste exercício de herança ancestral em nossas ações coletivas universitárias e que trago na pesquisa.

<sup>9</sup> Coletivo Kurima: é nome do Coletivo estudantil universitário independente que a autora e sua irmã fundaram na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2011, que tem um histórico de ações antirracistas descolonizantes, de estudos, pesquisas e reestruturantes. Com atuação protagonista negra por meio das epistemologias afros em prol dos direitos humanos das pessoas negras e demais marginalizadas, notório na/da Universidade. Palavra que em língua kimbundu tem o sentido de cultivo, trabalho, que potencializa e dá sentido ao coletivo.

Em especial, nesta fase final da minha jornada acadêmica, abraços às irmandades e companheirismos duradouros e sinceros que me fazem acreditar na força ancestral agindo sobre Nós e com nossa presença. Mesmo constantemente lutando e sendo atravessadas afrodiasporicamente e africanamente pelas toxinas e efeitos coloniais, as práxis dos afetos nos ampararam diversamente, com a dignidade do respeito e mostram muito sobre cremos fazendo na vida humana e em algo além desta breve passagem terrenaturbulenta.

A vocês que nas benditas e adversas encruzilhadas desta fase da minha existência, entre possibilidades, escolhas, ali também estão irmãs/os da caminhada. É, as irmandades existem, talvez não tão fantasiosas pensamos, as simples, diversidade e, no meu caso, elas tornaram menos solitárias as boas e duras passagens, principalmente nestes tempos de pandemia. Agradeço à vocês: Niagara Trindade, Ezra Nhampoca, Renata Lima, Maria das Graças, Mariah Lima, Elza da Silva, Carmem Cruz, Carla Fonseca, Léo Rosa, Ula Cá, Bessy Ludmila, Sr. David B. da Silva, Muwewa Muleka, Maria Ap. Lopes . Agradeço a todas as demais amigadas sinceras e amorosas que seguraram a minha mão nos momentos mais difíceis, e que sabem que estiveram comigo mesmo distantes geograficamente. Seguimos juntas/os/es em conexão pelo coração.

Agradeço as partilhas coletivas e parceiras destes últimos anos em especial a Fabris Castilhas, Kall Salles, Jefferson Jeff, Geni Nunes, Luck Yemomja, Débora Zamarioli, Priscila Genara, Joseph Pierre, Mickerson Altenor, Marie Helene, Silvana, Aguiar, D. Lourdes, CAAA gestão Cris e Paulinha e a galera linda das cênicas desde os tempos da Ocupa 2016, cada um/a e a todas as demais pessoas envolvidas nesse processo, que muito me apoiaram e contribuíram de diferentes formas no caminho para conclusão desta pesquisa. Esta que exigiu muita dedicação, partilhas, equilíbrio, muita força espiritual, oxigenação, discernimento, (re)existência e meu respeito.

Reverencio e agradeço ao meu espírito e corpo físico que seguiram firmes, já que foram os principais sustentáculos práticos e produtores vivos deste trabalho. Agradeço amorosamente ao amplo e determinante suporte de minha família, principalmente neste contexto de pandemia, diante das adversidades da distância geográfica.

Finalizo com agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) e à CAPES pela bolsa de pesquisa concedida, que foi determinante para a realização desta dissertação de mestrado.



## RESUMO

O objetivo da pesquisa apresentada foi traduzir nas/pelas artes ações e performances envolvendo corpos humanos, a partir de minha trajetória e experiência enquanto artista, pesquisadora, professora, estudante, ativista, negra, tradutora e autora, em que faço ressignificações da presença corporal negra na cena artística, social e universitária por meio da tradução como performance da memória escreviente. Neste trabalho tradutório artístico, essa foi protagonizada por mim pelo movimento das performances negras textuais e visuais escrevientes, trazendo à tona relações existentes entre o complexo corpo/estética e existência das humanidades racializadas, as lutas descoloniais e antirracistas vivenciadas, as produções negras precursoras e atuações continuadas, das conquistas dos novos processos descolonizantes em cursos universitários. O trabalho da pesquisa está em diverso e constante movimento tradutório performativo, predominante das Traduções Afrodiaspóricas, feito pela Tradução como Performance Escreviente conceituada por Luciana Reis (2017). Por meio deste fazer tradutório e da autoetnografia destaco o período de estudos, das minhas formações e trânsitos na universidade, e atuações em instituições e organizações públicas e independentes não governamentais. Utilizo do recurso da autoetnográfica como método, sob a perspectiva descolonizante da pesquisa. As ações, comunicações e performances escolhidas fazem parte do repertório dos meus trabalhos, e seus muitos desdobramentos consolidaram motivos estratégicos de selecionarmos - eu junto às minhas orientadoras em trabalho colaborativo-, “A Beleza de Nossos Corpos Negros”, a performance “Quem pode existir?”, como outras performances específicas que se relacionam e circundaram meu fazer de estudos e profissional em arte e cultura. As análises foram organizadas em primeiro, segundo e terceiro atos performáticos descolonizantes, compostas sob perspectiva interdisciplinar, operacionalizadas a partir de meu lugar de fala, em primeira pessoa, fluindo entre minhas experiências subjetivas e coletivas de gênero, raça e classe, articuladas predominantemente com as Traduções Afrodiaspóricas. O trabalho orientou-se pelos Estudos da Tradução por Epistemologias da Tradução Afrodiaspórica, com a presença das artes negras da cena e visuais, dos estudos pós-coloniais e de(s)coloniais e estudos da branquitude (a)crítica.

Palavras-chave: Tradução Afrodiaspórica. Arte-Política. Descolonização. Beleza. Beleza Negra.

## ABSTRACT

The objective of the research was to translate into/through the arts actions and performances involving human bodies, based on my trajectory and experience as an artist, researcher, teacher, student, activist, black, translator and author of this study in which I make new meanings of the black corporeal presence in the artistic, social and university scene through translation as a performance of writing memory. In this artistic translation work, this was the protagonist of the movement of black textual and visual writers performances, bringing to light the existing relationships between the complex body/aesthetics and the existence of racialized humanities, the experienced decolonial and anti-racist struggles, the precursory black productions and continued actions, from the achievements of the new decolonizing processes in university courses. The research work is in a diverse and constant performative translation movement, predominant in the Afrodiasporic Translations, made by Translation as Writing Performance conceptualized by Luciana Reis (2017). Through this translational work and self-ethnography, I highlight the period of studies, my training and transitions at the university, and performances in institutions and public and independent non-governmental organizations. I use the autoethnographic resource as a method, under the decolonizing perspective of research. The actions, communications and performances chosen are part of the repertoire of my works and their many consequences consolidated strategic reasons for us to select - I together with my advisors in a collaborative work -, “The Beauty of Our Black Bodies”, the performance “Who can exist? ” as other specific performances that are related and, surrounded my studies and professional doing in art and culture. The analyzes were organized into first, second and third decolonizing performative acts, composed under an interdisciplinary perspective, operationalized from my place of speech, in the first person, flowing between my subjective and collective experiences of gender, race and class, predominantly articulated with the Aphrodiasporic Translations. The work was guided by Translation Studies by Epistemologies of Aphrodiaporic Translation, with the presence of black stage and visual arts, postcolonial and de(s)colonial studies and studies of (a)critical whiteness.

Keywords: Aphrodiasporic Translation. Art-Politics.Decolonization. Beauty.Black Beauty.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Roberta Lira .....	18
Figura 2 – Performance no 8M com estudantes de artes cênicas, na recepção dos calouros 2019-1 .....	71
Figura 3 – “Linda no retrato” .....	116
Figura 4 – Performance Teatral Senzala (2014) – Coletivo Vozes de Zambi.....	126
Figura 5 – Deuses de Kemet (A Terra dos Homens Pretos).....	136
Figura 6 – Performance A Caixa Branca, cena do filme The Perfect Human, de Jorgen Leth .....	162
Figura 7 – Durante a performance “A Caixa Branca” com seus impactos descolonizantes .	166
Figura 8 Queima das energias e propostas da ‘branquitude tóxica’ em “Quem pode existir?” .....	182
Figura 9 – Exibição de filme e roda de conversa Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros da UFSC.....	184
Figura 10 – Vozes de Zambi participação na abertura do UFSCTOCK .....	188
Figura 11– Coletivo Vozes de Zambi - UFSCTOCK 2014.....	190
Figura 12 – Aula teórica e roda de conversa com a Profa. Sílvia Lorenzo .....	192
Figura 13 – Momento de ritos e finalização da performance em prática de ensino .....	199
Figura 14 – Performance prática de ensino entre estudantes e participantes da aula: Epistemicídio e Genocídio Negro.....	200
Figura 15 Dario Cunha percutindo o Manifesto Denúncia do Epistemicídio nas Artes Cênicas da UFSC .....	206
Figura 16 – Manifesto Denúncia do Epistemicídio de nas Artes Cênicas por Roberta Lira..	212
Figura 17 – Manifesto Denúncia do Genocídio Brasileiro, por Leandro Batz.....	221
Figura 18 – Mosaíco do Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros .....	224
Figura 19 – Modelo – estudante de Direito Caroline Ricardo – participante do Coletivo 4P (2015) e atual membra colaboradora do Coletivo Kurima .....	228
Figura 20 – Abertura da instalação-exposição Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros, na Biblioteca Universitária (BU) .....	231

Figura 21 – Momentos das performances de abertura com a comunidade social e universitária .....	234
Figura 22 Cartão de Shirley – Racismo nas artes visuais pela fotografia .....	235
Figura 23 – Rafael S., acadêmico de Arquivologia.....	237
Figura 24 – Denise S., Personal Trainer, Formada em Educação Física (UFSC).....	243
Figura 25 EECUN – Encontro Nacional de Estudantes Universitários e Coletivos Negros (2015) .....	258
Figura 26 – Waleska Giorgiana – Modelo – estudante do curso de Artes Cênicas (2015)....	259
Figura 27 Fotógrafa Diana Souza parceira que fez a captação das imagens do “Ensaio Fotográfico A Beleza de Nossos Corpos Negros”.....	268
Figura 28 Por que precisamos nos afirmar belas/os? - Modelo – estudante Mariah de Lima – Colégio de Aplicação (2015).....	272
Figura 29 – Ntozake Shange, à direita, com Janet League em sua peça “Para meninas de cor que consideraram suicídio / Quando o arco-íris acabou ( 1977).....	274
Figura 30 – Modelo Cássia Souza participante do Projeto Vozes de Zambi, UFSC (2015)..	282
Figura 31 – Instalação-Exposição na Biblioteca Universitária, BU/UFSC (2015) .....	284
Figura 32 – Manifestações públicas – Livro de presença da Instalação-Exposição.....	286
Figura 33 – Manifestações públicas – Livro de presença da Instalação-Exposição .....	287
Figura 34 – Modelo estudante Gabriela Ferreira do curso de graduação em Economia.....	289
Figura 35 – Por que Precisamos nos afirmar belas? Modelo Priscila, Pós-Graduação em Educação, UFSC (2015).....	292
Figura 36 –Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, Chorrillos, (Lima/Perú) .....	295
Figura 37 – Mosaico de momentos do Intercâmbio Brasil/Perú Negras(Lima).....	286

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNCN	A Beleza de Nossos Corpos Negros
AMUNETRAP AWID	Asociación de Mujeres Negras Trabajadoras del Perú Association Woman's Right Development
BA	Bahia
CA	Colégio de Aplicação (UFSC)
Cas CCE	Centros Acadêmicos (UFSC) Centro de Comunicação e Expressão (UFSC)
CAAC	Centro Acadêmico de Artes Cênicas
CEDEMUNEP	Centro de Desarrollo de La Mujer Negra Peruana
CFH COPENE	Centro de Filosofia e Ciências Humanas (UFSC) Congresso Nacional de Pesquisadore/as Negros/as
COPPIR DCE	Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para a Igualdade Racial Diretório Central dos Estudantes Luís Travassos
EECUN	Encontro Nacional de Estudantes e Coletivos Universitários Negros
EUA IBGE IESs	Estados Unidos da América Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Instituições de Ensino Superior
MUDEMPODIRO	Mulheres em Desenvolvimento e Movimentos por Direitos para Ombembwá
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PROEX RG	PGET Programa de Pós-Graduação em Estudos da Traução Pró-Reitoria de Extensão (UFSC) Registro de Identidade
SC SP	Santa Catarina São Paulo
TAEs	Técnica/os Administrativas/os Escolar
UDESC	Universidade Estadual de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ULM	Universidade Livre de Música – Tom Jobim
USP	Universidade de São Paulo



## **Sumário**

<b>1. PRÓLOGO SOBRE MIM.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 PRÓLOGO CANTO REZA.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>2. PRIMEIRO ATO PERFORMÁTICO DESCOLONIZANTE: A TRADUÇÃO E A ARTE COMO ATOS SUBVERSIVOS DE CORPOS POLÍTICOS.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 O SER HUMANO NEGRO NO MUNDO.....</b>	<b>51</b>
<b>2.1.1 QUEM PODE EXISTIR?.....</b>	<b>66</b>
<b>3. ENTRE AS PERFORMANCES, AS CULTURAS E AS RACIALIZAÇÕES.....</b>	<b>77</b>
<b>3.1 SEGUNDO ATO PERFORMÁTICO DESCOLONIZANTE: OS INÚMEROS SIGNOS SOBRE MIM / NÓS: MEU CORPO.....</b>	<b>116</b>
<b>3.1.1 OS SIGNOS LANÇADOS SOB O/S MEU/NOSSOS CORPO/S.....</b>	<b>135</b>
<b>3.1.2 EXPERIÊNCIAS, SIGNOS, CONSTRUÇÕES E AFIRMAÇÕES NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO.....</b>	<b>140</b>
<b>3.2 A PRESENÇA DE UBUNTU ENTRE NÓS: “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”.....</b>	<b>147</b>
<b>3.2.2 A TRADUÇÃO CULTURAL, AS CULTURAS DE RAÇA E OUTRAS PERFORMANCES BRUTAIS.....</b>	<b>174</b>
<b>3.3 CRIAÇÃO, ENSINO, CULTURAS E ARTES NEGRAS DA CENA: QUEM PODE EXISTIR?.....</b>	<b>180</b>
<b>4. TERCEIRO ATO PERFORMÁTICO DESCOLONIZANTE: A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>223</b>
<b>4.1 PERSPECTIVAS DE AUTOCUIDADO, PROTEÇÃO E LUGAR SEGURO: POTÊNCIAS EM TRANSCRIÇÕES DIANTE DO CAOS.....</b>	<b>237</b>
<b>4.1.1 RECUPERAÇÃO AFROIMAGÉTICA I.....</b>	<b>243</b>
<b>4.1.2 A TRADUÇÃO DA RECUPERAÇÃO AFROIMAGÉTICA II.....</b>	<b>244</b>
<b>4.2 CAMINHOS TRILHADOS: IDENTIFICAÇÃO E OUTROS PROCESSOS TRADUTÓRIOS.....</b>	<b>270</b>

<b>5. TRADUZINDO PERCURSOS TRANSCONTINENTAIS: INTERCÂMBIO BRASIL/PERU DE MULHERES NEGRAS E A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS.....</b>	<b>294</b>
<b>5.1 A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA AS MULHERES AFROLATINOAMERICANAS.....</b>	<b>295</b>
<b>5.1.1 A TRADUZINDO A RECUPERAÇÃO AFROIMÁGÉTICA DAS INSTALAÇÕES-EXPOSIÇÕES DE A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS EM SITE.....</b>	<b>301</b>
<b>6.(IN)CONCLUSÕES.....</b>	<b>302</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>305</b>
<b>REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....</b>	<b>313</b>
<b>ANEXO A – TEXTO 1 DA PERFORMANCE “QUEM PODE EXISTIR?”.....</b>	<b>314</b>
<b>ANEXO B –TEXTO 2 DA PERFORMANCE QUEM PODE EXISTIR?.....</b>	<b>315</b>
<b>ANEXO C - ENTREVISTA 2020 - PROFA.DRA. DENISE CARRASCOSA.....</b>	<b>316</b>
<b>ANEXO D - RELATO PROFA. DRA. PRISCILA GENARA.....</b>	<b>319</b>
<b>ANEXO E - RELATO PROFA. DRA. DÉBORA ZAMARIOLI.....</b>	<b>321</b>
<b>ANEXO F – CRIAÇÃO DA EMENTA DA DISCIPLINA CÓD.:ART , DO CURSO DE ARTES CÊNICAS (UFSC).....</b>	<b>323</b>



O corpo é um portal que, simultaneamente,  
Inscreve e interpreta, significa e é significado,  
Sendo projetado como continente e conteúdo,  
Local, ambiente e veículo da memória.  
(Leda Maria Martins)



Conforme vamos recuperando a naturalização de nossas belezas,  
Ao revitalizarmos nossas imagens inicia-se um processo poderoso interior e exterior.  
Há grande possibilidade de dismantelamento das distorções desumanizantes seculares  
Lançadas sobre nossos corpos e almas envolvendo origens, culturas e conhecimentos,  
Quando nos conectamos ancestralmente e conhecemos nossas histórias, nos (re)conhecemos.  
Carregar por dentro dos corpos as nossas histórias e ir (re)construindo nosso presente e futuro,  
Amando-nos sinceramente, as pessoas humanas que somos e nossa coletividade afro,  
Amando a conexão com nossas potências afroimagéticas e ancestrais,  
Seguramente ativaremos e aceleraremos nossos processos de cura do corpo e da alma,  
Vencendo traumas coloniais enraizados pela violência racial, de gênero e classe.  
Fazendo bom uso dos conhecimentos milenares que herdamos,  
Nos (re)conhecemos e nos cuidando com profundidade intimamente,  
Vamos enfrentar o caos, as opressões que nos assolam e transformar tudo  
Vamos curando-nos, ao acessarmos e ativarmos a nossa espiritualidade sem capital.  
Encontraremos o nosso lugar seguro no mundo e caminharemos para Ubuntu.  
Processo de conexão ancestral pelo qual a cada movimentação do nosso tempo,  
Recuperaremos definitivamente nossa respeitabilidade e natural humanidade.  
(Roberta Lira)

## 1. PRÓLOGO SOBRE MIM

Eu,  
Roberta Lira  
Sou imersão na vida,

Intensidade de sentimentos, natureza de (en)cantos e movimentos.  
Uma ArtistaPaulistanaPesquisadoradasArtesTradutoraProfessoraAutoraAfrobrasileiraNegra...

Figura 1 - Roberta Lira



Fonte: Diana Souza/acervo pessoal da autora.

...Que atua, transcriba e interpreta artes na vida.  
Sou a profissional Mulher  
Afrodiaspórica  
Cisgênero  
Preta  
Brasileira  
Amefricana  
Africana  
Cantora  
Performer  
Atriz  
Curadora  
Diretora  
Produtora Cultural,  
Professora  
Musicista  
Dançarina  
E tantas muitas outras nuances mais...  
Sou Vida que Atua e Movimenta Vidas.

Eu trago nesta produção algumas das faces dos trabalhos que foram sendo gestados durante parte do meu percurso universitário, durante minhas formações de graduação e mestrado que aconteceram nas esferas de meus trânsitos pela universidade pública.

Sou semente cultivada do amor jovem e união de Aroldo de Lima e Maria das Graças de Lima.

Eu nasci no dia 05 de janeiro do ano de 1972, na cidade de São Paulo. Nos anos de 1972 até 1982 era garantido que eu, bem criança, pudesse dançar e brincava muito de teatrinho na janela de casa que dava para o quintal de casa ou na estante dos brinquedos, que eu transformava em uma casa de cinco andares da boneca Susi Negra, que eu tinha e os cabelos dela eram loiros. No teatrinho eram cobrados ingressos da minha irmã, das amiguinhas e minha avó fazia pizzas de pão com tomate, queijo e orégano - era a brusqueta, de influência da convivência com pessoas italianas dos bairros, chegava a casa, assim como nossos costumes como o samba, chegaram a eles-, servidas com suco. A Din preparava tudo e servia as crianças depois da apresentação, era demais. Minha infância era cheia de encantamentos e fantasias. Muita a dança e música nas brincadeiras com a vitrolinha e os disquinhos infantis e de época. As brincadeiras de circo sempre estavam presentes comigo e nos nossos repertórios em que ele surgia, cada vez mais criativo. Principalmente, depois do nosso ingresso (meu e de minha irmã), na escola de ensino fundamental. Sempre amei dançar, me envolver com os movimentos, com os sons, as vozes e letras. Dançava em casa com a minha mãe diversos estilos populares, clássicos, de tudo um pouco. Minhas influências e repertórios musicais têm muito a ver com o gosto musical dos meus pai e mãe, avós que escutavam o melhor da música popular brasileira, sambas novos e antigos, do jazz, do blues trazido pelo meu tio, principalmente.

As culturas, práticas e heranças ancestrais das culturas negras urbanas paulistanas eu também fui conhecendo desde muito cedo dentro de casa, depois conhecendo os espaços negros, mas sem muito envolvimento, diferente do que tenho atualmente. Em 1982, comecei a estudar jazz e violão, na Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira, ACACAB (SP) e ali fiquei por uns dois anos. Nos anos seguintes aprendi a dançar samba rock com os amigos da minha mãe, já anciãos, os Srs. mais antigos do clube, no repasse ancestral que eu amava. Dançava nos momentos do samba rock, no sábado das Feijoadas, do Aristocrata Clube (SP) e ali fui conhecendo outras faces da cultura negra, mais tradicional, paulistana antiga, nestes espaços, em alguns momentos gostando, em outros contra gosto, por ter que ir junto com a minha mãe e viver tudo no meu tempo de viver, sem fugir para passeios que adolescentes preferem.

Aos meus 14 anos eu já estava entrando em grupos de dança experimentais com adultos no SESC. Eu era apaixonada por criar as minhas próprias coreografias. Particpei de grupos de dança moderna, jazz e contemporânea e depois fiz diferentes danças afros que foram a minha paixão. Foi quando comecei a dançar no Dança SESC em 1987. Antes disso, dancei muito ao som das músicas do Supertramp, e depois no contexto pelo final do Apartheid na África do Sul, chegaram muitas músicas de África e outros estilos negros gravadas por Djavan, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Paul Simon, Prince. Momento histórico com sons marcantes presentes nos caminhos por onde iniciei um lindo ciclo. Eu, que não tinha planos profissionais e vida nas artes, vi esse caminho chegar a mim, repetidas vezes, até compreender algo do que estava me sendo confiado. Respostas sempre esperamos, mas agora, só agradeço o precioso presente.

Em, 1994/95, pouco tempo depois que me mudei para a Bahia, fracturei os joelhos, um de cada vez, e não pude mais dançar como antes ou seguir dando aulas de afro, como iniciei lá. Ainda assim, me dediquei ao hobby da dança de lambada/zouk e depois um pouco de salsa, para compensar. Meu prazer.

As artes acontecerem na minha vida e têm sido um exercício constante de muita aprendizagem, engajamento, vivências motivadoras cheias de possibilidades, de mundo renovador, de vida, amor e humanização, natureza pulsante e esperança que enchem o meu coração.

São modos de vida e talentos que vou (re) descobrindo, e me reinventando, com meus artesanatos, com a profissão de muitos anos com as artes plásticas me salvando até mesmo de uma depressão após o final de um importante relacionamento; o teatro me abrindo novos horizontes e as práticas coletivas no Cultura Mix/Espaço de Artes Galápagos movimentando afetividades que somente as artes tiveram este lugar de grande afetividades e acolhimentos mais reais, no nosso aglutinamento de amigos artistas, finalmente a música chegou na minha vida para ficar. Naquela nossa exposição de pinturas, quando escutei um rapaz especial soteropolitano, de quem eu desafortunadamente não me recordo o nome, tocando a música “Olhos Coloridos”, de compositor Macau, interpretada por Sandra de Sá, me tocou e chamou pela alma. Como e nunca tinha feito pedi para cantar junto com ele, sem nunca tê-lo feito antes em público, e como por um encanto, saiu de mim um entoar e uma voz linda que eu não conhecia. Tudo ao mesmo tempo a preciosa voz que fluía e me movia, a musicalidade daquele músico com quem eu iniciei minha estrada musical. Foi lindo! Música sentida, sentimento

pulsante e satisfação em cantar com alguém de tanto axé. Naquele dia e momento eu começava minha jornada de amor com a música, no verão de 2001. Depois o Keko, promoveu meu primeiro show, onde toquei, eu na voz, Cris no sax e o Tibério no baixo, numa formação instrumental forte e nada convencional, mas era o que tínhamos e deu certo. Sem dizer que os músicos eram muito mestres e generosos. Todos cuidando de mim. Foi uma honra estar com eles, e para fechar com chave de ouro, Marku Ribas estava dando um show Porto Seguro, chegou e quis cantar comigo, foi um fechamento de show lindo, somente com feras das antigas do Arraial D’Ajuda, de Santo André (BA) e de São Paulo. Felicidade de início!

Ao público e as/aos minhas/meus educandas/os desde 2001 meus agradecimentos pela oportunidade. Desde então, comecei meus estudos e logo os aprofundei em Florianópolis a partir de 2004, passando pela Camerata, UDESC, ULM na música e depois UFSC nas Artes Cênicas, desde 2012.

Agora sigo numa nova fase do mestrado desde 2018, pegando a fase pandêmica da COVID-19. Então, vou me potencializando para permanecer firme em (en)cantos, falas, danças e cenas de (re)existências reais, vívidas e alegres, ante as distopias do mundo, vou resistindo com a felicidade de cada dia, com sorrisos que tentam tirar de Nós, com belezas e questões importantes que surgem sempre das situações e coisas mais simples e pequenas. Pois existir bem deve e precisa ser minha bem vivida tarefa, mesmo quando a caminhada diga ao contrário, seja árdua e percebermos o peso das experiências e do desgaste da vida, nada como o tempo e as melhores de suas coisas como o amor, as artes, a natureza e a ancestralidade que amo, para me/nos salvar.

Não posso/podemos esmorecer, esta é a tarefa atual para se manter a harmonia e o equilíbrio: amar bastante e lembrar das estratégicas memórias das avós. É real que os meus/os nossos passos vêm de longe e vou/vamos existir como desejo/desejamos!

A carreira não é fácil de se seguir, mas amo-a. Como cada minuto e meu viver esta conectado à ela. Nada se compara à magia da emoção de subir no palco, representar na rua, estar junto das gentes e sentir a conexão com elas, ou de impactar os seres humanos e sentir a natureza como um todo. Algo que sinto toda vez que canto, atuo, danço, performo e me entrego a este presente e ao público.

Sou uma artista que se compraz especialmente com o canto/música, com a cena performática, da atuação e a dança. Migrante e viajante sou de uma família também de migrantes, exceto meu pai. Sigo em constantes movimentações de vida, sentimentos e artes.

Eu sempre amei Sampa<sup>10</sup>. Sou Natural de São Paulo e radiquei-me na Bahia, após passar férias maravilhosas naquele paraíso e me apaixonar por Porto Seguro. Daí então, ela se transformou em um amor, há mais de 29 anos, que nos uniu junto aos importantes e belos arranjos feitos pelo destino. E quando menos esperava depois de muito tempo viajei a outro extremo do país...E me percebi, vivendo ao mesmo tempo, em Florianópolis, quando chegou a hora de receber minha ente querida. Momento que também precisei cuidar da minha saúde. Estudar no sul foi mais uma das oportunidades bem-vindas, depois de um tempo, pelas diferentes conexões que fui estabelecendo nesta jornada da vida, em minhas movimentações em meio às artes e às nossas culturas afros deste país e mundo.

Venho dividindo minha vida entre Florianópolis e Porto Seguro, uma fase significativa de minha preciosa existência, tão cheia de sonhos e vivências. Sempre em meio a lutas estranhas e bizarras, onde o amor sempre está em mim e ao meu lado e salva tudo. Venho tentando banir o que faz mal e segue rondando a vida, como os racismos, sexismos, classismos, fundamentalismo mesmo sabendo que estão estruturadas na sociedade e sempre os driblei aproveitando bem a vida.

Dediquei um período importante, frente a tantos outros significativos da minha vida, durante vinte anos, com destaque nesta última década das minhas formações mais imersivas, nas artes acadêmicas (algo novo na minha trajetória) e nas culturas afros para entender mais sobre mim e os meus pares desde 2001.

Desde então venho me engajando nestes vinte anos de carreira de cantora, simultaneamente aos estudos e ensino de canto, com menos investidas no canto, mas nas práticas das performances, estudos de teatro e pesquisas afros há 18 anos com engajamento de diversas formas. Decidi-me por passar por longo período na academia, etapa que finalizo.

Tenho enfrentado este desafio de realizar minha formação acadêmica, um sonho antigo e também, o desejo de complementar minha especialização, mas que me fez quase pausar e levar mais lentamente minha carreira artística, que há tempos me pediu retorno intenso e imediato, o que não hesitei em atender.

Sigo minha intuição nos caminhos a percorrer, junto a outras confabulações ancestrais e conexões das encruzilhadas bendita do meu destino, que me vão permitindo sentir sempre bem e muito melhor. E depois de toda essa produtiva, bela, árdua, dolorosa, mas gratificante

---

<sup>10</sup> Sampa – nome abreviado e carinhoso que paulistanas/nos - pessoas nascidas em São Paulo- derão para a metrópole nacional, considerada cidade global.

jornada e linda trajetória de muitas construções, conquistas, amores, afetos, caminhos tortuosos, canções, cenas, brilhos, realizações de sonhos, muitas gentes, pessoas, humanos entre as belas, encantadoras movimentações naturais da vida, trilhar novos caminhos.

Entrego e designo meu precioso tempo à dedicação dos meus trabalhos agradecida, entre a pesada e engajada atuação, aprendizagens e lutas individuais de autoconhecimentos constantes. Como pela aprendizagem agora junto aos meus em coletividade, aos povos afros e com a humanidade. Agora muito mais amor por mim e muita dedicação a minha vida preciosa para seguir em conexão natural com vida.

Quanto à minha formação e área de atuação, sou atriz, bacharela em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Fiz Canto Popular e Sou Professora de Linguagem Musical para Crianças, pela Universidade Livre de Música (2006), ULM - Tom Jobim, atual Escola de Música do Estado de São Paulo, EMESP – Tom Jobim (2010), Professora de Canto e Pesquisadora Musical. Estudei Canto como a Professora Samira Hassan e Canto Coral com o Professor Sérgio Luís Ferreira de Figueiredo (UDESC), Canto Popular com a Professora Sílvia Maria Camargo, Prática de Conjunto e Improvisação com os Professores Sizão Machado e Cris Machado (ULM). Estudei Artes Plásticas com o Keko Valenzuela, no Espaço de Arte Cultura Mix (antigo Espaço de Arte Galápagos - Instituto Cultura Mix), na Bahia. Em minha atuação como artista sou cantora, compositora, atriz, performer, diretora, produtora cultural, curadora. Sou Professora de Canto e Musicalização Infantil. Preparadora de Poéticas Vocais e Sensibilização de Atrizes, Atores e Artistas e das Artes Negras da Cena e/das Culturas de Matriz Africana. Fui pesquisadora CAPES (2018-2020). Sigo em Pesquisas das Traduções de Culturas e Afrodiaspóricas nas perspectivas das Artes da Cena e Vida Cotidiana, com enfoque em Performances e Professora de Cultura e Artes afrobrasileiras para intercâmbios estrangeiros.

## 1.2 PRÓLOGO

**Caboclo Guaracy**  
Eu vi brilhar, eu vi  
No meio da mata, eu vi  
A pena de prata  
Do Caboclo Guaracy  
Eu vi brilhar, eu vi  
No meio da mata, eu vi  
A pena de prata  
Do Caboclo Guaracy  
O seu arco é de ouro do Sol  
Sua flecha é um raio de Lua  
Guardião dá floresta  
Real sentinela

Da mata que é sua  
Ele é filho da dona do rio  
E se benze com a erva que queima  
Bebe água da casca  
Do pé de aroeira  
E licor de Jurema  
Kiô, kiô, kiô, kiô, que era  
Seu Guaracy vigia a mata

Seu Guaracy domina a fera (Música Interpretada por Glória Bomfim)<sup>11</sup>

Tenho procurado por meio dos dispositivos da arte que compõem esta pesquisa traduzir/interpretar ações, gestos, performances, experiências de minha trajetória e experiências ante as coletividades humanas em contextos, questões, situações, epistemológicas, estruturais universitárias, das questões as artes e culturas, das produções e formações, das relações acadêmicas e sociais que julgo importantes.

O objetivo da pesquisa apresentada nesta dissertação foi traduzir nas/pelas artes: ações e performances envolvendo corpos humanos, a partir de minha trajetória e experiência enquanto artista-pesquisadora-professora-estudante-ativista-negra, tradutora/autora deste estudo em que faço ressignificações da presença corporal negra na cena artística, social e universitária por meio da tradução como performance da memória escreviente e em performatividade. O trabalho da pesquisa, então, segue por um diverso e constante movimento tradutório performativo, predominante das Traduções Afrodiaspóricas, feito pela Tradução como Performance da Memória Escreviente conceituada por Luciana Reis (2017) e da tradução negra, ontológica de si (CARRASCOSA, 2021, AUGUSTO, 2017). Por meio deste fazer tradutório em autoetnografia viva destaco o período de estudos, das minhas formações e trânsitos na universidade, e atuações em instituições e organizações públicas e independentes não governamentais.

Passei mais de uma década estudando, pesquisando, ensinado, produzindo e militando muito, contribuindo ativamente na Universidade Federal de Santa Catarina. Desta maneira, traduzir/interpretar nesta obra de minha trajetória é dar continuidade às minhas pesquisas e sede de mudanças. E mudanças sempre são processos complexos.

É nesse contexto de cenário sistêmico do período atual que me localizo temporalmente, a movimentação de minhas pesquisas segue perspectiva de uma Sankofa<sup>12</sup>,

---

<sup>11</sup> Música Interpretada por Glória Bomfim – Canto Reza homenagem a entidade sagrada do Caboclo Guaracy.

<sup>12</sup> Sankofa – ela que pertence a cultura dos povos Açã africanos, faz parte de um conjunto de ideogramas (gravuras/símbolo) chamados *adinkra*, Sankofa que em sua representação representado é um pássaro que volta a cabeça à cauda, este ideograma pode traduzir um dos sentidos como “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.



afrobrasileira e afrodiaspórica de “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.” E nesta movimentação também escrita destaco alguns dos importantes acontecimentos relacionados a meu momento inicial de estudos na pós-graduação, que percorre uma década de minha formação acadêmica de 2011 à 2021.

Desta maneira o trabalho segue entre movimentos de incansáveis (re)visitas ao passado, permanências no estado presente e retorno ao passado mais distante, como projeta e segue contruindo caminhos para chegarmos melhor e existência no futuro, é a Sankofa em ação. uma constante das vidas afrodiaspóricas na posse de suas consciência negras e orgulhosas da negritude, em meio as afetações pedo colonialismo so passado e dos seus restos vigentes na colonialidades (QUIJANO, 2005; TAVARES, 2020). Sankofa que é um símbolo da cultura Asanti, vem como o movimento da busca incessante de nossas verdades históricas, das conexões e (re)construções de nossas individualidades e coletividades.

Desta maneira, neste trabalho tradutório artístico, esta foi protagonizada por mim pelo movimento das performances negras textuais e visuais escrevientes, trazendo à tona relações existentes entre o complexo corpo/estética e existência das humanidades racializadas, as lutas descoloniais e antirracistas vivenciadas, as produções negras precursoras e atuações continuadas, das conquistas dos novos processos descolonizantes em cursos universitários.

Utilizo do recurso da autoetnográfica como método, sob a perspectiva descolonizante da pesquisa. As ações, comunicações e perfomances escolhidas fazem parte do repertório dos meus trabalhos, e seus muitos desdobramentos consolidaram motivos estratégicos de selecionarmos - eu junto às minhas orientadoras em trabalho colaborativo-, ”*A Beleza de Nossos Corpos Negros*”, a performance ”*Quem pode existir?*”, bem como outras performances específicas que se relacionam, e circundaram meu fazer de estudos e profissional em arte e cultura.

As análises foram organizadas em primeiro, segundo e terceiro atos performáticos descolonizantes, compostas sob perspectiva interdisciplinar, operacionalizados a partir de meu lugar de fala, em primeira pessoa, fluindo entre minhas experiências subjetivas e coletivas de gênero, raça e classe, articuladas predominantemente com as Tradução Afrodiaspóricas.

O trabalho orientou-se pelos Estudos da Tradução por Epistemologias da Tradução Afrodiápórica, com a presença das artes negras da cena e visuais, dos estudos pós-coloniais e de(s)coloniais e estudos da branquitude (a)crítica.

Romper com estas barreiras em nosso meio diverso é essencial para avançarmos e nos livrarmos das violências, e não reproduzirmos entre Nós o racismo e o sexismo que têm maltratado e marcado nossas vidas constantemente. Ter todas as mulheres juntas seria o ideal, e seguimos aspirando por isso, mas sabemos que o fator raça nos divide pelos privilégios nesta caminhada.

### 1.3 METODOLOGIA

A autoetnografia é um recurso importante que se inscreve no campo da Antropologia, mais especificamente da Etnologia. Por meio dela, acredito que conforme a pesquisadora Versiane (2005) propõe, o uso deste método para aplicação em arte e cultura, pôde me dar a possibilidades de acessar e utilizar uma nova ferramenta eficaz para minha pesquisa. Esta articulada com conceitos das traduções afrodiaspóricas e das epistemologias afros me ofereceu subsídios para escrever sobre um conteúdo complexo, para que pudesse tornar mais interessante a leitura da apresentação dos meus trabalhos, estudos, construções e produções em tradução como performance da memória escreviente e autoetnográfica. Me identifiquei e articulei ao meu trabalho a proposta sob a perspectiva de Versiane em arte e cultura

A autoetnografia como método: arte e cultura [...] antropologização dos métodos [...] Meu objetivo, bem mais modesto [...] propor o método autoetnográfico como uma possibilidade interessante de leitura dessas produções [...] (in-between spaces) entre-lugares [...] O que se propõe então é **um novo papel para o próprio pesquisador** que deveria colocar de lado sua lanterna e ir a caça de seu próprio farnel de memórias, produzindo conhecimentos a partir de uma prática intensamente auto-reflexiva, que reconheça e explicita a localização sócio-teórica e cultural de seu discurso e abandone o suposto ponto arquimédico que um dia lhe foi atribuído. A isto eu chamaria de um “**método autoetnográfico**” (VERSIANE, 2005, p. 251-265).

O método da autoetnografia que percorreu todo este trabalho, ante a face de meu fazer tradutório escreviente privilegiou e potencializou ainda mais a fluência das minhas memórias, vivências, produções e atuações. Também abrandou em muitos os momentos, o trato de processos de ensino, ações de implementações de Políticas Afirmativas e de Leis no curso de Artes Cênicas, manifestos e dispositivos para o trato do meu e de outros percursos, como dos de seus processos traumáticos.

A metodologia proposta possibilitou o exercício da reflexão-crítica, para além dos relatórios, podendo ser trazida pela dissertação como a análise tradutória/interpretativa artística. A observação, as trocas, diálogos entre teóricos e pares das questões estão relacionadas a todo um trabalho maior e engajado que venho consolidando, paralelamente,

com os estudos acadêmicos pela práxis descolonizante antirracista feminina. Desta maneira, a autoetnografia trouxe um conforto no trato do trabalho, que articulado às traduções afrodiaspóricas ampliou este fazer e possibilitou a efetivação destas apresentações de formas mais interessantes por serem protagonizadas pela minha própria voz, experiências e memórias de trabalho científico em algumas questões que destaquei de meu percurso e as relacionadas com a coletividade nas artes negras da cena e culturas em dialogo com outras. Dessa forma, fui rompendo com alguns formatos estruturados coloniais epistemicidas que inviabilizantes de nossas ações, atuações e produções de algumas formações de pessoas negras, possibilitando novas perspectivas e formas de transbordar estas narrativas mais diretas pela produção acadêmica escrita

Eles antropólogos ou críticos e teóricos de literatura – estão em pleno movimentos de adequação de seus métodos a [...] falar com os outros [...] a “inclusão” dos sujeitos por trás deles – “o corpo-vivo que está por detrás da escrita” [...] discursos “dos outros” como objetos para então incluí-los em seu próprio circuito [...] interlocução numa predisposição comunicativa [...] interlocutor que não pretenda afirmar sua autoridade sobre a fala dos outros, mas deles reconheça a autoridade e com eles interaja[...] cognitivo - e criativo - seu próprios quinhão de saberes, vivências e memórias (VERSIANE, 2005, p. 251-265 ).

Face antropológica essa na qual fui imprimindo um fazer próprio descolonizante onde o método entra em consonância com a dinâmica da minha performance no decorrer da produção em que me deparo com o delinear dos estudos, registros, pesquisas, produções apresentações, ensino, ações e movimentações da minha trajetória na universidade pública. Neste recurso autoetnográfico fui aproximando-me das memórias e vivências necessárias com mais imersão, me ambientou um pouco nos em meus fazeres criativos em arte e cultura, que não se inscrevem na escrita e que são em sua maioria momentos de muita prática e sentir, nesta movimentação se confluíram.

## **2. PRIMEIRO ATO PERFORMÁTICO DESCOLONIZANTE: A TRADUÇÃO E A ARTE COMO ATOS SUBVERSIVOS CORPOS POLÍTICOS**

Tenho observado no período das pesquisas do mestrado, em que mergulhei em leituras mais densas e reflexões mais profundas, a ausência de pares, dos referenciais, das poucas presenças negras, e mais algumas /alguns estudantes negras/os nos apoiamos no curso como partilhas e bons momentos. Em um espaço de poucas pessoas negras, conheci algumas não negras com quem identifiquei, era o novo e a proposta era esta mesma desenvolver minha pesquisa, porém eu não esperava que fosse um processo tão solitário.

Senti a pós-graduação como um curso mais individualizado, muito personificado e que promove certo distanciamento das pessoas, ao menos onde seu estava percebi as pessoas um tanto fechadas, mas ainda assim fiquei algo ambientada, pois já conhecia algumas pessoas de relações anteriores, mas nada entusiasmante demais, sentia o frio do ambiente, enfim, eu estava no CCE e tinha de mover esforços para o calor se manter e a vida acadêmica ser agradável por mais dois anos. Como já mencionei segui nas buscas da compreensão de nossas traduções afrodiaspóricas e principalmente, no início a das traduções culturais, com seus recortes raciais e sob as perspectivas negras.

Então, passei por longos e penosos períodos quase a sós – no sentido de pares de pesquisa -, salvo por momentos de trocas com colegas e encontros de estudos negros que organizei, mas que logo finalizaram. Ocasinou que eu passei a maior parte do tempo por momentos de intensas investigações em casa, quando não estava nas disciplinas. O que com o tempo foi muito importante para minhas investigações imersivas com amplas reflexões. Muitos registros, narrativas e roteiros que surgiram que escrevi vários cadernos e gravei muitos áudios, aprofundamentos em torno das culturais e artes negras e de outros grupos raciais, em todos os espaços que eu estivesse dando continuidade às realizadas na graduação.

A Diáspora e a afrocentricidade são temas que nossa venturosa Profa. Dra. Denise Carrascosa (2017), em reflexões e considerações tradutórias sobre a diáspora vista pela perspectiva de Stuart Hall (2003), discorre ser a Diáspora. Este lugar tal qual a imagem e situação de deslocamento forçado, de refúgio e reclusão da mítica narrativa bíblica de Moisés. Observa que é semelhante àquele lugar de tortuosos dias, rumo à terra prometida em que há a promessa sempre presente de libertação. Traz de Hall (2003) associa a Diáspora africana à esta mítica bíblica, com o seu atrelamento ao termo “afro” traduzindo, mais expressivamente a densa representação do mito que a Diáspora carrega. Este se fortalece em muitas dimensões, pois tem muito vidas humanas envolvidas, as esperanças dos povos sucumbidos e sedentos de libertação. A reinvenção, a morte, os massacres, as revoltas. Tudo isso nos remete a esta Diáspora a do deslocamento, da libertação. O sagrado a conexão ancestral. O que é afrodiaspórico carrega estas forças agnósticas, as políticas, o tempo-espaço, outras ressignificações corpóreas, tempo que se sente no corpo da memória, nas culturais que se entrelaçam, das zonas do genocídio, da escravidão, dos suicídios resistentes, a libertação de dores, as resistências. Sinto e percebo a Diáspora como ampla estado, tempo, lugar não demarcado, tempo, memória viva ancestral, libertação, renovação, uma riqueza constante

tradutória de dimensão mítica que nos une coletivamente em histórias e memórias. Sobre as afirmações e considerações do teórico Stuart Hall (2003), da Universidade de Birmingham nosso querido ancestral, afrocaribenho, nos fala sobre Diáspora. Um dos criadores dos Estudos da Culturais, pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos(1964), na Grã-Bretanha, que estará em diálogos nesta pesquisa. Como com os conhecimentos da nossa querida e potente ancestral entre Nós, a Professora afrobaiana, negra, solteropolitana Dra.Denise Carrascosa, da Universidade Federal da Bahia,UFBA, coordenadora do grupo de pesquisas *Traduzindo no Atlantico Negro(UFBA)* – da também observaremos a sua importância neste processo acadêmico e de existência para Nós -, em nossas teorias, trabalhos e referências no desenvolvimento das traduções afros. Como estarei em diálogos com outras/os pesquisadoras/es, autoras/es, mestras/es, sábias/os. O que sobre nossas cosmovisões, culturas artes em tradução, literaturas(CARRASCOSA, 2017), oralituras(MARTINS, 2003) e existências afrodiáspóricas e nossas performances CARRASCOSA explica que sobre

o conceito de diáspora, em sua dimensão mítica, está intimamente trançado com a narrativa bíblica do Êxodo do povo hebreu, escravizado pelo faraó do Egito e sua libertação do cativo sob a liderança de um grande líder, Moisés, que os guia em um tortuoso retorno à Terra Prometida. Segundo Stuart Hall, esta é a origem daquela grande narrativa de libertação, esperança e redenção do Novo Mundo, repetida continuamente ao longo da escravidão (...) ela tem oferecido sua metáfora dominante a todos os discursos libertadores negros do Novo Mundo (CARRASCOSA, 2016, p. 29).

Carrascosa considera ainda a sua união as histórias dos povos de África, que se afirma e conclui pela utilização do conceito “afro” pois

Conectada ao conceito “afro”, o mito da diáspora ganha os contornos e a força da história de genocídio e migração forçada dos povos africanos que, antes de serem trazidos às Américas, por força do projeto colonial escravocrata europeu, foram invadidos no curso de seu próprio tempo-espaço e tiveram violentada a sua própria história. A noção de “afrodiáspora”, portanto, na medida de seus deslocamentos e ressignificações politicamente estratégicas, carrega consigo a força, não apenas espacial do deslocamento territorial em forma de iternarrativo (no contraditório entre escravidão-liberdade); mas também movimenta o eixo do tempo em chave mítico-cíclica, que faz girar as noções lineares e causalistas eurocêntricas de passado e presente que construíram “a” história oficial e legível, articulando paradigmas importantes das contraculturas negras da modernidade. (CARRASCOSA 2016, p.63-64).

Considerando ainda a necessidade desta articulação, pois

Essa demanda por uma articulação necessária entre tempo e espaço nas práticas contraculturais negras modernas e seus processos de subjetivação traduz o modo de funcionamento de um dispositivo político fundamental de reversão de imaginários embranquecidos: o agenciamento de nossas formas de produzir narrativas, valores e sujeitos e, obviamente, as relações de poder que daí decorrem e que estruturam o funcionamento das sociedades contemporâneas, a partir do coração daquilo que as torna possíveis – a linguagem (CARRASCOSA, 2016, p.64).

Com melhor tempo, investiguei muitas produções observando os engendramentos raciais sob as diferentes perspectivas fílmicas, audiovisuais e das artes das cenas, tentando me aprofundar nos (re)conhecimento de aspectos das culturas e raça (HALL, 2016), dos diferentes grupos raciais e étnico-raciais. Também segui em pesquisas por algum tempo das telenovelas da época e do passado revisitando a obra de Joel Zito Araujo e de outras/os cineastas negras/os para perceber o panorama das telenovelas brasileiras e dos filmes hollywoodianos, onde ambos apresentam predominância das personagens e atrizes, atores e artistas brancas e brancos. Como costumo explicar sobre a necessidade de artistas e estudantes de artes cênicas e demais artes se instrumentalizarem sobre questões raciais, ou seja, se interessarem, qualificarem profissionalmente e se implicarem pela práxis, começar o trabalho eterno pelo letramento racial nas artes da cena, é para sempre. Pois, compreendemos que as estruturas do racismo se manifestam estruturantes culturalmente nas famílias, nas escolas e nos espaços de lazer onde as crianças passam a maior parte do seu tempo. Essa estrutura é disseminada pela mídia e telenovelas, cinema (KILOMBA, 2014), dentre outras. Então, uma pessoa que aprende a ser racista desde criança, leva parcela significativa da vida normalizando uma ideia e práticas criminosas, mas que são culturalmente disseminadas e exemplificadas por suas práticas repetidas, certamente será preciso desaprender durante o restante da vida. Desaprender o racismo. Desaprender de ser racista. Desaprender. Desaprender foi uma palavra interessante para pensar o processo descolonizante, de desconstrução dos signos, imagens e ideias incutidas nas mentalidades sobre o racismo e as falsas superioridade racial brancas e a inferioridade das demais, acentuando a negra. É um trabalho pessoal, mas que deve ser coletivo e diário nos dois movimentos para que a práxis descolonial aconteça por esta forma, para além das outras. Ainda que esta seja uma opção, e como quem possui poder e pode oprimir muitas vezes não abre mão disso, deste privilégio, de fato esta é a face pacífica mais penosa e violenta do processo: se aceitar natural, de fato igual, rompendo com os privilégios que consegue, pois o epidérmico (FANON, 2008), não se rompe desta maneira, com muitas outras propostas necessárias para se dissolver os costume da cultura do racismo desde dentro, assim como outras destrutivas que necessitam de muito empenho e esforços pessoais e coletivos para sempre. Esta seria e é uma das melhores opções aos povos brancos. Sem as revanches da devolução na mesma proporção que as violências sofridas por tantas pessoas ignoradas, o que uma revolta poderá ocasionar e nem o silêncio, armas, as narrativas inferiorizantes poderão segurar o povo. O quadro da violência racial

instalada no Brasil, nos pós-escravidão, com a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) em curso cresce e se mostra descontrolada, sem limites ante tantas crueldades. Cheio de perversidades que invadem outras áreas e atacam continuamente os corpos negros e indígenas em sua maioria com a desigualdade que amplia a fome, as violências direcionadas à saúde, a segurança, o bem estar e direito à moradia digna, o direito ao trabalho, dentre outras. As consciências precisam ser ampliadas e as transformações somente podem acontecer a partir das ações pessoais e coletivas, em movimento simultâneo e consciente. Desaprender para desconstruir e se desalienar, descolonizando os pensamentos urge na atualidade.

Mas o que está sendo feito neste sentido?

Esta é tarefa dos povos negros?

Por que as pessoas naturalizaram a violência?

Por outro lado, para pessoas negras se afirmarem, terem consciência de suas potencialidades, de suas origens e culturas é primordial, simultaneamente que vão aprendendo a se desalienar da cultura inventada e imposta pelos povos brancos. Reaprender a se amar, a se ver naturalmente belo para além das frivolidades, buscar nossas ancestralidades, espiritualidades, nossas tecnologias de (re) existências que em grande parte são encontradas em nossas oralituras. Estas serão questões básicas para contribuir com o processo de descolonização negra que no ato descolonizante de “A Beleza de Nossos Corpos Negros” trago estas questões e o nosso letramento. Levo para estudantes, a partir de exercícios continuado para sala de aula. A palavra apareceu em um dos trabalhos no curso de Artes Cênicas e fiquei muito orgulhosa da turma pelas suas movimentações internas.

Estas produções sempre e em qualquer tempo apresentam um elenco branco normalizado e não contextualizado, tanto que nos EUA afro estadunidenses ricos produzem seus próprios filmes com ressalvas de críticas como bell hooks que questiona a representação negra com estereótipos raciais e étnico-raciais reproduzidos por diretores afro estadunidenses, mas louva que possamos ter nossas próprias produções nos EUA, ainda que exista a necessidade de cuidados para não termos como protagonistas a qualquer tempo um elenco praticamente branco, salvo algumas participações negras e orientais às quais são reservadas as personagens repletas de estereótipos raciais,

A maior parte das produções artísticas ocidentais das ex-colônias, como o Brasil, EUA, dentre outras produzem majoritariamente obras com narrativas colonizantes e de hegemonia racial. Quando observamos a teledramaturgia problematizada pelo cineasta, roteirista e pesquisador Dr. Joel Zito Araujo que traz como resultado de sua tese de doutorado o documentário “ *A Negação do Brasil: O negro nas telenovelas brasileiras*”(2000), onde ele pesquisa 400 telenovelas brasileiras para mostrar como

a representação negra estava sendo realizada no Brasil desde as primeiras telenovelas realizadas desde o início de século passado. Podemos observar a podemos como o racismo estrutural e a branquitude vão se transformando e fazendo com que a sociedade funcione para ele e produz as referências, as mudanças, todas a forma de alienação mental, A marca da presença dominante da branquitude nas narrativas e protagonismos de valor, distorce a imagem das demais pessoas racializadas que são estereotipadas em todas as produções. Mostram como querem conduzir a sociedade. A arte a serviço do racismo. Ou seja, são produções artísticas de caráter políticos que visam difundir e fazer a manutenção de valores culturais e civilizatórios históricos da branquitude. E o que tenho percebido no decorrer destes anos de pesquisa de telenovelas e filmes nacionais e o cinema estadunidense principalmente que marca este processo Começado no cinema pelo filme ideológico de ideias supremacistas raciais, o filme “*Nascimento de Uma Nação*” (2015), questão amplamente discutida na produção afro estadunidense feminina, no longa metragem documentário “*13 Emenda*” (Direção Ava Du Vernay), onde a ficção tem um ideal político de exclusão e aniquilação humana, direcionada aos afroamericanos. Neste contexto empenhados em colaborar com a ideologia da eugenia, dominante principalmente eufórica nos EUA desde o final do século XIX. (LIMA<sup>13</sup>, 2021, s.p.)<sup>14</sup>

Destaco aqui sobre o que trabalhei em sala com estudantes de Artes Cênicas, da UFSC, na Disciplina de Artes Negras das Cenas e Culturas de Matriz Africana, as propostas de reflexões sobre a dominações das narrativas e das imagens e das culturas e das estéticas que são em maioria, sempre brancas na TV e no cinema, Uma fixação de si. A dominação da imagem como coloca o Prof, Juliano Tavares, que sobre a alienação mental, necessidade de alinhar este tema com as sugestões de que estudantes nutram-se de conhecimentos renovadores, como abrimos as reflexão e possibilidades realizarmos exercícios descolonizadores, nos olhande interiormente e nos descurtinando para nos dentro deste cenário, Onde se localiza nos corporeidade desta sociedade? Como agimos ante as suas investidas colonizantes? Como estamos produzindo nossas artes? Qual o nosso compromisso conosco e com a coletividade e sociedade, onde somos participantes diretos ou indiretos dos processos de violência por album s? como no smanter fora dele sem perspectivas e praticas alienantes? Que possamos no sentir, percebem perceber a natureza no nutrido, com ar, calor sons e vida e nos de que nos ceram nós amarmos, sentirmos exercitarmos descolonizadores., necessidade de nos desalicerarmos em corpo e alma. A alienação mental, psicológica que as sociedades estruturadas pelo racismo fazem, é das atualidade promove nossa rejeição por Nós mesmos e a projeção das imagens que nos são bombardeadas

---

<sup>13</sup> LIMA – Techo da aula sobre Teatro e Negro e de Revista, com leitura e vídeos acessados “*A Negação do Brasil[...]*” ministrada pela autora na disciplina de Artes Negras das Cenas e Culturas de Matriz Africana, em 2021, escrito pela autora., pois não há registros da aula.



cotidianamente de uma maioria de pessoas brancas, num projeto alienador pelas artes onde a personagem modelo a ser seguido é a branquitude, E uma fala do Prof “A história nos chega sempre com a finalidade alienadora, nunca com a finalidade reveladora, libertadora”(TAVARES, 2020, s.p.).<sup>15</sup>

Os povos brancos em sua diversidade seguem em maioria, salvos artistas que estão se superando também questionando as cidade e os sistemas destruidores, difundem valores da colonialidade nas artes que não têm apenas função de entretenimento nestes acasos. Outra questão importante no que é necessário observarmos em relação das imagens raciais, são hegemonicamente oferecidas a nossa visão como algo natural e “ingênuo” “sem más intenções, quando sempre estão repletos de intenções e objetivos a cada produção são os mecanismos que o cinema, o audiovisual da se utiliza para realizar produções com as imagens humanas.

As imagens são marcados pela sobreposição das imagens do colonizador sobre as imagens dos colonizados, como estes se utilizam de recursos técnicos da linguagem cinematográfica para imprimir e fixar mensagens, como explicou de forma simples e brilhante, como se dá o mecanismo da violência da colonialidade, utilizado pela branquitude no audiovisual, no cinema (2020, s.p.), são estudos importantes sobre os mecanismos submetem e inferiorizam povos a partir de imagens grotescas, preconceituosas, que se fixam no campo imagético dos seres humanos. muito que o Prof. Dr. Júlio César Tavares nos oferece. E quando são específicos observo que a finalidade é provocar um reação negativa nas pessoas de outros grupos raciais sobre o grupo focalizado distorcido em imagem e estigmatizado,

Desta maneira, o audiovisual, como as teledramaturgias, séries, as artes das cenas, visuais dentre outras artes de uma forma geral, são estruturadas e regimentadas historicamente pela cultura branca, pela própria branquitude vigente. Posso afirmar que o mesmo acontece com as artes em geral, em sua maioria. Elas se organizam politicamente para manterem a dominação da presença dos corpos brancos em cena, da cultura, narrativas e questões que mais lhes interessem abordar, fazendo uso dos mecanismos técnicos que mais convenham a cada produção. A artista multidisciplinar Grada Kilomba (2020, s.p.), em seu vídeo

---

<sup>15</sup> TAVARES – Trechos transcrito de Masterclass oferecido pelo Prof. Juliano Tavares e, vídeo, no You Tube e seu link está disponível nos referenciais desta pesquisa como aparecerá em outras citação “s.p.”, parte destas são lives ou vídeos que transcrevi para que pudemos acessar estes conhecimentos. Link disponíveis também nas referências da pesquisa. Nota da autora.

“*Discutindo o Racismo na Europa*” explicita o quanto as artes e as mídias promovem o racismo, ensinando desde cedo as crianças e jovens, pelas imagens dos corpos positivados de pessoas brancas e dos corpos negativados de pessoas negras. Dessa forma, segue-se destacando os lugares sociais que as sociedades estruturadas pelo racismo destinam a cada pessoa, como se estes lugares fossem reservados pela maneira estereotipada com que são apresentados, como se fossem os lugares e papéis reais das pessoas negras e brancas.

Deve-se buscar um ensino subjetivado, que vou de chamar de tradução do *letramento racial nas artes*, inspirada no título de um dos tópicos do *masterclass* oferecido pelo Prof. Júlio Tavares, sobre o “*letramento racial no audiovisual*”. Essa situação da colonialidade não se faz diferente nas artes de uma forma mais ampla dentro da nossa sociedade, como pelos protestos que já ocorreram na premiação do Oscar (EUA), majoritariamente ser direcionado a atrizes, atores, diretores/es e demais produções técnicas brancas/os. Por que será? Nós, sem termos competência, querendo ganhar o Oscar? Não é isso!

Segui observando as produções e as performances cotidianas da branquitude, das quais aqui faço algumas traduções culturais, em recorte de raça que mais adiante irei tratar com mais aprofundamento. Eu precisava descobrir, conseguir desvendar as especificidades nas/das que me eram pertinentes para as artes da cena e visuais, como para as traduções negras, de maneira que me possibilitasse trazer tradutoriamente os aspectos não estereotipados sobre nós. E, para isso, adentrei em outros processos tradutórios de Nós: a compreensão de linguagens, possibilidades e perspectivas das Traduções Afrodiaspóricas.

Intensa, minha proposta prática não me contemplava e não acontecia a meu contento. No projeto Vozes de Zambí havia uma desconexão pelas ausências de nossas epistemologias e de pares. Desenvolver uma pesquisa assim é quase impossível. Me vi diante da ausência de referenciais específicos nas artes e da tradução afrodiaspórica, salvo um livro que acessei e me debrucei, do qual irei falar logo. Assim, não havia muitos avanços que contribuíssem na minha produção textual, rica, mas confusa e distante do que eu desejava.

Estas foram algumas das situações pelas quais passei em meu percurso formativo do mestrado. Eu o desenvolvia, e durante esse processo as ações do racismo institucional resolveram se intensificar a partir do segundo semestre do primeiro ano, em 2018-2. Meu percurso se deu sem pares que compartilhassem de ideias e reflexões, sem conteúdo nas disciplinas sobre os caminhos e conhecimentos que eu desejava e precisava melhor compreender.

Fiz disciplinas que aparentemente apresentavam conteúdos que, por mais desarticulados que fossem, à beira da inexistência, as raras discussões que não se referiam à cultura europeia e hegemônica branca eram nauseantes desagradáveis e sufocantes.

Pois nesses espaços há uma gama de comportamentos com variações da negação do racismo pela cordialidade racial que Ronaldo Sales Júnior (2016), nos explica bem ao defini-la como um mecanismo instalado em nosso país a partir do século passado, o que fez com que as pessoas brancas modificassem culturalmente seus comportamentos e performances racistas. Se antes, durante os tempos finais da escravidão, a maioria das pessoas estava acostumada a insultar e violentar pessoas escravizadas, a “falsa abolição da escravatura”<sup>16</sup> fez com que culturalmente as pessoas não ajam dessa forma. As pessoas brancas fazem de conta que outras epistemologias não existem, e levantamos questões que nos causaram desconforto nos diversos momentos que problematizamos ou a nossa ausência ou a universalização. Nesses momentos, algumas estudantes tidas como feministas logo engrossaram em posturas “violentas do bem” em seus racismos, ou seja, “tentaram inverter a situação”, chamaram nossos questionamentos de “racismo reverso”, “se utilizaram da desqualificação”, enquanto outras se fazem de mortas para sobreviverem entre os seus, “os brancos”, já que “o importante é estar bem com todo mundo”. Aconteceram casos de “personificação do erro transposta para a pessoa negra”, para as mulheres negras, dentre outras artimanhas da branquitude feminina que não tem escrúpulos se quer agir pelo caminho mais curto. O uso de seu privilégio e poder simbólico da raça, potencializado pela sua ilusória sensação de uma superioridade racial pode exercer algum poder aniquilante. Tudo isso traz suas especificidades tradutórias culturais nas suas performances. O choro ou sofrimento da dureza das mulheres brancas se dá em público, mas também no reservado, não quero dizer que algumas não sintam de fato, mas que esta é uma estratégia cultural de uma maioria nas relações de poder e privilégio, nas relações raciais entre mulheres negras e brancas, como a forma de estigmatizar-nos, em muitos momentos como as violentas e agressivas, o que ocorre geralmente em debates, situações de disputas e outras que elas sintam-se acudadas e que irão ser expostas ou “perder algo”, seu poder, orgulho. Uma de muitas situações culturais das relações raciais. *Performances cotidianas*

---

<sup>16</sup> “Falsa abolição da escravatura”- é uma expressão usada por muitas pessoas negras que são conscientes da situação racial existente em nosso país e mundo, com o caráter específico brasileiro que se construiu enquanto nação, primeiramente dizimando povos pela invasão destas terras onde vivemos e mentirosamente se nomeou descobridora destas terras, como se nada, nem povos, civilizações existisse anteriormente.

*psicopolíticas de branquitude*<sup>17</sup> trago mais adiante. Uma das outras estratégias mais utilizadas depois do choro é a intenção de nos fazer parecer ou passar por violentas, dando a entender que as mulheres negras são violentas, o que é muita covardia, pois são ações articuladas. Pois, nestas performances, elas gostam de mostrar que convencem e irão “vencer” ao final. São valores e intenções bizarras. É diferente das performances feitas com homens negros sobre estupro ou alguma outra violência, onde a palavra delas são as que valem.

Enfim, há muitas estratégias pesadas e reais da branquitude de todas as ordens. Mas, dão nojo, pois as brancas frágeis logo querem chorar antecases de racismo que ousadamente proliferam e nos lançam. Quando mais atrevidas, querem garantir suas visibilidades, acredito na intencionalidade de se mostrarem mais inteligentes, pois como eu, uma mulher negra, iria dominar a narrativa? Claro que não deveria, ao ver delas, pois uma era “a mulher branca casada com negro” e outra era “a mulher branca de certo poder econômico notório, que tinha mais de um amigo negro”. Era disso que se tratava para elas esses espaços e as discussões que nos diziam respeito. Essas questões foram geradas a partir de meus questionamentos e de algumas colegas negras, fator raro em quantidade no curso. Era como se a questão racial, a colonização, o significativo epistemicídio em curso na UFSC fosse inexistente.

Para mim, o contato com novas perspectivas das Traduções Afrodiaspóricas e coletivas tradutórias se deu nos trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa “Traduzindo no Atlântico Negro”, liderado pela profa. Denise Carrascosa, no qual tenho recebido apoio e realizado um trabalho de pesquisa colaborativa, tendo o apoio da professora também como minha coorientadora desde setembro de 2020. Esse foi um fator determinante para que eu pudesse recompor meu fôlego, meu fortalecimento físico, psicológico e emocional ante as operações do racismo institucional em meu percurso, que se mostrou acentuado em meio a uma pandemia mundial sem precedentes. Distante de minhas redes de apoio, sufocada pelas investidas destes mecanismos do racismo institucional sobre mim, precisei de um refazer mais imersivo. E a existência de um grupo de pesquisa potente que tem como intento maior produzir e difundir, bem como promover conhecimentos afrodiaspóricos sob uma perspectiva tradutória coletiva anticolonial, antirracista, antissexista foi essencial. Como explica a professora Raquel Souza (2021, s.p.):

É maravilhoso que a gente tenha a oportunidade de trocar ideias e falar sobre o trabalho que nós estamos desenvolvendo por uma perspectiva coletiva, de

---

<sup>17</sup> E – Negrito utilizado pela autora para **marcar o que deseja destacar**.

construção de teorias em torno de questões voltadas especificamente para tradução de vivências negras, de experiências negras na diáspora africana. E é um campo muito rico para esta discussão, em função do fato que por exemplo, nós utilizamos um dos arcabouços teóricos para a nossa produção científica, o arcabouço teórico propiciado pelo feminismo negro. E fala sobre a necessidade de nos colocarmos como parte deste processo desta produção a nossa experiência de vida, a nossa vivência, em função do fato que os textos canônicos geralmente excluem as experiências das mulheres negras, objetificam a experiência das mulheres negras. E a partir desta perspectiva tudo isso, segundo as nossas análises, os nossos debates, acaba se refletindo na forma de como os nossos textos que são voltados para questões de negritude, pra uma perspectiva diaspórica, Esta perspectiva do cânone, acaba influenciando como estes textos, são traduzidos, a forma como estes textos são interpretados, como os textos na verdade são filtrados, a forma como a informação circula pela diáspora africana, passa por vários filtros. Isso é a penas uma pequena parte das discussões que temos dentro do grupo (SOUZA, 2021, s.p.)

Como colocado pelas Professoras Raquel Souza e Denise Carrascosa (2021, s.p.), por via de cada nova produção vamos construindo nossos arcabouços epistemológicos, já que os cânones tradicionais não nos contemplam específica e nem amplamente, ainda que possam sempre trazer contribuições. Fui me conectando com as/os tradutoras/re negras/os do projeto não presencialmente, mas pelas discussões das traduções comunitárias à distância por meio de eventos on-line, assistindo trabalhos, congressos e escutando e reescutando colegas, sigo apreendendo questões específicas mais de perto. Isso foi uma grande contribuição para a pesquisa, trazendo questões importantes sobre as traduções afrodiáspóricas, nas artes e traduções afrodiáspóricas e africanas em especial, carregando aspectos em comum que são consonantes entre si. Essas propostas são tidas como importantes para este trabalho por seu caráter necessariamente ético, descolonizante, antirracista, antissexista, que rejeita a neutralidade científica e de funcionar também como ato político, sobre o que discorrerei a seguir.

Nossas artes negras, práticas culturais de matrizes africanas e traduções afrodiáspóricas, carregam aspectos em comum principalmente diante de nosso histórico civilizatório recente, por terem passado pelas destruições do projeto colonial europeu com a escravização e explorações das vidas dos povos de África, que buscou destituir as singularidades destes povos advindos de diversas civilizações milenares, com cosmovisões, modos de vida diversos e avançados.

Desta maneira, vivemos no presente momento o contexto das consequências dos efeitos dos projetos coloniais e pós-coloniais. Os protagonistas deste projeto e seus descendentes são os brancos, conforme destacou Guerreiro Ramos no livro *Teatro Experimental do Negro*, no artigo *O negro desde dentro*: “os povos brancos graças a uma

conjuntura de fatores históricos e naturais que não vem ao caso examinar aqui, vieram a imperar no planeta” (RAMOS, 1966, p.128).

Não basta ser um simpatizante das artes afro e diaspóricas para produzi-las ou possuir descendência distante para realizar essas produções, fazer artes afros, teatros negros, cinema africano ou negro, traduções afrodiapóricas. Há necessidade de retomar nosso protagonismo, de contarmos nossas histórias invisibilizadas, apagadas, apropriadas. Precisamos de nossas presenças corporais em cena, trazendo nossas construções, modos de vida de criar arte, de se ver e/ou desejar estar no mundo. Embora não negras/os possam aprender e compartilhar conosco de nossas outras perspectivas, diversas e diferenciadas da visão do mundo ocidental branco, não podem tomar nossos papéis e ocupar nossas narrativas, falar por Nós e nos apagar da história de construção das artes e culturas do Brasil, como dos países que outras negras/os vivem na diáspora africana.

Somos povos que acolhem, com as mais variadas imperfeições, quaisquer seres humanos, mesmo sob a ação tóxica e perversa da colonialidade (QUIJANO, 2005), ainda que atentas/os às ações inimigas e genocidas de nossos povos, seguimos em perspectivas e sob valores ancestrais, como há milênios ocorria em África e como outros povos originários geralmente estiveram dispostos: a receber, acolher, conhecer e até conviver. Porém, nossas matrizes originárias e heranças ancestrais têm sido roubadas e apropriadas há tempos como ocorre com outros povos do mundo. Devemos ser respeitadas e ter nossas imagens presentes, termos a possibilidade de mostrar nossa presença e construções da vida como as históricas.

As produções específicas de determinados povos, carregam suas próprias características, histórias, culturas, experiências afro-negras no mundo, como ponto de origem, vida e de trabalho. Nossas experiências do nascimento, das vivências afrodiapóricas ou africanas de vida, dos deslocamentos e das migrações, em diversidade de cosmovisões, marcadas em aspectos culturais, históricos, ancestrais. Nossas experiências são pontos fundamentais e praticamente essenciais para a criação de nossas próprias categorias epistemológicas.

Pela diversidade destas produzirmos novas categorias que amplamente se integram com o mundo, são aprendidas e utilizadas por nossos povos e demais grupos, pelas trocas culturais. E também são questões explicitadas nos estudos das traduções afrodiapóricas no Brasil.

No trato das artes negras da cena, das culturas de matrizes africanas no campo dos Estudos da Tradução, meu trabalho navega nas artes e culturas com a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, principalmente por estar relacionado diretamente a experiência humana e com base tradutória ontológica afrodiaspórica. Isso se dá à medida que me utilizo majoritariamente das Traduções Afrodiaspóricas, por meio da Tradução Negra articulada com a Tradução Escrivente, que falarei a seguir. A primeira é definida pela pesquisadora e professora Denise Carrascosa, como

**Tradução negra é conceituada como um processo ontológico de reexistência**, isto é, um processo onde a produção de subjetividades negras que transcriam suas existências para conseguirem sobreviver e resistir aos mais diversos genocídios e epistemicídios, através da transvaloração axiológica e da recriação estética, como aponta Denise Carrascosa em seu parecer sobre este meu trabalho de pesquisa, durante minha formação (CARRASCOSA, 2021, s.p.)<sup>18</sup>.

Em consonância com o que ocorre na tarefa da tradução afrodiaspórica da tradutora negra, que em traduções de outras linguagens com a que realizo pelas/nas artes, ainda que o fazer artístico lide com a questão ontológica direta em sua tradução a tarefa do fazer tradutório, também caminha por subjetividades para continuamente para delinear as traduções que realizo, para além da língua, mas sim das comunicações das relações humanas socialmente, principalmente, o que a autora destaca como processo importante a ser levado em conta, pois a

A tarefa da tradução afrodiaspórica pode ser pensada como função articulada à existência da tradutora negra, na medida que nossas subjetividades são produzidas de modo visceralmente ligado às questões, experiências e perigos afro diaspóricos, onde quer que esta tradutora se encontre no mundo pós-escravocrata. As habilidades linguístico-culturais se entrelaçam, intensamente, a vivência subjetiva que marca o exercício da tarefa da tradução com nossos corpos, memórias e afetos. (CARRASCOSA, 2017, p.27)

Como a tradutora/autora Luciana Reis (2017) observa e destaca em sua pesquisa, há uma constatação das traduções pelas manifestações e exposições da tradutora/autora Geri Augusto. Então, trago a voz desta ancestral viva muito respeitada em nossa área que expressa uma das faces importantes desta pesquisa no que tange a tradução, que segundo ela, é um ato ontológico

Primeiro quero sugerir que a tradução ou pelo menos aquela que eu e outros temos praticado e sobre a qual quero refletir, é um ato ontológico. Segundo, que um certo sentimento em relação as realidades da diáspora - escravidão, racismo nas suas múltiplas manifestações, tripla carga de muitas mulheres negras e a luta contra tudo

---

<sup>18</sup>Carrascosa – citação presente em parecer dado sobre esta pesquisa, feito pela própria autora - que é minha coorientadora-, para a coordenação do programa.

isso é importante, para uma tradução das literaturas africanas e diaspóricas. Terceiro, que é duradoura, se continuamente reconfigurada. Importância da oralidade e visualidade da fala, escrita e em outros atos expressivos e performativos dos povos africanos e afrodescendentes, faz de tais dimensões recursos críticos para tradução e interpretação. E, finalmente, desde que o racismo tem trabalhado tão arduamente para nos fazer pensar que, para os negros nas Américas atravessar as fronteiras linguísticas é algo intrinsecamente impossível. (AUGUSTO, 2013, p. 3)

Observando as relações que Geri Augusto traz para o fazer tradutório, destacam-se algumas questões importantes de nossa oralidade e visualidade na fala, de nossa escrita, em outros atos expressivos e performativos, que nos remete às oralidades que praticamos constantemente no mundo. Oralidades, oralidades e outras expressões no mundo essas que herdamos de nossas/os ancestrais, que portando somente as roupas do corpo ou nus, se utilizaram das nossas oralidades, realizando inúmeros processos de transcrições para reinventar a vida nas Américas (MARTINS, 2021, s.p.) e neste país. A tradução negra é manifestada em diferentes contextos e formas nas nossas histórias e transcrições ancestrais. Somente vamos ter acesso a elas por meios dos conceitos, teorias, metodologias específicas tradutórias e/ou outros das questões negras que nos subsidiam nos processos tradutórios, não estão circunscritos às traduções de linguagens escritas. Em diversos momentos, o complexo de ferramentas-teóricas-conceituais-metodológicas que fazem parte do arcabouço teórico que em nossos processos comunitários das traduções afrodiaspóricas, nos utilizamos principalmente das epistemologias desenvolvidas por mulheres negras, como bem colocou anteriormente a Profa. Raquel Souza.

Estas epistemologias novas são desenvolvidas por intelectuais, pesquisadoras/res, mestres/as de saberes tradicionais e nós mesmas enquanto tradutoras por meio de nossas experiências e pesquisas, como afirmam Luciana Reis(2017) e Geri Augusto (2017). São essas perspectivas que utilizamos para melhor compreendermos, tratarmos, lidarmos com/sobre nossas questões existenciais, raciais e étnico-raciais e as que dizem respeito à vida humana e planetária.

Temos culturas diferentes com incontáveis especificidades de grupos raciais e étnico-raciais centradas nas práticas culturais, do grupo racial negro, assim como ocorre com os outros grupos raciais que têm questões específicas culturais necessárias de tradução sobre cada um mais profundamente pelo distanciamento que as construções da colonialidade desenvolveram em nossas sociedades.

São questões das linguagens para além da língua escrita, como diferentes pesquisadoras/res afirmam (CARRASCOSA, 2017; TAVARES, 2020; MARTINS, 2020).



Sob a perspectiva diaspórica que habita traduções culturais na diáspora, que se constitui de diferentes formas, manteve nestapesquisa a atenção às traduções das práticas humanas, mais especificamente às suas performances, gestos e ações no âmbito *das* culturas de raça (HALL, 2016) e étnico-raciais. As performances cotidianas, corpos e imagens, acredito, devem receber mais atenção científica, pois a desatenção às problemáticas raciais somente agrava e potencializa um sistema violento contra os grupos racializados pelos grupos privilegiados epidermicamente (FANON, 2008, TAVARES, 2020). Há a necessidade de que haja um maior número de interessadas/os e desalienados pela mentalidade colonial que hierarquiza os grupos humanos e comete ações brutais, ao menos pelos grupos marginalizados e inferiorizados. Isso poderia ampliar os debates, como vem ocorrendo, e intensificar o rechaço às injustiças, forçando por movimentações populares a criminalização e penalização em maior abrangência, como a desnormalização dos crimes de racismo. A temática e problemática deve ser explorada e tratada com profundidade e urgência. A banalização para a problemática da raça por seus maiores agentes performadores é estratégica e não é resultado de ações inconscientes.

O projeto colonial, hoje sofisticada pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), destruindo pela permanente violência e pela escravidão mental (TAVARES, 2020, s.p.) tem uma outra dinâmica, pois se operacionaliza da existência do racismo da branquitude, da falsa ideia de raça presente no imaginário coletivo. Seguem levantando propostas da extinção das discussões sobre relações raciais e étnico-raciais sob o discurso de “raça humana” e de “somos todos iguais”. Isso sem que antes tenham ocorrido processos intensos e engajados anticoloniais ou de sucesso descolonial mental, de equidade e igualdade racial; querem que não toque no assunto raça e racismo, se mantendo em atividade. Seguem na ilusão de que estão dando as regras, que o branco pode discriminar e violentar racialmente como “algo passivo” e “impensado, inocente, costume ou brincadeira”. Pensam que a prática das performances do racismo não deve ser questionada nem muito exposta por pessoas negras. As estratégias da violência racial brasileira não têm mais limites. Os crimes de racismo seguem sendo ignorados em suas penalidades pontuais mesmo quando há provas e flagrante. A branquitude segue sendo protegida de seus crimes raciais e de outras naturezas. Em maioria por outros brancos, que por uma somatória de justificativas racistas, organizadas pelo racismo institucional, possibilita a liberdade destas pessoas. Dessa forma, não permitem que a justiça e as leis vigorem. Estas ações acentuam o racismo institucional pelo Estado e banalizam as

vidas de pessoas negras. Não garantem os nossos direitos humanos e os de outros grupos não brancos que passam pelo racismo de diferentes maneiras. Quando esses crimes não são penalizados adequadamente, muitas vezes enquadrados em outras penas leves, o fator do crime “ser inafiançável”, não é respeitado”. Os casos são ignorados ou arquivados. Na prática, cada grupo tem suas especificidades para além das *performances culturais cotidianas da branquitude*. Levando em conta que temos uma infinidade de pesquisas no âmbito das questões negras e étnico-raciais, ressalto que no que diz respeito ao cerne da problemática da raça, das questões raciais mais profundas. envolvendo os demais grupos, creio que ainda necessitamos de novas construções sob outras perspectivas, principalmente que responsabilize os grupos que fomentam a manutenção da falsa ideia de raça e toda a engenhosa estrutura que a colonialidade mantém. As construções pelas/os pesquisa existentes entre os povos que vivem sob as estruturas do racismo necessitam de traduções.

Acredito que pelo estado alienante que nossa sociedade vive, ao menos em relação às nossas questões, traduzir algumas das nossas questões específicas. Muitos momentos necessitam passar por processos tradutórios diante de intelectuais e pessoas negras, com quem dialogo nestas traduções afrodiáspóricas. Para traduzir nossas linguagens vindas de África e as desenvolvidas na diáspora brasileira, dentre outras, não tratamos somente de possibilidades escritas como práticas a serem traduzidas. Mas de muitas outras como as nossas oralituras (MARTINS, 2021) e literaturas negras(CARRASCOSA, 2021). Assim como entre os povos indígenas há as mais diversas cosmovisões, conosco ocorre diferente. São bastante ricas, complexas, diversas as vidas e nossos mundos afrodiáspóricos, africanos e suas movimentações transcriativas desde as travessias coloniais .

Essas questões compõem as observações e vêm presentes nas perspectivas e construções do conceito de Luciana Reis (2017), que observa pelas relações entre o corpo, a condição e as experiências da tradutora/autora os desenvolvimentos e os processos que se constroem. A tradutora/autora/pesquisadora, expõe e reitera, que as soluções para a tradução vêm pelo gesto tradutório, que carrega subjetividades, como nos lembra que é impossível ser imparcial. Ela conclui que: “a tradução é um ato de escritivência”(REIS, 2017,).

Aqui a pesquisadora se debruça sob diversas narrativas até chegar à elaboração deste conceito das *traduções como performances da memória escreviente*, diálogos e articulações com as experiências e conhecimentos de pesquisa de nossas ancestrais vivas e de nossas tradutoras mais antigas. Como ocorre com as importantes constatações da Profa. Dra. Geri

Augusto, que afirmou enfaticamente: “a tradução é um ato ontológico”(AUGUSTO, 2017, p.37, 40).

O que é importante para mim são as amplas possibilidades tradutórias desse conceito, principalmente por atender à minha específica demanda, na qual a tradução funciona como uma performance da existência e potencializada pelas memórias, pois segue em movimento tradutório da memória escreviente.

Desta maneira, pode-se ampliar a gama de possibilidades tradutórias para outras especificidades e funcionalidades de nossas traduções afrodiáspóricas e africanas, como Augusto (2017) apresenta em seu artigo *Escrevendo a Travessia: por uma tradução escreviente*, publicada no livro *Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiáspóricas para Travessias Literárias* (CARRASCOSA, 2017).

Augusto (2017) destaca a questão do ser humano afro, negro na diáspora ou africano, mais especificamente a mulher negra que é trazida pela linguagem escrita das obras literárias de Conceição Evaristo. Nelas, Augusto observa que, por meio das evocações das personagens, Evaristo potencializa as narrativas de mulheres historicamente marginalizadas livres do foco destes estigmas. As negras mulheres dos contos, de notável origem, a quem a autora dá vida, nos proporcionam identificação por meio de seu precioso conceito de escrevivência.

Em virtude disso, Augusto destaca a questão ontológica presente em nossas oralituras (MARTINS, 2020), como em nossas traduções. Com isso, quando (REIS, 2017) se propõe a desenvolver uma *tradução como performance da memória escreviente*, destaca muitas questões importantes, enfatizando as observações de Augusto (2017), que trago aqui por estarem em articulação também com minha proposta tradutória, ontológica.

Ambas nos permitem notar o poder potencializador das traduções afrodiáspóricas em suas propostas conceituais e metodológicas de perspectiva escrevientes e ontológicas. As traduções negras, existenciais como as das performances da memória escreviente urgem, como uma possibilidade importante e ampla para minha pesquisa. Na prática das traduções, ampliar as possibilidades tradutórias das linguagens não escritas se aproxima mais da realidade da vida prática. É notório para nós que existe uma seletividade na área dos Estudos da Tradução pelas inúmeras demandas que a profissão ou o fazer tradutório informal exige das pessoas que decidem se dedicar ou se veem tradutoras pela força das situações.

É notório que a maior parte da população do país, tem dificuldade até ao acesso à educação básica e à alfabetização. Então, acessar uma segunda língua e a ela se dedicar é uma

possibilidade privilegiada, como pode ser fruto de oportunidades acessadas por uma minoria das classes mais populares trabalhadoras. Porém, independentemente disso, as pessoas podem traduzir e vivemos em um constante processo tradutório que vai desde o simples pensamento, às traduções de signos, das culturas e dos diferentes mundos.

As linguagens que temos são postas pelas diversas cosmovisões africanas, são heranças de nossas origens pluriversais ante a perspectiva de África e planetária. Infelizmente, a prática tradutória ainda é uma prática muito específica, limitante dentro de suas possibilidades ampliadas, pois a área dos Estudos da Tradução ainda marca o conhecimento racialmente com epistemologias predominantemente eurocentradas. As nossas presenças, ou seja, das traduções de outros grupos raciais, não é campo explorado, ensinado e tido como importante ao ponto fazer parte da história tida como História da Tradução. Quando ensinada, essa história é, na realidade, a História da Tradução Europeia Ocidental, pois não é pluriversal em sua construção, não se aprofunda. Isso se deu ao menos como fatos concretos, pelas literaturas que me foram apresentadas no ensino curricular disponibilizado para estudo(aqui não estou falando de teóricos descolonizantes e decoloniais não brancos que aprsentei/mos).

Faço aqui uma crítica em decorrência do racismo epistêmico (PONTES, 2018, s.p.), a uma camada de docentes que hipocritamente se colocam como simpatizantes de nossas questões, mas seguem sempre alegando normalidade nas coisas como estão, como a ausência de tempo e outras desculpas, para não incorporar os conteúdos não afros permanentes e estarem qualificadas/os para levantarem e ensinarem, ao menos as questões raciais na área.

Chamarmos a partir das traduções diaspóricas a atenção para as discussões da raça, que não foram apontadas nas literaturas em período colonial, que nelas simplesmente não aconteceu praticamente. As questões da racialização humana, do racismo e sua colonialidade(QUIJANO, 2005) com algumas questões específicas raciais que possam interessar aos estudos da tradução, a partir de vozes negras afrobrasileiras e indígenas, principalmentenão de pessoas africanas. Estas que para um determinado conjunto são considerados superiores aos afro-brasileiros, por algumas parcelas, ainda que sejam considerados inferiores aos brancos. Aí está uma das faces do racismo à brasileira, gostar ou tolerar pessoas africanas por serem estrangeiras ainda que sejam negras e rechaçarem e acreditarem que pessoas afrobrasileiras são ainda mais inferiores na escala de negros. Aqui faço pequeno comentário sobre as modulações do racismo da branquitude, ainda que gere

diferentes tipos de entendimentos, até que a discriminação pontual aconteça e se compreenda que ao final, para parcelas específicas de pessoas brancas, somos apenas negros, e somos por eles inferiorizados, sem sermos.

Assim, em consequência de vivermos em uma sociedade abissalmente desigual, os processos tradutórios seguem em curso diversos e se articulam com as epistemologias de si, como com as narrativas existências do ser ontológico cotidiano e/ou da/o intelectual, estas/e que potencializando outras dinâmicas tradutórias existentes, as específicas da diáspora. Elas que lembrando não se encerram, ou limitam nas traduções das línguas escritas, mas estas também podem fazer parte delas. O que vemos mais específico e com outras observações e reflexões nas falas de Augusto (2017), que aponta nossa especificidade e a importância de nossas traduções, como se pode notar

Tradução, Expressão Contra-Simbólica e Seres Ontológicos. Li, profundamente feliz, insubmissas lágrimas de mulheres recente coleção de contos de Conceição Evaristo. Cada mulher em sua história, foi evocativa – pude invocá-las na minha mente – como falavam, como andavam como tinham olhado a narradora, quando ela “coletou” suas histórias. Elas eram fortes, eram bonitas. Elas eram cruéis, eram bondosas – e você, a leitora, tinha que pensar sobre quais desses traços eram mais notáveis naquelas personagens. Elas eram seres sexuais e sonhadoras determinadas. Seus muitos nomes rolam na língua, criando intrigas e provocando pensamentos...Líbia Moirá, Natalina Soledade...Como Stuart Hall diria estamos ligados na diáspora africana, tanto através de nossas diferenças como de nossas semelhanças. (AUGUSTO, 2017 p.37)

Desta maneira Reis desenvolveu seu conceito localizado estas importantes constatações articuladas com o conceito dos afrorizomas. Ela observa nesta prática a centralização de uma prática escreviente em nossas epistemologias e traduções afrodiáspóricas das autoridades das traduções e interpretações, como podemos perceber no seguinte trecho

[...] uma vez que esta tradutora/autora é também um sujeito afrodiáspórico que se encontra posicionada nesta encruzilhada de possibilidades, o seu gesto tradutório é resultado de uma teia subjetiva que foi construída ao longo de toda a sua vida. A sua escrita tradutória apresenta-se como uma performance de sua memória “escreviente” que, não apenas recupera os traços que marcam o seu corpo e experiência subjetiva, mas também os reorganizam e reinventam em um sentido afrorizomático<sup>19</sup>, multiplicando essa memória em inúmeras possibilidades de

---

<sup>19</sup> Afrorizomático – O conceito afrorizomático citado pela autora desenvolvido por José Henrique de Freitas Santos de acordo com a pesquisa da autora possibilita observar uma visão descentralizadora descentralização (REIS, 2017, p.90), sobre o texto de chegada se for o caso. O que para o conceito por ela desenvolvido de tradução como performance escreviente – existencial, ontológica - possibilita amplas possibilidades de escrita e/ou manifestações tradutórias. Se o rizoma opera a partir de uma lógica sobre o texto de chegada quando este for o caso.

sentido, potencializando uma emancipação desta tradutora/autora negra escrevente. (REIS, 2017, p. 91)

Luciana Reis (2017, p. 87-91) observa com atenção e respeito a nossa tradução afrodiaspórica no mundo, ou seja, quando tradutoras afrodiaspóricas se beneficiam das possibilidades e movimentações que as encruzilhadas oferecem ao fazer tradutório, assim como destaca uma conjunção com o conceito de afrorizomas em seu conceito. O conceito afrorizomático citado pela autora possibilita observar uma visão descentralizadora (REIS, 2017, p.90), sobre o texto de chegada. O que para o conceito por ela desenvolvido de tradução como performance escrevente – existencial, ontológica – possibilita amplas possibilidades de escrita e/ou manifestações tradutórias.

Desta maneira, meu trabalho e fazer tradutório são beneficiados pelas possibilidades que as traduções afrodiaspóricas possibilitam-nos, pelas relações entre a tradução com a performance da memória escrevente, a arte em si e a tradução, como a tradução e o ser ontológico dentre outras relações, que contemplam nossos/meus fazeres tradutórios, na ampla movimentação tradutória desta pesquisa.

Esta tradução afrodiaspórica pelas/nas artes em fazer tradutório diverso, carrega a vanguarda em sua proposta e forma textual, visual em performance estimuladora da imagética pela predominância de uma movimentação tradutória diversa e constante, ativa, questionadora e propositiva e griótica. Como em sua face predominante em *performance da memória escrevente* (REIS, 2017) e *do ser ontológico, da existência, com inscrição corporal em arte e movimento existencial, não convencional, mas livre –*, subsidiada pelos conceitos. Conceitos que me utilizo principalmente para fazer meu movimento de uma escrita, um diálogo também com as comunidades e humanidades afins. Movimentações de mim conosco. Que tem ressonância de muitas experiências coletivas que se ativam por esta experiência tradutória ontológica e de performances existências, *performance de minhas memórias escrevente* (REIS, 2017, p.91). Traduzindo existência do ser ontológico em dimensionamento com as coletividades negras. Em movimento e sua manifestação em arte e cultura, em constante transcrição, o que me contempla. Para REIS, “a tradução é um ato de escrevivência” (REIS, 2017, p.88), é relação, é ação, é performance o que para mim é a poderosa articulação, performance e tradução e artes, em nossas oralituras (MARTINS, 2021), que também pode entoar e ressoar muito de nós artistas e de nossas coletividades. Estamos e ficamos presentes e em movimentação coletiva, vivamente presentes em tudo.

A arte, por possuir caráter interdisciplinar, torna legível suas demais possibilidades, destacando-se as performativas que me são de interesse por seus diversos diálogos com a vida e áreas do conhecimento. Na fundamentação teórica desta pesquisa, busquei bases sólidas em caminhos não convencionais, evitando e procurando me desviar dos adensamentos das normatizações eurocentradas. Venho trazendo perspectivas, ações vivas e performativas descolonizantes durante este meu fazer tradutório como forma de produção.

A presença das performances e das traduções afros ocorrem todo o tempo, em digressões e movimentos, gestos, expressões manifestos, falas, relatos, vozes, que exprimem nuances faces de acontecimentos que culminaram em produções. As (re)existências e conquistas, e amparos ancestrais de corpos terrenos e de outras materialidades têm me nutrido, encantado, dado esperança, criando, (re)conhecendo novas humanidades, compreendendo e aprendendo cada dia mais sobre nós. Dessa forma vamos obtendo meios de prosseguir em fortaleza, pois estas faces das histórias geralmente não sabemos. Viver o pós-colonial e em diáspora, sob um desejo e práxis viva descolonialé isso, algo que traduzo para outras outras linguagens para além das línguas.

Explorando outras possibilidades tradutórias nos encontramos com as traduções afrodiaspóricas como a predominante *tradução como performance da memória escreviente* e as demais a *tradução da imagem, do imagético, a recuperação afroimagética*, como a Tradução Cultural, com o recorte de raça, as *traduções das performances das culturas de raça*. Tenho observado neste período de pesquisas que as artes e traduções afrodiaspóricas e africanas, em especial, carregam aspectos em comum que são consonantes entre si, bem como importantes para a proposta deste trabalho que discorro a seguir.

Nossas artes, práticas culturais e traduções carregam aspectos em comum principalmente diante de nosso histórico civilizatório recente, de ter passado pelas destruições do projeto colonial europeu, onde a escravização e explorações das vidas dos povos de África, advindos de diversas civilizações milenares, com cosmovisões, modos de vida diversos e avançados.

Desta maneira, vivemos no presente momento os contextos das consequências dos efeitos dos projetos coloniais e do seu período posterior, conforme destacou Guerreiro Ramos no livro *Teatro Experimental do Negro*, no artigo *O negro desde dentro*: “os povos brancos graças a uma conjuntura de fatores históricos e naturais que não vem ao caso examinar aqui, vieram a imperar no planeta” (RAMOS, 1966, p. 128).

Não basta ser um simpatizante destas artes para produzi-las, ou possuir descendência distante para realizar estas produções, fazer artes afros, teatros negros, cinema africano ou negro, traduções afrodiapóricas. Embora não negras/os possam aprender e compartilhar nossas outras perspectivas e cosmovisões diversas e diferenciadas da visão do mundo ocidental branco. A África e outros povos originários geralmente estiveram dispostos a receber, acolher e conviver. Porém, nossas matrizes originárias e heranças ancestrais, como a de todos os povos do mundo, devem ser respeitadas.

As produções específicas de determinados povos carregam suas próprias características, histórias, culturas, experiências afronegras no mundo, como ponto de origem, vida e de trabalho. Nossas experiências do nascimento, das vivências afrodiapóricas ou africanas de vida, dos deslocamentos e das migrações, em diversidade de cosmovisões, marcadas em aspectos culturais, históricos, ancestrais. Nossas experiências são pontos fundamentais e praticamente essenciais para a criação de nossas próprias categorias epistemológicas.

Pela diversidade destas produzimos novas categorias que amplamente interagem com o mundo, são aprendidas e utilizadas por nossos povos e demais grupos, pelas trocas culturais. E também são questões explicitadas nos estudos das traduções afrodiapóricas no Brasil.

No trato das artes negras da cena, das culturas de matriz africana no campo dos Estudos da Tradução, meu trabalho navega com a interdisciplinaridade, principalmente por estar relacionado diretamente a experiência humana e com base tradutória ontológica afrodiapórica. Como a tradutora/autora Luciana Reis (2017) em sua pesquisa observa e destaca esta constatação pelas manifestações e exposições da tradutora/autora Geri Augusto, que expressa uma das faces da tradução como ato ontológico:

Primeiro quero sugerir que a tradução ou pelo menos aquela que eu e outros temos praticado e sobre a qual quero refletir, é um ato ontológico. Segundo, que um certo sentimento em relação as realidades da diáspora - escravidão, racismo nas suas múltiplas manifestações, tripla carga de muitas mulheres negras e a luta contra tudo isso é importante, para uma tradução das literaturas africanas e diaspóricas. Terceiro, que a duradoura, se continuamente reconfigurada. Importância da oralidade e visualidade da fala, escrita e em outros atos expressivos e performativos dos povos africanos e afrodescendentes, faz de tais dimensões recursos críticos para tradução e interpretação. E, finalmente, desde que o racismo tem trabalhado tão arduamente para nos fazer pesar que, para os negros nas Américas atravessar as fronteiras linguísticas é algo intrinsecamente impossível. (AUGUSTO, 2013, p. 3)

E observando estas outras observações reflexões da autora:

Tradução, Expressão Contra-Simbólica e Seres Ontológicos - Li, profundamente feliz, insubmissas lágrimas de mulheres recente coleção de contos de Conceição



Evaristo. Cada mulher em sua história, foi evocativa – pude invocá-las na minha mente – como falavam, como andavam como tinham olhado a narradora, quando ela coletou suas histórias. Elas eram fortes, eram bonitas. Elas eram cruéis, eram bondosas – e você, a leitora, tinha que pensar sobre quais desses traços eram mais notáveis naquelas personagens. Ela eram seres sexuais e sonhadoras determinadas. Seus muitos nomes rolam na língua, criando intrigas e provocando pensamentos...Líbia Moirá, Natalina Soledade...Como Stuart Hall diria estamos ligados na diáspora africana, tanto através de nossas diferenças como de nossas semelhanças. (AUGUSTO, 2017 p. 37)

O que, inclusive por possuir caráter interdisciplinar, torna legível a arte como suas demais possibilidades, destacando as performativas que me são de interesse por seus diversos diálogos com a vida e áreas do conhecimento.

Na fundamentação teórica desta pesquisa busquei bases sólidas em caminhos não convencionais, evitando e procurando me desviar dos adensamentos, trazendo perspectivas e ações vivas e performativas descolonizantes durante o fazer tradutório e durante toda a produção – a presença da performance e das traduções afros ocorre todo o tempo, pois viver o pós-colonial e em diáspora é isso –, que traduzo para outras outras linguagens para além das línguas.

São demarcadores importantes as presenças dos gestos performativos descoloniais antirracistas e antissexistas, que utilizo também para delinear minha tradução em performance escreviente de método autoetnográfico que me possibilita apresentar, ao mesmo tempo em que traduzo, todo o meu processo, produção e trajetória em que predomina a tradução afrodiaspórica pela/nas artes, de natureza ontológica.

Em consonância com o que ocorre na tarefa da tradução afrodiaspórica da tradutora negra, articulo as traduções em outras linguagens, pelas/nas artes, ainda que meu fazer artístico lide com a questão ontológica diretamente, e observar como compreender estes movimentos performativos tradutórios escrevientes é importante neste processo. Com o fazer tradutório enquanto tradutora negra, também caminho por subjetividades para continuamente delinear as traduções que estou realizando para além da língua e comunicações das relações humanas na sociedade. Estas principalmente que Carrascosa (2017) destacou como um processo importante a ser compreendido e (re)conhecido nestes estudos. A função articulada da tradutora negra também a existências, mais uma vez marca características:

A tarefa da tradução afrodiaspórica pode ser pensada como função articulada à existência da tradutora negra, na medida que nossas subjetividades são produzidas de modo visceralmente ligado às questões, experiências e perigos afrodiaspóricos, onde quer que esta tradutora se encontre no mundo pós-escravocrata. Às habilidades linguístico-culturais se entrelaçam, intensamente, a vivência subjetiva que marca o

exercício da tarefa da tradução com nossos corpos, memórias e afetos. (CARRASCOSA, 2017, s.p).

Como realizar a tradução afrodiaspórica, traduzindo-a de maneira que ela seja de compreensão da minha coletividade negra em seus aspectos específicos e apreendida com mais simplicidade? Como as questões de arte, descolonização e antirracismo mais gerais, envolvendo questões cotidianas sobre nossas vidas na diáspora e em África podem ser ao mesmo tempo de compreensão de uma maioria das pessoas negras e outras não negras? Foram questões que rondaram os muitos dias de pesquisa, e em todos eles busquei compreender a maneira mais adequada e a articulação com a autoetografia, me pareceu ideal .

Acessar minhas subjetividades, questões que as pessoas muitas vezes desejam falar e não conseguem, foi um caminho. Falar, narrar, trazer os processos e trazer a minha e outras vozes semelhantes, sedentas de paz, libertação, neste processo de escrita de tradução em arte política. Acredito que muitas de Nós mulheres negras, dos mais diversos povos negros, pensantes, ainda que envoltas também, pelas culturas da vida ocidental capitalista em que estamos inseridas, temos outros modos de vidas nas grandes cidades, nos interiores, mas periferias, subúrbios, morros, manguezais. nos quilombos, nas aldeias e comunidades diversas deste país que nos pede mais da vida, masii respostas, mais compreensões sobre Nós.

Para podermos viver neste universo paralelo – das sociedades racializadas e coloniais contemporâneas–, onde somos juntas ou solitárias perseguidas, sexualizadas, discriminadas, exploradas e mortas, precisamos ter perspectivas mais seguras e dignas de nossas existências no futuro. Passamos nossas existências entre os desenvolvimentos por nossos agenciamentos (COLLINS, 2016 ) e as vivências em caminhos de buscas incansáveis de lugares seguros para Nós e nossas famílias.

Temos que lidar com o efeitos e todos os perigos da racialização das sociedades estruturadas pelo racismo, como brasileira, em que o Estado não assume a conta desta realidade abissal gerada pelas hierarquias raciais sob as classes, pois nos inferioriza e exclui das melhores oportunidades, ou melhor, retira-as.

Ficamos expostas/os a uma dominação racial culturalmente à seus modos de vida com valores individualista, de caráter consumista, com políticas predatórias e exploratórias de herança colonial, que se utilizam do trabalho qualificado, pela exploração negra e indígena.

Por estas identificações, discussões e ações nos colocamos também na posição de nos curar. A descolonização antirracista e antissexista, onde muitas mulheres negras e indígenas

estão nas frentes de transformação deste país, ainda que sejam invisibilizadas, é processo de cura que ocorre de diferentes formas. É cura dos traumas expomos as violações sofridas, ainda que não explicitadas como deveriam, preservando-nos um pouco mais dos perigos e nos ajudando de alguma forma a partir da identificação de nossas experiências, umas nas outras por suas semelhanças, como a de nossas vidas, que transformam realidades, principalmente sempre que com engajamento, amor, consciência, organizações nos fazemos presentes.

A escritora afroestadunidense bell hooks, também relembra em seu livro *Erguei a Voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019, p.19), ao escreve sobre a movimentação de mulheres negras em ajudarem outras mulheres negras, em seus processos de libertação e consciência, que os feminismos negros vêm possibilitando à mulher afro. Ela diz que:” O comprometimento feminista de romper com os silêncios inspirou mulheres negras a escrever teorias para criar trabalhos que nos conectassem às mulheres negras que não sabiam sobre o feminismo ou eram hostis ao movimento, vendo-o somente como para garotas brancas”(hooks, 2019, p.19).

Essas escritas são nutrientes e novos caminhos de esperança, de apoio aos problemas que enfrentamos às vezes pensados como sem solução e para Nós, mulheres negras, em especial, que passamos por muitas coisas em comum nesta caminhada diaspórica, e no fundo nos sentimos solitárias em luta na vida diária, ainda que estejamos acompanhadas. Para nós, que lá no fundo queremos respostas e necessitamos de ar, não queremos somente bem-estar para nós vivermos com paz, queremos isso para todo o nosso povo negro.

## **2.1 SER HUMANO NEGRO NO O MUNDO**

Povo de origens africanas, que se compreende em diferentes partes de nossos país, do continente americano, africano e mundo de uma maneira específica. Como sendo pessoas negras ou pretas ou africana no mundo ou todas estas formas, ou somente uma delas. Se compreende como pessoa afro, africana, afrodiáspórica, afro com o nome de seu país não aceita o negro que é de origns coloniais nem por ser ato político ressignificado, nãoé negro e ponto. As pessoas afros se percebem e pertencente às suas origens de África, mas ainda está vinculada a força política que a identidade negra a outras denominações que denotem o orgulho de ser pessoas de origens africanas no mundo e que devem ser respeitadas como se vem e compreendem no mundo, quando o ponto alto e importante é valorizar e exaltar nossas origens, histórias e culturas, nossas vidas.

Acredito que a *semiótica do não-dito racista* (JÚNIOR, 2016, s.p.) pode ser observada como um tipo de tradução afrodiáspórica, quando podemos observar os signos racistas, historicamente atribuídos e/ou relacionados às pessoas, aos seus corpos, suas características morais, intelectuais e culturais

O discurso discriminatório efetiva-se como a distribuição diferenciada de cores, afetos e emoções, gestos, atitudes e comportamentos, acompanhados ou não de locuções, modulações, entonações, enfim, distribuição diferenciada de discursos. O fazer não está contido no dizer, mesmo quando esse dizer é o dizer do fazer, ou, mais ainda, quando esse dizer é ele próprio um fazer (cf. Ricoeur, 1988). Contudo, existe um querer-dizer, mesmo que não-dito, no fazer. A ação de alguém expressa algo para outrem na interação (JUNIOR, 2016, s.p.).

Nesse último sentido, a atribuição e a atestação da intenção visam a responder o que significam aqueles atos. Por que aqueles outros o executam? Essa atribuição de intenção ou imputação de motivo constitui-se pela construção de uma narrativa que define os sujeitos e suas correspondentes ações.

Signos e narrativas do racismo cotidiano têm sido estudados por inúmeras/os especialistas negras/os que têm feito registros tradutórios e das artes que nos ampliam a visão e fortalecem a alma, para libertarmos-nos e seguirmos mais seguras/es/os. Pois os problemas que encontramos nas sociedades racializadas e estruturadas não é das pessoas negras, estas sofrem seus efeitos, mas sim um problema psicológico das populações brancas (KILOMBA, 2014, s.p.) que têm dificuldade em reconhecer e compreender definitivamente o que significa ser "uma pessoa branca".

Como traduzir e me fazer compreensível aos que fingem que não nos veem ou ignoram, para que fique posto, ainda que não lhes interesse o curso e a importância de nossas trajetórias de mulheres negras em constante superação e lutas, como as histórias milenares das vidas que nos antecederam, com as suas heranças ancestrais?

Carrascosa destaca no livro *Traduzindo no Atlântico Negro* (2017), que a partir de experiências complexas vivenciadas pelos povos africanos e seus descendentes, as tarefas tradutórias nos permitem ter o entendimento teórico, pelo qual a tradução pode ser por nós utilizada e compreendida como agência de sujeitos. Ou seja, o agenciamento de nossas próprias produções e vidas por este ato, ferramenta, meio de comunicação. Isto se dá pelo papel significativo e específico potencializador de nós enquanto coletividade em diáspora e da complexidade de fazermos parte desta tragédia pós-colonial, que ressignificamos com vida e com as experiências coletivas de tempos passados e presentes pelas quais nos identificamos.

Essas traduções marcam e reconhecem a força da intimidade que temos com a dor colonial, são potências subversivas. Elas traduzem nossas criações e potências, com destaque nos regimes pós-coloniais e pós-escravocratas que vêm se engendrando e se movimentando sob os povos negros. São traços e faces de um repertório existencial coletivo e afrodiaspórico que desta experiência particular, somente nós conhecemos, nos deixamos afetar afetiva e amorosamente pelas vozes, memórias, artes e escritoras/os da Diáspora Negra.

As artes e as práticas culturais têm sido dos incontáveis caminhos de conexão com nossas ancestralidades milenares, memórias e culturas roubadas e/ou apagadas e apropriadas ou demonizadas pela falsa perspectiva cristã apropriada do cristianismo oriental dissecado e modificado pela cultura hegemônica europeia.

Filhas/os de Osíris à Nanã,  
Pessoas africanas e de afrodiasporas no mundo  
Se apossam de seus espelhos e amor essencial  
Cultivado por Osú, Isis e outras divindades  
Se (re)conheçam nas riquezas matriciais de África

Filhas/os de Osíris à Nanã,  
Para enxergar,  
Pedi o espelho de Osún e  
Se olhem de corpo e alma  
E encontrem-se com força, da beleza  
E a beleza, da beleza de si

Filhas/os de Osíris à Nanã,  
A beleza natural da essência dada pela Criação.  
Está em vocês,  
Osíris cuida do amanhã e de nossos ressurgimentos preciosos.  
(LIRA, 2021)<sup>20</sup>

A desumanização de nossos corpos é fruto da ação humana. Não durará entre as criações antinaturais, pois não possui essência ou sustentação Divina, natural, cósmica. Mais dia menos dia, tudo vai se colocando em seu lugar, a natureza não tolera a desarmonia da destruição. Segue saberes ancestrais, e num movimento forçado e enraizado no consciente e no inconsciente de quem os nutre. Precisamos reaprender por muitos anos a pensar com a consciência natural da vida, a partir da natureza, da qual fazemos parte. Pertencemos a ela, que é pacífica e serena. Mas, não entregue e conformada, é só observarmos seu movimento sábio e pleno pelo céu, mar, ar, sol, animais, minerais, vegetais, os seres humanos isolados, que possivelmente estão em maior consonância com suas leis e compreensão da vida natural e

---

<sup>20</sup> LIRA 2021 – poesia feita pela autora para esta dissertação.

harmônica, dos povos originários/aborígenes/nativos tradicionais, que vivem sem fazer danos à Terra e diferentes pontos do planeta.

A natureza é ativa e está em constante movimento, transformação e é composta de uma diversidade de elementos, vitais e de reinos que ativam a vida em toda a parte. A humanidade é um destes elementos, das vidas e dos incontáveis reinos que a compõem.

Nossas vidas afro-negras fazem parte desta humanidade em busca de si mesma, de melhores caminhos e respostas e desta harmonia que está diante de nós, mas não a percebemos para vivê-la coletivamente, consciente e fazemos parte desta natureza que se espalha e dá vida ao planeta Terra. Os movimentos antinaturais de destruição são humanos, de ideias e interesse unicamente humanos.

Se temos nossos corpos há séculos marcados simbolicamente por signos de elaboração humana que levam outras pessoas a tentarem a nossa destruição, estas são ações que não acompanham o curso natural e de equilíbrio da vida.

Compreendo e vejo que neste caso traduzindo afrodiasporicamente, ou seja, nos utilizando de epistemologias da tradução sob as nossas mais diversas perspectivas e cosmovisões na diáspora. Na afrobrasileira, vamos acessando outras possibilidades de compreensão de Nós, com ferramenta potente de incontáveis faces e chaves de acesso à lugares que herdamos ancestralmente e necessitamos acessar para nos libertar da colonialidade. Nelas o pensamento ocidental colonial da branquitude não se dimensiona. Pois, a branquitude segue altamente comprometida com o imediatismo e a materialidade, fez questão de ocultar, demonizar e proibir o culto de nossos sagrados até metade do século passado.

A diversidade de nossas práticas culturais têm inúmeros caminhos tradutórios e navegamos sob os que melhor nos possibilitam conexões com nossas produções. Nossa tradução afrodiaspórica amplia perspectivas e subverte as limitações coloniais. Temos outras formas e possibilidades tradutórias de descobertas sobre os mundos que percorremos e sobre as interações que fazemos entre eles.

Vale observar que as traduções afrodiaspóricas, em suas especificidades, tendem a passar como algo desconhecido para outros grupos raciais. Os povos, as suas culturas e as vidas desses grupos raciais e étnico-raciais certamente seriam mais harmônicos e se confluíam bem melhor, muito mais facilmente, se nossas realidades de vida, tivessem um

maior e melhor percepção de outras cosmovisões, que se inserem em culturas originárias dos povos africanos e indígenas no Brasil.

Certamente haveria democracia e possivelmente menos problemas de classe, visto que a raça é determinante para a classe ser definida na maioria das situações.

Assim, me aventurar a traduzir afrodiásporicamente nossas questões é um imenso desafio pela quase ausência das epistemologias afros nesta área em diálogos e traduções com as artes negras da cena, como me proponho a fazer.

Por isso, ter de cunhar questões tradutórias que não são consideradas, nem tampouco pautadas ou compreendidas pelos povos brancos, maioria que constitui estas áreas dos Estudos da Tradução no Brasil e no mundo foi muito desafiador e ainda o é, pois estamos entre poucos pares. Predomina a especificidade das epistemologias euro-centradas, em maioria realizadas sobre as línguas escritas ou sob outras linguagens face ao trato das culturas ocidentais europeias ou sempre sob a perspectiva ocidental. É o que tenho notado nesses anos de pesquisa no mestrado.

A ausência de outras epistemologias é assustadora ante a hegemonia e com este meu trabalho evidencio como o conhecimento é marcado pela branquitude nos Estudos da Tradução. A marca do conhecimento que é feita pelo grupo racial branco, parafraseando uma professora do programa de pós-graduação<sup>21</sup>. Desta maneira, sobre muitas intelectuais e pesquisadoras negras têm se manifestando e aberto caminhos para Nós na atualidade, possibilitando referências em diversas, mesmo na contramão da hegemonia acadêmica euro-centrada. O que somente nos faz perder em transcendência social e acadêmica em nossa história, como podemos ver pelo que traduz Santana afro-baiano, músico e tradutor de línguas e culturas Bantu-Congo:

[...] Atualmente, o desastre que vivemos no país, na sua dimensão, sobretudo, institucional, também se deve ao acirramento da ignorância em relação às mundividências negras e indígenas em todos os setores desse complexo que chamamos de sociedade brasileira. As pessoas de reflexão e ponderação, em geral, jamais acreditaram, genuinamente, na força dessas epistemologias, negligenciando-as. Poderiam fazer perguntas melhores agora e ter desenvolvido a capacidade de receber da vida as múltiplas respostas, na e da diferença, no contexto da radicalidade real do mundo. A vida poderia ser mais biose do que protocolo e exclusiva efigie de

---

<sup>21</sup> Pós-Graduação – aqui trago uma memória de uma observação feita em minha qualificação pela Professora Dra. Meritxel Marsal (PGET), que eu estava marcando a branquitude com a minha pesquisa com uma ação inovadora e importante na área que mostra como o conhecimento é marcado racialmente. Marcado pelo grupo racial branco, o que vim trazendo na pesquisa colocando que temos um estudo eurocentrado brancobrasileiro, a marca que faço em afinidade com FANON, é necessária e nos da Estudos da Tradução como em outras áreas também. Nota da autora.

pensares euro-centrados. A hierarquia entre as culturas, a prática discriminatória, as violências assimétricas, a continuidade, enfim, do projeto de uma ideologia hegemônica, por seu grau de parentesco com o humanismo europeu, prevaleceram, sob várias formas e intensidades, inclusive, entre aquelas pessoas que, discursivamente, num sentido mais amplo, condenam as históricas subalternizações exercidas por um certo Ocidente que inventou as raças e os seus lugares e valores respectivos.[...](SANTANA, 2019, s.p.).

Passamos constantemente por experiências tradutórias, a travessia do Atlântico Negro nos deixou esta marca. Somos pessoas descendentes das pessoas traficadas e escravizadas que reinventaram o mundo e construíram o Brasil e os descendentes dos traficantes e escravizadores seguem nos tratando como estrangeiras/os. Vivemos em um mundo onde a tradução é também um agenciamento constante popular, mas que diferente da tradutora afrodiáspórica negra que o utiliza conscientemente, temos a tradição popular, do povo.

Diante de nossa condição que vem sendo explicitada nestas páginas, Santana discorre um ponto em comum de concordância, vivências e compreensão entre Nós nessa área e em outras. Santana expressa a conexão com nossos conhecimentos ancestrais em traduções afrodiáspóricas, constatações sobre as dinâmicas que vão conformando esta afrodiásporicidade e suas questões que traduzem muitos fatores e questões específicas de nossa condição, estado, forma, vida, repercussões afrodiáspóricas dentre outras quando coloca que

As cosmologias negras às quais podemos recorrer, dentro das nossas reflexões e da densidade da nossa carne, são, simultaneamente, emanações ancestrais, instantes no presente e devir. Não se trata daquilo que não podemos manifestar e realizar, mas, ao contrário, daquilo que, se não incorporarmos hoje, no Brasil, e não colocarmos ao lado dos saberes nativos das florestas ameríndias, deixar-nos-á, necessariamente, mergulhar no profundo poço da repetição irrepitida de uma colonização, mais do que anti-negra, ontológica. Ao pensarmos em cosmologias negras, concedemos que se construíram outras matrizes, por meio dos fluxos diáspóricos, ou seja, não temos nas Américas, se quisermos, apenas fragmentos e vestígios de narrativas existenciais egressas de partes do continente africano. Urdiram-se novos sistemas, linguagens, novas materialidades, imaterialidades e impermanências; fizeram-se, conforme nos lembra Paul Gilroy, criações inacabadas. Negro e negra concernem a uma retomada da subjugação encaixada na palavra para que, numa radical entorse, proponha-se o seu revés como potência propositiva ao ato (SANTANA, 2019, s.p.).

O povo negro das ruas, dos interiores, dos quilombos, lida com suas subjetividades e fazem suas traduções afrodiáspóricas sabendo que vive num mundo à parte, mas muitos buscam naturalizar sua existência, muitas vezes até sem querer falar do que os leva a uma pesada e constante tradução: a presença do colonialismo contemporâneo.

Este produz questões que, na diáspora e sob a pressão da opressão, fazem com que tenhamos diferentes signos e narrativas das relações raciais para traduzir e especificar, algo



que não aconteceria se não existisse, se não fosse o projeto colonial, que dentro da perspectiva de nossas vidas, atravessa nossos processos tradutórios de diversas formas. Não fosse isso, poderíamos acessar mais amplamente as zonas mais saudáveis das linguagens que nos cercam no mundo.

Porém, entendo que há diversos processos tradutórios culturais afrodiáspóricos que fazem parte de nossas vidas no Brasil, como existem para os povos em diáspora e na África pós-colonial. As pessoas negras populares, como as do meio intelectual especializado, vão e estão situadas amplamente em um universo tradutório paralelo e específico que perpassa o nosso universo ontológico, coisas que as traduções afrodiáspóricas dão conta de navegar por correntes diversas de nossas individualidades e de nossas inúmeras e diversas coletividades.

Numa movimentação profunda e impressionante pela capacidade de possibilidades que se apresenta a Nós, uma navegação ontológica que está muito para além da tradução interlinguística. As epistemologias das traduções afrodiáspóricas nos salvam, possibilitando que consolidemos nossas construções e rotas específicas como as que trago nesta dissertação: em traduções como performances escrevíveis, a tradução das artes, a maioria em performances, que nos possibilitam também os nossos agenciamentos e a efetivação de uma comunicação nacional, transnacional e transatlântica – face de muitas de nossas relações e produções – necessária para nossa comunicabilidade, conexão e emancipação global do processo colonial contemporâneo planetário que assola os povos afrodiáspóricos e africanos no mundo.

A tradução de uma trajetória de vida como a minha não se consolida apenas pelas atribuições estigmatizadas das vidas negras, mas quer resolvê-las Esperamos no processo existencial humano pelas complexidades de lidar com o viver, com as relações, questões, situações da vida, sim, e ainda tenho a questão colonial, do racismo da supremacia branca que assola cada passo, que busco disfarçar, contornar, rechaçar, a depender do contexto e ânimos, para não viver a realidade alienante destes povos na minha vida sem cessar.

Assim, viver e ter consciência do mundo no qual vivo, ter consciência negra e a certeza de que esta sociedade em que vivemos não foi preparada ou pensada para mim, para nós, povos negros e – aqui digo coletivamente para pessoas negras - muito menos para as necessidades de Nós mulheres negras afetadas, principalmente pelo patriarcado, seu sexismo, o racismo e classicismo. Definitivamente, “este país, em todo o seu sistema não criou um lugar para nós pessoas de origens africanas, negras”, parafraseando um pensamento expresso

do escritor afro-estadunidense, autodenominado testemunha, manifesta do movimento de luta pelos direitos civis dos EUA, da década de 1960, James Baldwin (1924-1987), presente no filme “Eu não sou seu Negro”, de direção de Raoul Peck (2017). A fala e muitas das reflexões de Baldwin traduzem culturalmente pensamentos negros atuais, sobre a realidade das pessoas afro nas sociedades do mundo estruturadas pelo racismo:

Deixando de lado todos os fatos físicos que se pode citar, deixando de lado o estupro ou o assassinato, deixando de lado o registro sangrento da opressão, coisas com as quais já estamos bem familiarizados, o que isto faz ao subjugado é destruir a sua noção de realidade, Isto significa no caso do negro americano<sup>22</sup>, nascido naquela república reluzente... No momento em que você nasce, como não sabe de nada, todos os que estão a sua volta têm o rosto branco, e como você ainda não se olhou no espelho, você acha que também é. É um grande choque quando, aos 5, 6 ou 7 anos você descobre, vendo Gary Cooper matar os índios enquanto você torce por ele, que os índios eram você. Você tem um grande choque ao descobrir que o país que é sua terra natal, e para o qual você deve a sua vida e a sua identidade, não criou em todo o seu sistema de realidade um lugar para você. (BALDWIN, 2017, s.p.)

Baldwin com sua presença, narrativas e voz neste filme, apresenta em diversos momentos como o da citada fala presente no filme “Eu Não Sou Seu Negro”, como uma realidade de si, que a força da indústria cultural da branquitude do seu país, estruturada pelo racismo, promoveu um apagamento da percepção das pessoas negras, de Nós mesmos, onde estas se manifestavam, daí sua tradução enquanto menino de não reconhecer os papéis de mocinho e bandido, construídos pelas ideias racistas, o que acontece até hoje e no Brasil, ocorre muito deste apagamento da imagem negra na mídia, TV, audiovisual nacional com projeção da branquitude como o centro a ser valorizado, para continuar em dominação, enquanto parte da população não percebem sua realidade e a estrutura que as acomete.

Principalmente pela falta de referências positivas e das insistentes construções de olhar euro-centrado onde as personagens negras, indígenas e asiáticas são vilãs. O choque que Baldwin tem ao se compreender como o vilão no filme.

Nestas narrativas pós-coloniais as situações reais dos acontecimentos sociais são invertidas. E a lógica foge a realidade dos povos marginalizados são sempre negros e indígenas. Os matadores, exploradores, destruidores passam a ser as personagens brancas, descendentes dos colonizadores tem suas imagens construídas por Hollywood e pelas demais indústrias culturais locais, como a Globo, no Brasil domina o cenário midiático,

---

<sup>22</sup> Negros americanos – trecho do filme em que se destaca a cena da segregação racial que vai passando enquanto ele fala, lugares com placas “entradas para negros”, deixando a narrativa muito impactante geral de imagem sonora e visual

cinematográfico e musical. Primam por preservar as invenções em torno das farsas construídas sobre a identidade racial branca: da pureza “das donzelas alvas e frágeis ou dos heróis alvos e forte, valentes”. A tradução da construída falsa segurança passada pelo herói branco violento. Enquanto estes heróis matam e destroem naturalizadamente na ficção e na vida real, os “outros”, “os diferentes”, “os perigosos” restante povos do mundo. E bem refletido, ainda rechaçamos a nós nestas ficções e e na vida se não nos dealienarmos. É um pouco do que historicamente tem sido vendido em narrativas branco-estadunidenses hollywoodianas. As personagens brancas foram transformadas em mocinhos e almas valentemente heróicas e sempre brancos corajosos, que quando matam “é para proteger”.

A crítica de Baldwin à tradução para a narrativa precisa do escritor, que percebe não nenhuma identificação estrutural na nação onde nasceu, os Estados Unidos da América, em sua realidade fundante, como seus sistemas que consolidaram a sua construção enquanto nação, que possa fazer com que ele e outras pessoas negras de fato se reconheçam enquanto nascidas e pertencentes nos EUA. Um país que não foi pensando para elas. Também traduz uma estrutura na qual também se integram a mídia e o audiovisual, que tem funcionado como mecanismos políticos, para a manutenção do sistema racista, para o ensino pelas imagens, visual desta ideologia; da identidade e cultura racial branca.

Uma questão pontual constatada por uma série de intelectuais, personalidades, ativistas, profissionais dos direitos humanos, juristas negras/os e não negras/os interessados. Grada Kilomba, em seu vídeo Lidando com o racismo na Europa (2014,s.p.) aborda sobre a branquitude e sua identidade racial, construída especialmente com a alta participação da mídia, séries e filmes que estabelecem uma linguagem onde mostram sempre os lugares sociais que o racismo estabelece para as pessoas negras e brancas. E se utiliza dos EUA como referencias reversas de fortalecimento racial negro para pessoas negras se identificarem e não serem alvo, das narrativas visuais para a inferiorização e estigmatização delas como más, vilãs, como tudo o que for associado ao negativo. As personagens brancas sempre representadas como heroínas, bondosas, honestas, confiáveis, com associações a tudo o que é positivo e bom, onde a psicóloga e multiartista fala dos meios de ambos os grupos lidarem com o racismo.

Stuart Hall em seu artigo Raça, Cultura e Comunicação: olhando para trás e para frente dos estudos culturais (2005, s.p.) fala sobre a construção dos estudos culturais e a necessidade da área nova, como de tratar nela questões de raça e comunicação, pela influência

que a mídia causa na sociedades, principalmente se esta influência provêm de uma ideologia como o racismo.

Angela Davis e demais participantes do documentário “13ª Ementa” (2015), dirigido por Ava Du Vernay, como tratei em aula, discorrem sobre a estrutura engendra do racismo e a escravidão no sistema prisional rompe com os silenciamentos da opressão racial que em qualquer tempo se quer inquestionável, Crescente a violência racial, os crimes e as perdas de pessoas que permanecem em kutos invisibilizado e banalizados, como ocorre no Brasil. Instruindo as pessoas e passando por meio de importante documentário que pode, sim levar histórias narrativas para libertar das amarras da ignorância alienante. Compreender a realidade que muitas veze dói, realidade de como funcionam move as industrias dos complexos penitenciários particulares, que querem encarcerar para lucrar e governos que mantem prisioneiros convertidos em escravizados/asvos das . O documentário destaca como os EUA se utilizou do filme “Nascimento de Uma Nação” pela indústria cinematográfica nos anos de 1915, em que a arte e o Estado se unem para promover o racismo nacionalmente, pela política declaradamente racista, institucionalmente. A aliança vai promover a alienação nacional das pessoas estadunidenses pelas imagens, incitar a criação de estereótipos sobre pessoas negras, sobre os homens negros e a necessidade de uma proteção racial, ( organização que ao fim é criminosa), onde construção da ficção veio para a realidade como a fundação da Ku Klux Klan. Tratando das narrativas que homens brancos no poder, de posse de podem econômico e político construíram com a arte a disseminação do ódio racial em uma nação, pela propagação um tipo de normatização do racismo antinegro.

O primeiro filme do cinema nasce também com a função social de construir uma narrativa por imagens e legenda, que promove a destituição da capacidade intelectual e moral afro-estadunidenses nos EUA. Para que estas fossem compreendidas como inferiores, incapazes e inaptas a ocuparem cargos nas esferas políticos do país, como de fazerem parte da sociedade estadunidense. Uma forma de interdição pelas grotescas representações das personagens em *black face*, personagens negras ridicularizadas, colocadas em condição e rechaço, piada e narrativa racista pejorativa e esteriotipada que o jurista Adilson Moreira(2020, s.p.) classifica como um tipo de narrativa e performances do racismo recreativo. Explicando que suas presenças não são liberade de expressãp, mas sim criminosas, as que vemos em Stand Up e demais produções de humor profissional ou

cotidiano, das cenas cotidianas onde a branquitude quer liberdade para praticar/performar seus racismo, na atualidade.

Uma das estratégias do racismo recreativo que constrói estereótipos e promove o riso de uma construção grotesca de um ser humano no intento de desqualificá-lo e ridicularizá-lo, como o jurista, Aldilson Moreira traduz:

[...]A piada<sup>23</sup> racista é uma mensagem cultural. E como toda mensagem cultural, ela faz sentido dentro de uma determinada realidade. E a realidade brasileira é a de uma sociedade profundamente segregada, profundamente hierárquica, na qual impera um tipo específico de humor que é este descrito pela teoria da superioridade.[...] Mensagens racistas são discurso de ódio. Discursos de ódio tem um propósito: manter privilégio do grupo dominante.(MOREIRA, 2020, s.p.)

As falas de James Baldwin me causam identificação pessoal, como calavam com profundidade em minha alma e acredito que devam sensibilizar muitas tantas outras pessoas negras, que se compreendem enquanto parte de uma coletividade de origens africanas arrasadas diaspóricamente e na África, que lidam como os efeitos do colonialismo e o racismo. Onde os sufocamentos que é viver em sociedades estruturadas pelo racismo em que as vis violências raciais sob nossas vidas são de diferentes formas permitidas e continuadas, de tempos em tempos onde os sistemas como o capitalismo.

Acondicionadas nos seus silêncios impostos e estabelecidos, os povos brancos, das mais variadas maneiras, buscam se isentar de suas atuais responsabilidades e não se implicam nestes processos que tanto discutimos e lutamos para que acabe, pois se beneficiam. Tudo isso é sufocante e angustiante, poder se (re)conhecer e ver em uma pessoa de outro tempo, de outro gênero, que fala outra língua, mas traduz as mesmas dores e traumas. Se estivéssemos juntos em um mesmo lugar, espaço e tempo (fictício) e assistíssemos a uma violência racial diante de Nós, só pelo olhar nos comunicaríamos, sentiríamos e reagiríamos à dor pela compreensão coletiva, que nos envolve desta condição que a diáspora e o colonialismo fora e dentro de África nos acomete todo o ser.

Vejo que estas experiências em comum que temos devido ao projeto colonial e seus efeitos até a atualidade globalmente, nos marca com muitas semelhanças em diversos pontos,

---

<sup>23</sup> Piada – nesta citação podemos compreender o sentido da palavra piada, também para humor racista, que também é o sentido que o autor coloca para esta abordagem, sobre o conceito do racismo recreativo, que tem a intenção de desqualificar e depreciar a imagem de grupos raciais não brancos. E a palavra piada no sentido de humor em relação ao grupo negro em trechos do filme “Nascimento de uma Nação”, ao qual anteriormente é feita referência, há momentos deste tipo de humor que somente aos brancos racistas do início do século passado tinha a intenção de agradar, incitar o riso grotesco e associado ao ódio racial provocado pelas personagens negras ridicularizadas por representações negras e as do Black face depreciativo do filme estadunidense racistas, disseminador de ódio racial.

ainda que em cada lugar haja características específicas coloniais e do racismo. Posso eu estar no Brasil hoje, enquanto mulher afro-negra a escutar e ver transcrições de nossas histórias, como a do ancestral James Baldwin, como de milhares de pessoas nossas de origens africanas e a sentirmos viva me Nós.

Existem dias, hoje é um deles, em que você fica imaginando qual é o seu papel neste país e qual é o seu futuro nele. Como você vai reconciliar consigo mesmo, como a sua situação aqui e como você vai, comunicar à vasta, negligente, irracional e cruel ,maioria branca que você está aqui. Estou aterrorizado com a apatia moral, com a morte do coração, que está acontecendo em meu país. Essas pessoas se iludiram por tanto tempo que realmente não acham que eu sou humano. E me baseio na conduta delas, não no que elas dizem. E isso significa, que elas acabaram se tornando monstros mora. (Raoul Peck, 2017; James Baldwin, 2017)

Como Leda Martins nos mostra com profundidade e amplitude, a tradução das manifestações das memórias que se inscrevem em nós pessoas afro, compreendendo que também este se sentir, vem como umas das formas manifestas de nossas memórias coletivas inscritas em nossos corpos em performance (MARTINS, 2021, s.p.). Sem estarem estas presas no passado, mas presentes no corpo presente, no tempo presente com opera mais além (MARTINS, 2021, s.p.).

As artes me sustentam nesse processo. Sem elas, sabe-se lá como seria. Desilusão contínua que tenta nos assolar o cotidiano com o pior e reverter tudo e converter em bem-estar para Nós como uma obrigação nossa de seguirmos, potencializando a vida com ondas vibrantes de bem-estar. É muita loucura a vida de nós mulheres negras e as imposições atribuídas a nós. Como o simples gesto de se relacionar, descobrindo a cada dia novas formas de cultivar o amor e nossa dignidade e para muitas em meio a processos de violência doméstica. O amor em suas diferentes nuances e faces sempre será ato de resistência de nosso povo e das pessoas humanas serenas que desejam viver melhor neste planeta, como se vê no trecho da fala poética do filme "Se a Rua Beale Falasse":

O dia em que percebi que o Fonny estava apaixonado por mim foi estranho. Foi no dia em que ele deu aquela escultura para minha mãe. Eu jogava água na cabeça do Fonny e esfregava as costas dele na banheira. Uma época em que parece ter sido a tanto tempo. Eu não me lembro de termos tido alguma curiosidade nossa em relação ao corpo um do outro. O Fonny me amava muito. E isso significa que nunca houve motivo para vergonha entre Nós. Nós éramos parte um do outro, éramos unha e carne, que era tão natural que nunca pensamos na carne. E ainda assim, não foi nenhuma surpresa para mim, quando finalmente eu entendi, que ele era a pessoa mais linda que eu tinha visto em toda a minha vida." (Pensamentos da personagem Tish Rivers sobre seu amor Alonza, o 'Fonny'. Personagens do filme *Se A Rua Beale Falasse*, baseado no romance de James Baldwin) (James Baldwin, 1974)

Seguimos a partir de pensamentos como este, de amor e histórias naturais de Nós, nos quais somos vistas com nossa humanidade, principalmente no que diz respeito à minha vida e a importância que ela e tantas lutas têm, por não serem as histórias de superação que a branquitude decide valorizar e validar para nos "deixar ter um lugar no mundo", ilusão.

Em realidade, Nós pessoas negras, principalmente Muitas de Nós mulheres negras, que nos viramos em mais de dez para podermos estar no mundo, seguimos em diferentes momentos nos traduzindo o tempo todo. Carrascosa<sup>24</sup> (2018, s.p.) destaca o quanto estamos traduzindo o mundo e os signos do mundo a nós atribuídos para conseguirmos nos validar como mulheres, validar nossos corpos, nos validar como seres humanos pensantes e pertencentes a este mundo.

Traduzir minhas experiências existentes no campo da tradução enquanto artista e, principalmente, produtora cultural, professora, ativista negra e pesquisadora das artes da cena é uma experiência de desbravar mais e mais, pois a partir das muitas ausências que percebo, remanejo a vida, vivo, vejo caminhos e sinto. A potência criativa sempre é manancial. Então, da ausência tenho buscado trazer a presença. **Quando percebo o mundo sendo mostrado, ensinado, vivido, criado, representado, memorizado, movimentado sem nossas presenças em toda a parte, quando observo a ausências de Nós, pessoas afro negras com as nossas histórias, narrativas, pensamentos, criações, sentimentos, emoções, sonhos, construções, culturas, perspectivas de vida e futuro, sem nossos corpos, em almas em constante movimento, converto em arte presente. Em manifesto para drenar as toxinas, proporcionar bem-estar e belezas para curar e agradar nossas almas.** Sentir a resposta das pessoas é ainda melhor.

Ficamos sempre entre o deserto e o oásis. É uma dinâmica cansativa, não tem a ver com positivismo. Ainda que projetando o melhor, podemos melhorar a força das atrações que a Nós chegarão. Quando observo o fosso que está se consolidando em nossa sociedade e no mundo em que estamos vivendo, me inquieto e quero mudar tudo isso.

Quero mostrar que há algo errado que precisa ser visto, compreendido, repudiado, modificado, pois nos invisibiliza, exclui, apaga, mata. E muita gente negra em diferentes tempos, como nos de hoje, pode e deve estar sentindo as mesmas coisas. Precisamos agir,

---

<sup>24</sup>Frase expressa com destaque em conversa com a pesquisadora e professora durante minha orientação.

sem interrupção, mas se de tempo for preciso, que se faça tempo, e que no momento certo de cada um, sigamos revertendo este quadro.

A reversão disso vem lotada de sentimentos e sensações, isso dá repúdio e voz, mas o mais importante é potencializarmos nossas existências por nós mesmos, com apoio ou não, e trazermos nossa presença, que sempre é obra da natureza viva. A presença e muitas de nossas histórias vão fazendo a diferença e transformando as nossas existências e o mundo à nossa volta a cada ação, a cada movimento vivo de arte e cultura ativa.

Sigo buscando construir caminhos para existirmos no futuro – nossas gerações seguintes poderem encontrar situações melhores, já que a opressão vivenciada na UFSC nos forçou fazer, abrir caminho –, acredito que seja isso o que tenho feito com minha arte e movimentações culturais.

E ainda que não sejam visibilizadas todas as coisas que fizemos e/ou não possamos desfrutar muito bem delas, há pessoas que já chegam e encontram muitas coisas prontas e vão preparar outras tantas para os que virão, espero. É de suma importância compreender que tantas mulheres negras afrodiáspóricas passam por situações parecidas no Brasil e na América.

Quando li o texto de bell hooks *Vivendo de Amor* (2000), que muito me chamou atenção pelo título, muitas coisas relatadas pela autora com muitas especificidades da vida de mulheres afro-estadunidenses não me pareciam semelhantes às minhas experiências. Questões de desorganizações, insatisfações, e opressões, dentre outras coisas. Mas, nos anos de 2015 e naqueles que compreendem o período de minhas formações – graduação e mestrado – me identifiquei com o trecho em que ela destaca que mulheres negras não davam conta de manter parcela de suas coisas organizadas e ao mesmo tempo trabalhavam para manter organizadas as coisas de outras pessoas fora de suas casas. No texto ela enfatiza o fato de muitas mulheres negras estadunidenses serem trabalhadoras domésticas, mulheres que cuidam de vidas.

Para entendermos nossa estada neste mundo e nossa importância, que acaba por ser achatada, esmagada e desqualificada pelos falsos valores que este tipo de civilização violenta, seletiva, destrutiva, competitiva, materialista e sem limites, categoriza como real, precisamos desconectar do turbilhão e nos orientar de modo muito peculiar.

Vive-se uma realidade em comum com mulheres negras de diferentes formas, ainda que as agravantes das interseccionalidades possam nos aproximar ou distanciar, ser mulher negra artista é potente e batalha viva. São sempre os estereótipos de sucesso nos cercando,



seguimos driblando a desvalorização do trabalho negro, que para nós se agrava. Nas artes, esta é uma realidade explícita, estamos qualificadas para sermos cantoras e até atrizes, mas não para obtermos o protagonismo, destaque, projeções e salários equivalentes ao da maioria. Isso ocorre geralmente para um pequeno grupo, o que “correu atrás”, como se não passássemos uma existência batalhando por lugares justos neste mundo desigual que nos marginaliza. Em determinados nichos e espaços geopolíticos, somos muito solicitadas e valorizadas, mas sempre em número pequeno para termos reconhecimentos e remuneração justa e com igualdade racial em relação a outras artistas não negras. São altos e baixos da trajetória no setor cultural, em diferentes áreas.

Em determinados nichos e espaços geopolíticos somos muito solicitadas e valorizadas. São altos e baixos da trajetória. Em muitos aspectos e momentos da vida e carreira, o racismo e sexismo são muito determinantes em nos marcar, e precisamos nos superar para sermos a exceção para driblar os perigos. A vida negra que se repete dobrada: real e ficcionalizada.

Estas são recriações exageradas do racismo que nos marca e nos atribui um único lugar, o de práticas e papéis marcados. Recria-se na vida real lugares exclusivos e marcados nos quais querem colocar pessoas negras e as atrizes e atores negros, na ficção, na dramaturgia. Nós atrizes saímos destes lugares únicos, marcados, marginalizados e subalternizados, somente se esta produção for concebida e dirigida por uma pessoa negra ou não negra totalmente engajada e qualificada para atuar com o antirracismo, questões raciais, artes negras e branquitude nas artes – o que é raro, mas há poucas pessoas boas –, ainda estamos em processo de mudança no Brasil.

Dentre tantos processos, promoções e realizações, uma das minhas/nossas produções coletivas marcantes foi um exercício que fiz muito na universidade para criar e produzir minhas performances, conceber e organizar ações e encontros de arte negras, como ocorreu com o I e o II EPRACUAMA - Encontro de Práticas Culturais de Matrizes Africanas.

Um exercício de ação descolonial de inovação e promoção de artes negras da cena e de culturas de matrizes africanas na universidade que idealizei, coordenei e produzi por meio do Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros e pela Kurima Bantu Mulheres.

Ação essa que realizei com intuito de me/nós nutrirmos de conhecimentos que necessitava para o período de formação das epistemologias afros da cena negra, para que pudéssemos suprir a precariedade do ensino que sofremos com a oferta predominante do ensino hegemônico eurocentrado da UFSC. Nada há de diferente entre o curso de Artes

Cênicas que eu cursava na época dos encontros (2016 e 2018) e a maioria das universidades brasileiras, a prioridade ainda é dar ensino de qualidade e referências culturais brancas para pessoas brancas. Daí a nossa necessidade de criarmos um encontro de arte e ensino, com práticas culturais e artísticas com profissionais, artistas negras/os para nos qualificar e auxiliar no processo de ensino, enfrentando o sucateamento da universidade.

### 2.1.1 QUEM PODE EXISTIR?

Neste Segundo Ato Performático Descolonizante questiono: "Quem Pode Existir?"

Por meio de uma lógica ontológica profunda, lançada sob o cenário acadêmico e social conflitante e contraditório que tenho vivenciado, sob seus valores que são concebidos e marcados por **FALSAS IDEIAS DE RAÇA, GÊNERO E CLASSE** principalmente – ainda que se alie a outros sistemas e dinâmicas de violência que ilustram as teorias de Crenshaw (2005, s.p.), **SÃO INSUSTENTÁVEIS**. Ideias e valores **culturais RACIAIS** de **povos branco-brasileiros** são pouco aplicadas em amplitude no que tange a participação e direitos de todas as pessoas em suas propostas, valores e leis nacionais e universais que garantem o acesso e proteção, que englobem "todos", mas que, em realidade, atendem a "apenas alguns".

mudança nas existências humanas que se impulsionariam a viver a desconhecida democracia geral, nacional. Por que isso ocorre?

Nesse contexto, que mais lembra uma guerra desigual, resta lutar e lidar com as ausências, as lacunas, as violências de um racismo institucional que não tem limites em uma estrutura toda moldada e alicerçada para atender valores e normativas ocidentais branco-brasileiras.

Por isso nos gerimos e trazemos nossas epistemologias para a universidade em nossas artes, pesquisas, atividades extracurriculares. Os mais ousados, como eu, nos atrevemos a organizar projetos de extensão inovadores e iniciativas mais notáveis pelos grandes esforços que fazemos para que tudo aconteça durante os períodos de formações. Não é fácil enfrentar uma estrutura que já é nociva e violenta entre os seus pares, imaginemos como é violenta quem ousa desafiá-la questionando o sistema educacional de poder universitário tido como excelente e universal, o pensamento eurocentrado dos seus currículos, ensino e intelectuais e pesquisadoras/es majoritariamente focados no hegemônico branco. Como destaque, o questionamento na minha área, as artes, me servindo da tradução que me possibilita acessar e traduzir as encruzilhadas destes vieses das culturas de raça, constitui-se em um ato fissurante,

transcendente, como também um ato curativo, principalmente quando observamos nossas conquistas.

Esse acesso leva à necessidade de fazer análises de experiências performáticas e reais destes processos humanos de negação de direitos e de privilégios ocorrentes diante de uma temporalidade de poder que não será permanente, assim como as injustiças. Principalmente as que se configuram em consequência da negação de nossa participação natural e orgânica na vida planetária, social, cotidiana, e aqui no contexto acadêmico.

Você sabe o que é ter que criar um espaço seu/para os seus iguais e com os seus, para sobreviver às violações do apagamento e da invalidação cotidiana, num cenário de guerra intelectual racial, de gênero, classe e que pode se somar a outras violações a cada diversidade humana afetando-nos de forma geracional e capacitista? Quem faz parte dos povos marginalizados historicamente sabe exatamente do que estou falando.

Como os conhecimentos nada universais estão construídos e formatados culturalmente em raça e gênero, hegemonicamente pelas construções do patriarcado branco brasileiro, as pessoas – estudantes, docentes, TAES -, que se deslocam deste ambiente ao questioná-los, que não se sentem à vontade, ao ponto de adoecerem pela ausência cultural, epistemológica de seus grupos raciais, se solicita ou traz conhecimentos novos para aquele espaço, muitas vezes são hostilizadas – pois neste espaço a regra é “não se questiona, se absorve ou fracassa” .

Porém, diante dos tempos de fascismos em que vivemos, passa da hora de mantermos nossos semelhantes. Eu diria que estes são tempos piores, pois se soma a eles a imposição racial de um grupo sobre outro, sendo que o primeiro não quer aceitar mudar e finge não entender o ponto de mudança ou pouco faz para modificar os sistemas e estruturas. Eles fazem sempre soar o que não é ou simplesmente transformam, invertem nossas reivindicações, denúncias e pesquisas científicas, dados e questionamentos sobre nossas ausências, as violações de nossos direitos, as hegemonias e privilégios, como se o caos que a cultura e as práticas da branquitude nos causam fossem meras observações desconexas, nada relacionadas e inadequadas ou inexistentes, nãoé?

Hall (2016) coloca que, em uma dimensão, somente a diáspora suporta compreender as traduções que surgem neste movimento, estado, situação, localidade que exigem que nos fortalecemos coletiva, ancestralmente, e é pela força ancestral junto aos conhecimentos históricos que podemos lidar com esta diversidade de situações e dimensões diaspóricas. A

garantia de nossas existências está no acesso às nossas origens, histórias e culturas, pois elas intencionalmente foram apagadas. O acesso e a produção de conhecimentos e vivências de Nós asseguram uma vida saudável.

Como seguir vivendo sob a força continuada da assimilação de uma cultura que nos é imposta como normal e nacional, universal, que nos anula e invisibiliza nossas origens e conhecimentos? Sem que haja sequer uma conexão cultural com a qual de fato nos identifiquemos, em que haja senso de pertença? O que fica para nós a não ser estarmos perdidas/es/os e sem sustentáculos, ainda que pareça mais fácil e "democrático" estarmos habituadas/os a esta cultura tida como nacional e de perspectiva universal? Que existências se mantêm vivas e saudáveis sem seus sustentáculos originários de pertença, ancestralidade, de identificações culturais e históricas? Quantos povos resistiram à ruptura cruel de suas raízes originárias e se ressignificaram continuamente ante os processos das permanentes imposições culturais sob violações físicas, emocionais, e psicológicas por outrem num permanente processo de desvinculamento forçado de si mesmos, ainda que resistente, sem que ocorresse um conseqüente enfraquecimento, uma semi-morte humana, pelo esvaecimento de Nós? Quantos povos resistiram a tudo isso?

Seguimos numa busca cotidiana de estratégias para prosseguirmos vivendo, o que não seria diferente na academia, pelo sustentar de nossas epistemologias negras, afrodiáspóricas e africanas que subvertem espaços sociais e educacionais racialmente hegemônicos, para inserirmos nossos previstos e incontáveis conhecimentos pela Lei Federal 10.639/03, alterada pela 11.645/08, principalmente para produzirmos nossos conhecimentos e modos de vida?

Apagam-se conhecimentos, se apropriam dos que lhes convêm, como da história do Egito, a antiga Kemet, que em tradução significa "terra dos homens pretos". Há tradução e histórias reais recontadas e registradas em pesquisas acadêmicas feitas pelos filósofos e demais estudiosos desta nossa herança africana. No Brasil, pode-se citar o Dr. Reanto Nogueira, Mestre Katiucia Ribeiro, Dra. AzaNjeri. Na África, o Dr. Molefe Ketu Asanti e nosso ancestral, o Dr. Cheik Anta Diop, dentre muitos outros. São histórias antigas que fisólogos/as, intelectuais, ativistas, coletividades africanas, do Brasil, dos EUA, dentre outras diásporas que gradualmente de forma crescente, vem retirando as tintas do branqueamento histórico de de nossas histórias e demais patrimônios imateriais e materiais roubadas.

Os roubos e apropriações coloniais dissimuladamente, camuflaram de branco o que pertencia a África a há mais de três mil anos como Kemet, o atual Egito, "A Terra dos

Homens Pretos” dentre muitos outros. Os homens brancos enriqueceram a Europa com nossos terousosmateriais e simbólicos históricos. Monumentos, artefatos e heranças de África encontram-se distribuídas pelos saques que brancos gananciosos roubaram e alguns governos na atualidade acreditam que somente devolver é a solução. A reparadora que a Europa deve fazer aos povos de África, aos descendentes dispersos pelo mundo devido à escravidão, pelas milhões de vidas exterminadas e nossas histórias, mundos roubados não há precedentes. A filósofa Katiucia Ribeiro Pontes diz que:

O projeto do ocidente é vulgar. E porque que ele é vulgar? Poque ele vulgariza qualquer outro processo de epistemologia de pensamento so ser, que não seja ele mesmo. Ele não dá conta nem dele mesmo. Se a gente for parar para pensar, uma mulher branca, que é definida dentro dos modelos ocidentais. Quem definiu o que é ser mulher para ela? Nem foi ela, nem foi ela que disse eu quero ser isso. Não foi alguém que disse: Você é isso.[...] E uma pergunta que eu sempre faço na primeira aula de filosofia: “A filosofia para vocês, ela dá possibilidade de pensar o que é o ser? Ou ela diz qual é o sujeito a ser pensado?” [...]Ela diz, ela não te dá. E aí o Mogobe Ramose vai dizer: A filosofia exclui a filosofia. E por que a filosofia exclui a filosofia? Porque ela parte de um caráter particularista da filosofia. Porque ela tem uma perpectiva particular de compreender a filosofia. Porque se ela não tivesse uma característica particular, ela não entenderia a filosofia como uma filosofia universal. Mas, ela entenderia a filosofia com uma perspectiva plusiversal. Não existe um modelo de filosofia, existe filosofias. Então quando a gente pega o Davi Kopenawe [...], pega o Mogobe Ramose e você pega o Sr. Felisberto [...]porque filosofia como a gente aprende não é um título acadêmico[...] Porque os modos operante da filosofia que nós aprendemos não é esta filosofia particular[...]o Mogobe Ramose ele faz uma crítica inclusive, quando a gente têm que aprender filosofia assim como a gente esta aprendendo(faz um gesto mostrado a sala de palestra), ele vai dizer que a filosofia quando ela entra na acadêmia, ela aí que torna uma filosofia particularista, porque ela vai determinar qual é o modelo de filosofia que você tem que estudar[...] Até Platão e Sócrates se vissem como a gente aprende filosofia tinham uma síncope[...]porque não foi esse omodelo de filosofia..., mas a estrutura colonial, racional que o racismo moderno precisa criar este modelo de filosofia, para determinar quem são os agentes da filosofia.[...] E aí sempre, como diz o Ramose dar privilégio aos protagonistas da exclusão. Que são osiurugus, os maribalaque são os brancos ocidentais que vieram ao mundo para roubar, matar e destruir. Onde eles entram é para isso. Para matar qualquer perspectiva de mundo que não seja a deles. Destruir: qualquer forma subjetiva do sujeito. E roubar essa realidade e trazer para dentro deles (PONTES, 2018, s.p.)<sup>25</sup>

Os grupos humanos europeus assolaram os grupos humanos de África e outros grupos do planeta. Agora parcelas significativas de seus descendentes irresponsavelmente repetindo suas histórias, seguem na contemporaneidade querendo nos retirar nossa humanidade.

A Filósofa Katiucia Ribeiro Pontes (2018), ao travar a luta decolonial pelo ensino das histórias das filosofias africanas, como a difusão da pluriversalidade dos pensamentos

---

<sup>25</sup> PONTES, 2018 s.p. – Transcrição de trecho da palestras feitas por PONTES que realizei para este trabalho. Assim como a presença da sigla s.p. esta associada às muitas transcrições que eu realizei de vídeos em palestras, encontros, aulas, conversas, relatos com as falas das/os autoras/es, pesquisadoras/es, mestras/es, sábias/os de nossas matrizes africanas, presentes em toda a pesquisa. Nota da autora.

filosóficos, ao possibilitar uma conscientização acadêmica pelo ensino de outros conhecimentos e cosmovisões, marginalizadas e ocultadas. Ao discutir a filosofia e dar acesso às nossas histórias, estas rompem e tratam de ir dismantando a cristalização mental em nossas mentes e conhecimentos que as mentiras históricas promovidas pelas dominações de diferentes momentos históricos.

Nos retirando das margens construídas pelas filósofos europeus, na academia e sociedade ante a intelectualidade eurocidentalizada, nos mostra a partir da Filosofia como se configurou o projeto colonial, pois a universalização da origem do conhecimento como grego e europeias, assim como Mogobe Ramose e outros teóricos filósofos africanos, afrobrasileiros e outras/os afrodiáspóricas e de outros povos se indignam com a promoção do epistemicídio, pela invalidação que a auto projeção deste grupo faz com os povos africanos e demais povos do mundo. Possibilitam a nós observar o mar de farsas históricas que estamos inseridas/os e pensamos a vida, o mundo. Neste trabalho, ainda vou chegar a contestação do pensamento fraco e empobrecido e ganancioso e acima de tudo pretencioso, pela conjuntura de dominação se colocaram como modelo e centro do pensamento universal humano a partir de uma filosofia eurocentrada, pensada majoritariamente por homens e demais pessoas brancas ocidentais. Então, repito a pergunta:

### *Quem pode existir?*

Estes foram os motivos que me levaram a lutar por uma disciplina de conhecimentos que não partem de perspectivas eurocentradas e de grupos de pessoas que as produzam ou reproduzam na universidade. Construir propostas acadêmicas que nos levem a novas cosmovisões está para além dos atravessadores/as que trabalham com falsas inserções e na prática seguem em movimentos discriminatórios, coloniais, racistas, sexistas e com muitas outras interseccionalidades aparentes, que se fazem presentes para somente ocupar em sentido de manter a dominação dos espaços e inviabilizar as transcendências, que são consequências do tempo e da vida humana. Nós que vivemos sob mira e ataque das opressões sem descanso, podemos quando interessadas/os e entregues, contribuir, produzir como extrair muitas possibilidades de inovações em nossas áreas de conhecimentos. Isto, é algo que tenho experimentado, a arte como obra e como meio, dispositivo sensibilizador, dinamizador, tradutor, contador, como muitas outras possibilidades.

A partir daí haverá reflexões e análises tradutórias como performance, sempre sob uma perspectiva artística existencial. Em outras performances que foram realizadas, é

necessário identificar os desajustes, os crimes, como marcar a falha acadêmica que hegemoniza o ensino. Questiono a subalternidade que me delegam e que seguem nos delegando enquanto povo, que insistem manter como mentiras para que sejam estabelecidas sob e sobre Nós.

Provoco e rompo os silenciamentos impostos nesta academia e propomos o desmascaramento. Performo sob diferentes formas de manifesto e questões históricas, sociais, regionais e acadêmicas, das artes pelas e nas artes como as traduzo para que não restem dúvidas do que se quer ocultar, roubar, violar, matar, aniquilar e apagar.

Querem que mulheres sejam eternas pessoas subalternizadas desviantes e ocultadas, que nos esquivamos de inúmeras maneiras de suas práticas naturalizadas insalubres, das pensadas armadilhas e violações de direitos, de inveja, vingança ou meramente recreativas a Nós direcionadas?

Figura 2 – Performance no 8M com estudantes de artes cênicas, na recepção dos calouros 2019-1



Fonte: Acervo pessoal, 2019.

Como a academia, com sua cultura branca e zona de alta violência étnica e racial branca, sexista com suas outras violências entre eles promovidas, zona de brutal, de disputa produtiva se transpõe sob almas que habitam corpos negros e outros não brancos nestes espaços?

Tradução Afrodiásporica que precisa ser marcada, difundida e acessada, bem como compreendida por outras/os tradutoras/es negras/es/os que desconhecem dispositivo e aprender a lidar com ele, seguirei neste processo permanente. O que faz com que cada página deste trabalho, sejam momentos importantes desta descolonização individual e propositiva em curso, que se abre para a coletividade negras e humana em prática performática tradutória, pela desestruturação e reestruturação de espaços universitários.

Nesta minha produção tradutória performativa descolonizante me utilizo das Epistemologias das Traduções Afrodiaspóricas para iniciar com um momento especial e caro para mim: minha trajetória de mulher negra afrodiaspórica e a de outras mulheres negras ou vidas negras.

Para esta tarefa, utilizo de minhas conexões ancestrais e da condição que carrego na/da diáspora afro-brasileira, para realizar uma produção performativa de minha existência, relacionada a coletividade afro à qual pertencço e onde tenho origens. Faço uso das nossas existentes epistemologias ainda mais fortalecida, inspirada e alicerçada afrodiasporicamente e decolonialmente, conforme Carrascosa aborda:

Epistemologias da Tradução – Os nossos operadores conceituais de tradução funcionarão como bússolas recalibradas que ao invés de magnetizadas pelo binômio norte-sul, operarão apontando para o Oriente dos pontos em que estivermos localizados – aquilo que lermos como negro-local ali nos pontos de fuga dos projetos de nação. As formas eurocentradas de ler e traduzir terão seu volume diminuído ao mínimo na intersseccionalização de conceitos e experiências e experimentações subjetivas transnacionais e transidentitárias. O projeto decolonial e negro-feminista farão a recalibragem deste instrumento náutico para corrigir-nos dos perigos da invisibilização dos lugares afrodiasporicamente potentes em seu porvir de conexão nas rotas negro-atlânticas, para que possamos distinguir modernidades outras. (CARRACOSA, REIS, AUGUSTO, CAMPOS, FARANI, SOUZA, 2017, p.22)<sup>26</sup>

Eu agora, revertida em reinvenções cotidianas e ressignificações temporais de mim mesma, muitas e muitas vezes por tecnologia ancestrais de (re)existência– conexões com o sagrado, pela música/canto, dança e contações das narrativas afrodiaspóricas do passado, presente e sempre trabalhando em perspectivas para o futuro. Perspectivas essas que sinto cada dia mais necessárias, para a construção de caminhos de fortalecimento individual cotidianos e coletivos que se consolidem como meios reais para que possamos viver, nesta sociedade brasileira que não foi pensada ou feita para nós, pessoas negras.

---

<sup>26</sup> Citação (...Souza) – Na publicação as autoras em introdução manifesto assinam “NÓS”, desta maneira alguma citação com a denominação NÓS de “*Traduzindo no Atlântico Negro[...]*” foi a denominação que se deram em na escrita coletiva da publicação.



Isso concorda com o que afirma o líder e escritor dos direitos civis afro-estadunidense James Baldwin em suas cartas, nos anos 1970, que são transmitidas ao público pelo filme sobre sua vida "Eu Não Sou Seu Negro", uma denúncia de um país que não pensou nos povos negros e que produziu um caos racial e social, violando drasticamente gente negra de seu país. Sinto que sua manifestação diz muito sobre a nossa situação e característica do Brasil.

Um país que foi construído por mãos negras e cultua uma mítica democracia racial construída no pós-abolição não permite dissolução, pois em realidade é essa ideia que dá sentido à vida dos povos brancos que, privilegiados e dominantes na sociedade, tentam nos enganar com a convivência limitada e a aprovação de algumas políticas por nós criadas, silenciando o quanto podem as violências e desigualdades abissais .

A histórica de manter o racismo vivo: pela branquitude camuflagem de sua presença ativa notória, mas não assumida, que se estabeleceu politicamente pela mítica da democracia racial dos anos 1930.

Ronaldo Salles Júnior (2006, p.229) explica esse mito foi forjado nas políticas nacionalistas populistas de Estado para a quebra das oligarquias que concentravam poder e na intensa dominação social, bem como por ideologias tradicionais raciais.

Junior explana sua perspectiva sobre o período histórico em que se estabeleceu o mito da democracia racial

A inclusão do "negro" deu-se por meio de políticas nacional-populistas de integração subordinada das classes e grupos populares e pela redução dos poderes das oligarquias tradicionais com suas ideologias racistas. As políticas sociais, nesse período, não se definiam como intervenção compensatória ou redistributiva, mas se inscreviam num movimento de construção nacional e de integração social, mesmo que subordinada. Dentre essas políticas, podemos citar a criação da legislação trabalhista e do Ministério do Trabalho, que provocou uma revolução nas relações laborais no Brasil, mas que, além de deixar os movimentos e os sindicatos dos trabalhadores de fora da direção dessa revolução, subordinou-os por meio dos chamados sindicatos "pelegos"; outra política do Estado foi a criação da "Lei dos 2/3", que estabelecia que as empresas instaladas em território nacional deveriam cumprir a cota mínima de 2/3 de trabalhadores brasileiros em seus quadros, atacando assim a exclusão da população brasileira, em grande parte negra, do mercado de trabalho, motivada pela intensa imigração de trabalhadores europeus que eram preferidos para ocupar os postos de trabalhos das empresas (cf. Guimarães, 2002). Contudo, em seu nacionalismo, o Estado Novo não desenvolveu ações abertamente racistas contra a diáspora negra e, ao contrário, propagou a ideologia da "nacionalidade morena" do "povo mestiço", que sustentava o populismo nacionalista de Vargas, o "pai dos pobres", quebrando parte do poder das oligarquias regionais que se sustentava também sobre o domínio racial. (JÚNIOR, 2006, p.229)

Observando que ao aproximar o povo e principalmente concluir uma maior dominação social e racial, o Estado com seus interesses assegurados, quebrando os ideais de dominação política das oligarquias racistas e classistas brancas, estabelece uma integração racial subordinada com as populações negras marginalizadas do pós-abolição, sob critérios de *cordialidade racial*, como Júnior denominou (2006, p.230). A cordialidade que é condicionada às regras sociais, ao "bom comportamento dos povos negros, indígenas e asiáticos", inferiorizados hierarquicamente, definidos por um tipo de tolerância condicionada a um comportamento aprovável pelos padrões que os povos brancos-brasileiros dominantes estabeleceram e impuseram aos nossos antepassados e aos de outros povos. Júnior define que:

No plano das práticas sociais cotidianas, consolidou-se o que denomino "cordialidade racial". A "cordialidade" das relações raciais brasileiras é expressão da estabilidade da desigualdade e da hierarquia raciais, que diminuem o nível de tensão racial. A cordialidade não é para "negros impertinentes". As relações cordiais são fruto de regras de sociabilidade que estabelecem uma reciprocidade assimétrica que, uma vez rompida, justifica a "suspensão" do trato amistoso e a adoção de práticas violentas (JÚNIOR, 2006, p.230).

Minhas avós viveram naquele momento histórico e mostravam o que era viver sob controle de pessoas de que não tinham a sua posse, pois elas eram livres, mas que as regras desiguais e do racismo desumano de pessoas brancas e que se pensavam brancas, não paralisavam suas vidas. Mas limitavam as ações cotidianas do trabalho, convívio em família e social com amor, educação resistente (pois os excluía), lazer resistente (eram proibidos de entrar em bailes de brancos). Então criaram os seus desejos e sonhos da resistência (ainda que seguissem para viverem naquela sociedade).

Era como adequar nosso comportamento e posturas para que fôssemos "dignos de conviver com eles", ou seja, sob limites de convívio estabelecidos pela subordinação que eles queriam. Era cultivar as vidas cotidianas como "normais e racialmente democráticas", ou seja, no que diz respeito às falsas ideias e crenças em sua superioridade humana e às práticas racistas notórias nas sociedades estruturadas pelo racismo no Brasil. Certamente irão negar e ignorar signos, narrativas que compõem a semiótica do racismo protagonizada pelas relações de cordialidade onde o discurso racista está expresso pelo não-dito, conforme colocado por Ronaldo Salles Junior (2006, p. 231):

A cordialidade é uma espécie de tolerância com reservas, associada ao clientelismo e ao patrimonialismo nas relações sociais (cf. Viotti da Costa, 1999), reproduzindo relações de dependência e paternalismo. A associação entre cordialidade,

clientelismo e patrimonialismo parece ser parte da explicação da manutenção de um racismo institucional não-oficial – relações sociais difusas e informais que se infiltram e "aparelham" as instituições oficiais. A articulação de cordialidade, clientelismo e patrimonialismo configura o que denominamos de "complexo de Tia Anastácia", no qual a pessoa negra aparece "como se fosse da família" ou como sendo "quase da família". A proximidade social quase nunca transpõe o limite do "como se" ou do "quase". No "complexo de Tia Anastácia", mesmo as contigüidades são distâncias. Esse complexo foi instaurado pelo que denominamos integração subordinada, que define as formas hegemônicas em que se apresenta a discriminação racial: o estereótipo racial e o não-dito racista (JÚNIOR, 2006, p.230-231).

O autor traz narrativas que compõem repertório notório que identifiquei nestas práticas performáticas, como as práticas signais estereotipadas e sob pessoas negras, que observo sempre serem manifestações de performances cotidianas. Estas que são constituídas de gestuais corporais – narrativas ou gestos ou ambos ou esquemas indiretos -, em que tem a intenção de mostrar à vítima a sua ideia de superioridade sobre si mesma (pessoa branca ou que se pensa branca) e a inventada inferioridade da pessoa atacada.

São repetidos signos, estereótipos herdados das práticas de seus ancestrais desde a escravidão e que vêm sendo atualizados desde o pós-abolição até os dias atuais, que conformam as práticas violentas do racismo, mas legalmente estão configuradas com distinção como crime de racismo e crime de injúria racial, a depender da manifestação. O que dificulta a diminuição e coibição das práticas criminosas, banalizadas pela sociedade branca principalmente, como sendo manifestações culturais passíveis de pedidos de desculpas e não crimes.

Então, lhes pergunto: "Quem pode existir?"

E enquanto pergunto acredito que deva ser essa uma questão necessária e familiar para o campo da filosofia. São perguntas que faço enquanto uma artista tradutora afrodiaspórica das pessoas, de suas experiências humanas e de suas culturas raciais.

Trazer pela Tradução Afrodiaspórica os recortes especificados para melhor compreensão das Traduções das Culturas de Raça ante ao fato de raça ser um construto político e social, onde os grupos compartilham padrões de culturas e crenças, ainda que esta não seja uma transmissão de ordem biológica ou genética, mas sim, a consequência de sociedades racializadas, conforme afirma Stuart Hall (2016). Dessa maneira, delinear os recortes anteriormente apresentados das Culturas de Raças nesta pesquisa pode ser um meio de contribuir para questões como as que estão sendo analisadas na área da educação,

encontrar caminhos antirracistas de fato éticos, pois onde há opressão de qualquer gênero instalada não pode haver a presença da ética.

Vejo possibilidades da identificação e coibição de outras opressões e sistemas culturais que se intersseccionam às práticas racializadas e racistas, de facilitar os processos tradutórios das questões raciais, como as de cunho hegemônico- das/es tradutoras/es em seus fazeres tradutório descolonizantes, bem como facilitar outros processos de práticas descolonizantes. A identificação de diversas questões tradutórias e as marcas das Culturas de Raça contribuem no trato da problemática em si deste construto social e político de desdobramentos econômicos e psicológicos, podendo facilitar a localização da tradutora ao ampliar suas possibilidades reflexivas e de mundos

É difícil descrever em poucas palavras o turbilhão de micropercepções que são constantemente necessárias para reconhecer padrões e impulsos racistas. Digo impulsos, ao invés de ações, porque fui educada para não agir de maneira ofensiva, mas nada me falaram sobre os impulsos racistas que são cotidianamente produzidos e reproduzidos no encontro com pessoas negras: um segurar de bolsa; um sentimento de desconfiança e estranhamento; uma certa condescendência; um certo esforço para ficar à vontade; uma ponta de arrogância; um pouco de medo... É assustador ver os germes dos seus próprios monstros, mas ao mesmo tempo é libertador se reconhecer e ter o poder de se transformar. Fui criada dentro de gestos racistas da falaciosa democracia racial, onde reina a meritocracia. É triste, perturbador e revoltante conseguir enxergar e ouvir através das rachaduras, buracos e fendas feitas nos filtros brancos que me estruturam. Também dá medo e, ao mesmo tempo, promove coragem para o movimento de transformação. Escolhi ser atriz como profissão pela paixão à transformação promovida pela alteridade. Porém, até então, eu só me encontrava com personagens brancas. E, mesmo aquelas que não eram, acabavam sendo branqueadas pelo filtro racista da minha percepção. Para além do seu papel instrucional, os encontros pedagógicos eram espaços seguros, de acolhimento, cumplicidade, sinceridade e, acima de tudo, de provocação. Eles me impeliam à ação. Quanto mais nós conversávamos e quanto mais eu estudava, mais eu sentia a necessidade de agir dentro das minhas possibilidades pedagógicas, administrativas, familiares e afetivas  
Profa. Débora Zamarioli, Artes Cênicas UFSC (ZAMARIOLI, 2021)

É preciso que nos dediquemos ao trato destas questões, voltando nossa atenção cotidiana. Isso amplia o campo de perspectivas das pesquisas de NÓS pessoas humanas. E de novas perspectivas tradutórias, que sempre chegarão e estarão para além das culturas hegemônicas do conhecimento e dos próprios Estudos da Tradução. Está presente na vida planetária, nas análises, traduções culturais e nas identidades diversas, dos lugares sociais, de gênero, raça, geração que cada pessoa que traduz, ocupa, bem como as que irão ser traduzidas em seus respectivos espaços sociais e mundos.

### 3. ENTRE AS PERFORMANCES, AS CULTURAS E AS RACIALIZAÇÕES

*Por que o material de nossa intervenção performática foi jogado no lixo*<sup>27</sup>? A acadêmica negra<sup>28</sup> responsável pela elaboração do projeto procurou obter informações e recuperá-los, mediante explicações quanto a finalidade da exposição e o valor dos materiais, mas ao questionar o paradeiro desses, deparou-se com o desrespeito – tendo em vista o tratamento ríspido aliado às respostas da servidora e da funcionária terceirizada de serviços gerais: "(...) pare de criar caso por conta de papel!! ", e ainda, "(...) limpei tudo, que estava uma sujeira e joguei tudo fora no lixo". Não houve qualquer justificativa pertinente, considerando ainda questões burocráticas que a situação poderia envolver<sup>29</sup>. Como desfecho do episódio, a servidora questionada instaurou um processo administrativo em face da estudante, alegando que a 'insistência' na busca pelos materiais demonstrou desrespeito ao seu trabalho. O relato mencionado foi descrito pela organizadora responsável pelo projeto e as frases que compuseram as instalações foram baseadas em imagens capturadas durante a intervenção, caso contrário esta discussão não seria possível, pois assim como o racismo<sup>30</sup> em sua expressão mais fugaz, nenhum material foi localizado. Os questionamentos acerca do sumiço dos materiais silenciaram (?) – será que o racismo foi eliminado com os materiais daquela intervenção? E se a reclamação quanto ao sumiço dos materiais tivesse como reclamante um/a estudante ou professor/a branca/o, os encaminhamentos seriam semelhantes?[...] Trecho do texto da Psicóloga e Mestra em Psicologia Social Renata Lima, Fundadora e Diretora do Coletivo Kurima( LIMA, 2017)

Nós, povos de origens africanas em África já naturalmente nos utilizávamos das performances desde nossas/os primeiras/os ancestrais e não seria diferente na atualidade artisticamente ou na vida comum no cotidiano. Já que em África, em muitas culturas as manifestações culturais são aprendidas para apresentarmos à nossa comunidade nossas performances com excelência de desempenho, da melhor maneira que pudermos, mostrar e doar o nosso melhor (CARDOSO, 2020)<sup>31</sup> nos mais diversos contextos. Nas cosmovisões de parcelas significativas dos inúmeros povos de África naturalmente têm as artes, culturas, conhecimentos, saberes, sagrados integrados o fator de não se dissociarem. Algo que vem sendo observado e repassado nas manifestações de diferentes povos, onde as suas relações

<sup>27</sup> Trecho do texto disponibilizado para esta pesquisa pela autora, completo nos anexos deste trabalho.

<sup>28</sup> A acadêmica que foi mencionada neste breve relato é professora de canto, acadêmica do curso de Artes Cênicas e membra de movimento estudantil negro na mesma instituição em que foi realizada a intervenção.

<sup>29</sup> O espaço utilizado pelo projeto é comum às exposições e atividades do curso de Graduação em Artes Cênicas. O espaço foi solicitado à administração do Centro com finalidade de estudo/ extensão, portanto, era de conhecimento de técnicas/os administrativos, coordenação, direção, além das/os funcionárias/os responsáveis pela limpeza contratados por empresa terceirizada.

<sup>30</sup> O sociólogo Oracy Nogueira caracterizou o racismo no contexto brasileiro como preconceito de marca e não um preconceito de origem. O primeiro determina uma preterição, o segundo, promove uma exclusão incondicional dos membros do grupo abrangido. Desta forma, prevalece uma hierarquia racial sustentada por um certo ideal de branqueamento, que busca 'corrigir' por meio da mestiçagem o saldo populacional de um processo de abolição sem reforma agrária e indenização dos libertos, que depositou sólidos investimentos na imigração europeia que se encarregariam dessa tarefa civilizatória (BARBOSA, 2015).

<sup>31</sup> CARDOSO – fala da Prof. Ana Paula Cardoso - disciplina Artes Negras e Culturas de Matriz África.

com artes, sagrado, conhecimentos de nossa existência ancestralidade aqui e na espiritualidade, em nosso contato ancestral com toda esta nossa natureza que nos constitui e dá forma às nossas vidas neste planeta, acontecem e simplesmente se constiui.

As performances são práticas ancestrais herdadas como manifestação de vida, arte e cultura como, observamos no cotidiano dos muitos povos africanos e nas diásporas. Uma das mais antigas e mais conhecidas civilizações africanas e sim, com presenças de africanos de pele escura, pretos.

Questão corporal criada pela colonialidade para dominar e legitimar seus projetos - da escravidão ao genocídio africano, se posse das vidas africanas para exploração e roubo -, de construções, apropriações de nossas heranças históricas como as Kemet, atual Egito, nomeado pelos conquistadores europeus de Kemet, dentre outras civilizações. No Brasil, estes estudos tem sido mais amplamente difundidos na atualidade, o que acredito que as barreiras das línguas tenham os impossibilitado de acessá-los.

Nossas alternativas foram as inscrições da memória que se transcriam em nossas performances, neste constante movimento. As outras linguagens se ampliaram para que o repasse de nossos conhecimentos ancestrais permanecesse vivo e acessado até hoje. Nossas

A grande ruptura que Nós, povos de origens africanas sofremos com o desastre do projeto colonial, da escravidão e vivemos o fenômeno cotidiano do racismo atuais. Nossos/as ancestrais de África carregaram em seus corpos todos os conhecimentos, conforme Leda Maria Martins - escritora, poeta, teatróloga, e teórica referência em teatro brasileiro, principalmente o teatro negro -, delineia em seus estudos de performances aprofundados. Nestes estudos das performances dos povos de origens africanas, ela nos traz importantes questões-chave sobre nossas traduções e transcrições. Conceitualmente, a partir dela comecei a localizar diversas práxis de meus trabalhos, realizados antes de obter acesso aos seus estudos conceituais, que nos dão respaldo para os trabalhos dentro da academia, como para a difusão e ampliação de nossas epistemologias. Venho me familiarizando em processo reverso, de alguns conceitos específicos e métodos, pois fui construindo e desenvolvendo minhas práticas culturais de matrizes africanas e alguns métodos de trabalho nas artes da cena nestes anos, onde me deparei com as ausências epistemológicas e dos referências bibliográficos nos cursos de artes da universidade. Entre garimpos pela internet, em tempos de poucas produções nas artes da cena negra, diferente do momento atual. Segui pesquisando e criando a partir do canto e da cena, conformando e desenvolvendo minhas próprias práticas nestes anos de

estudos, conexões, ressignificações, aprendizagens e ensinamentos no universo das epistemologias de variadas culturas e cosmovisões de matrizes africanas e como das artes negras da cena, principalmente durante a graduação.

Estive em contato com manifestações de matrizes africanas e artes negras da cena em terreiros, junto a mestras/es das manifestações populares, das escolas de samba, artes negras da cena, dança, música negra contemporânea e tradicional em campo, nas mais diversas conexões e trocas culturais. Conexões regionais, nacionais, transcontinentais e transatlânticas com práticas culturais diversas locais catarinenses e com migrantes africanas/os de Guiné Bissau, Cabo Verde, Benin, Angola, Senegal, Etiópia. Afrodiáspóricas/os do Haiti, Cuba, República Dominicana, Nova Iorque (EUA), Santa Catarina, em Florianópolis, com as Sras. da AMAB – Associação Antonieta de Barros, Grupo Samba 7, com as comunidades do Morro do Maciço, Velha Guarda da Escola de Samba Copa Lord, Arrasta Ilha, Africatarina, Capoeira Mestre Corvão, Casa Espírita Vó Maria Conga, Escola de Umbanda Pena Verde, Escola de Capoeira Mestre Adão, Associação de Moradores Vila Aparecida, Sociedade Recreativa, Esportiva e Cultural Clube Novo Horizonte. Em diferentes regiões brasileiras de Minas Gerais onde estive com mestres quilombolas dos visungos como mestre Sr. Pedro de Alexia (de São João da Chapada) e mestre Ivo Silveira (Milho Verde) visungueiros do crioulo São Joanense e de Milho Verde; como quilombolas dos reinados como mestre Euclides dos quilombos de Contagem, falante de benguela os Arturos, mestra Pedrina, do reinado de Contagem. Em São Paulo, Rio de Janeiro, diferentes regiões da Bahia como no Extremo Sul da Bahia em Porto Seguro com Miriam Silva, do Brasil Chama África, com o indígena de origens afroindígenas Jaguatirí. Em Lima (Perú) com Ernestina Ochoa e mulheres afroperuanas da AMUNETRAP – Asociación de Mujeres Negras Trabajadoras del Perú em articulações, com Cecília CENEMUNEP. Órgãos e/ou setores e/ou gestoras/res de instituições públicas e privadas de esferas municipais, estaduais e federais como COPPIR, COMPIR, CEPA, UFSC, UDESC, UFSB, UFMG, Ministério da Cultura do Perú, com Susana, AWID, dentre muitas outras vivenciadas em campo, como a promoção da visibilidade destas na universidade e sociedade.

E no próprio movimento de transcrição das aprendizagens em que sigo me conectando e (re)orientando nas encruzilhadas que vão se apresentando nos caminhos para mim. As vejo como possibilidades de vida, como epistemológicas artísticas e em suas mais profundas cosmovisões. Meu envolvimento com as performances Bantu, que transcribo e

ressignifico, tem sido processos de constantes movimentos sincréticos entre acessos, presentes ancestrais Batu que me acompanham e as Yorubás, as Kemeticas e, como Leda Martins coloca alguns apontamentos sobre as performances do tempo espiralar, que ao falar sobre a diversidade das culturas e povos africanos, matricialmente, nos fortalece em uma observação que procuro sempre destacar quando estou em sala de aula é sobre a diversidade não são apenas sincréticas. Encruzilhadas. Leda Martins coloca que rasurando, seguimos enfrentando as opressões e construindo nossas epistemologias, identifico na teórica e poetisa afro-brasileira a descrição de trajetórias como a minha, que mulheres negras e outras pessoas negras tem trilhado. Trabalhos rasurantes continuados, a tradução como performance desta produção vem nesta pelas/nas artes e tradução como dispositivo antirracista e descolonizante.

[...] transcriam em todas as Américas. Conhecimentos que são muitíssimos importantes nas constituições das Américas. Então, conhecimentos eu costumo brincar que: não foram trazidos pelo chips, pelos pendrives, não foram trazidos nem pelo livros. Foram transcritos pela inscrição da memória do corpo em performance[...].(MARTINS, 2021, s.p.)<sup>32</sup>.

Por isso as performances dos povos afros tem um sentido e uma episteme ampla, que também são as heranças ancestrais a que tanto me refiro, muito amplas e diversas. Estas que carregamos na diáspora e em África, pelas memórias de conhecimentos e subjetivações grafadas em nossos corpos e performances. Pois, após a experiência da travessia infame herdamos a sofisticada forma ancestral das resistências e inteligências de nossos ancestrais.

Sobre este contexto histórico vivenciado pelas/os nossas/os ancestrais africanos situados como “Os primeiros modernos”, observações importantes de acordo com as argumentações feitas por Toni Morrison em entrevista (ESHUN, 2003), relacionadas aos sofrimentos e a forma de sobrevivência dos povos africanos da época colonial. Ao massacre da escravização e de seus efeitos nobre nossos ancestrais que sofisticadamente, reinventam. As condições em que nossos conhecimentos, saberes e memórias, foram transcritos na Américas e a levantaram, segue um processo de transcrição de memórias em nossos corpos em performance (MARTINS, 2021, s.p.), sob a insuportável opressão e vulnerabilidade existencial.

Se davam processos tradutórios, que desde meu ingresso na pós-graduação, observo como preciosidade, dentro de uma potente diversidade de processos: transcrições,

---

<sup>32</sup> Citação – Esta citação de Leda Maria Martins é um trecho da fala da teórica, poeta e referencia em de teatro negro, que transcrevi do vídeo da aula magna realizada em março de 2021, na Universidade de Brasília, aos Cursos de Artes Cênicas, on-line. O vídeo encontra-se nas referências desta pesquisa. Nota da autora.



criolizações diversas, que senti pela ausência. Sem referências oferecidas na pós, fiquei com lacunas epistemológicas e de ensino. Que fui garimpando e me preenchendo como consegui com as epistemologias específicas recebidas, encontradas, pesquisadas ou por mim adaptadas e dentre elas o livro “*Traduzindo no Atlântico Negros: Cartas Náuticas para Travessias Literárias*”. Ler ele, avistar, me articular pelas e com as encruzilhadas tem desdobrado e diversos processos, um dele é o tradutório epistêmico de aprendizagem transcriação.

Seguir aprendendo e pesquisando sobre amplas, valiosos estudos e história da tradução no Brasil, ainda pouco explorada e mal visibilizados tem sido muito importante, pois estou neste processo por meio das oralituras, teoria e metodologia de Leda Maria Martins que vem se ampliando a referencia nas artes, para além do público das/os artistas negras/os – altamente recomendado e acessado - nas Artes Cênicas.

Estas questões que dialogam e são explicitadas de diferentes formas Por muitas/os de nossas/os intelectuais afros, aqui observo o esmiuçamento ancestral das pesquisas de Leda Martins e o entrecruzamento deste fenômeno tradutório corporal de nossas performances, aliada a sofisticação de nossas/os antepassados que passaram pelo contexto do seqüestro e escravidão. Este destacado em argumentado pela escritora Toni Morrison as/os “situou como primeiras/os da modernidade”.

E a questão argumentada por Morrison segue sendo pouco vista e tratada com a profundidade, senso de realidade do holocausto e das atrocidades coletivas geradas, como das da/dos povos africanos e as/os nascidos das diásporas, sem tratar suas reexistências e sofisticações, como os importantes valores civilizatórios diversos, como referências para as gerações seguintes de nossa humanidade.

Então, nesta com Paul Giroy, crítico e teórico afro-britânico do “Atlântico negro”, a escritora afro-estadunidense Toni Morrison situou na história quem foram de fato os primeiros seres humanos modernos:

[...] os sujeitos africanos que vivenciaram a captura, o roubo, a mutilação e a escravidão foram os primeiros modernos. Eles sofreram condições reais de vulnerabilidade existencial, da alienação de deslocamento e desumanização que filósofos como Nietzsche, mais tarde, definiram como condições essencialmente modernas. E em vez de civilizarem os sujeitos africanos, o deslocamento forçado e a reificação que constituíram o comércio transatlântico de escravos tornaram a modernidade para sempre suspeita (ESHUN, 2003, p.165 ).

A experiência do roubo, sequestro violento tão ignorado e normalizado pelas descendências atuais dos colonizadores, somente mostram a gravidade da problemática instalada entre Nós e o medo destes, do povo negro retomar seu lugar. Medo de sua revolta,

de uma devolução de tudo o que tem sofrido na dominação temporária destes, medo deles que (re)existem, ao pesadelo de suas aterrorizantes investidas contra Nós.

Considerados os primeiros modernos, esta é uma importante consideração, de que pelas condições violadoras impostas aos povos africanos, ante a este trauma colonial acrescido da percepção da desumanização, que trago como ponto-chave de ser pensado e tratado nesta pesquisa. Se reinventaram tecnologicamente a si mesmos em terras estranhas, ante ao inimigo mortal. Somente portando seus corpos e almas, com tudo o que lhes viera de África dentro de si, pois deles foi tirado tudo, até as indumentárias. Estes traumas continuam a moldar a era contemporânea e as nossas performances se transcendem, para além de conceitos limitados e limitantes, nos permitem transcriar. E estas traduções por transcrição de si, foram e podemos ver como atos revolucionários.

O que é a performance?

[...] Como que pela corporeidade, pelas performances da oralitura, como que através das oralituras, se transcriam nas Américas todos estes saberes que vem pelos mares oceânicos, que vem pelas águas à contra gosto, trazidos pelos nossos ancestrais? E aí, repetindo um fala, ou seja, sublinhando do que? Os nossos ancestrais não navegaram sós. Estavam eles ali, com corpo nu, mas estavam vestidos de toda uma gama fabulosa de conhecimentos que ele transcriam em todas as Américas. Conhecimentos que são muitíssimos importantes nas constituições das Américas. Então, conhecimentos eu costumo brincar que: não foram trazidos pelo chips, pelos pendrives, não foram trazidos nem pelo livros. Foram transcriados pela inscrição da memória do corpo em performance. Então, uma gama muito variada de conhecimentos. Eu gosto muito de acentuar que são conhecimentos científicos, técnicos, tecnológicos, medicinais, de engenharia, de arquitetura, de músicas, de dança, de sistemas religiosos muitos complexos, de filosofia (MARTINS, 2021, s.p.).

Diferente do teatro as performances tem uma gama ainda maior de possibilidades e fazem parte da experiência humana. Sobre as performances temos uma vasta gama de possibilidades e teorias, presentes em todos os grupos humanos:

O teatro negro introduziu elementos novos pouco utilizados no gênero no Brasil, que até então bebia principalmente de fontes européias. Uma das contribuições foi a exploração do corpo como um elemento vivo em cena, através da performance, técnica que reúne teatro, dança e canto. Outro mérito importante foi a aproximação entre atores e público, ao explorar elementos das pessoas por meio de uma linguagem natural ao seu cotidiano, segundo a atriz Evani Tavares Lima, autora da tese “Um olhar sobre a prática teatral do Teatro Experimental do Negro (TEN), no Rio de Janeiro, e o Bando de Teatro Olodum, em Salvador (TAVARES, 2010, s.p.)

As questões específicas entre estudos da performance, da raça, das relações raciais, étnico-raciais que são as áreas vou direcionar atenção nesta recorde da pesquisa, pois me interessam nestas análises, neste caso para além das artes, nas transmissão profundamente

enraizados e tradicionais sempre se apoiam em convenções, estilos e molduras espaciais e temporais.

Nos negócios, nos esportes, e no sexo, “realizar performance” é fazer algo no nível de um padrão – ter sucesso, ter excelência. Nas artes, “realizar performance” é colocar esta excelência em um show, numa peça, numa dança, num concerto. Na vida cotidiana, “realizar performance” é exhibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes. “Realizar performance” também pode ser entendida em relação a: - sendo - fazendo - mostrar fazendo - explicar “mostrar fazendo”. “Sendo” é a existência por ela mesma. “Fazendo” é a atividade de todos que existem, dos quarks até seres conscientes e cordas supergaláticas. “Mostrar fazendo” é desempenhar: apontar, sobrelinhar, e exhibir fazendo. “Explicar ‘mostrar fazendo’” são os estudos performáticos. É bastante importante distinguir estas categorias entre si. “Sendo” pode ser ativo ou estático, linear ou circular, que expande ou se contrai, material ou espiritual. Sendo é uma categoria filosófica que indica qualquer coisa que as pessoas teorizam como a “última realidade”. “Fazendo” e “mostrar fazendo” são ações. (SCHECHNER, 2006, p. 28-51)

Temos trabalhos diversos que tratam da *performances da negritude, negras, africanas, afrodiáspóricas de matrizes africanas, as específicas de povos como performamnces bantu, zulus, dentre inúmeros* e estas são notórias.

Mas como localizar, identificar, traduzir/interpretar, compreender a diversidade das *performances cotidianas psicopolíticas de raça?* As que dizem respeito aos povos racializados e suas práticas, ações, gestos, performamnces cotidianas ou não?

O que são e como se dão traduções da performances cotidianas psicopolíticas de raça

A elaboração advém de observações e estudos das performances que tenho realizado, sob a perspectiva ocidental, em sua particularidade de um dos tipos de performances classificadas por Richard Schechner (2006), teórico que se orienta pela pelas performances teatrais, atuação e da antropologia (MARTINS, 2021). Alicerçadas nas performances da vida cotidiana conceituadas pelo autor, podemos compreender o este tipo de performance específico, observado no cotidiano, se relaciona com os repertórios notórios das performances das culturas de raça, que como TAVARES (2020s.p.), explica que a violência racial é um dispositivo político e FANON(2008), inova a sua área tratando das questões psicopolíticas, das mentalidades humanas alienadas pela máquina destruidora colonial colonial.

Mas voltemos um pouco há algo anteriormente mencionado, a **performance da vida cotidiana**. O garçom logo ali adiante (estamos em um café na cidade de Paris no mês de fevereiro do ano 2010) move-se através do recinto vestindo uma espécie peculiar de roupa que o identifica como garçom e não como um cliente; ele tem acesso à cozinha; ele serve bebidas e comidas de uma certa maneira, com um certo estilo; ele recebe dinheiro dos clientes. E tudo isso ele faz em um lugar claramente marcado – por força da chamativa placa de neon e de outros meios de anúncios e de convites – como um restaurante. Em resumo, o garçom sabe o que ele está fazendo e onde ele faz o que faz. O garçom está cômico de que o que ele faz não é o que os

clientes ali fazem ou mesmo o que o cozinheiro e os administradores estão fazendo. Cada um desses personagens atua um papel diferente. O garçom está atuando, performando ser um garçom; o cozinheiro, um cozinheiro, etc. E embora o garçom possa não dizer “Eu estou atuando como um garçom”, mas “Eu estou realizando o meu trabalho”, o seu trabalho é uma performance que realiza (não apenas é) um garçom. E isso se aplica a qualquer outro tipo de trabalho e papel social. Cada trabalho e papel social prevê um vestuário, gestos e ações que lhe são peculiares, uma forma de representação, e, também, um lugar em que são encenados. Assim, podemos agora mencionar que quando estudamos a atuação no teatro ou na vida, o ato de estudá-los constitui Estudo da performance.(SCHECNER, 2010, p,7)

De acordo com Martins (2021, s.p.), ainda podemos nos valer e utilizar dos estudos da performance, das encruzilhadas e com elas nos articularmos, devido a serem áreas de amplas possibilidades para/de configurações. Sabemos que as performances poderam se repetir, no caso de uma pessoa que trabalha com outra que lhe ataque todos os dias, por estarem juntas é um tipo.

O padrão que estabelecem para fazer algo, mostrar algo, apresentar e as performances do racismo, pois uma de suas altas motivações é o ego, a ilusão de uma superioridade que esta sempre em dúvida, o medo, as inversões e distorções de si mesmo projetadas nas pessoas, para se sentir bem no mundo que constói (KILOMBA, 2019, p.33-46). Estes são algumas dos muitos problemas psicológicos das populações brancas, como afirma a psicanalista e artista KILOMBA(2019). Porém, para além de se repetir a atividade ação todos os dias de forma parecida, no caos de uma pessoas racista, compreende-se que as prática do racismo além de termos as notoriedade dos tipos e conjunto de práticas, ainda há a repetição do fenômeno. O caso não é constar a existência do racismo e sim identificar localizando a notoriedade da praticas que são performaces, também tem intencionalidade. E se uma pessoa negra não tem sossego cotidianamente, porque sempre há um ou mais sujeitos racistas a lhe importunar, uma ou mais pessoas negras que passam pelo fenômeno, com iguais ou diferentes sujeitos as praticas, as performances que estão sendo repetidas e mostradas, sempre sem uma intensão.

Como um a pessoa pode fazê-la repetidas vezes de diferentes seus padrões de mostra, apresentação. Uma pessoas racista não vai mostrar sua indignação de estar no mesmo lugar que uma árvore, mas vai sempre se inquietar quando ver uma pessoa negra ou outra não branca, e isso acontece porque ela vou uma pessoa negra ou indígena e não que ela viu uma árvore. Os padrões se associam as questões do psicológico das pessoas racistas alienaos como fatores políticos, pois ser uma pessoas branca é símbolo de superioridade (KILOMBA, 2020, s.p.)para estas pessoas acometodas psicologicamente e politicamente daí termos um fenômeno

psicopolíticos, devido a amenação mental e ideias políticas coloniais, separatistas, reacionárias como afirma TAVARES (2020, s.p.),

Para as performances ocorrerem por exemplo quando um tipo de racista é o “bacana” pode surpreender muita gente. Se o tipo do incomodo que motivar sua performance caso do formas no mesmo de motivado, pelo racismo, caso veja uma pessoas negra com algo que lhe faça se sentir menor que ele, ou tendo o que ele acredita que ele merece. MOREIRA(2020) explica um casos como este de racismo recreativo e traduz uma experiência pessoal, onde um rapaz da escola, que já não era tão legal pelo que ele conta, fez uma prática racista na tentativa de humilhá-lo, com o seu cabelo.

As performances da vida cotidiana podem aparecer de diversas formas e como coloca Schechner(2006, 28-51) destaca: “um padrão – ter sucesso, ter excelência. Nas artes, “realizar performance” é colocar esta excelência em um show, numa peça, numa dança, num concerto. Na vida cotidiana, “realizar performance” é exibir-se, chegar a extremos, traçar uma ação para aqueles que assistem. No século XXI, as pessoas vivem pelos meios da performance como nunca viveram antes”

Observando por meio das encruzilhadas articuladas com o conjunto de práticas culturais e as áreas do conhecimentos que podem ser identificadas, englobadas em suas características, por meio das performances humana e suas consonâncias ente si. Articulando estudos envolvendo comportamentos humanos que se destacam por práticas corporais, que originam performances no cotidiano social, experimentei a articulação destas com outras áreas afins das humanidades.

Observando para esta elaboração as Performances que denotam em Práticas corporais com gestuais e narrativas da vida cotidiana, nas: áreas da cultura(estudos culturais, praticas culturais, tradução cultural), psicologias, psiquiatria, que são consonantes com os estudos da performance, os das psicologia social, psiquiatria, das relações raciais, étnico-raciais e tradução.

Diante da possibilidade destas encruzilhadas se articularem será possível qualificar, especificar por alguns marcadores e categorizar um agrupamentos de performances em recortes já identificados e outros novos que orientem e abram novos tipos articuladas com os demais. Ou seja, todas fazem parte do comportamento humano e possuem características que possibilitam a orientação destes recortes e suas identificações a partir das performances como ponto inicial e incomum (de base, partida).

Seus tipos sociais/artísticos/antropológicos identificadores/classificadores possibilitam observar os recortes e os tipos de performances, como já é feito, porém como uma articulação entre áreas do conhecimentos que qualificam estas performances mais amplamente dentro das performances teatrais, da atuação e antropologia. Como a base construída por Schechner (2006, p. 28-51), que ampara esta elaboração pelos tipos de performances que ele categorizou e que podemos ampliar sua gama, pelas variações existentes, não classificadas, denominadas. Vale destacar que de seus tipos as que interessa são as performances humanas, do tipo cotidianas.

A partir destas performances categorizadas como cotidianas, aqui pensadas para o contexto das relações sociais, as performances cotidianas (SCHECHNER, 2006, p. 28-51), articulando a elas recortes de cultura, raça, psicológico torna-se possível identificar/ traduzir/ interpretar novos tipos de performances mais específicas com intentos de traduzir/interpretar existentes performances do cotidiano social. Estas que ancoradas por pesquisas que trarei aqui para os estudos da tradução, da psicologia social, da tradução cultural e dos estudos culturais articuladas aos estudos das performances, como explica Martins desta ampla possibilidade existentes nos estudos da performance (2021 s.p.).

As classificadas e identificadas como performances cotidianas nesta elaboração pensadas no âmbito das relações humanas, com recortes suas específicas relações raciais e étnico raciais, que podem se intersseccionam aqui com gênero, classe, que destacarei. Elaborando um conjunto articulado com as Trduções Afrodiaspóricas na Diáspora, pelas culturas de raça (HALL, 2016, 55), podendo: localizando/identificar/traduzir/interpretar padrões por signos, gestos e narrativas notórias, identitárias, artísticas, compartimentais.

Este conjunto de performances podem vir a contribuir na tradução/interpretação de questões diversas nas artes, tradução e outras áreas da sociedade.

A tradução destas performances considero uma importante, que pode contribuir na identificação e alteração, coibição e exaltação de práticas culturais, que se mostram, se apresentam e tem características de performance por seu caráter intencional determinante para o reconhecimento destas, enquanto performances. E como já há reconhecimentos das performances humanas em diversos âmbitos inclusive as performances racistas.

Uma tradução altamente importante de situação social extremamente banalizada e de quadro social descontrolado, pensando de alguma maneira em contribuir nos processos de tradução, interpretação e métodos de identificação das violências raciais. Ainda que estes

fazer-práticas-violações que denomino performances cotidianas psicoculturais de raça, sejam notórios entre os grupos praticantes e suas vítimas em nosso país e no âmbito global. O alvejamento dos corpos de pessoas negras para as violências raciais normatizadas socialmente são repulsivas, assim como o livre extermínio racial dos grupos negro e indígenas são ambos crimes graves, pois racismo é crime hediondo. Violações do direito da pessoa humana existir e dever ser coibidas, banido do país e planeta tais práticas, como outras violadoras das vidas humanas. A vida humana sempre precisa ser cuidado e protegida em primeira instância por todas e todas as pessoas que se considerem seres humanos de comportamento humanizado.

Sobre as performances, como há uma vasta gama de trabalhos que tratam das questões de culturais afro-negras, africanas, afrodiáspóricas, negras, da raça, das relações raciais, étnico-raciais:

Cada uma dessas práticas parênteses o teatro, a dança, o ritual, o esporte, as atividades lúdicas, os jogos, encenações coletivas, atos artísticos e mesmo expressões pulsionais emotivas parênteses são modos subjuntivos, liminares vírgulas gêneros performáticos cujas Convenções, procedimentos e processos não são apenas meios de expressão simbólica, mais constituem em si o que institui a performance. Ou seja numa performance da oralidade, por exemplo, o gesto não é apenas uma representação mimética de um sentido possível, veiculado pela performance, mas também institui instaura a própria performance. Ou ainda, o gesto não é simplesmente narrativo ou descritivo mais performativo. As práticas performáticas não se confundem com a experiência ordinária, são sempre Provisórias E inaugurais mesmo quando se sustentam em modos e métodos de transmissão profundamente enraizados e tradicionais sempre se apoiam em convenções, estilos e molduras espaciais e temporais, ainda que pegadinhas farenses por exemplo, a constituição e designação do espaço, seja ele o edifício tracinho teatro, a rua, o beco, praça pública, igreja, auditório ponto e, ou ainda a modulação da duração temporal em horas, dias, anos fecha parentes. (MARTINS, 2021, p.65)

Ocorre que estas ações e características que vão dar presença e materialidade ao racismo provêm unicamente de seus agentes diretos no campo da tradução eu encontrei identificações e traduções específicas que atendessem a compreensão das comunicações, para além das línguas. Contemplam na identificação de seus gestos corporais como ações intencionais do racismo, ao mostrarem, apresentam seu poder simbólico racial e/ou o descontentamento deste sob as presenças dos que considera inferiores. Estas ações, práticas culturais que acabam por ser performances que envolvem relações culturais e interações de inúmeras formas diretas ou indiretas.

A imagem de seus corpos brancos corpos, a imagem que atribuem a qualidade exclusiva a si mesmos de seres humanos e o modelo perfeito destes perante os outros grupos não aceita ser racializado e referido tal qual se refere aos demais grupos humanos. Ou seja,

este grupo racial que se considera o “ser humano perfeito”, “o modelo de perfeição” compreende que os demais “certamente devam ser seres humanos que apresentam problemas ou imperfeições”.

Vale lembrar que no mundo delirante e ilusório da ideologia da raça, das ideias eugenistas de raça pura, na colonialidade (QUIJANO, 2005) com seu racismo, na ideologia do racismo só há espaço para o grupo a parcela majoritária e crente em “ser o tido como modelo humano de superior perfeição” Modelo este que eles mesmos se classificaram hierarquicamente, como desqualificaram os demais grupos humanos. A briga começou entre eles há muitos séculos atrás como os estudados de diversos especialistas como pelo Prof. Dr. Kabenguele Munaga, congolês, naturalizado no Brasil, antropólogo cultural, de carreira que tem contribuído por demais nas pesquisas sobre os povos afrobrasileiros e africanos em nosso país. Professor-titular aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP; professor convidado da Universidade Federal do Recôncavo Bahiano autoridade em questões raciais, étnico-raciais nos explica sobre as origens das ideias de raça a partir do século XVI, e sobre sua etimologia ele coloca que

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o uso para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada. Como a maioria dos conceitos, o de raça tem seu campo semântico e uma dimensão temporal e espacial. No latim medieval, o conceito de raça passou a designar a descendência, a linhagem, ou seja, um grupo de pessoa que têm um ancestral comum e que, *ipso facto*, possuem algumas características físicas em comum. Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que si identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se considerava como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes. (MUNANGA, 2004, s.p.)

As classificações raciais entre os povos étnico franceses, se classificando como grupos raciais a partir de hierarquias biológicas, pelo “sangue azul” dos Francos colocando-se como “puros”, exaltando suas habilidades e inferiorizando os considerados



populares “Gaulenses”, vem de uma treta<sup>33</sup> antiga dos brancos entre os brancos. Mas, que com o passar dos séculos com as ideias e construções hierárquicas de classe se manifestaram entre os ibéricos. Como coloca MUNANGA (2004, s.p.) sobre o histórico das origens da falsa ideia das diferentes raças hierárquicas, ainda que não exista a Europa com seus problemas sociais, políticos e econômicos atravessaram aos outros povos não brancos. E junto com diversas ideias que visavam poder, dominação de um povos sobre outro, lançaram mão da falsa ideia da superioridade de sua forjada raça e destroem povos neste momento que escrevo, da mesma maneira que banaliza um tipo de escrita como a minha, pois para manter sua estrutura. O que tem haver com o conceito limitado de humanidade destes povos desde aqueles tempos

As descobertas do século XV colocam em dúvida o conceito de humanidade até então conhecida nos limites da civilização ocidental. Que são esses recém descobertos (ameríndios, negros, melanésios, etc.)? São bestas ou são seres humanos como “nós”, europeus? Até o fim do século XVII, a explicação dos “outros” passava pela Teologia e pela Escritura, que tinham o monopólio da razão e da explicação. A península ibérica constitui nos séculos XVI-XVII o palco principal dos debates sobre esse assunto. Para aceitar a humanidade dos “outros”, era preciso provar que são também descendentes do Adão, prova parcialmente fornecida pelo mito dos Reis Magos, cuja imagem exhibe personagens representantes das três raças, sendo Baltazar, o mais escuro de todos considerado como representante da raça negra. Mas o índio permanecia ainda um incógnito, pois não incluído entre os três personagens representando semitas, brancos e negros, até que os teólogos encontraram argumentos derivados da própria Bíblia para demonstrar que ele também era descendente do Adão. No século XVIII, batizado século das luzes, isto é, da racionalidade, os filósofos iluministas contestam o monopólio do conhecimento e da explicação concentrado nas mãos da Igreja e os poderes dos príncipes. Eles se recusam a aceitar uma explicação cíclica da história da humanidade fundamentada na idade de “ouro”, para buscar uma explicação baseada na razão transparente e universal e na história cumulativa e linear. Eles recolocam em debate a questão de saber que eram esses outros, recém descobertos. Assim lançam mão do conceito de raça já existente nas ciências naturais para nomear esses outros que se integram à antiga humanidade como raças diferentes, abrindo o caminho ao nascimento de uma nova disciplina chamada História Natural da Humanidade, transformada mais tarde em Biologia e Antropologia Física. (MUNANGA, 2004, s.p.)

A limitação de que a Europa era o centro do mundo ajudou para que estas ideias hierarquizantes vigorassem e se difundissem culturalmente, fossem repassadas como

---

<sup>33</sup> Treta – palavra periférica que pode expressar desentendimento em diferentes níveis. Ao menos assim aprendi há muitos anos morando na periferia e trago este sentido para esta palavra. Que pode ser desde uma confusão entre partes, como uma briga pesada, um problema não resolvido ou do passado. Palavra corrente usada por grupos negros das favelas e demais marginalizados principalmente das periferias que tem códigos e linguagens de pertencimento orgulho e proteção, das zonas marginalizadas das cidades. É tida como expressão de “maus elementos”, ou seja, pessoas que não se deve esperar confiança ou que tidos a vadiagens, más companhias, em resumo os julgamentos em torno de palavras como esta típicos do preconceitos e formas racializadas de desqualificar pessoas por raça, classe, tribos, grupos. Pois. Para percebo esta palavras como periférica. Treta faz parte das linguagens negras e agstei de colocar ali naquele trecho, para demarcar que brancos tem brigas, fazem badernas e deixar explícito que a coisa não estava tranqüila, as ideias não estão legais e vieram deles.

universais, com a contribuição do combustível da dominação racial que é a violência sobre os povos dominados, colonizados, inferiorizados. Estes por mais que não o sejam, pode se sentir ou se colocarem, como são colocados em situação de inferioridade. A subalternidade construída é degradante. O que é uma realidade da força das situações sociais que são construídas a partir das resultantes desigualdades.

A hierarquização das raças teve um propósito, que era legitimar a escravidão dos povos africanos política e religiosamente, concentrados, como já coloquei em outros momentos nestas pesquisas. Os arranjos feitos visaram o sucesso de um projeto colonial ibérico que deveria dar certo e não importava que haviam vidas em jogo. O fator inferiorizante e o poder da igreja e da monarquia era que valia, foi também o fortalecimento do poder destes povos. MUNANGA promove um caminho reflexivo histórico desde a origem de como iniciou o problema da raça, mostrando que as classificações não hierarquizantes fazem todo o sentido no comportamento humano. Como podem ser mais uma de nossas ações, o que poderia ter ocorrido naquela época, para contribuir na organização dos pensamentos humanos, mas que não fazia sentido era a hierarquização. Um ser humano ser melhor que outro, não sendo, não fez sentido e deu início ao problema por meio de uma suposta ciência, no racismo científico. Ele nos ensina provocando a reflexões, questionando

Por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes? A variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento. É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. A classificação é um dado da unidade do espírito humano. Todos nós já brincamos um dia, classificando nossos objetos em classes ou categorias, de acordo com alguns critérios de semelhança e diferença.

O europeu pelo racismo científico se autotransformou em branco e classificou os demais grupos como sendo amarelo “inferiores”, ameríndios são “quase não humanos” gradualmente, negros “não sendo perfeitos e nem humanos”, “são tidos como inumanos, desumanizados, como a escravidão. Classificações chulas que pela suposta ciência reacionaram fatores biológicos físicos como a cor da pele e adicionaram qualidades morais e intelectuais, culturais a partir da genética. O que estas construções significam a partir da falsa ideologia da raça, construto político, social e cultural promove o genocídio, sem controle na atualidade. E estas histórias se repetem pela falsa ideia construída incutida no imaginário coletivo alienado e colonizado (TAVARES, 2020), como desta cena

Um marginal perigosos pode ser anunciado como foragido, sem antes descreverem o elemento e este é um homem de ser de origens européias, de pele branca, estatura e porte físico grande, pode ser mal educado, falando sozinho e mal arrumado, rasgado, pois rasgou a roupa na fuga do roubo, nem estar não muito limpo. A polícia ao passar por ele, pela confiabilidade falsa e a proteção contruída que este corpo recebe, pela ideologia da raça, assegurada aos corpos e vidas das pessoas brancas é imoral e criminoso. A polícia nem questiona, se questiona é outra abordagem, mas neste casos, passou por este cidadão bandido e não fez nada. Para ele olhou e não deu atenção. Ele consegue fugir livre de seu crime. Começar novamente, em outro dia, em outra cidade, com novos roubos como pretendia. Na outra rua chegando do trabalho, no final da tarde ainda era dia, um trabalhador negro e um indígenas andando juntos, os dois são parentes e vão para o mesmo destino, a comemoração na casa da família. Estão tomados banho e com pacotes de presentes na mão, conversando e dando algumas risadas, andando se, pressa, finalizaram mais um dia de trabalho e iam chegando em casa, quando... Se quem desse tempo para se manifestarem, a polícia chega atirando e não lhes resta um fio de vida para saberem porque estavam recebendo aquelas balas. O que que eu fiz?(LIRA, 2021)<sup>34</sup>

### Sobre a falsa ideias de raça MUNANGA(2004) explica

[...]na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito alias cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem. A invalidação científica do conceito de raça não significa que todos os indivíduos ou todas as populações sejam geneticamente semelhantes. Os patrimônios genéticos são diferentes, mas essas diferenças não são suficientes para classificá-las em raças. O maior problema não está nem na classificação como tal, nem na inoperacionalidade científica do conceito de raça. Se os naturalistas dos séculos XVIII-XIX tivessem limitado seus trabalhos somente à classificação dos grupos humanos em função das características físicas, eles não teriam certamente causado nenhum problema à humanidade. Suas classificações teriam sido mantidas ou rejeitadas como sempre aconteceu na história do conhecimento científico. Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças. O fizeram erigindo uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação. MUNANGA, 2004, s.p)

Mesmo as colônias tendo legalmente acabado, segue a cultura que se mantém, ao mesmo tempo que se renova secularmente, ao camuflar velhas práticas, hábitos e mentalidades. Se ocorre uma necessidade de chamar uma pessoa de outro grupo racial ou de

---

<sup>34</sup> LIRA, 2021 – texto da autora utilizado em atividade de trabalho.

se referir a ela ou para desqualificar algumas pessoas ou o grupo, com raras exceções, na cultura da branquitude a pessoa irá se referir a uma pessoa de um outro grupo racial somente como um ser humano, pensando na pessoa como simplesmente uma pessoa o “Umberto” ou a “Jaqueline”, sem racializá-la? E sobre isso MUNANGA (2004) disorre percorrendo momentos da histórias e os movimentos que se amparam sob estas classificações, se reorganizaram no século XX, se modificando

A classificação da humanidade em raças hierarquizadas desembocou numa teoria pseudo científica, a raciologia, que ganhou muito espaço no início do século XX. Na realidade, apesar da máscara científica, a raciologia tinha um conteúdo mais doutrinário do que científico, pois seu discurso serviu mais para justificar e legitimar os sistemas de dominação racial do que como explicação da variabilidade humana. Gradativamente, os conteúdos dessa doutrina chamada ciência, começaram a sair dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais dominantes. Depois foram recuperados pelos nacionalismos nascentes como o nazismo para legitimar as exterminações que causaram à humanidade durante a Segunda guerra mundial. Podemos observa que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares.(MUNANGA, 2004, s.p.)

Hoje a polícia trata pessoas negras pobres, Lgbtqia+, mulheres negras como coisas, monstros algo que não pode mais perdurar em nossas sociedades e desenho na repetição indignada deste trabalho por muitas vezes, pelas teclas deste computador esta não aceitação denunciadora. MUNANGA(2004, s.p.) coloca que o racismo científico declina a partir dos anos 1970 e que sugem deslocamentos do eixo central do racismo para categorizar outros tipos de opressões que vão surgindo na sociedade.

As opressões de gênero, sexualidade, geração contra crianças, jovens e idosos, deficiências. Ocorre que estas são violências específicas para cada caso, mas muitas pessoas começaram a classificar como racismo, o que não são, salvo aos casos das violências interseccionalidades a raça (CRENSHAW, 2002, s.p.), como gênero e raça, raça e capacitismo, raça e infância, raça e classe, raça e sexualidade. Pois, salvo estas situações as associações destas problemáticas a estarem sofrendo racismo, sem serem casos de racismo e

peças de grupos racialmente inferiorizados, não há racismo, mas sim as problemáticas específicas.

E como alerta o pesquisador pode haver um esvaziamento e um desfocamento do problema real. Visto que na lei crimes de LGBTQIA+ encontra-se incorporado a lei que criminaliza o racismo, uma forma de desvio do próprio trato dos crimes raciais. Quando para este caso cheguem outros crimes e este deve ter uma lei específica que atenda com a devida atenção e rigor e não um improviso ou uma forma de deslegitimar todos os crimes banalizados. Sobre estes esvaziamentos MUNANGA(2004) coloca que

A concepção do racismo baseada na vertente biológica começa a mudar a partir dos anos 70, graças aos progressos realizados nas ciências biológicas (genética humana, bioquímica, biologia molecular) e que fizeram desacreditar na realidade científica da raça. Assiste-se então ao deslocamento do eixo central do racismo e ao surgimento de formas derivadas tais como racismo contra mulheres, contra jovens, contra homossexuais, contra pobres, contra burgueses, contra militares, etc. Trata-se aqui de um racismo por analogia ou metáfora, resultante da biologização de um conjunto de indivíduos pertencendo a uma mesma categoria social. É como se essa categoria social racializada (biologizada) fosse portadora de um estigma corporal. Temos nesse caso o uso popular do conceito de racismo, qualificando de racismo qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social. Esse uso generalizado do racismo pode constituir uma armadilha ideológica, na medida em que pode levar à banalização dos efeitos do racismo, ou seja, a um esvaziamento da importância ou da gravidade dos efeitos nefastos do racismo no mundo. (MUNANGA, 2004, s.p.)

Porque eles sabem disso e não fazem nada, vão jantar depois de escutar sobre a morte negra provocada pela ideologia que os sustenta e mantém outras ideologias. Importante como alerta MUNANGA (2004, s.p.).

Mas, ao contrário disso a branquitude racializa todas as pessoas que não sejam brancas e expressa isso por diferentes narrativas construídas culturalmente, que vêm sendo chamadas de práticas culturais. Enquanto isso, nos dos outros grupos racializados, e marginalizados, também nos racializamos em tudo. E para alterar isso, tratar do problema da raça urge.

Venho me dedicando aos Estudos das Performances pelo recorte racial a partir dos nossos lugares corporais (LIMA, 2017) desde 2014, pessoas negras, pessoas brancas, pessoas asiáticas, pessoas indígenas, pessoas pardas fora, as identificações corporais de raça e étnico-racial que tratei no projeto. Ministrando minhas coletivas e criando narrativas corporais e musical que performáticas-teatras problematizando os problemas raciais, a branquitude, o lugar que querem colocar pessoas negras, nossa volta maior sobre tudo isso com o trabalho com nossas tecnologias de (re)existência o canto e a cena, atuando com performances

manifesto, negras e as performances cotidianas da branquitude na univerdidade e sociedade em geral.

As performances e as pesquisas sobre elas, como as das performances da vida cotidiana, das relações de afetos e violências entre os grupos negros e brancos surgem destes encontros das relações raciais e étnico-raciais. Foram e ainda são estudos que me deixaram engajada. A eles mesclei os cantos tradicionais e contemporâneos para suavizar a densidade que a temática gera/va, ainda que as performances fossem de impacto e imersão, algumas eram propositivas e de convites à interação. Pois, como o tema é de desagrado social, as pessoas são resistentes a lidar com ele, e a ideia é que aproveitassem da melhor forma, sentissem elas eram elaboradas para provocar e tocar, das mais difentes formas.

Em zonas de afetos e dores. Do sensível bem estar ao repúdio. Algumas ao verem este nome, diziam não entender, a menção “afetos e violências entre grupos negros e brancos” da pesquisa e gostariam de saber o porquê. Afinal o que nos consolida nestas relações raciais? Acredito que a pergunta era mais de desconforto. Pois criamos afetos, amizades presenças em nossas vidas e nos relacionamos interracialmente e racialemnte, como sabemos que o racismo é violência e sempre chegam nestas relações de alguma forma, inesperada ou não. Porque nossa sociedade não tratou do racismo e do problema da raça como se deve ainda, assim como não tratou do sexismo, da lgbtqia+fobia, dos capacitismo e demais violências fóbicas. E isso só vai se alterar alterado o curso destes sistemas violentos estruturados que nos atravessam.

Por outro lado, explorar o tema com narrativa e sempre com imagens compõe performances que começaram na sala de aula e chegaram às instituições, formações de servidoras/es, docentes, estudantes, como ocorreu em especial em dois convites que recebi para fazer performances *na Semana da Psicologia, da UFSC*. Para lá levei uma performance que reunião tipos: ***a da negritude e de (re) existência*** no “*Conversando sobre Racismo e Falando sobre Racismo*”. Isso se deu em dois momentos: um de interação e conversas abertas motivadas pelos inúmeros painéis de imagens dispostos no espaço. Em outro momento eu falava do meu lugar corporal, que hoje se assemelha ao lugar de fala, mas sigo reforçando o nome corporal é para lembrar da minha/nossa corporeidade em cena performática, como das demais corporeidades no vida cotidiana.

Enquanto isso, eu seguia com minhas performances de perspectiva ética e afrodiaspórica descolonizante e antirracista com influências de diferentes pessoas.

A psicóloga e Dra. Maria Aparecida Bento explica que aspectos da branquitude quando esta em exercício do seu poder racial “O silêncio que não é apenas o não-dito, mas aquilo que é apagado e colocado de lado”. Como traz nitidez visual sobre este exercício: “O poder se exerce sempre acompanhado de um certo silêncio. É o silêncio da opressão”(2005, s.p). BENTO destaca sobre o sentido que traduz um desde gestos, que observo serem performados que é o silêncio. Ainda nos provoca reflexões sobre estas práticas de caráter cultural, psicológico e político, e em relação às cotas “ela se cala?”. Em defesa de seus privilégios raciais? E explica: “O silenciamento não é neutro”. “Ele tem tanto significado quanto as palavras.” conclui: “A branquitude é território de silêncio”(BENTO, 2005, s.p.). BENTO foi a psicóloga precursora que trouxe os estudos da branquitude para o Brasil, e explicação sobre que segundo Ruth Frankenberg (apud 1995) coloca: “a branquitude diz respeito a um conjunto de práticas culturais que são normalmente não-marcadas e não-nomeadas, afirma a pesquisadora sobre uma questão que estuda sobre seu próprio grupo e cultura e grupo racial.” E ainda falando sobre esta não-marcação e não nomeação racial da branquitude a que Frankenberg (BENTO, 2005, s.p. apud FRANKENBERG, 1995) se refere e eu me recordava, podemos observar como funciona. Quando ocorre, por exemplo, uma situação e referência mais específica que remeta aos seus iguais, do grupo racial, as pessoas brancas se colocam em situação de neutralidade, ou seja, não se marcam racialmente e nem se nomeiam, é só observar esta narrativa diferenciada, para se referir em relação a uma pessoa branca:

Mas, para se referir a uma pessoa do mesmo grupo com a qual tem conflito, de quem sente raiva ou outras possibilidades não tão agradáveis, a tendência é firmar o pacto narcísico, mesmo com o desafeto, principalmente se a situação envolver o crime de racismo.

Pessoas brancas se pactuam e se protegem de um crime que elas em maioria cometem pelo negacionismo e prazer; por gostar e reconhecer que não é legal, mas naturalizam a cultura e não se esforçam; por ódio racial; por crença na ideologia na sua superioridade alienadamente; dentre muitas alienações que mantêm pessoas ativas em sistemas de opressões.

Para toda esta questão racial é necessário saber que todas as pessoas estão comprometidas com o racismo e que o racismo é um problema psicológico das populações brancas, então a questão não é “eu não sou racista”, mas sim, como posso lidar com o meu racismo? O que implica ser branco? Como posso lidar com minha brutalidade? Como Grada Kilomba(2014) explicita, a branquitude precisa explorar pedagogicamente possibilidades

práticas para libertações coletivas. Tema que, como também destaca em suas conversas, é um processo que necessitamos nos implicar. Seguimos nos transformando quando damos os primeiros passos para nos libertar, pessoas negras, indígenas, brancas e asiáticas. Precisamos cuidar de nós, produzir nossas artes e referenciais para pessoas negras em um outro movimento, precisamos curar os traumas que o colonialismo e o racismo nos causam (KILOMBA, 2020).

Seguimos nos transformando e precisamos nos fazer perguntas. Questionar tudo. E isso é perfeito para este processo de descolonização de nossos pensamentos, para a descolonização do conhecimento como a pesquisadora e artista multidisciplinar.

Ocorre que estas ações e características que vão dar presença e materialidade ao racismo provém unicamente de seus agentes diretos e no campo da tradução eu encontrei caminhos de articulações interdisciplinares pela tradução cultural e seus recortes específicos que proponho, confluindo caminhos já amplos e abertos que podem acolher a presença destas performances articuladas à outras áreas do conhecimento.

As comunicações, para além das línguas, feitas em outras linguagens entre pessoas humanas, pelas traduções afrodiaspóricas são um dos caminhos explorados. Possibilita a identificação de gestos corporais, como ações intencionais do racismo. Pois, mostram, apresentam seu suposto poder racial e/ou descontentamento pelas presenças dos que considera inferiores a eles.

Estas ações envolvem relações, interações de inúmeras formas diretas ou indiretas. E a imagem de seus corpos, como a imagem de seus gestos e narrativas possibilitam a identificação de tipos de práticas racistas, pela semiótica do racismo (JÚNIOR, 2016, p. 213), podem ser interpretadas como performances do racismo.

Operacionalizado no silêncio e às escondidas, como se fora esconder algo a quatro paredes. A covardia do racismo é tão silenciosa e sóbria, tal qual às violências domésticas contra mulheres e crianças, quando estas já não estão intersseccionadas a ele.

Estas imagens de suas ações e a percepção da intenção de sua prática, ou seja, de sua performance racista, pela performance é algo praticamente, inerente a própria natureza das performances ocidentais, das quais me utilizo como dispositivo que produz intencionalmente o gesto da racialização e do notório racismo.

***Performances da negritude:*** análise de aspectos culturais do grupo racial negro referentes aspectos, propostas, pautas, criações, conhecimentos desta identidade racial. As



manifestações deste grupo racial em sua diversidade é composto por características culturais de: identidade amplas, de costumes, conhecimentos, linguagens gestuais, estéticas, línguas, propostas, pautas, criações, conhecimentos desta identidade racial, de questões que podem ser vistas sob uma perspectiva coletiva, destacando o seu viés artístico ou cotidiano. Suas questões podem ser vistas sob uma perspectiva coletiva, destacando o seu viés artístico ou cotidiano. Onde as suas características em ações, amostragens, apresentações, trocas culturais, conexões ancestrais e relações, comunicações, interações são amplas e pluriversais e terão tradução analítica, dentre muitas outras manifestações.

Trago aqui uma das históricas escritas antirracista e antixistamente performada por Lélia Gonzalez (1980) em seu “artigo apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, no IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, no Rio de Janeiro, em 31 de outubro de 1980. Título original: “Racismo e sexismo na cultura brasileira”(GONZALEZ, 1980, s.p.)

Nossa linda, poderosa e marcante ancestral Lélia Gonzalez foi uma grande ativista, militante e intelectual negra que não extou em denunciar o racismo enfrentando o sexismo e o racismo com as violência que vieram subalternizando as Nós mulheres negras, desde a escravidão. Mineira de Belo Horizonte, estudou e viveu desde 1935 no Rio de Janeiro, onde se graduou em História e Geografia. Posteriormente tornando-se Mestre em Comunicação e Doutora em Antropologia Política. Seguiu na carreira de professora atuando em escolas de nível médio, em faculdades e universidades(PALMARES, 2019, s.p.)

Entre estas históricas *Performances da Negritude* que também são *Performances de (Re)Existência*, de antirracismo e antixismo eu não poderia deixar de trazer sua uma sigular nas lutas por direitos negros e nas relações raciais com a branquitude progressista, a presença de uma de suas performances grupais dos anos de 1980, criticada por GONZALEZ.

Mesmo sabendo que ainda nos deparamos com situações incontáveis iguais, piores ou semelhantes na atualidade, porém naquele momento havia uma agressividade singular do próprio momento histórico da década, em que principalmente as performances em falas e expressões racistas eram mais normalizadas popularmente e realizadas mais escancarada.

Estas que surgiam costumeiramente em defensiva de suas manifestações racistas negadas por determinados grupos, como em oposição às críticas de suas performances em meio a conjuntura de exclusão racial negra, ante seus mais diversos e incansáveis gestos

notórios do racismo estrutural brasileiro, inscrito no mito da democracia racial a que tanto recorreram os progressistas e o senso comum, historicamente para não discutir ou tratar o racismo.

E era sobre um pouco de tudo isso em outras palavras que GONZALEZ usou como epígrafe este texto para questionar principalmente sobre a nossa existência de mulheres negras, a começar perguntando e discorre o fato

**Cumé que a gente fica?** Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até pra sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu pra gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinando um monte de coisa pro crioulo da plateia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava pra abrir um espaçozinho e todo mundo sentar junto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega pra cá, chega pra lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela pra responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso pra bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava pra ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursaria deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa pra gente da gente? Teve um hora que não deu pra aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu pra cima de um crioulo que tinha pegado no microfone pra falar contra os brancos. E a festa acabou em briga...Agora, aqui pra nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída”.(GONZALEZ, 1980, s.p.)

E sobre este gesto da branquitude que se colocou como então envolvida, no referido evento de ocorrência -em que sem a exposição das denúncias de seu racismo e movitoramento com na atualidade-, se mantem ativamente em relações raciais (como ainda ocorre), nas mais variadas das *performances cotidiana psicoculturais da branquitude*. Mas, que por meio do rechaço e indignação a estas performances, vem questionar a que ponto chegou esta situação entre dominador e dominado, negros e brancos e o sexismo sobre nós mulheres negras (GONZALEZ, 1980, s.p.), nas relações raciais e a estrutura social e cultural brasileira sob tantas forjas falsas. A forjada e falsa ideia das hierarquias das raças (MUNANGA, 2004), estruturadas pela também forjada cordialidade da mitica da

democracia racial dissimulada pelo não dito-racista(JÚNIOR, 2016), que busca dissimular as ideias eugenistas vigentes e propor uma nova forma de racismo que por meio das *performances da negritude, antirracista* nos movimentamos por nossos direitos.

Assim como nos deixaram legados e repertórios nossas/os ancestrais, o fez Lélia Gonzalez se utilizando de seu corpo, voz e potência em crítica, reflexiva, denunciadora e expositiva que também traduz para além dos gestos do racismo e culturais da branquitude, nossa conjuntura daqueles tempos que muito se identifica com muito do que ocorre agravadamente, nos dias atuais (pois esta situação é atual). Segue pelo silêncio e inação desta branquitude performando cotidianamente, ainda que contemos com ínfimas participações de pessoas de fato interessadas que fazem parte dos grupo branco. Caso contrário nossa sociedade não seria estruturada pelo racismo, o que é um fato.

Tais performances seguem mostrando o quadro de nossa estrutura social e seu racismo vigente, vivido e da dominação racial, mostrando com suas falsas hierarquizações a colonialidade classificante pode ou não pode nesta sociedade(QUIJANO, 2005, 99-101). Vergonhosa e criminosamente – pois racismo é crime no Brasil –, manter uma estrutura social racista, com a participação do Estado, como pelas brechas que lhe permitem que esta configuração criminosa siga em livre curso, desprezando vidas negra, indígenas e de pessoas brancas pobres, que vivem em meio as estes povos principalmente.

Os gestos de desprezo e controle, de colonizadores e colonizados ou dominadores ou dominados, de quem são os donos das coisas de fato. “Ah vocês vão ficar aqui? Então as regras são estas. Quero ver se conseguem cumprir”. Estas podem ser uma das milhares de frases das palavras não-ditas presentes nas *performances cotidianas psicopolíticas da branquitude* que escutamos costumeiramente, nestas performances envolvendo um farto repertório criativo e nótório nas relações raciais, dos gestuais da branquitude.

Quando a coisa toda em realidade deve e precisa ser mudada e transformada com as novas participações e entradas de outros grupos raciais nos espaços mais diversos da sociedade, mas não ocorre assim. Pois, seguem vivos o senso de dominação privilégio racial e posse nos pensamentos da branquitude. Ao menos nas propostas das relações raciais de propósitos antirracistas e antisexistas a dominação racial branca e/ou masculina não deveria permanecer.

Mas, quando o branco progressistas quis deixar de dominar? Nós chegamos e nos colocamos e eles disseram ou se comportaram como se tivessem entendido que estavam sob

perspectivas e práticas coloniais genocidas na atualidade. E até alguns e algumas se assumiram racistas.

Mas, por acaso quando disseram que iriam deixar de dominar e serem privilegiados/as? Sempre negaram o racismo em sua maioria, e até chegaram algumas/alguns a assumir isso, mas nunca disseram que não iriam mais controlar tudo e desejariam de dominar. A história é mais complexa. E o que sempre foi tomado, nunca nos será devolvido, a nós povos negros(quilombolas, estrangeiros, refugiados, escravizados, mais marginalizados dentre outros) diversos e indígenas( em contexto urbano, nas aldeias, não afirmados, isolados, dentre outros), ou candidamente de súbito doado aos assaltados. A colonialidade (QUIJANO, 2005, s.p.) nos rouba tudo.

E que nos deseja próximos se ficarmos sob o seu controle e como querem, dando o tratamento aos negros como ainda acontecem às desatentas ou às que já ficaram muito confiadas, ao final a branquitude não esquece e não quer largar seu lugar de privilégios e sua histórica cultura de estar na frente, no domínio, no controle dos povos que considera atrasados, e nos tratando como pretos, e pretos sabem mais sobre ela do que ela mesma, logo não aceitam suas impertinências e dá a cena filmica que se vê em vídeo, mas aqui esta expressamente registrada na mais bela tradução cultural de raça, da branquitude. Uma crítica por seu racismo, engendrados em suas *performances cotidianas psicológicas da branquitude* progressistas (algo que vivemos em nos anos 2012 quase parecido na universidade ), que se pudera fazer.

Nossas lutas negras com a invenção da raça feita pelos europeus brancos, quando fissuramos partes de suas muralhas e implantamos os debates, tratos e conquistamos algumas mudanças nas lutas pela igualdade de direitos raciais, e isso também traduz muito das perspectivas e mecanismos de lutas negras antirracistas, que vem do corpo a corpo em alma e voz. E elas surgem em diversos ambitos, como dela faz parte esta própria performance escrevente de minhas/nossas memórias (REIS, 2017).

**As localizações e identificações e nomeações das performances, os repertórios nótórios aqui presentes são para unicamente o uso de trabalhos que contribuam com o trato, o lidar e a busca de caminhos de resoluções de problemáticas e questões relacionadas das relações raciais e étnicoraciais e seus desdobramentos, no ensino , na pesquisas, mas praticas de trabalho e na vida cotidianas das pessoas humanas interessadas nas questões raciais, de antirracismo e descolonização de nossas sociedades.**

***Performances (Re)existentes:*** São performances dos povos marginalizados de autodefesa, enfrentamentos e proteção às investidas continuadas das práticas coloniais e racistas em suas mais diversas faces.

***Performances da branquitude:*** para análise das ações em seus aspectos culturais mais específicos do grupo sob uma perspectiva racial branca. Que faz referências principalmente as características marcadas e presentes de suas manifestações que expressam sua características identitárias. As manifestações deste grupo humano, constituído pela diversidade de pessoas identificadas como sendo brancas, de origens europeias, esta composta por uma diversidade de características culturais, dos variados costumes. Conhecimentos, linguagens gestuais, estéticas, línguas, propostas, pautas, criações, conhecimentos de sua identidade racial, questões que podem ser vistas sob uma perspectiva coletiva, destacando o seu viés artístico ou cotidiano. São performances racializantes do mundo externo e neutralizantes de sua própria raça em maioria, não costumam se racializar verbalmente, ainda que o faça culturalmente de outras formas, dentre muitas outras manifestações. Porém, para as que traduzem manifestações diretas de performances racistas, a elas deirecionei nossas observações necessárias de identificações em um país em que pelo ato covarde e o negacionismo perverso ou até ignorante, tornam naturalizadas e não marcadas as que vou chamar de ***performances cotidianas psicopolíticas da branquitude.***

Presentes e manifestas, apresentadas sob os mais diversos âmbitos aqui localizo e identifico alguns aspectos

**\* Para garantir a superioridade branca seguem ativa as mais diversas *Performances cotidianas psicoculturais da branquitude*, pois são seus mecanismos de controle, distanciamento e suposta diferenciação fundamental de outros grupos raciais, onde para ela se torna**

É necessária a manutenção do racismo pelo monopólio da dominação racial social que é a uma forja que é = respeitabilidade epidermica que é = privilégios raciais brancos assegurados e é = a dominação sob grupos que ela inferioriza ainda que negue este fato, que vai em conformidade e de acordo com o que MOREIRA nos trás

O racismo é um sistema de dominação social que tem dois propósitos fundamentais: 1º garantir que pessoas brancas tenham monopólio da respeitabilidade social. 2º Reproduzir os privilégios que beneficiam pessoas brancas. 2ª<sup>35</sup> Para que estes privilégios sejam constantemente reproduzidos, pessoas negras, pessoas indígenas e

---

<sup>35</sup> 2ª – Há um subgrupo “ 2a “dentro destes dois aspectos, somente destaco. Nota da autora

peças asiáticas não podem em absolutamente nenhuma circunstância ter o mesmo nível de respeitabilidade social que pessoas brancas têm.(MOREIRA, 2020, s.p.)

Aspectos que selecionei e alinhei como alguns dos repertórios notórios da branquitude em predominância:

\* **Performance e os signos lançados nas vítimas** – motivação à violência gera um desalinhamento cognitivo. Dessemelhança, dependência psicológica desta superioridade que necessita da criação da inferioridade do "outro", a dependência do "outro" (KILOMBA, 2018).

Observo que os corpos em *performance cotidianas psicoculturais da branquitude* que realizam performances racistas de violência racial/marginalização/estereótipo/situação estigmatizada, pela construção e expressão de signos, dentre muitas outras variações, o que faz com que elas construam uma legitimação de suas práticas conforme afirma MOREIRA(2020, s.p.), fato que faz entre os seus e as repassa culturalmente pelas repetições ,como percebo que naturaliza entre demais grupos que não as rechacam por diversos motivos relacionados aos silenciamentos e as previsíveis humilhações ocorrentes em muitos casos das denúncias do racismo. MOREIRA explica que estas repetições do racismo ocorrem

Pois ela adquire uma função de legitimação social porque ela é repetidamente produzida.Ela<sup>36</sup> forma a percepção de muitas pessoas brancas, sobre os outros. E portanto, isso explica a realidade social para os outros indivíduos. [...] Mensagens racistas são discurso de ódio. Discursos de ódio tem um propósito. Manter privilégio do grupo dominante.(MOREIRA, 2020, s.p.)

**\*Convívio narcísico, hegemônico.**

**Esta majoritariamente entre pessoas brancas e ausência de convivência com pessoas negras, o que pode gerar também o que Moreira coloca:**

“Sociedade que não convive com pessoas negras. As formas avaliativas que elas terão por meio de estereótipos e preconceitos. Pois, não conhecem estas pessoas, somente convivem com brancos. Não tem repertório cultural para discernir qualidade e defeitos.” (MOREIRA, 2020, s.p)

Desta maneira, pelas Traduções Culturais, com recorte racial, das culturas de raça podemos compreender mais nitidamente a manifestação nas ações, os gestos, as performances e manifestações humanas. Como a construção e operação dos mecanismos do racismo em suas diferentes estruturas, manifestações e níveis, das mais sutis poderosas e engenhosas forjas, fundantes e de continua manutenção na mentira.

---

<sup>36</sup> Ela – a performamnce racista. Nota da autora.

O que trago sob a força de alguns conceitos importantes de compreendermos sua presença e manifestação na atualidade, como a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) pelo conceito de Anibal Quijano, teórico decolonialantirracista que nos mostra como a ideologia da raça se sofisticou para nutrir o capitalismo nas sociedades do planeta. Sofisticação que a branquitude rejeita quanto a créditos do protagonismo e envolvimento é dela.

Diante do contexto pós-escravidão de mais de 130 anos da abolição brasileira, é altamente negacionista em relação a um sério trato do problema da raça, em sua mais ampla e profunda raiz. Rejeita o aprofundado e desfoca da responsabilidade de tratar o que lhe manter viva, uma das principais potências de destruição humana, que alavanca outros sistemas opressivos e destruidores do planeta.

A branquitude não quer sair do poder e se furta de aprofundamento, das responsabilidades e do envolvimento permanente diuturno dos problemas e dos estudos para o desmantelamento da raça. Se furta de trazer majoritariamente outros grupos para o compartilhamento das questões sociais.

O trabalho para o desmantelamento da falsa ideia de raça trata como problema menor e dos grupos “minoritários”, “problemas das minorias”, afinal que é a branquitude que assim se refere sobre outros grupos não brancos? Homens brancos, ou tidos como tal ou lidos como cisgênero, das altas classes sociais, que mandam em outros homens não tão brancos ou não brancos, que se beneficiam, como as suas famílias. Pois, cuidam dos seus interesses, se privilegiando em realidade, como dependem desta estrutura de dominação racial, herança ancestralmente colonial que eles mantêm(LIMA, 2018, s.p.).

Assim a ela, a branquitude é atribuída uma falsa ideia de superioridade racial que lhe possibilita manter um poder epidérmico (TAVARES, 2020), cultural e econômico principalmente inferiorizando e roubando as possibilidades literalmente do equilíbrio da vida digna dos outros povos do planeta. Sem contar de seu impulsionamento e influência na destruição da natureza planetária que estamos vivendo, onde todos acabam por participar disso ante as estruturas destrutivas que vivemos.

Para a destruição uma dominação racial determinante, se faz necessária a localização, a marca, a identificação em primeiro lugar da presença da raça, da racialização e hierarquização dos grupos humanos (MUNANGA, 2004,s.p). Os recortes raciais da diversidade étnico-racial de cada grupo humano, para um trato mais aprofundado destas questões. Para que assim possamos compreender mais especificamente, as questões raciais e

étnico-raciais para além do grupo negro, comumente marcado como o “portador dos problemas de raça”, o que não é realidade. Mas, sim o grupo que sofre mais violações de direitos em decorrência da existência do racismo e da crença na falsa ideia da hierarquização das raças.

É sobre esta classificação dos seres humanos que deu errado por ser hierarquizante, pois como o MUNANGA coloca, o problema não foi classificar seres humanos e observar suas semelhanças e diferenças naturalmente presentes, mas sim hierarquizar os grupos humanos e estabelecer critérios de superioridade e inferioridade entre eles, e partindo das raízes e bases fundantes dos problemas da raça, do racismo e do epistemicídio como PONTES aponta ser importantes, também venho trabalhando. Como aqui trago as observações de estudiosos da área específica das relações raciais e étnico-raciais como MUNANGA(2004), BENTO (2002), MOREIRA(2020), FRANKENBERG(1995), ANGELO(2020), KILOMBA(2019) trazendo principalmente para discutir sobre esta problemática em quanto performances da vida cotidiana(SCHECHNER, 2006), para podermos melhor localizar, identificando o fenômeno e suas consequências. A necessidade de refletir, compreendendo a profundidade deste problema que nos afeta a todas/os, problemas a falsa ideia, a construção que política e social conformada pela cultura que funciona e que MUNANGA explica

[...]origem do racismo tem uma história conhecida e inventariada, ligada ao modernismo ocidental. Ela se origina na classificação dita científica derivada da observação dos caracteres físicos (cor da pele, traços morfológicos). Os caracteres físicos foram considerados irreversíveis na sua influência sobre os comportamentos dos povos. Essa mudança de perspectiva foi considerada como um salto ideológico importante na construção da ideologia racista, pois passou-se de um tipo de explicação na qual o Deus e o livre arbítrio constituí o eixo central da divisão da história humana, para um novo tipo, no qual a Biologia (sob sua forma simbólica) se erige em determinismo racial e se torna a chave da história humana. Insisto sobre o fato de que o racismo nasce quando faz-se intervir caracteres biológicos como justificativa de tal ou tal comportamento. É justamente, o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores. Carl Von Linné, o Lineu, o mesmo naturalista sueco que fez a primeira classificação racial das plantas, oferece também no século XVIII, o melhor exemplo da classificação racial humana acompanhada de uma escala de valores que sugere a hierarquização. (MUNANGA, 2004, s.p.)

Sobre a classificação de Lineu estabeleceu MUNANGA(2004) destaca sua divisão simplória e em quatro tipos de *Homo Sapiens* na transposição das ideias de classificações de raças de plantas para raças humanas, posteriormente também decaídas mas que seguiram ativas nos imaginários coletivos como destaca nosso professor

Com efeito, na sua classificação da diversidade humana, Lineu divide o *Homo Sapiens* em quatro raças: **Americano, que o próprio classificador descreve como**



**moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado. Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade. Africano: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes(despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados. Europeu: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertados.** Como Lineu conseguiu relacionar a cor da pele com a inteligência, a cultura e as características psicológicas num esquema sem dúvida hierarquizante, construindo uma escala de valores nitidamente tendenciosa? O pior é que os elementos dessa hierarquização sobreviveram ao tempo a aos progressos da ciência e se mantêm ainda intactos no imaginário coletivo das novas gerações. No entanto, não foi, até o ponto atual dos conhecimentos, cientificamente comprovada a relação entre uma variável biológica e um caractere psicológico, entre raça e aptidões intelectuais, entre raça e cultura. (MUNANGA, 2004, s.p.)

Reconhecemos que a racialização é um problema de potencialização e dominado pelo grupo branco, que suas manifestações estratégicas “se neutralizam,” não se racializam e o fazem quando lhes convém. Este não quer tratar do tema por interesses na ação naturalizada invisibilizada do racismo e da racialização global que mata”. Enquanto isso, diversas lutas pela libertação da racialização, alienações em relação a sua existências e muitas correntes de reprodução da colonialidade pelos grupos inferiorizados e desumanizados pela ideologia e regime racial contemporâneo(QUIJANO, 2005). Todos os grupos estão implicados nisso com suas relações e devem encontrar maneiras de dismantelar as estruturas que mantêm a falsa ideia de raça ativa. Logo, a racialização dos grupos humanos e as desigualdades que a colonialidade do poder ativa são categorizadas pela ideologia das hierarquizações das raças, inventam-se estas categorias. HALL(2016) nos coloca a importância de compreendermos em relação a cultura e com o poder

É importante ver o poder e a cultura como uma articulação. Por articulação, quero dizer que cultura e poder não são a mesma coisa, mas podem estar ligados – articulados: não sendo naturais e inevitáveis, as conexões são, portanto, históricas, específicas e se deslocam de uma configuração ou formação discursiva para outra, tendo que ser forjadas e forjadas de novo de forma que sempre deixam alguma coisa para trás – um processo que, por definição, tem esse caráter de sobredeterminação e suplementar – estando, portanto, sempre aberto à contingência, à luta e à mudança.(HALL, 2016, p.55)

Nelas pecebo a presença dos signos e os recortes expressos por Hall (2016, articuladas com as observações das falsas ideias que permanecem nos imaginários coletivos como coloca MUNANGA(2004), TAVARES(2020), BENTO(2002), FANON(2008), KILOMBA(2019), LIMA(2017). Então localizar estas performances que estão articuladas a estas ideias, gestos, que se repetem e tem a localização nos corpos em apresentação destas mesmas falsas ideias e

pesquisados contrutos psicopolíticos(TAVARES, 2020), sociais e políticos(HALL, 2016), das culturais de raça (HALL, 2016; FLORES, 2007), artes visuais, política, medicina e biologia(FLORES, 2007). Estudadas nas áreas da psicologia e psiquiatria(KILOMBA, 2019; BENTO, 2002; FANON; 2008; , antropologia cultural e política(MUNANGA, 2004,; TAVARES, 2020), na história(FLORES, 2007), nas artes da cena(LIMA, 2017), no direito(MOREIRA, 2020) e também as registram como práticas culturais(BENTO, 2005, s.p.; Apud FRANKENBERG, 1995, s.p.) esta última, destacando as ações que se repetem e transformam-se em cultura da branquitude ou pessoas brancas. Schechner conceitua alguns tipos de performances como sendo da vida cotidianas(2006, s.p. 28-51), como articulando as áreas mencionadas a dos Estudos das Performances em caminhos articulados com os estudos da tradução. Que nos possibilitam localizar em primeiro lugar a existência da performance racial. As performances abrem possibilidades de identificar os gestos racistas principalmente, como suas mostras intencionais de demonstrar e afirmar a superioridade racial pelo gesto de de um grupo racial tido como superior a outros grupos tidos como inferiores, pela falsa ideologia da raça. Que afeta por performances racistas os grupos racializados inferiorizados, com performances geralmente notórias e por autoridades competentes tidas como não identificáveis e não passíveis de interpretação de práticas racistas.

A localização das performances de raça, derruba esta hipótese. A partir do momento que performances são mostras intencionais, são gestos, são práticas neste sentido de performance a que recorro dos tipos definidos por SCHECHNER(2006), são performances da vida cotidiana. Desta maneira ao articular as performances com seus contrutos sociais, psicopolíticos, políticos e culturais possibilitamos a localização, a marca da opressão e das racializações, que não necessita, ser somente de situações de racismo, mas das culturas de raça.

Algo que ao ser performances possibilita orientar e contribuir na compreensão da existências da intencionalidade do gesto, como da presença de apresentações, mostras e ações presentes na cultura nacional como muitas fazem parte de repertório notório da cultura de raças das coletividade social.

marcadores de identificação, leitura e construções signais como signos e gestos de repertórios notórios presentes no imaginário coletivo dos povos racializados com nas culturas das raças, de cada grupo humano. Identifica tradutório das Performances cotidianas psicopolíticas de raças, sob os seguintes recorte.

São performances todas elas.

Penso e leio-as, identifico-as localizando-as, nomeando-as por seus gestos, ações e apresentações indissociáveis de suas intencionalidades de mostrar, mostrar, mostrar e mostrar. Dentre outras variações possíveis que se podem identificam nas apresentações cotidianas das

1) ***Performances cotidianas psicopolíticas das culturas de raças,***

Nos recortes em que as pessoas se afirmam ou são lidas (IBGE, 2017) seus ***no recortes: negro, branco, asiático e indígena.***

São as performances específicas, construídas cultural e secularmente, que são amplamente variadas em cada grupo racial. Neste trabalho trago alguns aspectos e possibilidades de observações nas da negritude e da branquitude, em algumas tipos, pois em cada grupo há muitas etnias e variadas culturais, e esta não é a ideia. Mas, sim observar o que racialmente enquanto grupo racial, os aspectos que existem em comum como as vivências em comum das pessoas de um mesmo grupo racial, em virtude da racialização da colonialidade (QUIJANO, 2005). As culturas de raças entre os quatro grupos deve funcionar como experiências coletivas de cada grupo racial, ou seja, a observação de aspectos que estes carregam, passam tem, são marcados, beneficiados, conquistaram, culturalmente se identificam, dentre outras questões.

2) ***Performances cotidianas psicopolíticas das relações raciais e étnico-raciais.***

São as ocorrentes entre grupos raciais onde pessoas se mostram, apresentam e fazem parte de diferentes grupos raciais e étnico-raciais, nas mais variadas situações. Todas estas performances podem entre si dialogar, harmonizar, atravessar, repelir, colidir.

3) ***Performances cotidianas psicopolíticas racistas.***

Estas estão indissociadas da mostra, da apresentação de se mostrar, de mostrar a superioridade de quem performa, porque é um ato intencional, pensado e mostrado, rapidamente, demoradamente, entre as duas partes ou com uma mais pessoas que servem de público para fortalecer o ego, o eu narciso, que se cre superior em sua raça e acredita que a outra seja de raça inferior a ela e então performa

cotidianamente em ato psicopolítico ideológico do racismo, a pessoa. Se alivia e segue em frente. A superioridade foi reforçada, mostrou. Mas tem que arcar com as consequências. É ato intencional. A performance é prática intencional.

É prática da vida cotidiana. A performance cotidiana psicopolítica racista. é crime de racismo. Sem problemas de interpretações, ou compreensões. Os repertórios notórios estão em toda a parte: nos mais variados gestos; nas frases notórias e históricas do racismo cotidiano brasileiro (rejetá-las – e consentir na perpetração vergonhosa e criminosa de gente criminosa solta propagando mais racismo); os pedidos de desculpas são certezas de impunidade e a repetição das performances como ato dissimulador do poder dos racistas; na imagens de vídeos; palavras notória; nos xingamentos e estes são desisivos e intencionalidade, pois saem da esfera subjetiva muitas vezes. Como os xingamentos têm sido altamente protegidos pela branquitude dos espaços de poder; dentre muitas outras formas de reconhecer, Ao menos o repertório notório reunido no compendio de pesquisas, histórias, registros negros deste país dentre outros meios de identificação destas que as autoridades somente não entendiam como racismo, pois não sabiam que era um performnce. Agora já sabem. O ideologia do racismo e a sua prática esta indissociada de uma não intencionalidade. Ela é intencional em mostrar superioridade nos mais infimos aspectos e situações. É problemas das populações brancas. Pessoas brancas cometem racismo e tem sido protegidas de suas práticas raciatas. São performances, então não há com não haver entendimento de ser racista ou não, pois a prática e si é intencional de mostrar superioridade e o racismo, ou o não- dito pelo descontentamento, pela prejudicar, pelos gestos repetidos as pessoas de outro grupo racial que não o branco da pessoas praticante. Intenção de violentar outra pessoas.

Estas performances não devem rejeitar a observação da presença de suas intencionalidades, pois se uma coisa que um racista sabe é de sua intencionalidade de mostrar pretensa superioridade, a vítima de seu gesto discriminatório ou ante a mais de uma pessoas para (com)provar sua superioridade.

As reproduções do racismo são feitas por pessoas de grupos raciais inferiorizados estruturalmente pela ideologia da raça, ou seja, os negros, indígenas e asiáticos,

todos os não brancos. E estes buscarem se utilizar dos mecanismos do opressor branco sobre seus iguais ou de grupos inferiorizados não brancos.

#### 4) *Performances cotidianas psicoculturais antirracistas.*

Estas que compõem as manifestações da vida cotidiana destas pessoas que fazem parte da dos diferentes grupos humanos e compõem uma diversidade de características culturais de: identidade, costumes, conhecimentos, linguagens gestuais, estéticas, línguas, propostas, pautas, criações, conhecimentos desta identidade racial, de questões que podem ser vistas sob uma perspectiva coletiva, destacando o seu viés cotidiano. Que pode estar presentes no meio artístico e demais áreas do conhecimento e profissional.

A importante observação de Hall das culturas de raça, nos atenta a como a cultura e o poder se articulam bem nesta falsa ideia de raça existente que, como pode estar transpostas para outras áreas. Ele destaca que

É importante ver o poder e a cultura como uma articulação. Por articulação, quero dizer que cultura e poder não são a mesma coisa, mas podem estar ligados – articulados: não sendo naturais e inevitáveis, as conexões são, portanto, históricas, específicas e se deslocam de uma configuração ou formação discursiva para outra, tendo que ser forjadas e forjadas de novo de forma que sempre deixam alguma coisa para trás – um processo que, por definição, tem esse caráter de sobredeterminação e suplementar – estando, portanto, sempre aberto à contingência, à luta e à mudança.(HALL, 2016, p.55)

Desta maneira a cultura segue articulada com a raça, o poder e as performances pelas construções social, políticas principalmente. Os diferentes tipos de performances cotidianas psicopolíticas de raça que articulo e acontecem sempre que haja encontro entre pessoas de grupos raciais diferentes. Um comportamento diferente existe quando grupos raciais diferentes se encontram ou se deparam expressam a compreensão da racialização em relação a outra pessoas, do seu pertencimento a outro grupo racial, há posturas performáticas diferentes. Mesmo que não se conheçam e aparentemente não seja expressa uma comunicação.

Traduções das performances cotidianas psicopolíticas da branquitude: podem ser identificadas como performances as ações, comunicações em caráter de apresentação, de mostrar sua ação, uma criação para aquele momento, a nos apresentadas a natureza intencional e repetida com intenção de não resolver a situação de fato em realidade na instituição e sociedade.

Performances que pessoas brancas em situação de poder fazem em instituições que historicamente produzem o racismo institucional. Por suas características de demonstrada do

ato, de intenção de nos apresentar exatamente aquele feito, da mentira e de escamotear a situação. Nas relações onde estas performances crença e uso de uma superioridade de cargo que esta associada a racial, no pensamento das pessoal. Pois, ali estão as como características, que pude recordar como práticas repetitivas, recorrentes e na instituição e identificadas são performances que estão carregadas de práticas racistas.

As estratégias do racismo institucional que algumas pessoas servidoras públicas aprendem nas relações raciais, de inicial tolerância que mantém conosco, estabelecem práticas após construídos diálogos para “inclusão”, para se “atender pautas”, onde crêem que somos de fato enganadas/os e enroladas/os no cotidiano como se fossemos crianças.

O sistema do racismo operando institucionalmente é muito semelhante em diferentes espaço. Aqui trago as que tive acesso com a branquitude docente, das experiências que tive na UFSC e observando alguns relatos que me identifiquei. Seguem aqui algumas performances notórias da rotina das relações raciais:

Algumas performances cotidianas psicoculturais da branquitude docente:

- Quando recebeminformação antirracista, que não vieram de fontes que acreditem pertinentes para tomarem a decisão de alterarem currículo ou verem a necessidade disso;

-Incluírem epistemologias “desconhecidas” que elas “se quer tem entendimento da relevância”, e assim seguem usando seus espaços de poder para promover o epistemicídio nas universidades públicas;

-Rechaçam movimentos sociais negros;

-São “parceiras” de movimentos negros e indígenas de fachada, aparência, “falsos/as/es progressistas”, muitos querem se projetar pelos movimentos negros, mas na hora do comprometimento com questões sérias, estruturais sem holofotes, que exigem perdas e tensões profissionais e outros desagradados do racismo estrutural e institucional abandonam ou ficam nos lugares de conforto entre os seus ou entre outros movimentos;

-Ignoram epistemologias africanas, afrodiaspóricas, negras;

-Cortam, bolsas, abaixam notas, reprovam estudantes, enfim afetam o desempenho das/es/os estudantes com seus racismos, por algum descontentamento, discussão, problema, ou somente por perseguição racial;

-Assediam publicamente quando são conhecidas/es/os por serem temidas/es/os, aí reforçam suas doses de racismo sem xingamentos; excluem, expõem, satirizam, assediam sexualmente;

-Atuam contra ações afirmativas e reestruturantes direta ou indiretamente, implícita ou explicitamente em comissões, conselhos, espaços de decisão;

-Promovem outros tipos de preconceitos;

-Racistas antinegro, acolhe outros grupos raciais e exclue o negro explicita ou implicitamente;

-Silenciam estudantes, violam direitos, perseguem à vista ou sorrateiramente; dentre muitas outras performances que enfrentamos com a descolonização do pensamento na academia.

- Acadêmicos e servidores “desinformados”

-Ignoram epistemologias africanas, afrodiáspóricas, negras;

- Perseguidores/as de estudantes negros

-Cortam bolsas, abaixam notas, reprovam estudantes, enfim, afetam o desempenho das/os estudantes como puder seus racismos e classismos, por algum descontentamento, discussão, problema, ou somente por perseguição racial que é personificada à figura das/os estudante ou de sua coletividade como inadequado, violentos, agressivos, não aplicados, negligentes, dentre outras desqualificações acadêmicas;

- Assediam publicamente quando é conhecida/o por ser temida/o, aí reforça suas doses de racismo sem xingamentos; exclui, expõe, satiriza; assedia sexualmente, promovem outros tipos de preconceitos;

-Atua contra ações afirmativas e reestruturantes direta ou indiretamente, implícita ou explicitamente em comissões, conselhos, espaços de decisão;

-Tem atitude racista antinegro, acolhe outros grupos raciais e exclui o negro explicita ou implicitamente;

-Silencia estudantes, viola direitos, persegue à vista ou sorrateiramente; dentre muitas outras performances que enfrentamos, com a promoção da descolonização do pensamento pela práxis realizamos na vida cotidiano acadêmica.

A descolonização é processo violento, como alerta Frantz Fanon (2008), e contraditoriamente delicado para as pessoas negras envolvidas. Porém, aqui a colonização é quem segue a violentar e a violência da descolonização é marcar o povo opressor, o povo branco, situando em seu lugar a sua impossibilidade de serem superiores, trazendo de forma assertiva que aceitem serem normais. Pois como Frantz Fanon delineou há quase setenta anos:

todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio de qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural toma posição

diante da linguagem da “nação civilizadora” , isto é da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará de sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. (FANON, 2008, p. ).

### **As Performances e as Traduções sob a racialização das sociedades pós-coloniais**

Podemos observar diversas formas em que a tradução de signos estabelecidas sob corpos humanos e as relações associadas a eles - cultura, origens geográficas, conhecimentos, dentre outras-, que aqui para o trato das *performances cotidianas psicopolíticas das culturas de raça*, em uma de suas modalidades que vou chamar de *traduções das performance cotidianas raciais do imaginário coletivo*. Estas estão marcadas no imaginário popular das coletividades, ou seja, no imaginário popular de todos os grupos humanos e carregam informações que foram disseminadas popularmente e tornaram-se notórias a medida que as práticas do racismo e da racialização se estabeleceram pela invenção imposta: nomenclaturas, estéticas corporais, modos de pensar e ver cada grupo e suas culturas, origens, conhecimentos subsidiadas pela falsa disseminação das construções da falsa ideia de raça e da existência da hierarquização entre elas nas sociedades. Ou seja, são performances que vão apresentar conhecimentos em comum de diferentes formas e abordagens sobre os signos e ideias notórias diversas estabelecidas aos corpos e questões relacionadas aos grupos humanos, mas que vão ser manifestadas e estar presentes nas subjetividades destes de diferentes formas. Porém, a questão das

#### ***As traduções das performances raciais cotidianas do imaginário coletivo***

Há diversos tipos de traduções referentes as performances raciais que seguem fixadas no imaginário coletivo das sociedades racializadas. Estas são possíveis de serem realizadas, identificadas/interpretadas, ante as manifestações humanas de seus gestuais, ideias, expressões de signos dentre outras demandas relacionadas performadas na vida cotidianamente. O que me permitem identificá-las como um dos tipos de performances dos Estudos da Performance e Tradução, as performances da vida cotidianas. Perspectiva da área dos estudos da performance que possibilitam articulações com os estudos da tradução, das questões raciais nas áreas da psicanálise, psicologia e Estudos da Tradução, em que já são presentes.

Estão presentes nas *traduções das performances raciais cotidianas do imaginário coletivo* e geralmente são de conhecimento popular das pessoas que fazem partes das



sociedades racializadas, estruturadas pelo racismo que se articula com outros sistemas de dominação, subalternização opressiva que promovem, violências, desigualdades, explorações, exclusões e mortes a determinados grupos racialmente marcados. É preciso estudar e lidar com os danos causados por estas práticas que se irraizaram na mente, pelo psicológico que provoca as reações no corpo das pessoas violentadas pelo racismo. Identificar e traduzir é ação de libertação.

As manifestações intencionais que chamo de *performances cotidianas psicopolíticas das culturas de raça*, por meio dos diferentes grupos. Estas que vêm se manifestando com diferentes intencionalidades no campo das relações raciais dos quatro grupos humanos racializados<sup>37</sup> ( amarelo, negros, brancos e indígenas) e na imensa diversidade humana existente cada um destes grupos étnico-raciais. Aqui um dos exemplos destas performances, de relatadas por mulheres afroperuanas sobre o racismo que sofrem na capital peruana Lima, estas performances **“Os negros pensam até o meio dia”** – fala racista naturalizada e reproduzida pela a diversidade de pessoas indígenas (etnias e miscigenados quase brancos e que se consideram brancos), brancos e outros não indígenas, onde valores da branquitude estão muito presentes como positivos. A fala mais chocante e que muito foi relata por diferentes pessoas afroperuanas de várias idades, com muito pesar. (LIMA, 2018, s.p)

A frase notória é comumente utilizadas nas *performances psicopolíticas das culturas de raça*, mais especificamente no recorte das *performances psicopolíticas cotidianas de reprodução do racismo*

No Perú a discriminação racial contra os povos afroperuanos ocorre, segundo as definições do *Estudo Especializado sobre Población Afroperuana*, do Ministério de Cultura do Perú (2013), em dois níveis: o simbólico e cotidiano. se estabeleceram tratamentos com a gozação, o escárnio e se incorporou nas interações aceitas socialmente, nas relações raciais de forma naturalizada, pela estruturação do racismo, que a determinadas populações são dificultados os acessos a certos recursos e direitos, que pode interseccionar-se a outras práticas discriminatórias e violências envolvendo outros marcadores sociais: de gênero,

---

<sup>37</sup> Grupos humanos racializados – aqui apresento a classificação mais utilizada no Brasil, classificação de raça/cor presente pelo IBGE.

classe, sexualidade, idade, dentre outros, é o que apontam os estudos e se confirmam com os relatos (LIMA, 2018, s.p.).

Feitas por pessoas pertencentes a povos originários e outros do país que se afirmam indígenas, pessoas originárias vivendo em ambiente urbano que não se consideram indígenas ou originárias, mas sim “limenhas”. Porém, com percebido embranquecimento de suas mentalidades, vista de suas práticas na sociedade peruana que é estruturada pelo racismo, com a pesquisa acima nos mostra. Lá pelo que pesquisei, observei e obtive de relatos há povos muito orgulhosos de suas origens, em maioria observado com os povos andinos e/ou outros grupos tradicionais e indígenas afirmados. Estes sofrem discriminação étnico-racial forte no país que criminaliza estas práticas.

Os casos das discriminações dos povos andinos tradicionais , ocorre mais por pessoas que estão mais embranquecidos em mentalidade e vivem em contexto urbano. Como algumas que até tem tom de claro de pele - lá considerados brancos, que eu perceberia como sendo pessoas indígenas, por exemplo aqui em Santa Catarina, a racialização , o embranquecimento e os mecanismos de embranquecimento do racismo e da branquitude promovem a destruição mental e corporal das pessoas, que se não se aceitam por estas violências sofridas, procuram o caminho a que são direcionadas: o do embranquecimento, como ocorre no Brasil . O que de acordo com os relatos mulheres negras da AMUNETRAP , esta frase é notória na capital peruana, em Lima, no contexto escolar e universitário.

*A tradução da performance psicopolítica cotidiana das culturas de raça, da reprodução do racismo* , para este caso mostra a interpretação/tradução da reprodução do racismo da pessoa agressora e criminosa<sup>38</sup>, em sua narrativa. Esta com sua performance gestual em/e narrada, em expresso desejo mostra a intencionalidade de inferiorizar, demonstrando a na subjetividade da intenção de sua performance se atribuir e mostra como superior racialmente. Logo, mostra a sua intenção de mostrar a pessoa e/ou as demais presentes que há diferenças abomináveis pela leis nacionais, pois se refere a pessoa e ao grupo racial desta, como sendo ela e todo o seu grupo inferiores, incapazes intelectualmente, pela narrativa “ os negros pensam até o meio dia”, usada notoriamente em ambientes de estudo. O que pessoas negras traduzem e interpretam com sendo inferiorizadas

---

<sup>38</sup> Criminosa – pessoa criminosa no Perú há criminalização para o racismo, como existe a constante reprodução do racismo, mas o poder simbólico racial é voltado e atribuído ao grupo que dominante branco.

intelectualmente. A presença racial, negra e indígena. Porém, ambos os grupos não fazem parte da estrutura de poder que constitui o racismo e sua ideologia da crença da superioridade racial branca e na inferioridade dos demais grupos raciais, por nós observadas com uma falsa ideia da hierarquia das raças humanas que havia no imaginário das pessoas. No caso citado acima, há uma falsa ideia na mente das pessoas de origens indígenas/originárias sobre si mesmas, alienadas pela ideia do branqueamento que branquitude impõe política e culturalmente na sociedade, que pessoa do mesmo grupo pelo pensamento imaginário de mostrar a pessoa indígena que reproduz o racismo, sob os seus. Esta é mais uma das estratégias da branquitude com o seu racismo “se coloca como se fosse neutra”, promove um embranquecimento cultural pela imposição de sua presença sobre o colonizado (TAVARES, 2020, sp)<sup>39</sup> e se utiliza dos grupos colonizados para serem se protegem difundindo veneração por suas imagens, colocadas como modelo humano. Ocasionalmente na rejeição dos demais grupos inclui a rejeição das pessoas negras, indígenas e asiáticas em suas mais amplas configurações étnico-raciais, buscarem o alienado embranquecimento e a rejeição por si mesmas, como às pessoas de seu grupo e as dos demais grupos humanos.

---

<sup>39</sup> TAVARES – Prof, Júlio Tavares link do vídeo nas referências.

### 3.1 SEGUNDO ATO PERFORMÁTICO DESCOLONIZANTE: OS INÚMEROS SIGNOS SOBRE MIM / NÓS: MEU CORPO

Figura 3 – “Linda no retrato”



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Uma foto de retrato encontrada  
procurando documentos,  
fui acessando memórias,  
Revivendo diferentes emoções e momentos.  
Um sorriso especial  
Me trouxe lembranças.  
Encontrei outras coisas.  
Sorri.  
Sorrindo, senti alegria, a alegria inerente a mim.  
Me inspirei e  
Mais memórias...  
Leveza...  
Fui me sentindo feliz por ter vivido tantas e tantas  
Coisas inesperadas e fantásticas!  
Já que muitas vezes a aspereza  
dos desafios cotidianos, nos fazem pensar erradamente em tristeza.  
Se passageira  
Ou na desilusão com o mundo,  
Não podemos deixá-la tomar conta de nós.  
Muitas vivências, alto astral, aventuras, surpresas boas, amoor...  
Muitas pessoas especiais.  
A descoberta da complexidade e da ternura simples do viver  
Que eu jamais imaginara  
Construir e receber.  
Só agradeço a cada dia.  
E como sonhadora,  
Sempre viajando,  
Sonho e vivo os sonhos.  
Mas só depois de realizado, o sonho,

O identifico...  
 Presenteada  
 Agradecida,  
 Protegida.  
 Interessada em viver e sempre descobrir  
 Coisas novas e boas  
 E pensando...  
 Eis que me vejo há uma década atrás...  
 No retrato,  
 No lindo retrato,  
 Retrato de sorriso  
 Sorriso para retrato de documento.  
 Momento tenso a de fotos "monstro"  
 Fotos estranhas, formais, falsas, tristes, tensas...  
 Não mais.  
 A infância e a juventude nos impulsionam a não aceitar a norma,  
 o padrão social,  
 questionar e transformar, sim.  
 Retrato para documento só sorrindo  
 Parece que agora pode, mas, ainda assim ...  
 Sorriso para o documento sempre...  
 O do passaporte é mais recatado,  
 Mas tem sorriso.  
 Na identidade tem a vitória dos traumas, o auge do sorriso.  
 Cansada de tanto apertar os lábios  
 Na infância, pelas violências raciais infantis,  
 Mais tarde as violências racistas dos que faziam fotocópias PBs<sup>40</sup> de docs<sup>41</sup>  
 O momento de abuso na entrega das cópias, com resultados de máquinas sem regulagem,  
 Meu rosto, e o de tantos outros, borrados  
 Sem sermos identificados no Retrato copiado PB,  
 violência simbólica instituída pela "precariedade tecnológica" ou o não interesse na regulagem  
 Borrada de preto, pelo racismo.  
 "A máquinaesta ótima! Cinco centavos"  
 O lindo foi que jovem, me determinei por sorrir para os docs que exigissem retrato  
 "Não pode! É proibido"  
 Advertiam amigos e familiares.  
 "Vou sorrir"  
 Sorriso de retrato.

(LIRA, 2018)<sup>42</sup>

Abro este Segundo Ato Performático com uma **autotradução afrodiáspórica** que fiz, sem a consciência de que a fazia, em um momento particularmente pessoal, mas que muito diz sobre questões que envolvem este trabalho em estética, beleza negra, questões e dilemas que envolvem também povos afrobrasileiros, afrodiáspóricos e africanos. Destaco que as particularidades ocorridas no Brasil, como se pode ver na poesia, também acontecem no mundo no contexto das relações raciais e étnico-raciais.

<sup>40</sup> Abreviação que fiz para foto em coloração Preto e Branco, geralmente grafada PB, e coloquei no plural.

<sup>41</sup> Abreviação de documentos. No caso da poesia, me refiro a documentos de identificação.

<sup>42</sup> Poesia da autora presente em outra publicação, com algumas alterações e correções feitas para esta dissertação.

A autotradução que faço em minha poesia “Linda no retrato”, feita em 2017, após eu encontrar a fotografia acima, em meio a documentos e registro de memórias de fases boas da minha vida e ao mesmo tempo duras, em que junto às mudanças da adolescência, necessitei aprender a lidar com as situações de violência racial que iriam me acompanhar por toda a vida diante do fato de eu viver em uma sociedade estruturada pelo racismo. Porém, antes de aprender a lidar e me sair bem em alguns momentos ou simplesmente encontrar maneiras de driblar as situações para viver melhor, tive que me deparar com um mecanismo que não tem interrupção, somente altera suas formas de agir: as faces do racismo, com sua violência centralizada nas populações negras, voltada para os povos afros.

Pois, além da nos depararmos com o mecanismo do racismo, este produz meios de distorcer a natureza real humana de diferentes grupos semelhantes e formas, tanto super valorizando pessoas moral, intelectual e fisicamente como inferiorizando as demais por aspectos criados pelo racismo científico europeu(MUNANGA, 2016). que foi se conformando de maneiras similares secularmente, com o propósito de estabelecer que a ideologia da raça e seus princípios eugênicos se instassem nas sociedades do mundo.

As pessoas, saudáveis e belas de nossas imagens, de nossos corpos. Isso é algo que vem desde a escravização, e até os primeiros anos da década de 2000, a expressão de ofensas, falas e referências pejorativas às pessoas negras era normalizada. Banalizavam-se práticas de racismo, mesmo ele sendo crime depois da alteração da Lei Caó, sobre o crime de discriminação racial, a Lei Federal Nº 7.716 (5 DE JANEIRO DE 1989), com a inclusão de injúria racial e racismo como crime inafiançável.

[...] Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989, que ficou conhecida como Lei Caó, em homenagem ao autor Carlos Alberto de Oliveira. A legislação define como crime o ato de praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Também regulamentou o trecho da Constituição Federal que torna inafiançável e imprescritível o crime de racismo, após dizer que todos são iguais sem discriminação de qualquer natureza. Legalmente, é proibido recusar ou impedir acesso a estabelecimentos comerciais, negando-se a servir, atender ou receber cliente ou comprador (reclusão de um a três anos); impedir que crianças se matriculem em escolas (três a cinco anos); impedir o acesso ou uso de transportes públicos (um a três anos); impedir ou obstar, por qualquer meio ou forma, o casamento ou convivência familiar e social (dois a quatro anos); fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo (reclusão de dois a cinco anos e multa). Também ainda vemos apagamentos simbólicos de nossas imagens, hoje menos aceitos, mas presentes na sociedade e em constantes mudanças devido às lutas dos movimentos e mídias negras. Os apagamentos sempre presentes, antes ainda mais ignorados e normalizados, eram simbólicos e reais expressões da inferiorização de nossas imagens e vinham continuamente, acompanhados de práticas racistas, de intento de animalização ou coisificação de nossos corpos e de nossa humanidade.(COSTA, 2014, S.P.)

Os impactos de sofrer essas violências sempre deixam a sensação traumática –questão profunda e culminante para nosso grupo negro. Pois, além da nos depararmos com o mecanismo, este produz meios de distorcer a natureza real, saudável e bela de nossas imagens, de nossos corpos. Isso é algo que vem desde a escravização, e até os primeiros anos da década de 2.000, a expressão de ofensas, falas e referências pejorativas às pessoas negras era normalizada. Banalizavam-se práticas de racismo, mesmo ele sendo crime depois da alteração da lei e( ver ano) com a inclusão de injúria racial como crime inafiançável. Também ainda vemos apagamentos simbólicos de nossas imagens, hoje menos aceitos, mas presentes na sociedade e em constantes mudanças devido às lutas dos movimentos e mídias negras.

Os apagamentos sempre presentes, antes ainda mais ignorados e normalizados, eram simbólicos e reais expressões da inferiorização de nossas imagens e vinham continuamente, acompanhados de práticas racistas, de intento de animalização ou coisificação de nossos corpos e de nossa humanidade.

A socióloga e professora Lorna Roth, desenvolveu estudos que aspectos com especificações raciais – para atender a luminosidade de tons de pele clara/branca - em itens de laboratório fotograficos que interferiam na cor natural de peles escuras. Um amigo seu, dono de um destes laboratórios e equipamentos, compartilha suas frustrações, reclamações e descontentamento por elee não terem manuais que explicassem melhor, como fazer as calibragens para diferentes tons de peles ou sobre o procedimento com pequenos os laboratórios fotográficos. (ROTH, 2016)<sup>43</sup>. A maior parte dos fotógrafos acertam as calibragens e tons pelos erros segundo a pesquisadora. Roth conta que “recebiam com a documentação da Kodak destinada à impressão fotográfica era uma imagem que se tornou conhecida entre técnicos da área como “cartão Shirley”. O que sugestionava que aquelas cores fossem apenas compatíveis com aquele tipo de pessoas com fenótipo claro que levaria a coloração “ideal” mostrada no cartão com a imagem de uma mulher branca(ROTH, 2016), clara como coloca a pesquisadora: “ Esse cartão reproduzia a imagem de uma mulher de pele clara, vestindo roupa de alto- -contraste, contraposta a escalas de cor e de cinza. Em muitos cartões, lia-se a palavra NORMAL(ROTH, 2016, s.p.). O que ela observou desde o inicio, estar para além de uma configuração:

---

<sup>43</sup> ROTH, 2016, s.p. – o artigo da autora se encontra em site do Instituto Moreira Sales, nas referências desta pesquisa.

As múltiplas identidades visuais de Shirley, a "moça do balanceamento de cores", só chamaram minha atenção em 1995, depois de uma conversa com um negociante de máquinas industriais na América do Norte. Ele reclamava de ter comprado um laboratório de foto-processamento da Kodak que lhe causara grande frustração. Independentemente da calibragem configurada para imprimir as fotos, a reprodução de peles mais escuras apresentava uma coloração indistinta, pálida, ou tão próxima do preto que só o branco dos olhos e dos dentes exibia algum detalhe. Nas fotos em que diferentes tons de pele apareciam lado a lado – como as fotos de formatura com vários estudantes –, o desafio era ainda maior, pois os fotógrafos muitas vezes aumentavam a intensidade da luz e super-expunham as pessoas mais escuras para capturar a maior definição possível da pele. Isso também causava a superexposição das peles claras, tornando o resultado constrangedor para o fotógrafo. (ROTH<sup>44</sup>, 2016, s.p.)

À minha maneira, na época, na luta antirracista de sobrevivência pessoal, depois de muito sofrer com as fotografias tiradas com a limitada tecnologia dos anos de 1980, resolvi como consegui essa questão das "fotos instantâneas". Busquei resolver bem a situação constrangedora e real que ocorria com as fotos que eu tirava para usar em documentos, fossem elas para: o trabalho, matrícula de escola, documentos de identificação, como o registro de identidade (RG), dentre outras. Sobre esta questão na mesma época o fotógrafo Eustáquio Neves percebeu os problemas relacionados às cores resultantes das revelações fotográficas e percebeu que as cores não estavam adequadas para as peles escuras e sim, para as claras - algo que possivelmente fariam ser "coisa da nossa cabeça", uma narrativa racista notória no Brasil, para negar as performances racistas-, o que de fato era uma realidade, a ausência de cores magentas, quentes, que favorecesse as peles escuras era realidade que

O fotógrafo Eustáquio Neves, que desde o início da carreira tematiza sua descendência africana, vendeu o carro no fim dos anos 1980 para montar um laboratório colorido. Só então começou a ficar satisfeito com a revelação de suas fotos. "Os parâmetros não foram feitos para a pele escura, mas para a tez caucasiana. Este sempre foi um grande problema. Fotografar uma negra com vestido de casamento branco, por exemplo, era muito difícil. Acabava-se clareando o negro, em vez de retratá-lo. Eu achava que não sabia fotografar, até perceber que o padrão não foi criado para a pele negra", diz. Assim como Neves, fotógrafos profissionais nunca puderam depender apenas da qualidade dos filmes para fotografar, valendo-se de técnicas de iluminação e revelação para encontrar os tons adequados à sua estética (NEVES, 2016 s.p.).

Desta maneira, adequar as técnicas de iluminação e revelação foram questões para pessoas negras especialistas como o caso de Eustáquio Neves, como outras pessoas tomarem suas próprias iniciativas e alterem, adaptando formas de realizar uma imagem negra sem

---

<sup>44</sup> Roth – Me refiro a pesquisadora de Lorna Roth é socióloga e professora no departamento de comunicação da Universidade de Concórdia, em Montreal. A professora desenvolveu pesquisas específicas voltadas para as questões raciais. É autora *Something New in the Air: The Story of First Peoples Television Broadcasting in Canada* (McGill-Queen's University Press, 2005). informações do Instituto Moreira Sales. Nota da autora como as demais desta publicação, salvo destaques.



deformação. Enquanto isso, para nós cliente que comprariam o serviço de fotografia automática ou impressões, passamos muitas vezes pelo racismo, que identificou um situação para se manifestas em pessoas brancas e não negras não sensíveis, pois algumas o eram, que por nossa vez criávamos estratégias de corde roupa, tirar fotos pedindo luminosidade, coisas do tipo. E racismo nas artes visuais vais se instalando dando proferencia a clientela branca como ROTH(2016, s.p.), o que vai mudando com manifestações da clientela estadunidense e a KODAK que já tinha a FUJI como concorrente, pois oferecia matizes com magenta, foi alterando as cores para atender a um público que estava consumindo, antes não visto. Onde eu tivesse necessidade e precisasse tirar uma imagem oficial para minha identificação, eu deveria aplicar meu procedimento para aparecer bem, com boa qualidade e mostrar a minha imagem como ela é. A tentativa deu certo muitas vezes e me vi sem deformidades. Pois a questão era que minha imagem ficaria estampada no documento e eu, seria identificada a partir desta imagem de identificação, averiguadora de (re)conhecimento, como acontece com todo mundo. Então, a sociologa coloca que

A frustração do meu amigo foi amplificada pelo fato de nenhuma das instruções que acompanhavam o laboratório adquirido (incluindo o guia de dados da Kodak) sequer mencionar que a diversidade de tons de pele talvez fosse um fator crítico na hora de criar reproduções realistas de pessoas. Ele, assim como muitos que trabalhavam com os laboratórios da Kodak, aprendeu a calibrar tons de pele na base da tentativa e erro. A solução desse problema seria a melhor compreensão dos aspectos materiais da emulsão fotográfica ou a melhoria dos padrões de balanceamento de cores na impressão?(ROTH, 2016, s.p.)

A questão do racismo nessa situação, no momento de tirar a fotografia, ampliava a possibilidade de a imagem sair ruim por diversos fatores que escrevo a seguir.

Documentos de identidade são feitos para nos identificarmos, ou seja, sermos (re)conhecidos pelos nossos nomes, acompanhados da imagem, diálogo de reconhecimento – eis quem sou! O que fazer quando o seu rosto aparece tão escurecido e modificado ao ponto de não ser reconhecida? Não ser visível? Aparecer um borrão ou uma escuridão que ativava o ruído normalizado dos perversos? O que fazer com algumas fotos coloridas que deformam a imagem? Não podemos fazer nada a não ser descartá-las? Essas fotos não eram de baixo custo para serem tiradas como uma fotocópia (xerox) até acertar a imagem.

Um problema na estrutura do equipamento era um dos fatores. A ausência ou o desinteresse de regulagem das máquinas, me/nos borrava/m e esta era uma experiência que vivíamos em família. Observamos que isso aconteceria com as pessoas negras em geral que

fossem mais escuras e/, nossos rostos seriam retratados sem definição nestas máquinas. O racismo aparece na produção de equipamentos fotográficos

Um dos itens que meu amigo e outros donos de laboratório recebiam com a documentação da Kodak destinada à impressão fotográfica era uma imagem que se tornou conhecida entre técnicos da área como "cartão Shirley". Esse cartão reproduzia a imagem de uma mulher de pele clara, vestindo roupa de alto-contraste, contraposta a escalas de cor e de cinza. Em muitos cartões, lia-se a palavra NORMAL. O propósito dos cartões Shirley era ajudar a determinar a exposição, a densidade e a calibragem dos tons de pele das fotografias que seriam impressas. É comum ter parâmetros de cor de pele que ajudem a configurar uma máquina, mas será que a palavra "normal" deveria ser aplicada às múltiplas Shirleys, que representam um conjunto restrito das várias tonalidades de pele humana existentes? (ROTH, 2016, s.p.)

ROTH questionou a normativa branca da Kodak que embora vinha da Ásia, segundo a percepção da autora, a empresa direcionou seu produto e intenções de venda para o público que para eles era maiores consumidores, as mulheres e homens brancos. Mas, a expressão "NORMAL" destinado a definir cor da pele pelos parâmetros de configuração da máquina (ROTH, 2016, s.p.) como ela destaca, restringem a humanidade e a sua "normalidade" há um modelo. Questão que nos mostra o quanto as questões raciais e o racismo estão presentes nas questões, coisas e lugares aparentemente "neutros", fotografias não foram pensadas para pessoas negras e/ou de peles escuras.

E nas relações onde o serviço era disponibilizado estas questões neutras poucas vezes eram resolvidas. As pessoas que tiravam as fotografias não eram profissionais da arte fotográfica. Observava que muitos eram os próprios atendentes de balcão e nem eram técnicos, simplesmente fechavam a cortina e tiravam as fotos. Seria possível regular as cores e melhorar a claridade? Mas havia o conhecimento e o interesse de vender e atender a alguns clientes com qualidade? A situação era diferente das máquinas de xerox preto e branco, que também eram feitas por profissionais que não eram especializados, mas nas quais ainda assim o responsável podia, se quisesse, melhorar os resultados das fotos de acordo com as pessoas; podia regular a máquina para as imagens que deveriam ser mais claras, manter escura ou mediana a máquina, e, para mais escuras, clarear a imagem, ou algo desse tipo.

A questão é que antigamente podiam regular com limitações, mas atualmente há opções de nuances que são do conhecimento de quem trabalha nesses lugares, como é notório já para impressão de documentos, imagens, dentre outros. No entanto, isso não ocorria, e se ocorria era a depender do lugar; como se fosse uma diferença de generosidade buscar essas regulagens antes e agora, mesmo que hoje tenhamos mais acesso às tecnologias e a novas

técnicas digitais, visto que as digitais também apresentam problemas de nitidez e com os pixels.

Essa sensação vinha junto ao visível prazer das pessoas em *mostrar*<sup>45</sup> o resultado ruim com seus pesos discriminatórios, tratando a situação com um destaque de que estava tudo certo e que eles não podiam mudar “a minha realidade”. A tradução para essa ação era a que me apresentavam, uma questão a que se referiam – primeiramente, vale observar que em maioria mostravam sua prática racista de fraca argumentação – como sendo uma situação que eles não tinham relação ou controle, pois era um problema que acontecia com a fotografia ou cópia em consequência da minha cor e forma. Devido à minha “cor e fenótipo, feiura”, pois desfigurada, a fotografia não estava mais em forma humana, mas em borrão, eles não podiam mudar aquela minha realidade de feiura e cor, algo que aparece comumente nos ataques racistas às pessoas negras: a distorção da imagem. Pois, se sou negra iria sair tudo preto, ou se o colorido borrasse, distorcesse, não poderiam melhorar a minha imagem feia. Não aconteceu uma nem duas vezes, foram ações acompanhadas de risinhos ou caretas empinado o nariz, como se estivessem certos e “ponto final”, eu que aceitasse. Esses eram os casos ocorrentes em maioria, mas em alguns lugares havia resoluções melhores. Nesses casos, fui prejudicada duplamente, pois também era impedida de receber o acesso a um serviço de qualidade, como ofereciam às demais pessoas não negras. ROTH explica que

O nome Shirley, aplicado a todos os cartões desse tipo ao longo de muitos anos, parece ter derivado da primeira modelo estampada num cartão da Kodak, na década de 1940. Provavelmente, era alguém que trabalhava em um dos muitos centros de pesquisa da empresa na América do Norte, ou a esposa de algum funcionário, a quem pediram que servisse de modelo. Para simplificar a classificação, os criadores desse cartão de referência decidiram dar a todas as mulheres estampadas o mesmo nome. Essas mulheres também tinham em comum a pele clara, o anonimato, a aparência ocidental e o fato de serem atraentes – muitas vezes, bem *sexy* (ROTH, 2016, s.p.).

Então, uma foto tirada nessas condições era feita sem o menor esforço de entregá-la com qualidade para mim, a cliente, e a outras pessoas negras, que por essas atitudes passavam a se unir na certeza de passarem por uma situação de nítido racismo. O desinteresse nessas situações foi mais observado em meus tempos de adolescente e na juventude. Ainda que tenha encontrado em algumas situações pessoas conscientes e não praticantes do racismo, vivi alguns casos em que tiraram duas vezes a fotografia, como no caso das xerox. Ainda hoje ocorrem muitos casos de racismo em função do despreparo de pessoas que tiram fotos de

---

<sup>45</sup>Verbo destacado por estar associado as performances das pessoas racistas que tratarei mais adiante.

peças negras e/ ou de grupos de pessoas mais escuras. Não preparam o equipamento, não conhecem questões de luminosidade e nem sabem adequar fatores que venham alterar a tonalidade da pele e melhorar a qualidade do produto oferecido no resultado final, nas impressões e revelações dos serviços, pois para essas pessoas nada disso importa.

Em 2007, ano que tirei aquela fotografia (Figura 4) para alguma situação de trabalho ou estudo em Florianópolis (não me lembro exatamente), eu ainda identificava a existência desses problemas tecnológicos. A diferença é que eu estava mais experiente, sem as inseguranças e desconhecimentos da juventude, não era uma menina, mas a mulher que sou. Quando mais maduros, também recebemos outros tratamentos. Em determinados lugares, estar empoderada é barreira para as práticas racistas, e em outros parece ser o ponto instigador dos ataques. O equipamento que usaram não deu problemas, pois era fotografia para revelar, eu sorri e contribui para evitar possíveis incidentes.

Uma década depois, quando encontrei a fotografia, tantas memórias me povoaram os pensamentos, passaram pelo meu corpo e refletiram a força que eu sentia com algumas memórias e neste caso, finalizava com uma sensação boa de resolução.

A estética de uma mulher branca. ou principalmente de um homem branco, não seriam colocadas neste nível de exposição, não seriam passíveis da mesma situação que vivi, ainda mais se tratando de uma prestação de serviços pagos. Esse é o peso de uma monstrualização criada e disseminada pelo racismo cotidiano naturalizado e que atribui a feiura às pessoas negras, ainda que tudo isso não nos pertença.

Isso mexe conosco, nos afeta, violenta e traumatiza pelo fato fazer parte de um ciclo maior de ações impregnadas de racismo, violentas que mantêm viva a colonialidade(TAVARES, 2020, s.p.).

Como aceitar uma imagem humana na forma de borrão? A minha imagem? Um borrão não é uma pessoa. É uma deformidade no papel fotográfico que não representa a nossa imagem, tampouco nos identifica. "Somente mais uma vez", sinto e constato ser transposta sobre mim a materialização dos estigmas que pessoas bem dispostas ao racismo, a partir das vivências cotidianas, estabelecerem do auge de suas más compreendidas posições de poder, que podem fazer coisas grotescas conosco. Neste caso materializar uma imagem falsa minha ou de uma pessoa negra, se valendo de um problema tecnológico para colocar a outra pessoa

para baixo<sup>46</sup>, sem um rosto reconhecível, e atribuir a Nóspela exposição da imagem, caso nos utilizemos desta imagem alterada, de sermos constantemente expostos e portarmos a características que desejam, de monstros disformes, não humanos. Isso cria mais dores e ativa antigos traumas de vermos nossas imagens descaracterizadas e enfatizadas como sendo reais pelo perverso, dissimulado e incansável racismo recreativo.

Eu nunca tinha problemas em ser fotografada ou para tirar fotos, respeito os fotógrafos, meu pai era um e eu aprendi a gostar da minha imagem naturalmente até acessar diversos tipos de racismos na infância e as situações que corroboravam com o preconceito e a discriminação racial. Na poesia escrevo/vivo e expresso uma estratégia que encontrei na adolescência para lidar com os problemas raciais da tecnologia da época, mas que ainda utilizo hoje, mesmo tendo as resistências e novidades do racismo nesses locais que procuram expor e vexar pessoas negras, principalmente a estética de nós mulheres negras. As pessoas que manipulam os equipamentos nessas situações estabelecem regras inexistentes legalmente para tirarem fotografias, principalmente em locais da esfera dos equipamentos públicos, que por seus critérios racistas, estabelecem e impõem a quem não contestar a "inadequação anunciada". Sob motivos totalmente desconhecidos, desrespeitam a estética de cabelos *Black Power*<sup>47</sup>, que "mandam" prender, Tranças e *Dreadlocks*<sup>48</sup>, que mandam prender ou cortar! *Turbantes*<sup>49</sup> que "mandam" tirar, até maquiagem "mandam" tirar. Uma comissão da escravidão reatualizada.

Eu buscava primeiro escolher uma tecnologia melhor, que tivesse dado certo na época; depois ver se o lugar era legal<sup>50</sup>, se tinha gente mais simpática e receptiva com pessoas negras, e o principal de tudo: passei a sorrir nas fotos desde meus 18 anos, fosse para o que fosse, e deu certo. As deformações, se as máquinas fossem muito ruins, não tem jeito, mas as

---

<sup>46</sup> Expressão que se refere a pessoas com sensação de tristeza, de desgosto, de muito mal estar.

<sup>47</sup> Cabelos naturais crespos organizados esteticamente em formato arredondado, simetricamente. Já foi um estilo usado para afirmação da beleza negra nos EUA nos anos 1970, com movimento que se expandiu para o Brasil e outras partes do mundo, ampliando a consciência negra e o amor pela negritude, por sermos pessoas negra, compondo um movimento político afro.

<sup>48</sup> Cabelos afros esteticamente organizados em rolos com cera.

<sup>49</sup> Panos que são de utilidade estética afro para mulheres e homens e servem para ornamentar as cabeças, tendo alguns sentidos em países diferentes de África e do Oriente Médio.

<sup>50</sup> Gíria usada comumente e que eu também carrego e mantenho em uso desde meu tempo de juventude. Ela se refere a algo positivo, que não faz mal, passa bem-estar, pode ser relacionado a uma pessoa que é agradável e nos faz bem quando temos boa convivência, quando expressada com entusiasmo. Exemplo: "Maria é legal", ela é uma pessoa que faz bem onde aparece, sabe lidar com as pessoas ou, dependendo da entonação e empolgação da expressão, pode se uma expressão de limitação: "É, o Rique é legal, faz tudo bem feito, pode ser", a pessoa não é um multiprofissional, mas é legal no que faz. Pode ter muitos sentidos.

melhores davam certo, e caso não desse, resolvia com uma conversa com a pessoa simpática que tinha empatia e fazia a foto novamente caso fosse visível que o documento, por falha da tecnologia, não deixava meu rosto reconhecível e visível. Ser reconhecido, ser visibilizado e ter uma imagem agradável na fotografia é algo importante, algo que ocorreu no ensaio fotográfico que faz parte deste trabalho e é comentado e analisado.

Dessa forma, as violências dirigidas aos nossos corpos, este lugar marcado, que nos identifica e estabelece regras inexistentes, tem trato específico, que constrange e nos ataca direta e naturalizadamente na estética natural de nossos corpos, é um ato grave de violência. O histórico de violências simbólicas sobre nossos corpos tem sido mantido para o enfraquecimento e destruição de nosso povo existencialmente, ou seja, visa nos matar lentamente em vida, pela baixa estima, pelo descontentamento e vergonha de si mesmo e dos seus. Fazendo-nos sentir o peso destes racismos, dando uma sensação de não pertencimento pelo acúmulo das ações em situações aparentemente insignificantes, das micro-violências raciais, sexistas. São estratégias brancas para nos tirarem de seus caminhos.

Temos que nos aliviar com nossas tecnologias de (re)existência e continuar a vida. Continuar a vida em (re)existência é a marca desta escrita e da tradução afrodiaspórica pela qual me possibilito uma melhor comunicação.

Figura 4 – Performance Teatral Senzala (2014) – Coletivo Vozes de Zambí



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Início este Segundo Ato Performático Descolonizante trazendo uma imagem que é muito preciosa e simbólica para o meu/nosso – dos que cresceram com o projeto – processo de crescimento e de trabalho como das produções artísticas, das pesquisas das Artes da Cena e na minha formação no curso de Artes Cênicas.

Ela marca uma criação importante, fruto do projeto de extensão *Vozes de Zambi: Expressão Vocal e Consciência Negra*, que criei no meu segundo semestre do curso de Artes Cênicas, e que se manteve no período de 2012 a 2015 dentro da universidade. A imagem mostra o resultado de um trabalho pioneiro em Artes Negras da Cena e Culturas e de Práticas Culturais de Matrizes Africanas no centro de artes onde a inseri e estudei, no departamento e na universidade. A iniciativa destaca-se principalmente por ter sido criada, dirigida e protagonizada por uma artista e estudantes negras e negros em uma universidade federal.

A produção artística *Senzala*, retratada na imagem acima, é uma performance teatral que marca uma transformação espacial, faz uma ruptura no tempo, na cultura e no espaço pelo novo e com o fortalecimento dos nossos coletivos negros estudantis. Marca também, a conclusão de um trabalho coletivo colaborativo, no caso do *Vozes de Zambi*, de face de práticas com valores sob a perspectiva da filosofia de Ubuntu, transpostas para as práticas e ações coletivas de arte, em período e contexto universitário hostil para as estudantes negras/os, como para a presença/existência de nossas epistemologias afros e das demais questões negras, MARTINS coloca

Como que pela corporeidade, pelas performances da oralitura, como que através das oralituras, se transcriam nas Américas todos estes saberes que vêm pelos mares oceânicos, que vem pelas águas à contra gosto, trazidos pelos nossos ancestrais? E aí, repetindo uma fala, ou seja, sublinhando do que? Os nossos ancestrais não navegaram sós. Estavam eles ali, com corpo nu, mas estavam vestidos de toda uma gama fabulosa de conhecimentos que ele transcriam em todas as Américas. Conhecimentos que são muitíssimos importantes nas constituições das Américas. Então, conhecimentos eu costumo brincar que: não foram trazidos pelos chips, pelos pendrives, não foram trazidos nem pelos livros. Foram transcritos pela inscrição da memória do corpo em performance. Então, uma gama muito variada de conhecimentos. Eu gosto muito de acentuar que são conhecimentos científicos, técnicos, tecnológicos, medicinais, de engenharia, de arquitetura, de músicas, de dança, de sistemas religiosos muitos complexos, de filosofia. Então neste livro, eu percorro um pouco, não como é como definição, mas como se manifesta o tempo espiralar, como ele pode ser pensado como estrutura de um pensamento[...] (MARTINS, 2020, s.p.).

O trabalho com nossas corporeidades negras e brancas, das/dos participantes do Coletivo, sempre foi voltado para a sensibilização a partir da voz e das práticas imersivas relacionadas à cultura, ancestralidade, memórias e histórias negras. O que a professora Leda

(MARTINS, 2020) nos remete em sua fala é aos amplos horizontes que as oralituras nos permitem navegar em corpo e alma, senti proximidade entre suas descrições e nossas construções e buscas com o corpo. Este também é um dos caminhos que vim trilhando a partir das pesquisas do Vozes de Zambi para compreender a amplidão da disciplina que idealizei e criei: Artes Negras da Cena e das Culturas de Matriz Africana. Disciplina essa que acolhe, engloba uma ampla gama das práticas e criações, cênicas, do teatro, das performances, da dança, da música, das outras artes do corpo em suas perspectivas ocidentais em ressignificação afro, como também se apropria e utiliza de aportes ocidentais. Ela também abrange as práticas culturais artes nas de diferentes cosmovisões africanas de África que não se dissociam. Tudo para além das performances, para sempre com a presença delas, que são abordadas mais especialmente esta pesquisa.

A produção teve origem nas vivências que identificávamos mais acirradas e específicas no espaço universitário: a presença forte do racismo estrutural brasileiro na esfera institucional, como em nosso cotidiano na cidade de Florianópolis, Santa Catarina (SC).

A situação incômoda nos levou a pensar numa proposta em que nos víssemos tratando do tema mais diretamente e buscássemos reunir nossos conhecimentos pessoais, históricos, da vida cotidiana de nossa coletividade e dos conteúdos das músicas afro-brasileiras tradicionais e contemporâneas, que muito retratavam a vida do negro no Brasil. A partir daí, embrionamos a criação da performance teatral negra cantada, de cunho político e engajada.

Desde então nossas propostas em artes iniciaram um ciclo potente de ações em arte política e manifestos, ações e movimentações de promoções artísticas e culturais de intuito antirracista e descolonizantes (num período de poucos conhecimentos deste conceito) em/por meio das artes da cena.

A imagem da performance acima é repleta de signos culturais específicos dos grupos negros e dos outros não negros. Ela traz características visíveis das práticas da violência racial branca sob os corpos negros, traduz marcadamente por signos e repetições sonoras deste “lugar” das construídas “subalternidade e inferioridade” sob os corpos e pessoas negras.

Atualmente sigo em diálogo com diversos teóricas/os e artistas que fui descobrindo por minhas pesquisas, que se transformaram em verdadeiros “garimpos das epistemologias de nossas diversas matrizes africanas”. Pois as epistemologias e os referenciais não estavam em nosso currículo nas artes cênicas, nem na maioria, dos outros cursos da universidade no período de minha graduação.



Eu não conhecia muitos delas/es, que pouco a pouco fui encontrando. Principalmente as/os que destacavam o simbolismo com que o colonialismo veio marcar os nossos corpos negros para que fossem imaginados e pensados como local desumanizado. Como se pudessem fazê-lo tal qual faziam na escravidão, como se continuasse na atualidade a ser o local imaginário das ações violentas, das imposições, do controle e das violações de toda ordem, o que não são. Tudo isso expressei de diferentes formas pelas práticas performáticas-teatrais e efeitos do racismo em cena. Trabalho que construímos por meio de pesquisas que fazíamos coletiva e individualmente sobre nossos cotidianos negros, por cada pessoa dos coletivos, por pesquisas de notícias de jornais, de músicas e de histórias negras. Também usei de algumas fontes teóricas que eu trazia para sala de aula e ensaios e as transformava em exercícios, depois em cena. Algo que ocorreu mesmo antes de eu e Nós acessarmos algumas das literaturas mais específicas que tratam sobre as marcas coloniais sob nossos corpos e seus efeitos. Marcas presentes em nossos corpos pelas construções da escravização, mantidas e/ou reatualizadas por nossa sociedade contemporânea como nos trazem Frantz Fanon, Grada Kilomba, Victória Santa Cruz, dentre outras/os. Esses agora citados muito dialogam com a performance-teatral “Senzala”, que dirigi e que criamos com o Vozes de Zambi em 2013, dentre outras. Nessa performance, especialmente, levei a público questões como o embranquecimento e a violência física, psicológica, as performances de xingamentos e a negrofobia perversa que muitas pessoas negras já viveram e vivem até hoje. Foi possível vislumbrar pela performance teatral “Senzala” – que foi objeto de meu Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Cênicas, ocasião em que fiz uma verdadeira tradução cultural sobre ela, observando vários de seus trechos – a ação das cantoras/res e performers nitidamente. A arte política, as questões de alienação pelas ações e projeções da branquitude, do embranquecimento, as resistências de nossa negritude, a música e a musicalidade expressando a situação coletiva injusta e criminosa que passamos. A proposta performática-teatral destaca o problema a partir de uma personagem: um homem negro, pensando este como uma representação de nossa coletividade pela exposição e vulnerabilidade à morte, pela violência racial policial e social. A performance representa uma coletividade, inspirada em características do teatro épico brechtiano. Noto semelhante face escrivente, das experiências coletivas em comum de negras/os, que dialogam entre si artisticamente e na crítica social de Brecht e Evaristo em certo ponto.

A presença de forças ancestrais de toda ordem na performance-teatral é o fio condutor que nos alivia e conduz a outras possibilidades e dá esperança de uma outra vida, de outro

destino que escreveremos e de seguirmos existindo no futuro. Nós conduzimos o seu final para uma outra perspectiva, a da harmonia e para a busca desta permanência longe do cativeiro expresso na história e no entoar coletivo da canção. Faces que identifiquei em diferentes formas nestas/es autoras/es que me acompanham até hoje.(FANON, 2008; KILOMBA, 2018)

Esse “Um lugar” tenta ser imposto a Nós pelos brancos, se desdobra em afetações e estigmas, ou seja, um lugar sempre negativo, um lugar corpóreo e espacial, de construção da inventada inferioridade que atribuem e tentam projetar sobre Nós. Não nos querem em espaços que consideram seus, que consideram bons, importantes ou essenciais, de prestígio como: o lugar da beleza, da produção de conhecimentos, no campo dos acessos e bem-estar. Não nos querem nas boas escolas, universidades, nas profissões boas e consideradas importantes, com salários justos e bons — ou altamente remunerados. Não querem que tenhamos acesso às boas vestimentas e consumo, às boas moradias; nos querem sem direito ao lazer, ao descanso e desfrute de férias, como viagens; sem ocupar cargos de poder e decisões, como o governo do país, fazendo parte da política, do empresariado, na posse do lucro.

Os brancos brasileiros querem ter o poder, as decisões, as criações, as mudanças, o controle social de tudo o que existir de importante em suas mãos, como se estivéssemos presentes e dispostos a servi-los. Não aceitam nossos acessos nesses espaços, a esses bens e ao poder na sociedade, pois querem o controle que acreditam ser deles. Não querem a construção de uma sociedade melhor, nova e de equidade racial, de gênero, classe, e demais intersseccionalidades e diversidades humanas que possamos ser. Acreditam que esses lugares que moldaram por séculos excluindo nossas/os ancestrais ao preço da abismal desigualdade social e pela discriminação racial, a eles está reservado por “mérito”.

Esse falso mérito que gera o privilégio e os arranjos da raça os possibilita estarem onde estão por terem a posse do privilégio racial, com o poder simbólico que sua inventada raça branca carrega. É um privilégio devastador. O privilégio que exclui outros grupos humanos e os prejudica em favor de seus benefícios e é aniquilador, como traduz Werneck (2020, s.p.) que é categórica ao marcar a branquitude e qualificar os danos de um grupo que passa dos limites secularmente e é uma fábrica de mortes que deve parar. WERNECK coloca

Branquitude é o sistema que dá corpo e movimento ao mecanismo que é este outro sistema, esta outra estrutura chamada racismo. Branquitude e racismo estrutural são pedaços da mesma engrenagem. Branquitude não é ter pele clara é se beneficiar do conjunto de violências, exclusões e aniquilamentos que produzem privilégios.

Branquitude, o outro nome, a outra face da branquitude é privilégio, um privilégio cruel, privilégio violento que aniquila (WERNECK, 2020, s.p.).

Isso se dá seja pela violência simbólica performada pelo silêncio diante do racismo, ou por sua negação sistêmica e continuada, seja pelo ódio racial e os diferentes níveis de racismo, culturalmente introjetados. O racismo estrutural funciona pela ação humana. Instalado e vivo nas pessoas que o tornam existente e ativo nas instituições, ele está estruturado, ou seja, organizado nas instituições das famílias, das escolas, das igrejas, das organizações governamentais e não governamentais, nas empresas, conforme afirma Jurema Werneck (2020, s.p.).

As pessoas que cultuam e mantêm ativo o racismo por meio de suas ininterruptas performances cotidianas da branquitude são pessoas perigosas para sociedade, para pessoas negras e outras não negras. A médica Dra. Jurema Werneck (2020, s.p.) chama atenção para o fato de que “Ser branco na chave da branquitude não é bom.[...] É ser portador de privilégios de aniquilamentos[...]”. Ou seja, ser branco sem a preocupação de ser consciente de suas problemáticas raciais de grupo e individuais, seguir sem consciência ou ações que gerem mudanças em si e na sociedade de fato, é simplesmente ser uma máquina de aniquilar gente, pois é isso que o privilégio racial branco faz em nossa sociedade, conforme afirma a autora.

Em realidade essas pessoas, em boa parcela, seguem alegando desconhecimento de suas práticas ou que não sabem como fazer para mudar isso, mas o fato é que fazem conscientemente cada ação, todos os dias, comumente nas suas práticas apresentam performances cotidianas da branquitude a Nós, pessoas negras. O racismo é consciente e cada racista sabe o que faz.

O fato de que algumas pessoas brancas em determinados momentos, talvez, afirmem que não tenham percebido os seus racismos não quer dizer que ele não tenha acontecido ou que não seja real. Essas suas constantes práticas cotidianas são aprendizagens culturais dos universos racistas que o constroem e mantêm as mais diferentes formas de violências raciais. Há práticas notórias tanto entre o grupo praticante branco como entre as negras e outras não brancas – aqui destaco a negrofobia brasileira, ou seja, o racismo voltado para pessoas negras – vítimas que são afetadas por suas violências no decorrer de suas existências e pelos crimes genocidas.

Culturalmente, quem se educou sob a constante prática do racismo – principalmente as pessoas brancas e não as que o reproduzem, pois estas em algum momento se deparam com

peças ideologicamente consideradas “branca de fato” e se inclinam frente à hierarquia – torna suas formas/procedimentos como que “naturais” nos tratamentos a serem dados às pessoas negras em suas vidas. E isso, pela face do racismo de características brasileiras, de negação de suas práticas e presenças sociais, do negacionismo de sua existência no âmbito pessoal de uma maioria de pessoas brancas, não quer dizer que esses crimes sejam ações naturais e inconscientes

É incontável a lista de seus privilégios na sociedade pelo simples fato de serem brancos. Mas, se praticam o crime de racismo e suas manobras, compreendem seus privilégios. Às vezes investem até em performances ainda mais atrevidas, violentas e por terem certeza de seus privilégios, da impunidade de suas ações, ficam com a quase certeza de que não serão punidos. São esses os caminhos que mantemos seus racismos e suas dependências de Nós ativas no cotidiano de nossa sociedade brasileira.

A branquitude usa do privilégio de estar ocupando os postos de poder em decorrência desse período de dominação. Isso se verificamos mais altos cargos do governo, como em postos de poder e decisão da: segurança pública, do judiciário, da política, do mercado de trabalho, da educação superior e básica, do setor financeiro, do cultural, do religioso, sendo que dominam racialmente praticamente a sociedade e a moldam tal qual a sua cultura e imagens, projeções, desejos, interesses e ambições. Dessa forma, excluindo, privando de igualdade em participações e a paridade com os demais grupos raciais.

Isso faz com que principalmente pessoas negras e indígenas, pertencentes aos grupos historicamente marginalizados e excluídos por eles por meio de suas poucas representações políticas tenham se organizado em movimentos sociais negros e indígenas, seguido em resistência e em constante organização de ações de rechaço à ausência de direitos, como de fissuras as estruturas construídas para barrar estes grupos pelo racismo estrutural. Os movimentos fissuras permitem a estada nevrálgica, tensa ou silenciosa das margens ao centro da sociedade. A maioria das populações negras, mais da metade da população do Brasil e parcela pequena (mas significativa de povos indígenas aldeados e não aldeados) nunca saiu das margens e segue vivendo na extrema desigualdade em relação às pessoas brancas. Vivendo a desigualdade abissal deste país que promove o analfabetismo, a mortalidade infantil e genocídio dos povos negros, quilombolas e indígenas e demais destruições da sociedade e natureza com as quais a cultura capitalista branca vem nos assolando.

As políticas de exclusões geram efeitos negativos limitando-nos, julgando nossa capacidade de produção intelectual, nos remetendo à ideologia de supremacia racial que nos “retira em seu imaginário”, por sua própria conta e criação, a condição de sermos seres pensantes e produtores de conhecimentos, presentes em muitas áreas do conhecimento humano. A universidade é um lugar que marca essa pretensa e discriminatória estigmatização branca sobre Nós. Isso é visivelmente identificável na academia pela ausência de nossas epistemologias afros, de referências bibliográficas, pelo desdém e muitas vezes por ações muito sérias de negação de epistemologias apresentadas para serem estudadas em sala ou em pesquisas pessoais de estudantes que professoras/es brancas/os se recusam a reconhecer como conhecimento válido porque não as conhecem ou não as consideram legítimas.

“– Você também pegou o robertismo?” essa pergunta era feita por docentes e discentes no curso de Artes Cênicas para participantes do Vozes de Zambi, que também cursavam Artes Cênicas. Ela é uma tradução do racismo recreativo, o medo e proteção dos brancos aparece por trás dessa frase, mesmo que houvesse visões diferentes, como a perspectiva do cineasta Joel Zito Araújo, que ao escutar nosso relato em um momento que teve com o Coletivo Vozes de Zambi e Kurima, disse: “Não liguem para isso desta maneira. Que maravilha, Roberta! Eles estão é dando poder a você. Marxismo, outros ismos estão promovendo seu trabalho ao status de ideias fortes se opondo desta maneira. Siga com o seu trabalho.” Finalizou a conversa com um: “Sempre instrumentalizem-se.”

Ele falou coisas com quase essas palavras. Eu me aborreci pela somatória de coisas que eram investidas sobre o nosso trabalho naquele período e contexto. Por diferentes formas, as pessoas brancas do curso – docentes, discentes e TAEs– atacavam nossos participantes, me deixavam brava, pois tínhamos o direito de estar ali, e busquei a cada dia ensiná-los com nossas permanências produtivas. Existíamos!

Já a tradução afrodiaspórica negra sobre essa prática cultural branca se dá pelos comportamentos e performances cotidianas da branquitude (LIMA, 2017), principalmente, as que foram direcionadas naquele espaço acadêmico que ocupávamos e onde eu estudava. Uma versão falsa da existência de uma superioridade branca foi alimentada por esse grupo sem racializar a si mesmo, racializando o grupo negro e outros não brancos também, passando a falsa ideia da inferioridade destes grupos – negros, indígenas, asiáticos – em relação a eles. Os membros do grupo descrito se autoprojetam como modelos humanos apagando os outros grupos dos espaços de visibilidade, assim como as suas imagens.

Grupos como aquele prevalecem em dominação violentamente se valendo da desigualdade social, da oportunidade que promovem enquanto grupo que privilegiadamente herdou privilégios desde a escravidão e matança dos povos indígenas, que seguem sendo acossados e mortos (para não poderem ocupar seus espaços em paz na sociedade como desejam). A colonialidade do poder os coloca em situação de superioridade física, moral e intelectual em relação às outras pessoas. Traduzindo, são dependentes da falsa ideia de raça herdada e mantida por suas novas gerações.

Parcela significativa das pessoas buscava praticar o racismo de forma mais contida e simpática. Agora é um pouco diferente para os mais desequilibrados e desejosos de “saírem do armário de ataques supremacistas diretos”, ou seja, se liberarem de seus racismos escondidos e mostrarem mesmo a cara para Nós. Hoje essas pessoas se sentem apoiadas pelo atual desgoverno de extrema-direita e se sentem autorizadas a mostrarem suas perversões. Mas, naqueles anos de final de 2012 a 2015, aquela atitude seguia acompanhada do medo que demonstravam ter diante de minha figura segura e de quem não começava sua jornada ali.

O medo branco de nossa onda negra, atacando a Nós é materializado pela hostilidade racial silenciosa ou falas recheadas com um misto de desejo, inveja, medo de serem expostos em seus racismos, frustração e principalmente no controle de Nós e na proteção do que consideram como sendo “seus espaços brancos”. Ações como a minha, ainda que novas – eu, na direção de um coletivo de artes da cena negro, com participações de não negros, fazendo arte dentro de uma universidade pública e fissurando muralhas raciais – não podem parar, nunca pensei em parar com nada, só tinha mais combustível. Todos os dias nos davam elementos novos para nosso trabalho acontecer, mesmo que não quiséssemos viver em estado de luta – mas isso não é escolha nossa, ou você luta ou eles te engolem – contra a opressão racial institucional, com a violência das pessoas branca contra Nós.

Tínhamos a sustentação em perspectivas de Ubuntu e do sagrado sincrético, ligado ao sagrado de cada um de Nós, que nos sustentava sempre naquela aprendizagem coletiva. O senso de Ubuntu era a face que desejei tratar da consciência negra para além de acessarmos e trabalharmos os cantos afro-brasileiros, africanos e outros afrodiáspóricos, era trabalhar nossa conexão para podermos viver tudo aquilo na vida cotidiana e em nosso trabalho. Hoje vejo muitos resultados das pessoas que estiveram conosco naqueles três anos de trabalhos trilhando caminhos muito importantes.

O racismo naquela frase que circulava nos corredores tem um misto de desdém e inveja, busca deslegitimar a artista negra, bem como as artes negras da cena insinuando que o que eu estava fazendo ali era criação da minha cabeça, no sentido de não existir teatro negro, performance negra, manifestos negros em artes. A tentativa de apagamento sempre estava presente. Essa é uma questão que tem sido tratada e questionada pontualmente pela autora, artista e psicanalista Grada Kilomba (2018) no capítulo “Quem pode falar?”, de seu livro *Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano*.

A performance teatral apresentada pelo Coletivo Vozes de Zambi teve suas primeiras apresentações públicas no ano de 2014, em uma rua do Centro da cidade de Florianópolis (SC), na abertura do Festival UFSCTOCK, no intuito de acessar populares e levar uma temática de problemática sociocultural silenciada regional, nacional e globalmente. O racismo e o peso das violências raciais contra pessoas negras foram mostrados artística e simbolicamente ao público mais popular, ocupando um lugar que não é o nosso, possibilitando a participação deles no final, pois, muitas vezes, o acesso às artes fica restrito. Com iniciativas como essa pudemos chegar às pessoas negras catarinenses. Nesse dia do festival, durante os 40 minutos de performance, aconteceu um ajuntamento humano na interação final da performance, que foi quando convidamos os presentes a contarem e dançarem cantos de libertação e rezas dos tempos da escravização.

No término, vimos pessoas emocionadas e/ou agradecidas, impressionadas pelo que sentiram. Elas vieram falar conosco sobre suas impressões, identificações, umas contaram histórias, outras agradeceram por verem aquela abordagem para elas tão real e necessária, pois percebiam nitidamente, ainda que a cena fosse toda cantada e cheia de simbolismos, se reconheciam e identificaram o racismo e a paz do acolhimento, pois elas vivenciaram situações semelhantes às cenas performadas na rua.

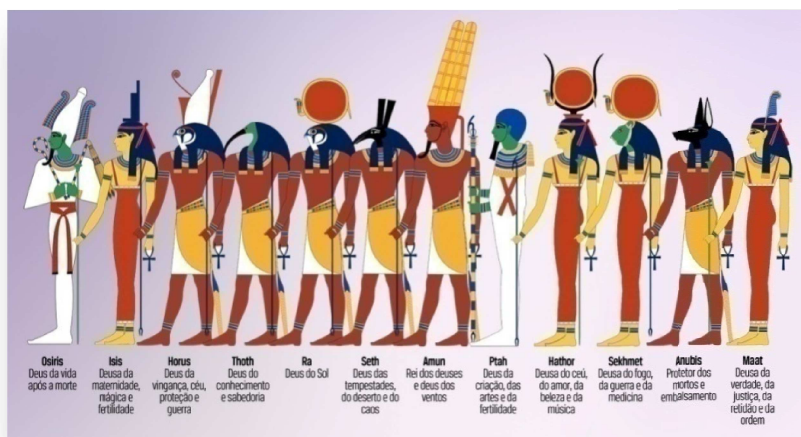
### **3.1.1 OS SIGNOS LANÇADOS SOB O/S MEU/NOSSOS CORPO/S**

Nossos passos vêm de longe.

É o que repetem os mais antigos para Nós nas mais diversas situações e espaços planetários afro-negros, e dessa forma vamos seguindo. As histórias que não me contaram na escola e não ensinaram nem na universidade, busquei sozinha nesses anos de pesquisas em que queria conhecer minhas origens, minha ancestralidade e tudo o que parecia primeiramente inexistente ou muito distante. Ao finalmente encontrar o que procurava, isso de repente se

tornou uma inesgotável fonte de conhecimentos com os quais às vezes me disperso de satisfação e felicidade.

Figura 5 – Deuses de Kemet (A Terra dos Homens Pretos)<sup>51</sup>



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Vou/vamos manejando com arte, afetos, com as tecnologias de (re)existência. Eu faço/fizemos parte de um seguimento que tem sido desenvolvido ancestralmente por mulheres negras artistas e outras pessoas negras com objetivo de resistir às violências coloniais, para podermos nos reinventar, pois, antes delas, nossa força ancestral sempre fez história milenarmente construindo e (re)descobrimo a vida humana.

Destaco o tema que dá início às reflexões coletivas em arte e pesquisas acadêmicas que venho trabalhando, bem como a coletividade a que pertencço. Apresento o questionamento desse “lugar imposto” a Nós, pessoas negras, de uma *Senzala* (re)significada em muitos sentidos. Aqui, na performance teatral de nosso Coletivo Vozes de Zambi, vimos muitos sentidos e seus efeitos práticos, pela devolutiva do público, transpostos sobre nós. Um deles foi sua ação enquanto dispositivo descolonizante e antirracista, como também mecanismo tradutório afrodiáspórico político. Sendo sua existência e manifestação a performance, como a do Coletivo de voz e cena negra, importantes marcos e divisores de águas para as legitimação das construções, produções e manifestações artísticas negras dentro do curso de Artes Cênicas

<sup>51</sup>O termo Kemet faz referência ao nome do antigo Egito, segundo a doutoranda Katiucia Ribeiro, e quer dizer em tradução Kemética, feita por ela mesma, “Terras dos Homens Pretos”. Assim era como se chamava originalmente a região do atual Egito, assim nomeado desde sua dominação pelos povos europeus gregos. Durante três milênios anteriores, essa terra teve diversas dinastias e histórias importantes que retratam nossos ancestrais. Segundo a filósofa Katiucia Oliveira, podemos citar os filósofos Cheik Anta Diop, Renato Nogueira, Mulefe Kente Asanti, dentre outros.



da Universidade Federal de Santa Catarina, iniciados pelos meus projetos, aulas, produções e coletivos, até então oficialmente inexistentes no curso e não reconhecido. A manifestação em maioria era ignorar a nossa existência. Segui (re)existente impulsionando nosso trabalho com minhas turmas de estudantes mistas racialmente. Cada um aprendia nos momentos de estudos e conversas, abertos desde o início a se localizarem enquanto pessoas sobre suas origens raciais e étnico-raciais. Como, principalmente sobre a potência e as implicações de “seu lugar corporal de negros, brancos, asiáticos e pardos”<sup>52</sup> - para os que se afirmavam assim e não se localizavam entre os grupos negros ou indígenas ou mestiços com asiáticos ou como misigenados destes grupos raciais -, “suas localizações corporais”. Não me recordo de termos tido participantes indígenas ali. Na época, se localizar e se reconhecer, se colocar no seu espaço corporal, se situar em seu “lugar corporal negro...”, “se localizar corporalmente” era a maneira como eu encontrava de trabalhar as diferenças raciais e o que eu desejava de cada pessoa, cada qual de seu lugar racial. As performanceteatrais que realizamos eram cantadas e nossos corpos, por carregarem signos coloniais da ideologia da raça, até a atualidade, estão impregnados de informações que se traduzem no imagético das pessoas na sociedade, sem que se precise falar.

Tínhamos pessoas negras e brancas, e em cada grupo suas experiências coletivas em comum, sabiam de suas particularidades enquanto raça. Ainda não tínhamos em 2013 o acesso a literaturas e referências específicos sobre raça, como eu desejava abordar em artes e nas práticas para o corpo em cena, trabalhando a descolonização e o antirracismo. O livro *O Lugar de Fala*, de Djamilia Riberiro que aborda esta questão e possibilita localizarmo-nos, assim como nossas vozes, ainda não existia e hoje

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis

---

<sup>52</sup> Seu lugar corporal – Na época, em 2013, não tive acesso a literaturas e referências específicas sobre raça e metodologias para trabalhos de corpo, nas relações raciais e étnico-raciais. O livro “O Lugar de Fala”, de Djamilia Riberiro que aborda esta questão e possibilita localizarmo-nos, com nossas vozes, ainda tinha sido escrito.

estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos. Como disse Rosane Borges, para a matéria O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público,<sup>51</sup> pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”. (RIBEIRO, 2017, p.47 )

Que cada um que fale a partir de seu lugar de fala. E se inquiete com suas questões e tenha ciência de seus privilégios, principalmente se estude e conheça, fale de suas questões a serem resolvidas e as resolva. Ao invés de procurar criticar grupos marginalizados. Pois, os grupos privilegiados se preocupam muito em questionar mulheres negras e demais marginalizados e se esquecem de trabalhar ativamente sob seus privilégios, usar seu lugar de fala para falar de sua identidade racial problemática e aniqueilante.

As confusões em torno do lugar de fala, se dão pela preteção e o controle, dos que seguem visando deter os que para eles não devem se manifestar. Pois, como usamos no projeto o nosso lugar corporal, o lugar que nos inscrevemos socialmente para nos manifestar e expressar, performar e trabalho de auto conhecimento , de olhar para si e para sua/seus semelhante de saber o que e onde interferimos no seu mundo e como fazer isso ser diferentes, pode ser um dos caminhos.

Então eu buscava, a partir do distrinchar dos livros teóricos sobre racismo, experiências e relatos de participantes e em 2014, com meu inicio dos estudos do racismo pela problemática da branquitude, fui construindo métodos de trabalho para o corpo e cena. Assim compreendemos o processo antirracista e a maneira de melhor potencializar o público com nossas ações e performances teatrais descolonizantes.

Pelo caminhar, fomos sentindo e propagando, neste contexto de memórias e satisfações, pois os signossão lançados sobre o meu corpo quase que o tocando, o marcando, como se eu fosse o corpo, e eu o sou também, mas acreditam que eu seja o que eles projetam sobre o meu corpo, os nossos corpos, pois o ataque é a Nós povos negros do Brasil e do mundo.São signos criados e (re)significadospor Nós negros. Como fazendo parte da linguagem dos signos diversos sobre eles criados, os seus efeitos que estão presentes nesta pesquisa. Trago um poema que fiz nesse processo para performances e que me inspirou para tratar desse tema neste Primeiro Ato Performático Descolonizante.

**Os signos de Nós  
Há signos por demais lançados sobre mim<sup>53</sup>.  
Há uma enxurrada de signos lançados sobre o meu corpo que se  
encerram na palavra Negro.**

---

<sup>53</sup> Poesia da autora feita para esta dissertação.

Há signos demais pesando sobre minha alma e corpo, Negros.  
São signos lançados sobre Nós pessoas negras,  
Sobre Nós povos Negros.  
Somos muitas, muitos e muitos de Nós viventes neste mundo.  
E muitos signos pesando, sobre nossos muitos corpos e almas Negros.  
Que transformamos...  
Porque os signos projetados pelos algozes, não dizem nada sobre Nós,  
nem sobre mim.  
Não dizem nada sobre Nós...  
Signos de dor, de séculos esbrachos, de massacres e de extermínios...

E cansadas/es/os do peso da dor e da morte  
Que não parava de chegar pelo peso dos signos seguidos de atos vís  
Nós os transformamos em vida de Nós ...  
E nos restou a força ancestral e as recriações, as inspirações e ações de  
toda a parte,  
E em um ponto a palavra NEGRITUDE nasceu e com ela, mais força  
de Nós  
Trazida por Paulette Nardal, Suzanne Césair, Aimé Césaire, Leopold  
Sédar Senghor e outras/os ...  
Pela força do sentido da palavra nova, das nossas novas lutas.  
Esta palavra que Nós enchemos ainda mais de sentidos e coisa de  
nossas,  
Ressignificou os signos, dos signos projetados sobre Nós,  
Tiveram então outras rítmicas, outros sentidos,  
Outra nuance e outra conformação familiar para cada um de Nós  
Transformamos o que nos pesava o corpo pela dor da alma  
O ar que drena e purifica oxigenando força e poder em Nós  
Curando a agonizava dor dos corpos maltratado  
Pela sonoridade dos feitos resultantes dos signos  
Que lançaram sobre Nós concentrados na palavra Negro  
Que não mais se somava a dor e a revolta  
E nos preenchemos, nos cuidamos  
E moldamos, os mesmos signos com muito de Nós.  
E ainda fizemos mais coisas com ele, que nos coloca mais leves  
Pertencentes, presentes, conscientes e com orgulho de Nós  
Negras/es/os.  
Trilhando nossos passos (re)criando nossas vidas e histórias.  
É NEGRI TUDE DE NÓS!  
É NEGRO , É NEGRO , É NEGRO DE NÓS!  
SOMOS POVOS NEGROS !  
SEM O PESO DA SUA DOR ,  
DAS SUAS DORES,  
SEM M E D O D A M O R T E !  
SOMOS POVOS NEGROS DA ÁFRICA , SIM !  
DA ÁFRICA MÃE QUE VIVIFICA  
QUE EXISTE EM MIM.<sup>54</sup>  
(LIRA, 2019)<sup>55</sup>

O Coletivo *Vozes de Zambi* – com aproximadamente oito pessoas –buscou analisar as violências proferidas contra Nós, intentadas ou praticadas no cotidiano. Foi criado em 2012,

---

<sup>55</sup> LIRA, 2019 – poesia da autora feita para esta dissertação.

precursor na área na Artes Negras, no Departamento de Artes (ART/CCE, antigo DALI) da UFSC, supervisionado e coordenado em cena e voz por professoras da área no período. Era um trabalho de produções, ativismos, ensino e muita militância, de artes negras da cena, pelo projeto de extensão de igual nome. Dessa forma, realizou-se a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, características que englobam valores civilizatórios de África e Afrodiaspóricos brasileiros que nomeio *cenafrovivências*.

As *cenafrovivências* são as cenas que construímos organicamente, partindo de experiências pessoais e coletivas em comum, como de ressignificação ancestrais mais vivas. São construções que nos afetam e afetam o público quando apresentadas, pois mexem, ativam subjetividades específicas trabalhadas e desenvolvidas em contextos de imersão, trabalho corporal, da escuta de si, da sonorização e canto, como de performance e/ou cena. Foi uma das práticas que desenvolvi para o treinamento e potencialização das cenas nos ensaios durante os treinamentos com o Coletivo Vozes de Zambi.

Estive ativa incansavelmente, buscava novos caminhos e referências, aprendizagens atenciosas rejeitadas pelo meu curso. Mas, independentemente disso, trabalhávamos semanalmente as nossas performances na sala 403, duas e até três vezes por semana em alguns períodos de ensaios do Vozes de Zambi e nossa arte política, engajada, afro-negra.

### **3. 1.2 EXPERIÊNCIAS, SIGNOS, CONSTRUÇÕES E AFIRMAÇÕES NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO**

Dra. Maria Aparecida Bento<sup>56</sup>(2002, p.2), nossa psicóloga pioneira dos Estudos da Branquitude no Brasil, Coordenadora Executiva do CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades; Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP; Coordenadora Geral das 07 edições do “Prêmio Educar para a Igualdade Racial e de Gênero. Uma mulher negra que é uma das maiores autoridades na área e que necessitamos acessar, visibilizar mais

---

<sup>56</sup> Dra. Maria Aparecida Bento - Coordenadora Executiva do CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades; Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP; Coordenadora Geral das 07 edições do “Prêmio Educar para a Igualdade Racial e de Gênero”; Coordenadora do Projeto “Conteúdos, Materiais, Ensino à Distância e Formação de Rede em prol da Diversidade na Educação Infantil” com a UFSCar/MEC; Membro da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia; Desenvolveu consultoria no campo da diversidade para FEBRABAN, no Comitê de Diversidade dos Jogos Olímpicos 2016, Itaipú Binacional, OXFAM, Fundação Vale, Eletrobrás e outras empresas; Professora de Psicologia Social da Universidade de Austin – Texas/EUA; Ex-Membro do Grupo Assessor da ONU Mulheres; Fellow da Ashoka; Eleita Líder Social no “Fórum de Líderes Sociais e Empresariais” da Gazeta Mercantil (2002); Líder Avina; Reconhecimento pela Medalha Anchieta e do Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo; Cidadã da Cidade de ATLANTA (EUA - 1991), informações da própria pesquisadora.

como vamos discutir um pouco sobre questões desta temática com a pesquisadora que nos traz estudos com práxis importantes, na atualidade. Ela trabalha com o antirracismo descolonial em empresa. Se hoje temos/vemos presenças negras um tanto mais naturalizadas, são frutos do seu engajado e dedicado trabalho nas bases do racismo institucional, como ocorre com o Itaú, dentre outras.

Cida Bento coloca que a pessoa branca se vê e se constitui a partir do pensamento de ser superior aos grupos não brancos e, principalmente em relação aos povos negros. Bento (2002, p.2) sobre isso discorre que

Aspectos importantes da branquitude, como o medo que alimenta a projeção do branco sobre o negro, os pactos narcísicos entre os brancos e as conexões possíveis entre ascensão negra e branqueamento serão abordados. No Brasil, o branqueamento é frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais. Na descrição desse processo o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não-brancos e, portanto, encarados como não tão humanos. Na verdade, quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a autoestima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais. (BENTO, 2002, p. 2)

Quem também trata mais diretamente das questões e perspectivas psicológicas é nosso ancestral o Dr. Frantz Fanon (2008). Ele discorre sobre as pessoas brancas, implicando estes povos num problema que nomearam como sendo do negro, mas que em realidade são gerados e mantidos pelos brancos. Ele e outras/os estudiosos têm ampliado horizontes para as pesquisas e problemáticas das relações raciais, não permitindo que vivamos em estado negacionista pelo silêncio que a branquitude estrategicamente instala sobre o tema quando pretende se esquivar das demandas e responsabilidades em suas construções. Bento coloca que “Quando se trata de pessoas progressistas, que proferem discursos contra a opressão, contra a dominação do homem pelo homem, essas barreiras são igualmente fortes, mas a resistência aparece de maneira difusa[...]” (BENTO, 2005, s.p.).

Nós, os povos negros afrobrasileiros e demais negros no país, cotidianamente somos violentamente impactados pelo racismo, como a psicóloga Cida Bento aponta em seu artigo “Branquitude e Poder: a questão para cotas para negros, aborda” (BENTO, 2005 s.p.), no qual

analisa as primeiras reações (desde 2003), da criação das cotas nas universidades até a **Lei de Cotas, Lei Federal “Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências” e as descomposturas decorrentes de toda ordem. As revoltas da branquitude sempre dão náuseas, são de muita violência, tentativas de silenciamento e muito racismo. São o impedimento dos nossos acessos. Até então, a branquitude sempre dominou tudo, mas o medo da nova realidade, de ocuparmos seus espaços, de receberem de volta o que tem feito, são convertidos na violência, que é o motor colonial. A nova realidade é rechaçada com sem fundamentações coerentes e conscientes. O debate racial com a camada reacionária dos racistas da nação se torna insuportável, e é esta a sua ideia. Sobre isso, a pesquisadora branca estadunidense estado-unidense Robin di Angelo (2020, s.p.) explica o comportamento da *fragilidade branca*, que se manifesta em momentos como este de descontentamento, de enfrentamento. Essa fragilidade usa estrategicamente meios violentos para impedir, bloquear, parar, inviabilizar, dominar a situação e não dar espaços. Sobre o que tenho estudado e tenho chamado de *performances cotidianas da branquitude*, a pesquisadora Robin di Angelo(2020), define nosso questionamento: Mas o que é a fragilidade branca?

A palavra fragilidade serve para dizer o quão pouco precisa para que pessoas brancas tenham uma erupção de reações de autodefesa, raiva e tristeza. Mas o impacto desta erupção não é nada frágil, é mais como um vidro quebrado. Porque por trás disso tem o peso de um poder institucional histórico e de autoridades judiciais ponto então isso se transforma em uma arma de defesa, que de forma poderosa funciona para repelir a gente de se desafiar nas nossas posições de privilégio conforto. E eu penso que na verdade funciona como um bullying racial Branco cotidiano, porque nós fazemos ser tão punitivo para vocês nos desafiar, que eu imagino que em geral vocês irão escolher não nos desafiar. Você não quer arriscar que fique pior, porque geralmente fica pior e não melhor. Então eu vejo a fragilidade branca algo como sociologia da dominação, como nós mantemos essas posições e protegemos nossas posições. (ANGELO, 2020, s.p.)

Se observamos, vemos questões que envolvem dominação e a presença de boa parcela de estudantes brancos/os utilizando as cotas para escola pública, que no início da política de cotas era limitada a 20% das vagas. Por que as mesmas pessoas brancas não se incomodam com a “perda” de algo que não conquistaram, mas neste caso não bradam pelos direitos destas vagas?

A dominação racial é o problema brasileiro, não é?

Enquanto pessoas negras estão na pobreza, sem projeção, na subalternidade que eles têm estabelecido para uma maioria que não é detentora de privilégios e não consegue ter mobilidade social e paz, dignidade existencial. Se seguem ali, não se incomodam, estão nos lugares que querem que nosso povo permaneça e eles, os que trabalham pela desigualdade racial. Sigam atestado que seguem no topo como o grupo modelo e o

que domina a sociedade como Bento coloca” O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana. (BENTO, 2002, p.7).

Quando se observa a situação das cotas de estudantes de escolas públicas, que são em boa parte brancos/as, não há incômodos. A Lei de Cotas entra em análise para aprovar sua continuidade em 2022. Diante do quadro das desigualdades nacionais, o ideal é que essa medida continue até que estas estejam erradicadas as desigualdades. Se assim for, as Ações Afirmativas devem continuar em vigor nas universidades públicas. Mas como estará o nível das pessoas que se dizem progressistas neste momento? Vejamos.

Toda espécie de impedimento ao acesso às cotas ocorre na universidade, com argumentações chulas, fracas e emocionadas, como aquelas motivadas pelo impacto de saber que pessoas negras estariam usufruindo dos mesmos espaços privilegiados que os demais. Seguiram-se ferozes desqualificações e tentativas legais que impedir a implementação da lei. Em seu artigo voltado para esta situação de embate e mudanças na história das universidades, principalmente as públicas, Bento (2002) discorre sobre o que a branquitude esconde, aquilo que socialmente desconhecemos, e explica os aspectos psicológicos e políticos destas reações:

E as reações podem se intensificar, porque, ao defender as cotas de 100%, alguns brancos em lugares de poder na mídia, ou seja, formadores de opinião, revelam uma virulência, uma voracidade assustadora que estimulam reações agressivas de jovens brancos. Vislumbrar a possibilidade de ver seu grupo racial perder o filão de privilégios que mantêm há séculos, torna as lideranças da nossa mídia irracionais, à beira de um ataque de nervos. Como podemos observar cotidianamente, embora muitas pessoas reconheçam que brancos têm mais chances que negros em nossa sociedade, ante o racismo no Brasil, a resistência à implementação de políticas que visem corrigir o efeito desta discriminação é bastante grande. (BENTO, 2005, s.p.)

São relatados casos semelhantes por pesquisadoras/res, militantes do movimento social negro, de deparando com estudantes que se acreditavam donos das universidades públicas.

Nunca paramos e necessitamos de equidade, igualdade racial e paridade racial, de gênero, classe, doa a quem doer. Estas conquistas dos movimentos sociais negros são fruto de muitas lutas históricas contra a eugenia brasileira, que desde o início do século se manifestava e depois se inseriu camuflando-se. Vemos seus sinais pelas ações dos desgovernos a que estamos submetidas/os neste país. Bento, refletindo sobre o pensamento de Edith Piza, coloca análises que a pesquisadora faz sobre seu próprio grupo nas relações de raciais e suas

complexidades. Penso que podemos refletir sobre estas situações ainda presentes no contexto social e universitário.

[...]a raça é vista não apenas como diferença, mas como hierarquia; - as fronteiras entre negros e brancos são sempre elaboradas e contraditórias; - há, em qualquer classe, um contexto de ideologia e de prática da supremacia branca; - a integração entre negros e brancos é narrada sempre como parcial, apesar da experiência de convívio; - a discriminação não é notada e os brancos se sentem desconfortáveis quando têm de abordar assuntos raciais; - a capacidade de apreender e aprender com o outro, como um igual/diferente, fica embotada; - se o negro, nas relações cotidianas, aparece como igual, a interpretação é de exibicionismo, de querer se mostrar. Tatum (1992), psicóloga norte-americana, afirma que os brancos negam inicialmente qualquer preconceito pessoal, tendendo a posteriormente reconhecer o impacto do racismo sobre a vida dos negros, mas evitando reconhecer o impacto sobre as suas próprias vidas. Ela destaca o depoimento de uma das mulheres brancas que participava do curso sobre relações raciais na Universidade: Como uma pessoa branca, me dei conta de que pensava sobre racismo como alguma coisa que coloca outras pessoas em desvantagem, mas não tinha pensado no aspecto de seus resultados, o privilégio dos brancos, o que colocava em vantagem... Eu via o racismo somente como atos individuais de agressão, não como um sistema invisível conferindo dominância para o meu grupo. (BENTO, 2002, p.17-18)

Diante disto, mesmo que o acesso à educação e ao ensino superior de milhares de pessoas negras tenha melhorado, a estrutura excludente brasileira foi pensada para que as pessoas negras não pudessem estudar no ensino superior, obtendo melhores qualificações profissionais, possibilidades de mobilidade e meios de acessar mecanismos burocráticos. As políticas de ações afirmativas ainda são muito poucas, a desigualdade é abissal. Isso não contempla nem o começo das consequências do racismo estrutural promovido e mantido pelos brancos.

Esse enfrentamento e resistência não foi diferente na UFSC. A universidade e suas vagas, a inversão da lógica e dos tipos de abordagens pelas perspectivas da branquitude iniciou-se apenas em 2014. As discussões e reflexões sobre questões raciais, permanência negra e o racismo na universidade eram algo bloqueado que fomos rompendo, criando espacialidades possíveis de diálogos – com menos pessoas agressivas – para vencermos diariamente o desafio de permanecer na universidade. Desta maneira, conseguimos nos organizar sobre as Ações Afirmativas, mesmo que atrapalhados pelas pessoas ditas “libertárias”.

Também não foi diferente conosco nas situações nos tempos de nossas primeiras ações na universidade, no ano de 2012. Nas rodas de conversas abertas ao público que promovíamos pelo Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros da UFSC, em espaços lotados de pessoas brancas que procuravam ocultar os seus racismos. Esta foi a minha percepção enquanto mulher negra migrante afrobrasileira empoderada com minha negritude e de posse da consciência negra, que transitava em



outros espaços e estados nacionais, ampliando a atenção então, às regionalidades do racismo brasileiro. Me defrontei com as particularidades da capital catarinense, onde as pessoas tentavam ser simpáticas forçadamente com a evidência de estarem forçando aquela postura ou serem altamente secas, ríspidas, silenciosas, de rostos fechados e com variantes do tipo bravo ao desconfiado, **mostrando suas performances, em parcelas cotidianas**, em diferentes espaços ocupados majoritariamente por pessoas brancas, no Brasil. O que na UFSC **ocorreu dirente, acentuadamente**.

Em muitos momentos, deixavam escapar os seus racismos com a força aniquiladora da violência racial da branquitude. Chegavam curiosas ou com ataques violentos respondendo às forças incomuns e iniciantes de nossas ações culturais e de arte em espaços da universidade, organizadas de maneira independentes com protagonismo de um pequeno número de **estudantesmulheresnegras**. Naqueles ambientes, ficamos conhecidas/os pelas mídias locais universitárias e locais que eram os palco de difusão dos ataques e tensões contra estudantes cotistas negras/es/os.

Naquele ano planejamos um ciclo de ações (LIMA, 2017) e atividades para conseguirmos permanecer com saúde na universidade e muitas e muitas perguntas perturbadoras começaram a surgir.

Era tudo muito novo a uma universidade majoritariamente branca e hostil. As pessoas demonstravam não estarem acostumadas a conviver com pessoas negras e tampouco vê-las reunidas em espaços pensantes, onde o uso da inteligência que constantemente atribuem não existir em pessoas negras estava ali em plena atividade e posse daquelas que estavam reunidas e se organizando em situações boas, inteligentes, senhoras de si.

Estavam habituadas a não nos ver ou representadas nas “Senhoras da limpeza” – como muitas vezes escutei em relatos –, demonstravam ser esse o único ambiente normal em que nos viam e (re)conheciam. Acostumados a verem e conviverem somente entre pessoas brancas, aquelas/aqueles pessoas de todos os setores da UFSC que chegavam em nossas ações ficavam eufóricas de verem uma atividade realizada por estudantes negras/os, “era um evento”. Em 2012, criamos o nome para o nosso coletivo, que existia desde 2011<sup>57</sup> como

---

<sup>57</sup> Ano das primeiras informações sobre a criação do Coletivo Kurima -Estudantes Negras Negros da UFSC (<https://diversifica.ufsc.br/cartilha-chega-de-violencia/kurima/>), verificada na *Cartilha Chega de Violência*, trazida por meio da instituição em ação dos coletivos negros da criação de material informativo com parceria com NIGS, que conta nos referenciais deste trabalho. Informações mais atualizadas em (LIMA, 2017) e site [wix.coletivokurima](http://wix.coletivokurima). A site encontra-se com a cartilha alterada não sendo a de 2021 que confeccionamos em parceria. Mas, a anterior em que fomos parcerias do NIGS e ali constam as nossas informações mais iniciais do Coletivo Kurima e de nosso parceiro o Coletivo Gozze, lado à lado na publicação. Nota da autora.

grupo de estudo, mas sem a face e proporção e autoafirmação que tomou o Coletivo Kurima Negras e Negros da UFSC(LIMA, 2017).

O coletivo também era o resultado das ações afirmativas –reserva de vagas, cotas. Foi nossa negritude estudantil viva e atuante na universidade. Já a universidade mostrava pelas atitudes que necessitava se reorganizar, readaptar, rever suas ações racistas e esse coletivo nasce para driblar as situações racistas que estruturalmente estavam naquele espaço de formação. A cena recorrente de estudantes, Técnicos Administrativos Escolares (TAEs) e Docentes a fazerem a mesma pergunta para Nós, parecia até combinada. Era como se houvesse uma sala gigante, coletiva em que poderiam se encontrar e ler algum cartaz com os dizeres: “– Se encontrarem negros por aqui, perguntem isto, mas não sobre isso”. Bem que parecia que era combinado, naquela grande sala imaginária, porque era inacreditável o que pessoas de diferentes lugares do campus nos perguntavam. Imaginemos a cena:

**– Quem são vocês? -**

*Esta pergunta podia ser traduzida por O que vocês estão fazendo aqui?*

**– De onde vocês são?**

*Como sempre nos remetendo ao espaço de fora, nos remetendo a um não pertencimento*

**– O que é que vocês querem?**

*As falas tinham a intenção de nos expulsar dos espaços, nada educadas ou respeitadas, tinham um tom de enfretamento e descontentamento, de sermos indesejadas/os ali. Era quase um fora daqui, quase sempre!*

Éramos estudantes universitários, estávamos em casa. Certa ocasião, após nos identificarmos com nossos nomes e como estudantes da UFSC, houve resistência, uma das técnicas administrativas ficou indo para as perguntas anteriores e seu olhar em suspenso já a denunciava. Por fim, pegou o telefone e falou com um professor, como se houvesse ali uma atividade suspeita. Escutamos:- *Tem umas mulheres aqui na recepção. Disseram que o Senhor está esperando por elas.Pode atender?*

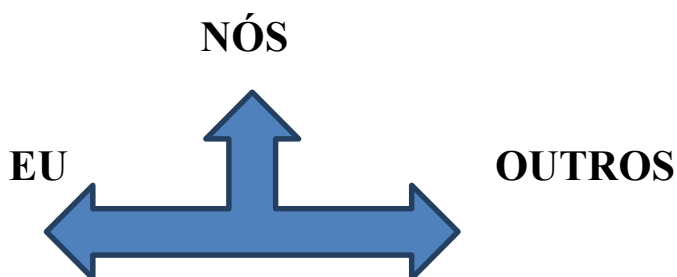
O olhar dela sobre nós era a denúncia do seu racismo. Uma pessoa racista não pode esconder, pois em muitas e, acredito, que na maioria das *performances cotidianas da branquitude*, ela quer nos mostrar que nos repele, que não aceita, que acha um absurdo ocuparmos aquele espaço na variante das suas manifestações de ódio. Tal qual o nome *performance* dizem sua tradução do inglês, ela quer apresentar algo, quer que a vejamos e o que ela quer mostrar é o seu racismo.

Está aí posta a falsa ideia construída pelo olhar branco sobre suas problemáticas psicológicas (KILOMBA, 2019; BENTO, 2016; FANON, 2008) de nossos corpos físicos, das suas subjetividades e medos, promovendo uma monstrualização, um pavor e uma marginalização e a desumanização ao ponto desta simbologia alienada marcar nossa humanidade, desumanizando-a, atacando diretamente a figura de nossos corpos.

É a partir desses contextos de desumanização de nossos corpos historicamente, da atualização das violências e necropolítica, do epistemicídio e de nossas enunciações e (re)existências que levanto os meus argumentos neste trabalho. Tenho pesquisado e analisado alguns lugares e caminhos tradutórios que encontrei para trilhar esse processo, como já coloquei anteriormente, que versam sobre essas invenções humanas, não negras e a necessidade de caminhos para seu desmantelamento.

### 3.2 A PRESENÇA DE UBUNTU ENTRE NÓS: “EU SOU PORQUE NÓS SOMOS”

Ubuntu é um termo que se encontra em várias línguas banto. Trata-se de duas palavras em uma, a saber: “ubu” e “ntu” no grupo nguni de línguas; botho, “bo” e “tho”, no grupo sotho de línguas; e hunhu, “hu” e “nhu” em xona. É um conceito filosófico no sentido comum da filosofia como amor à sabedoria. Mas é também um conceito filosófico no sentido estreito da filosofia como disciplina acadêmica. Nesta última acepção, o ubuntu tem três sentidos inter-relacionados básicos: como uma 1) ontologia, 2) epistemologia e 3) ética. (RAMOSE, 2010, s.p.)



O esquema acima mostra a relação de humanidade presente em UBUNTU, uma relação de respeito pelo outro, porque em UBUNTU, Eu SOU o que sou porque SOMOS todos NÓS! UBUNTU retrata uma tradição e ética, a essência africana. A palavra Ubuntu tem origem do tronco linguístico e cultural Bantu, cuja tradução traz a ideia de respeito e união, de existir pelas outras pessoas também, ela por mim, e Nós por Nós. Eu só existo porque você existe, logo quero o seu bem-estar. Traz o senso da coletividade, e é prática da dos *povos* da África Austral, com presença bastante

identificada na África do Sul entre os Zulus. UBUNTU traz dois sentidos, a saber, **ser e pessoa**. Ser como uma ideia sempre renovada na busca do bem-estar com o outro, com o cosmos e com o universo. A Pessoa como um ser incapaz de viver sem as outras pessoas, mas, por dependência, mas como uma forma de harmonia coletiva (RAMOSE, 2009).

O filósofo sul-africano Mogobe Bernard Ramose, especialista nos estudos da filosofia Ubuntu, traduz alguns dos aspectos da “**Importância vital do “Nós”**”, como o sentido de Ubuntu na construção da nova África do Sul, que vejo como um roteiro de aprendizagem que pode nos ensinar muitas coisas. Pois, a partir de uma filosofia do país, o Ubuntu presente na tradição local dos povos Zulus, Bantu, ela foi usada para mediar questões de tensão políticas, em diferentes situações pós-apartheid. Uma delas foi para dar sentido a constituição interina de 1993 e outra para abolir a pena de morte e credibilizar o projeto Verdade e Reconciliação, são exemplos que o filósofo RAMOSE (2010, s.p.), apresenta. O que notamos a funcionalidade de uma filosofia que carrega valores éticos e que são respeitados pelas pessoas da sociedade do país, possibilitando atenuar situações mais tensas. Um Nós coletivo, da filosofia mostra perspectivas efetivas na sociedade

A primeira fase da transição para a “nova” África do Sul foi parcialmente impulsionada pelo ubuntu na medida em que esse conceito foi usado para dar sentido à constituição interina de 1993. Ironicamente, mas por razões bastante táticas, o ubuntu está completamente ausente da Constituição final de 1996. Apesar disso, o ubuntu foi usado, de maneira bastante discutível, para justificar a abolição da pena de morte e para dar credibilidade ao projeto Verdade e Reconciliação. No tocante a este último projeto, alguns clérigos cristãos assumiram a vanguarda na justificação da Comissão da Verdade e Reconciliação a partir da base teológica de que o “Deus” cristão endossou a reconciliação ao assumir a carne humana (a encarnação) como meio e método para restaurar a relação rompida entre “Deus” e Adão e Eva, alienados por causa da queda. O problema dessa justificação é que o mesmo “Deus” até agora não tem disposição nem capacidade para restaurar a relação rompida entre Ele e Lúcifer, que O ofendeu com o pecado da soberba. Mesmo sem esse questionamento da justificação teológica da reconciliação, fato é que a sociedade sul-africana contemporânea continua em grande parte irreconciliada, na medida em que o abismo entre ricos e pobres aumenta, e os pobres se afundam em um abissal buraco negro. Há um imperativo ético de se corrigir isso urgentemente. O ubuntu pode ajudar nesse sentido, insistindo no reconhecimento, no respeito, na proteção e na promoção de sua máxima ética, expressada pelo provérbio “feta kgomo o tshware motho” – se a pessoa está em uma situação em que precisa optar entre proteger e salvaguardar a riqueza ou preservar a vida humana, ela deve então optar pela preservação da vida humana.(RAMOSE, 2010, s.p.)

O Nós, vejo destaca nossa coletividade afro diversa, negra que diversa, não única e nem pensa igual, nem é igual, mas tem muitas pessoas e questões e aspectos

culturais em comum. Como podemos em nossa diversidade ter muitas afinidades. É pensar em conseguir manter nosso senso e herança ancestral de união coletiva, algo desequilibrado pelo colonialismo. Porém, pela filosofia Ubuntu, do Nós (RAMOSE, 2010 s.p.) a comunidade antecede o indivíduo e este senso ético de amor, respeito, permanecerá.

A noção de comunidade na filosofia ubuntu provém da premissa ontológica de que a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo. Com base nisso, a primazia é atribuída à comunidade, e não ao indivíduo. Entretanto, disso não se segue que o indivíduo perca a identidade pessoal e a autonomia. O indivíduo é considerado autônomo e, portanto, responsável por suas ações. De outra forma, toda a teoria e a prática do lekgotla – um fórum para a resolução de disputas entre indivíduos, assim como entre o indivíduo e a comunidade – não teriam sentido justamente porque a pressuposição da autonomia individual não se aplicaria. (RAMOSE, 2010, s.p.)

No Brasil, podemos nos esforçarmos sob estas perspectivas, das heranças ancestrais que certamente recebemos, mas não pela palavra, mas pelos gestos, pelas características coletivas que herdamos. O que vejo como já é um traço da permanência, pois ela ficou em aspectos reinventados, acredito. Mas, conhecer e ter dela a perspectiva, do Ubuntu, do **Nós**, pelos esforços do exercício de pensar e viver em outras perspectivas territoriais a coletividade e vivemos entre hibridismos culturais afrodiaspóricos (HALL, 2016, p.50) dos povos africanos, com os coloniais portugueses e os indígenas. Ainda que carreguemos, Nós, parcelas das populações negras heranças vividas na vida cotidiana que nos unam e faça que caminhemos com o senso coletivo ou do pensamento das avós de compartilhar ética, amor, cuidado com a comunidade de perspectivas de Ubuntu ou outra cosmovisão parecida, de sermos um Nós para tudo, ainda é outra.

O que se perde com o não cultivo das heranças, atreladas às armadilhas da vida ocidental e cultura branca capitalista que desvia o senso coletivo para o individualismo, que acomete os jovens e as avós, mais novas. Não é uma realidade compacta, mas são nuances das nossas diversidades. Por outro lado há partilha e cultivo onde a colonialidade não tomou conta da cultura familiar e comunitária afro negra, isso em perspectiva afrobrasileira.

As construções do respeito, do amor, da confiança, do senso de coletividade acredito serem os caminhos que estamos trilhando para conseguir nos encontrar existindo. Estar, pensar e trazer de dentro de si o desejo de se amparar coletivamente é

importante e um exercício, dentro de sociedade individualista que vivemos, com perspectivas de coletividades. Povos com outros modos de vida, podem até falar sobre esta experiência, pode ser que até a conheçam.

Algo que para além projeções, tem relação com nossa relação diaspórica e afrodiaspóricas. Pois, nossos povos de África em sua imensa diversidade que foram arrancados de suas terras e escravizados em lugares desconhecidos, tendo que se reinventar, carregamos um passado histórico de ultrage coletivo. Carregamos algo desta filosofia certamente ressignificada na afrodióspora que nos fortalece mas não tem o enraizamento de Ubuntu, do Nós construído na escrita, por milhares de pessoas africanas e descendentes nascidos nas diásporas africanas. Acredito que ressignificamos e exercitamos o Nós nas condições, e nos remete as nossas origens, culturas que nossas/os ancestrais nos deixaram como relíquias que precisamos nos utilizar. **Nós** é para este sentido maior. **Nós** o pronome que remete a mais de uma pessoa, a várias, a coletividade, é usado também por autoras/es afros neste sentido, significando, tradutório de uma forma de união, irmandade, para as pessoas marginalizadas no mundo, vistas como bloco, massa.

Pessoas humanas, tratadas e vistas como não humana, o que não corresponde à realidade, mas ocorre. Pois essas pessoas, **Nós** somos seres humanos, temos origens, histórias, culturas, nomes e endereços, existências importantes, culturas que nos são raras. Me refiro às coletividades negras afrodiaspóricas afrobrasileiras e demais povos afros no Brasil, como em âmbito global, como uma forma de fortaleza no trato de **Nós**, uns para com os outros que passamos pelo desastre da colonização e a sentimos por experiências coletivas similares nos mais diferentes lugares e vidas. Porém, para além de meu desejo de tratamento, no final desta pesquisa me deparei com a utilização do Nós em destaque da filosofia Ubuntu. Anos depois, acessando a filosofia Ubuntu, percebi que eu buscava individual e coletivamente, unindo valores que de diferentes formas acessei e internalizei na vida e trabalho com as artes do corpo. Eles estavam em consonância com diversas ações coletivas e pessoais de trabalhos negros que realizava dentro e fora da universidade. A perspectiva da filosofia africana e dos estudos de filósofas/os afrobrasileiras/os, pela qual vim buscando me nutrir neste encontro final, em conhecimentos, conexões com suas importantes perspectivas.

A linguagem e o pensamento andam de mãos dadas. O pensamento é o instrumento para o cultivo e a construção da cultura. Assim, a linguagem – na acepção ampla de

fala, ação e escrita – é a fonte do ubuntu. É comum pensar que as culturas da África indígena ao sul do deserto do Saara são principalmente orais, isto é, desprovidas de escrita. Mas essa concepção é questionável, porque tem uma aceção restrita do significado da escrita e também porque não se aplica à totalidade da África subsaariana, já que a Etiópia, por exemplo, tem sua própria língua escrita, o amárico. A persistência dessa concepção questionável tornou a “tradição oral” como uma das fontes da filosofia ubuntu. Através do veículo da “tradição oral”, a cultura ubuntu e a história dos povos de língua banto continuam sendo transmitidas de uma geração a outra.(RAMOSE, 2010, s.p.)

A amiga e Profa. Dra. Erza Nhompoca, uma preciosa mulher gueirreia do Moçambique , que tive a alegria enorme de conhecer e estabelecer vínculos importantes para nosso fortalecimento em diferentes momentos na vida universitária negras no Sul do país, enfrentando os desafios da formação eu na graduação e mestrado e ela no doutorado, ambas mulheres afros e negras que lidam com o racismo e o sexismo cotidiano. Aprendi na prática das gentilezas e cultura diferenciadas sobre Ubuntu, no conceito que ela pelas perspectivas africanas buscou me mostrar o campo de estudos que agora tenho para desbravar, que conhecia sem muitos teóricos e pessoas que carregam este modo de vida como valor ético humano na práxis africana, também nos estudos acadêmicos. E o filósofo Mogobe Ramose foi um deles.

E é sob muitas afinidades de gentes, povos e culturas, artes, pesquisas e trabalhos que me emocionei com muitas práticas culturais de origens bantus, como sincreticas com o Yorubá e outras culturas. E fui trazendo, ativado memórias de /e vivências que com a cultura do tronco cultural Bantu que tenho influencias e inspirações para os meus trabalhos. Estas sob nossas perspectivas Bantu afrobrasileira e afrodiáspórica por estarem no desenvolvimento das minhas vivências pessoais, nas atividades artistas e culturais e me interessei em conectar e desenvolvido com a presença delas. Ainda que eu goste e tenha influencias e afinidades com a cultura Yorubá hoje, não foi sempre assim. Eu não conhecia muito e que eu pouco conhecia chegavam a mim, como para a maioria das pessoas no Brasil, pelas representações e narrativas e esteriótipos que foram construídos historicamente e irresponsavelmente lançados nos povos, nos corpos e sagrados de matriz africanas.

Pela música despertou-me o desejo de cantar músicas da cultura Yorubá( que se sincretizam com a Bantu ao final), com meu trabalho musical, pois as achava lindas e me abrindo pude conhecer nossas histórias, traduzir, compreender sentido e as artes negras da cena, tem esta importante responsabilidade, pois mudaram . Sentir a vida sob as perspectivas das cosmovisões de matrizes africanas com mais conhecimentos e

certezas, nos liberta. Permitem-nos viver em maior harmonia com nossas origens comunidade e corporeidade no mundo, com nossa espiritualidade e existência negra, afrodiaspórica (re) existente planetária.

O sincretismo /hibridismo cultural (HALL, 2016, p.50) que veio com os diferentes povos e suas incontáveis culturas estão e tudo na diáspora. E poder me manifestar africanamente pelas muitas escolhas de nossas culturas na minha vida foi libertador. Mas, se o Brasil é negro e foi construído por mãos negras, esta libertação coletiva ainda precisa chegar pela consciência amorosa e sábia de Nós Quem somos? De onde viemos? E para onde devemos e vamos prosseguir? Sabemos sobre isso? O que sabemos os queremos? A presença da Criação Incriada e do mais Alto Sagrado, que nas religiões cristãs conhece, os como Deus e sob outras perspectivas, me completo pelo conhecimento e afinidade com minhas ancestralidades e conexões, compreensões em constante aprendizagem que liberta. E sobre estas Força da Criação com a qual sempre busquei conexão e mantive como compreendia, ampliei em afinidades com o natural e os sentidos que permitem que as coisas façam sentido para nossas vidas e foi o que senti. Sentido ao buscar traduções de canções nas línguas africanas, sentindo dentro de mim o movimento uno da vida com a conexão da canção, da potência de suas letras, do seu sentido e a compreensão cotidiana pelas descobertas no dia-a-dia do que vem a ser Nzambi, Zambi no Brasil. E nestas buscas e pesquisas do trabalho conheci o colega de universidade que foi um parceiro africano a contribuir com a minha aprendizagem sobre nossos sagrados na perspectiva dos povos Bantu Africano o Prof. Bernardo Bindumuka. Um docente falante de da língua kimbundo de Angola com quem tive o prazer de conhecer e estabelece trocas, que deixou estes conhecimentos para no Brasil termos mais compreensão de nossa ancestralidade.

Teve um o prazer de conhecer Prof. Mestre Bernardo Bindumuka, docente falante de da língua kimbundo de Angola, com quem tive breves trocas e aprendizagens, com quem em meio as minhas pesquisas busquei algumas informações sobre a tradução de um cântico reza, mantra vissungo afrobrasileiro “Padre Nosso”( que em um artigo próximo futuro trarei as reflexões), que é conexões encantada com a Criação e nossa ancestralidade tamanha potência que nos transmite e permite produzirmos com o meio Bálamo para o corpo e alma. Que vibram em uma



dinamica que potencializada, acredito que seja também heranças de perspectiva em conexão e possibilidades de inprovisso em canto com a alma, dos cantos soul afroestadunidenses. Elaboramos um curso para uma comunidade específica, mas por algum motivo não era a hora houve um problema com o pessoal, internamente não conseguimos agendarmos mais. Mas, aquele encontro foi gratificante, pelos momentos que tivemos em algumas encontros de organização do curso que era voltado para pessoas de sagrados de matriz africana. Ele nos deixou o material para utilização e aqui trago estas o sentido, de Nzambi para os povos de Angola, aspectos da cosmologia dos povos em conexões com as suas tradições ancestrais, segundo suas aprendizagens, conhecimentos em repasse ancestral

A ideia de Deus atravessa todas as religiões. Também as africanas. Muitos povos africanos têm a noção de um Deus criador, que, em seguida à criação, se afastou, intervindo, porém, no mundo através de entidades espirituais ou de heróis civilizadores, isto é, humanos de grandes poderes. Esse herói é também o ancestral. Por isso, até hoje é muito forte o culto e a devoção aos antepassados. Os antepassados são pessoas dotadas de poderes espirituais que exercem a função de mediadores entre os humanos e Deus. No catolicismo, equivaleria à devoção aos Santos. Para os Bantu, povo que ocupou grandes áreas no norte e noroeste de Angola, Deus criador era chamado de Nzambi, que significa o todo-poderoso. Criou o céu, a terra, os homens e tudo o que existe. “O presente mundo é apenas uma cópia ou sombra do verdadeiro mundo, que fica no Além”. Por isso, todo empenho dos Bantu é o de alcançar o Kalunga, a Terra sem Mal, onde as pessoas não envelhecem, onde não é preciso trabalhar, onde a caça já vem aos pés do caçador e onde não há nem sofrimento nem morte – paralelo à Profecia de Isaías, na Bíblia. O Sagrado e o Profano no universo Bantu não há separação entre o sagrado e o profano. Tudo é sagrado: a natureza, a vida e a morte. A doença não é vista como algo físico, corpóreo, mas como a consequência de um malefício espiritual praticado por alguém. É o que chamamos de feitiço e que pode ser controlado pelo Kimbandeiro ou terapeuta tradicional (BERNARDO, 2015, s.p.)<sup>58</sup>

E com a potencia de Zambi e todas as forças da natureza que hpa em Nós. Não tem nada com misturas religiosas. Mas sim com esta compreensão de que tudo esta em dialogo, ainda que a vida que aprendemos ocidentalmente, procure nos fazer esquecer isso. Daí buscar mos nossos conhecimentos ancestrais, culturais e outros modos de vida que levei pa o projeto com o Vozes de Zambi que falarei a segui. Pois, já pensaram como serai nossas vidas hoje, se:

---

<sup>58</sup> BERNARDO – O colega de universidade foi um parceiro que contribui com a minha aprendizagem sobre nossos sagrados na perspectiva dos povos Bantu, um africano o Prof. Bernardo Bindumuka, docente falante de da língua kimbundo de Angola que tive o prazer de comhecer e estabelece trocas, que deixou estes conhecimentos para no Brasil termos mais compreensão de nossa ancestralidade.

Os europeus não invadissem o Brasil e fossem todos de fato interessados na hospitalidade dos povos originários e vivessem desde lá em territórios sob os modos de vidas dos povos originários e os seus melhor costumes de povos do outro lado do mundo? E se não tivessem escrazado povos africanos e com eles decidissem ampliar forças, estabelecer relações humanas e aprender outros modos de vida, inclusive alguma que lhes livrasse das ruínas econômicas, sem que precisassem explorar outros povos? E nós de grupos semelhantes ao invés de nos desentender e guerrilharmos entre nós, tivéssemos nos unido cada vez mais? Ah, mas estas não são perspectivas normais das culturas humanas? Não? De que culturas?

Quantos modos de vida ignoramos para exaltar o que nos vem afastando e arruinado do curso natural da vida. A natureza nos mostra como viver, somos seres na natureza de Nzambi, deveríamos ao pensar em algum momento, meditar sobre isso, faz bem.

Pensando, nisso em estar mais atenta a vida, tenho me exercitado e procurado orientar meus trabalhos, vida, relações. E há uma relação forte de todas estas mudanças e desejos do novo que nos deixe mais conextados à vida é que venho aprendendo, trabalhando, orientando e produzindo em artes negras da cena e em culturas de matrizes africanas.

Nas aprendizagens e partindo da utilização de nossos cantos em práticas da *cenafrvivência*<sup>59</sup> junto a outras elaborações que fui criando a partir de técnicas adaptadas, de conexões ancestrais e ressignificações de práticas tradicionais diversas de cosmovisões identificadas como dos povos Bantu e Yorubá, inicialmente, que apliquei como metodologias afros para cena. Trabalho que naquele período nos faltava nas Artes Cênicas da UFSC, um arcabouço teórico de nossas epistemologias negras, das artes negras da cena e das culturas de matrizes africanas o que ampliou meus trabalhos de pesquisas já presentes, mais dedicados a elaborações de metodologia, conceitos, a acessos de referenciais teóricos, das epistemologias afro específicas do canto, teatro, nas artes cênicas e das cenas em geral, garimpadas, construídas e repassadas para o projeto. O que me faz reconhecer práticas e desenvolvimentos de propostas metodológicas pela presença do sincretismo ou hibridizadas, culturas diversas, étnicas, de técnicas, métodos, dentro outras questões voltadas para aprendizagens ou de processos criativos para performances e/ou cenas ocidentais. São exercícios, como a elaboração e ressignificações de cenas criadas sem ter a função dos sagrados ou

---

<sup>59</sup>*Cenafrvivência* – conceito de minha elaboração nas práticas das/pelas vivências das cenas afros desenvolvidas em sala de aula, desde 2012, em seus projetos voltados para voz e cena em projeto de extensão da UFSC, em processos de criação da ministrante e diretora no Vozes de Zambi. Nota da autora.

religiosidades, mas trazendo um sincretismo das culturas de matrizes africanas que englobam tudo: as artes, as culturas, os sagrados, as cosmovisões, e nada se dissocia. Me identifico com as bases das investigações e trabalhos da mestra da dança Inaicyra Falcão, com perspectiva de minhas pesquisas na práxis afrodiaspórica sobre

A base da investigação de “Corpo e Ancestralidade” é intertextual, criativa em relação às ações cotidianas do homem; dissocia-se da tradicional abordagem focada na cópia de formas do rito vivenciado no terreiro; volta-se para o corpo do intérprete bailarino por meio de memórias ancestrais, com ações corporais carregadas de significados, trazendo-as para o presente e re-significando-as por meio da arte do movimento criativo. Pretende-se, a princípio, a procura pela essência, pelas raízes ritualísticas que carregamos como seres humanos e, num segundo momento, a procura pelas narrativas míticas, a razão de ser das tradições. Momento este que envolve a construção de imagens, a percepção de sentimentos; possibilita abertura para um corpo criativo e imaginativo que articule as matrizes corporais, a memória e a sua expressividade. É o momento que se instaura, pela obra, o elo da tradição e da contemporaneidade na diversidade das culturas. (SANTOS, 2008, p.1)

Fui colocando em prática as metodologias e conceitos escritos não cunhados, mas desenvolvidos em anos de ensino, que me possibilitaram a vantagem da experiência.

Em “Vozes de Zambi”, potencializei as imersões e nos desenvolvemos com os treinamentos de preparação intensos e/ou imersivos, realizados desde adaptações das técnicas com práticas culturais de matrizes africanas que eu mais tinha fluência. Como por esta mistura e/ou com as temáticas de ensaio, potencializadas por propostas que ativassem o trabalho do campo sensorial, sonoro e imagético: as experiências corporais, sonoras dos ambientes/seres da natureza, o ambiente da travessia, a roda do canto Covicará e memórias das mulheres negras avós .

Fiz adaptações de teorias das epistemologias negras e afro desenvolvidas para a cena teatral ou performance. Trabalhei na criação de exercícios de performances pessoais e para o Coletivo Vozes de Zambi, com algumas dialogando e colaborando com ações do Coletivo Kurima, como as que ocorriam na ação “Reflexões sobre o 13 de Maio” e a performance após a roda de conversa no “*Senzala 13*”, dentre outras.

Estas práticas geralmente estavam atreladas a alguma temática em especial de trabalho a ser ensaiado ou produzido, ou simplesmente às práticas seguindo a sensibilidade do dia, do Coletivo. Eram diferentes momentos e movimentações, das quais deixo apenas algumas ideias desenvolvidas na prática cotidiana, me entreguei ao desenvolvimento de uma dinâmica das artes negras da cena em caráter colaborativo entre as/os participantes dos coletivos, juntos ou em momentos separados, referentes aos nossos ensaios e treinamentos semanais e de atividades específicas diversas feitas em sala, em campo de pesquisa, em aulas

abertas. Essas práticas descolonizantes no cotidiano de sala, dos ensaios com a proposta de mudanças que pudemos estender para as nossas vidas pessoais, era proposto por mim, sem forçar, como pudesse, principalmente pelo trabalho ter base na consciência negra e nos lugares corporais de cada pessoa participante, para que fizesse um sentido maior e a diferença da vivência.

Digital essa impresa nas heranças ancestrais africanas presentes em nossas tradições afrobrasileiras e afrodiaspóricas. A práxis segue viva desde a travessia pelas transcrições de nossas oralituras (MARTINS, 2020, s.p.) resistentes, negras, anticoloniais e descolonizantes, hoje as temos presentes em nossas vidas afrodiaspóricas, grafadas nas culturas negras e nacional. A começar pela língua portuguesa e o pretuguês, conforme definido por Lélia Gonzales (CARRASCOSA, 2021, s.p.) em que a resistência africana se dá com o sincretismo racial e étnico-racial das palavras; na música, no samba e na nossa cultura, tudo isso nos dá o tom da África presente em nós, no Brasil e nas afrodiaspóras.

A música tradicional e o samba antigo nos contam muito sobre as vidas e nossas reinvenções de Nós. A ampliação da consciência foi e é proposta permanentemente em meus trabalhos. A consciência negra e a compreensão da identidade racial das demais pessoas e a consciência de quem são no mundo eram básicos para o trabalho desenvolver. A possibilidade de transcendermos e nos tornarmos parte ativa da instituição foi algo que destaquei em todo o meu TCC

[...] é perceptível que a Consciência Negra que trata da valorização de si mesmo, fortalecendo nossa identidade pessoal e a do povo negro historicamente marginalizado, oprimido e subalternizado vem alicerçar a proposta de acesso cultural, coibição da opressão racial e trabalho por nossa emancipação coletivamente. Porque a escravidão e o colonialismo devastaram os povos negros, o racismo contemporâneo e as heranças coloniais que insistem em serem mantidas por parcela de pessoas brancas da sociedade brasileira, em que temos desde a cultura, os corpos e os lugares sociais nos sendo impostos como modelo e normativa, é completamente insustentável. Pensando em Consciência Negra na universidade, a questão se agrava dentro deste espaço, pois a imposição branca está em tudo e é categórica: “as pessoas e a epistemologia devem ser eurocentradas”, e isto acontece porque sua normativa é branca. Não há diversidade epistemológica e este tem sido um fato incontestável em uma universidade pública dentro do Brasil, em que eu não me vejo representada praticamente em nada e quero me ver em tudo, como ocorre com as pessoas brancas. Porque não se ver é como retirar o seu ar: se adoce e nos matam. (LIMA, 2017, p. 74 e 75)

Ainda que na atualidade isso seja mais fluente e conhecido, se implicar em trabalhos negros, principalmente pelos caminhos já terem sido mais abertos e preparados para as nossas presenças nas universidades, respeitando e buscando dialogar com nossas comunidades

negras e globais é tarefa amplamente contínua, embativa e desafiadora na estrutura institucional que se quer hegemônica branca.

Ali, a Consciência Negra urge e nossas epistemes também, para que cada um de nós, ao tomarmos consciência de nós mesmos, de nosso passado histórico, de nossa ancestralidade e valores civilizatórios, das histórias dos povos negros, quando vamos desvendando o ciclo de mentiras e construções brancas criadas sobre os povos negros, podemos compreender nossa situação em quase todo o globo, em condições de cidadãos de segunda e terceira classe. (LIMA, 2017, p. 75)

Ainda hoje essas formações são questionadas. A única coisa que não é questionada por essas pessoas é o racismo, que segue sem aprofundamento por uma maioria. Trabalhar questionando esta ideia alienante também é bom por alguns períodos, pois necessitamos viver “longe” do racismo, de certa forma, em outros momentos, problematizando-o de outras formas menos diretas que os manifestos e performances mais de impacto como fazíamos. Simplemente porque pesa. A leveza da cultura e das artes nos ajuda a driblar o racismo, apresentando outras faces de nós que desejamos.

Essas práticas e propostas descolonizantes faziam como ainda fazem toda a diferença na dinâmica real, nos resultados das apresentações artísticas e ações. O trabalho corporal e interior era proposto numa constante, da vida cotidiana. A tarefa de potencializar, nutrir, fortalecer as relações e o trabalho coletivo de arte era um exercício prático complexo na realidade negra em que vivíamos ou víamos acontecer a cada dia o que era proposto em cena.

Isso quando não levávamos muitas das situações de opressão para a cena, como acabei fazendo muito em minhas performances pessoais. As relações se estabeleceram pelas afinidades, pelo respeito mútuo pela nossa diversidade e limitações no cotidiano, isso foi um dos fatores que me orgulhavam daquela construção e formação especial da formação do Vozes de Zambi, que em muitos momentos sustentou situações do Coletivo Kurima com artes e apoio. Pelo menos no que diz respeito às demandas e cargas de envolvimento do Coletivo mais puxadas e densas para as/os participantes. Levar as artes para o Coletivo e estar junto em trocas desenvolveu diferentes vivências coletivas das rodas de conversas às performances nas esferas e espaços pessoais e ações de ativismo e militância.

Essa prática potencializa a vida coletiva e as pessoal, os acolhimentos as aquilombações, a vivência de práticas culturais que fomos levando para as atividades e convívios, pelas conexões despertadas, mas ativas, Muitas vezes a dinâmica ocidental capitalista da cultura individualista eurocentrada nos toma/tomava a vida, e para não ser presa por ela, é preciso haver mudanças de nós para as interações, levadas para a vida por

definitivo, em vigília contra as motivações culturais antigas e do meio social capitalista individualista.

Essa potencialização e dinamização incorpora a vivência de aspectos, nuances diversas em perspectiva afrodiaspórica das cosmovisões de matrizes africanas, nas práticas artísticas e nas culturais de nosso cotidiano. Isso foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho artístico, do crescimento das pessoas nas atividades e construções, nas relações raciais e étnico-raciais no Coletivo Vozes de Zambi, como para o Kurima. Toda a diferença de outros modos de pensar e querer encontrar respostas e possibilidades para além deste mundo violento, que nos racializa, objetifica, sexualiza, nos mede e exclui em capacidade racial e pelo acentuamento epidérmico enegrecedor de cor e consciência. Nosso diferencial é resultado de fortalecimento do projeto na perspectiva coletiva e na minha pessoal, como diretora, professora, estudante, liderança presente em variados lugares a dar sustentação e referência à coletividade. A incorporação é indissociável das Artes Negras da Cena, ou seja, pelo Teatro Negro, Dança, Performances Negras e demais práticas culturais afro que mudam tudo. Essa prática provoca o exercício, a ampliação, desenvolvimento ou o despertar de nossa Consciência Negra, e para os não negros, o respeito à nós A base que sempre me inspirou foi a de Stive Biko, que traz

A definição da Consciência Negra – Por: Steve Biko foi um líder sulafricano Bantu, o principal idealizador do Movimento de Consciência Negra, que capacitava e mobilizava grande parte da população negra urbana. Desde sua morte sob custódia da polícia, ele foi chamado de mártir de um movimento anti-apartheid. Enquanto vivia, seus escritos e ativismo tentou capacitar as pessoas negras, e era famoso por seu slogan "black is beautiful", que o próprio descreveu como: “você está bem como você é, comece a olhar para si mesmo como um ser humano”. 1 “Escrevo o que eu quero”. A definição da Consciência Negra. Em nosso manifesto político definimos os negros como aqueles que, por lei ou tradição, são discriminados política, econômica e socialmente como um grupo na sociedade sul-africana e que se identificam como uma unidade na luta pela realização de suas aspirações. Tal definição manifesta para nós alguns pontos: 1- Ser negro não é uma questão de pigmentação, mas o reflexo de uma atitude mental; 2- Pela mera descrição de si mesmo como negro, já se começa a trilhar o caminho rumo à emancipação, já se esta comprometido com a luta contra todas as forças que procuram usar a negritude como um rótulo que determina subserviência. (BIKO, 2018, p.1-5)

Pela propostas de consciência negra e fortalecimento ou descoberta de sua negritude para algumas era a sua potencialização para outras um subsídio para fundamentar e sentir na práticas a importância das nossas construções e questões sociais negras, com a qual parcelas nós estudantes negras/os lidamos em nossas pesquisas e formas de ação. Como podemos sentir a depender do tempo necessário de nossos corpos e almas ativarem o

orgânico, como se as técnicas naturais nossos corpos nos levassem a uma organicidade sentida, como se fosse sempre trabalhada. Pois nos movíamos em outra temporalidade, em meio a uma rica diversidade étnica, regional, nacional e migratória, de gênero e sexualidade, de classe, de nível de formação e cultural, profissional e artístico, cultural, geracional. Fomos desenvolvendo afetivamente e em proposta de respeito às nossas semelhanças e diferenças, como pessoas comuns que se utilizaram de proposta de arte e cultura, mistas e sob as perspectivas afrodiáspóricas.

Dentro de uma cultura de opressão contínua e latente que nos impunha como ainda o faz, outras formas de vida. Então levar estas propostas desde as práticas em ambiente de construção de afetos no desenvolvimento artístico, o que pode ser complexo no mundo profissional, mas que sem o respeito básico, afetividades básicas e afinidade dos objetivos com a prática destes, não há fluência de trabalho. Fator de busca de algumas/ns profissionais que é construído. Trabalho colaborativo, com acolhimento das/dos muriquinhas/os de participantes como parte do contexto, da socialização e dos momentos de trocas, do nutrir, de se alimentar coletivamente. Dividindo, oferecendo, desfrutando junto das presenças de cada pessoa, fazendo as trocas típicas das cozinhas afro. São outros modos de vida recuperados a partir de desejos que sempre tive de vivenciar pela e com as propostas libertárias que a arte em si já tem, porém dinamizadas pelas surpresas que as práticas culturais de matrizes africanas nos possibilitam. Isso foi e tem sido muito precioso enquanto proposta pedagógica de pertencimento, (re)conhecimento, amor, aprendizagem do respeito e enfrentamento as violências – pois ali chegavam pessoas com históricos de violência racial que não sabiam lidar com o racismo, o que é natural, pois ele não é natural e é toxina contra a qual precisamos aprender a nos blindar. Uma melhor oxigenação, que aquece e fortalece, renova antes de todos esses efeitos, a soma crescente de mais saberes dinamizados com/pelo amor em nossas artes e vidas, sempre.

Assim, minhas performances escrevíveis das artes da cena, visual, textual e das produções em tradução de performances existenciais têm sido um complexo de narrativas vivas e práxis descolonizantes, antirracistas artísticas e tradutória políticas, engajadas de vivências de Nós e, principalmente, do encontro com meu eu, com nosso ser pessoal íntimo que se transforma a cada nuance da vida. Sendo verdadeiros laboratórios ativos e ambulatórios de vivências das artes e das culturas de matrizes africanas em perspectivas afrodiáspóricas. *Espacialidades Construídas para as Nossas Práticas de Vidas Negras que*

***Importam, ou seja, espaço para as produções científicas acadêmicas das nossas epistemologias de práticas culturais e artísticas de matrizes africanas que existem e que também importam.***

Nossos corpos necessitam ser exaltados, bem projetados cenicamente, com beleza e sem apegos e permissividades e/ou esteriótipações históricas. Nos posicionando e construindo nossas cenas, nos instrumentalizando, acessando nossas histórias e conhecimentos milenares, transformando o cenário hegemônico branco eurocentrado em espaço em que nos vejamos, como aos outros grupos existentes, no mundo em paridade, equilíbrio visual, humano, cênico. Ninguém que ver mais séculos de produções somente com pessoas brancas e sermos obrigadas/os a esta dominação narcísica e colonial, pois concentra recursos financeiros majoritariamente a estes artistas e produtores/ras de culturas, com a dominação racial social e nas narrativas. Nos restando os “tapinhas nas costas ou cachês vergonhosos”, os papéis secundários, como um colega formado falou: “só me chamam para ser personagens de segurança”. Sim, é isso ou o capataz, a empregada, o bandido, a pobreza, sempre em cotas – sem problemas com estes papéis, mas não podem ser os papéis de artistas, atrizes e atores negras eternizados com as justificativas em nosso caso de estar de acordo com a realidade. Sempre as mesmas argumentações racistas, isso é racismo nas artes, a exclusão e o impedimento de trabalhar pelo não oferecimento de papéis para as populações negras. Restam somente os que os remetam aos signos e estereótipos que a ideologia racial nos coloca, o que é racismo e é crime, pouco contestado, pois aparentemente são apenas textos. E assim como nos desfiles, nos comerciais, a paridade das personagens e/ou artistas deve sim racialmente ter equilíbrio, se distanciando do racismo e apresentando narrativas qualificadas que não trabalhem a produção em perspectiva colonial, algo que se vê entre as/os produtoras/es de diretoras/res que não estão alçando voos para o mundo real, e somente atuando alienadamente com a mentalidade sob a dominação da branquitude que não consegue dinamizar seu texto naturalmente.

Sem que haja a perpetuação das narrativas, a branquitude trabalha a favor do racismo, se protegendo, privilegiando e mantendo suas produções na posse e repasse cultural de dominação da hegemonia branca artística e cultural.

Realidade essa que Nós dipensamos e rechaçamos. Não!

Nós percebemos e sentimos para além do que o mundo inventa ou diz. Devemos renovar nossas formas de agir e pensar sobre isso, pois seguimos existindo em um mundo



colonizado e racializado em que precisamos nos opor às suas alienações, transcendendo, inovando, e isso compete a todos os grupos humanos. Devemos ter consciência do nosso lugar corporal, interior e de nossas almas no mundo, sem se render à não pluriversalidade que fomos criadas/os, forçadas/os a normalizar e aceitar e/ou desfrutar para quem goza dos privilégios. Para criar e produzir sob outras e muitas novas formas inovadoras de ver, sentir e acolher, (re)conhecer os diferentes mundos que nos circundam é necessário exercício dinâmico existencial. Por mais difíceis que sejam esses exercícios-vivências que se transformam em nossas experiências, são dinâmicas existenciais que, para mim, necessitamos para nos conhecermos enquanto pessoas, individualidades e grupos de origens diversas, coletividade e tudo o que nos venhamos a ser.

Então, na posse de nossos conhecimentos sobre nós, contados por pessoas afro, saberes sobre nossos povos e origens, histórias e culturas, sob essa perspectiva e não pelo olhar do colonizador e de suas descendências. Manter, começar a ter, aprender sobre nossas heranças ancestrais, sagrados, vai ampliando nossas possibilidades de melhora nas conexões ancestrais, nas relações afetivas, nos cuidados e respeito com/pelas nossas comunidades afros com nossas pessoas mais próximas e com as pessoas do mundo.

É o respeito às nossas diversas condições e questões afrodiáspóricas, africanas, assimiladas sob conscientização, os sagrados, as escolhas e, acima de tudo, despertar para construir a união que não é tarefa fácil neste planeta. “UBUNTU”, “Aio” são ações básicas para esta percepção que passa pela voz entra e ressoa por todo o nosso corpo e se comunica com “Aio”, com o “Nós”, e estabelece conexões que necessitamos desenvolver pela prática dedicada e atenta de nosso kurimar interior com as práticas que nos potencializam de nossa cultura. Precisamos nos valer e utilizar, desbravando e estudando esta experiência das práticas culturais e seus mecanismos de fortalecimento e conexões em Nós e por Nós.

Ainda que pensemos que sabemos algo significativo, percebemos que nunca sabemos o suficiente, e comprova-se que quanto mais sabemos e ou detemos o conhecimento, menos compreendemos a grandiosidade da vida. Mas, o conhecimento é dinâmico e sempre está chegando, e nós necessitamos sempre compreender mais e saber o que para nós é novo e interessa, principalmente sobre nossas histórias afro roubadas e ocultadas. Nas mais diversas cosmovisões africanas e afrodiáspóricas há relação em tudo na vida, e não fragmentos. Tudo está relacionado e tem sentidos indissociáveis entre corpo, alma, sagrados, vida terrena, espiritual, conhecimentos, existências, mundos diversos, vida cotidiana. Nada se dissocia,

mas, se harmoniza ou tende a isso e se amplia. Acredito que precisamos nos (re)conhecer mais, para além das ilusões que nos permeiam pela colonilidade e dos valores do colonizador.

### 3.2.1 DESCOLONIZANDO O PENSAMENTOS PELA ARTE: A COLONIALIDADE DA CAIXA BRANCA( 2017)

Figura 6 – Performance A Caixa Branca, cena do filme The Perfect Human, de Jorgen Leth



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O racismo está abrigado e vivendo seguro, dentro das pessoas brancas.

Por outro lado, se parcelas da sociedade não negra e negra explicitam que o racismo “é coisa dos negros”, como que a sociedade quer que resolvamos o problema do racismo? O branco em si mesmo não se enxerga como semelhante aos demais grupos humanos, mas como seu superior. Ao mesmo tempo, enquanto faz isso sem controle e marca cada pessoa racial e discriminadamente, a questão da raça que o mantém fortalecido, se potencializa.

A branquitude racializa outros grupos, constantemente, bem como vive sob a escravidão própria de sua brancura. Mas se considera humana e marca cada pessoa não branca como se humanas não fossem, destacando-as por sua raça, como nega esse fato. A mentira tem sido um fator fundamental de sobrevivência para esse grupo. Nesse sentido, compartilho da mesma certeza que Grada Kilomba destaca (2016):

Uma das grandes fantasias das pessoas brancas é ter a possibilidade de escapar de sua branquitude, ser capaz de dizer "Eu sou branx, mas não sou como os demais". O que é importante quando falamos sobre racismo é entender que branquitude é uma identidade política [que] tanto significa [ter] o privilégio de ser e estar ao centro bem como de estar ausente. Isso é ter poder, mas esse poder é encarado como neutro e

normal. É exatamente esse privilégio de se manter não marcada, mas de marcar o Outro que caracteriza o racismo (KILOMBA, 2016)<sup>60</sup>.

As pessoas brancas se beneficiam com o racismo e usam uma estratégia de neutralidade, de não racializada e instaura um silenciamento sobre isso se questionada, como o seu silêncio em muitas outras situações, para responder ao trato da questão de seus racismos (BENTO, 2005, s.p.). Elas com os seus silêncios respondem “ensurdecidamente” que não querem resolver essa questão na realidade. Então, fazem as pessoas pensarem que as suas vítimas é que têm que resolver o seu problema. Ou melhor, procuram configurar, mesmo sem lógica às vítimas, pessoas negras neste caso, como “a origem do problema” ou se vitimizam.

**Exemplo 1<sup>61</sup>: (Re)conhecendo culturas brancas, “neutras”, racializantes e privilegiadas**

Flagrada /ou em vias das performances cotidianas da branquitude ou em ato racista  
As culturas brancas ensina a utilização de estratégias de inversões das situações.  
Muito em geral, o que não lhe privilegia, rápida, se utiliza de um desvio de atenção.  
Se a pessoa branca comete uma infração e percebe que seu privilégio não surte o efeito esperado, aciona os privilégios de diferentes formas  
E se esta ação expõem sua a irresponsabilidade, lhe comprometendo com seus atos  
Geralmente se garante de mecanismos do privilégio racial, sem pensar em assumir seu ato em primeira instância, pois tem o privilégio assegurando sua proteção na maioria das situações e, “um deixa pra lá” pode resolver, dependendo da situação.  
Se esta perto de sua rede de apoio, também não.  
As nuances do privilégio branco são viciantes e aterrorizantes  
Em sua permissividade e naturalização das infrações simples aos crimes graves.  
Então, sempre mente categoricamente sobre fatos que lhe garantam o bem estar. Um exemplo a pessoa cometeu um ato grave:  
“- Eu não fiz isso”. Se a pessoa é cobrada, ela inverte a situação.  
“- Eu jamais faria isso.  
“-Eu não fiz isso. Tudo isso é um absurdo!”Sustenta a mentira, veemente.  
Desvia a atenção. Sai ileso. O privilégio branco não brinca. Para os outros grupos raciais ainda que se portassem parecidos, não seriam protegidos pelas suas raças e corpos negros, indígenas ou asiáticos em diversidade, receberiam de acordo com as marcas que cada um carrega na sociedade, pois há níveis e são efeitos do privilégio.  
Ele assegura a proteção de pessoas brancas. E em muitos casos, aos crimes brancos.  
Às vezes tenta comprometer quem controla a situação, sem escrúpulos.  
“- Você está me constrangendo. É um abuso de autoridade. Vou te processar!”  
Por isso o privilégio branco é aniquilante como afirma WERNEK (2020, s.p.).

O texto acima, e o que segue, foi elaborado para ser utilizado em minhas *performances*, como em aulas performáticas que tenho realizado desde 2015, seguidas de momentos para reflexão e abordagens posteriores com participantes na universidade ou em outros espaços sociais. Tais reflexões e narrativas foram coletadas e elaboradas sob a reprodução das práticas culturais da branquitude presentes em relatos recebidos, notícias de

<sup>60</sup>O vídeo de Grada Kilombo que está nas referências desta dissertação.

<sup>61</sup>Textos do exemplo - o 1 acima e 2 logo textos de performances e intervenções da autora, LIRA, 2018.

jornal, como a partir de estudos, pesquisas e falas cotidianas proferidas por pessoas brancas no espaço universitário e/ou social, em redes sociais, mídias, cenas de filmes relacionados às culturas dos seus grupos étnicos. Também pelas memórias traumáticas das práticas racistas, sofridas por Nós e outras pessoas não brancas, coletadas nestes dois anos de estudos das performances culturais cotidianas brancas, nas relações raciais.

### **Exemplo 2: Privilégio Branco**

Gozar de determinados privilégios e benefícios somente pelo fato de ser branco. O privilégio racial foi construído para os que têm um corpo branco. Utilizar os privilégios é um exercício constante do poder simbólico da pessoa branca. Ela nem cogita assumir determinadas responsabilidades, pois o privilégio a permite não fazê-lo. A base do privilégio branco é burlar leis e regras, retirar direitos e roubar vidas sem ser questionado. Quanto maior a proximidade de um fantasiosa “brancura pura”, maior o valor simbólico social atribuído aos corpos e vidas e o maior seus privilégio.

Por mais que vivamos essas relações raciais no dia a dia, com o passar do tempo essas experiências se dimensionam e se redimensionam de diferentes maneiras, e muitas delas em diferentes momentos de formas cada vez mais marcantes e traumáticas como não esperamos.

A “*Caixa Branca*” foi a minha performance de conclusão da disciplina de processos criativos, do curso de Graduação em Artes Cênicas. Essa produção foi muito impactante e cheia de surpresas, e marcou os quatro anos iniciais de meus estudos sobre a branquitude, a partir de 2014. Nesse período, passei a pesquisar o racismo a partir dessa perspectiva, ensinando, realizando criações e produções artísticas com base nesses conhecimentos, alterando a forma de compreensão da presença do racismo nas sociedades como uma ideologia de responsabilidade de trato e erradicação das populações negras. A implicação que essa perspectiva gera no grupo opressor em relação aos seus feitos violentos históricos e atuais, bem como as suas responsabilidades, o estudo de suas identidades, subjetividades e existência consolidada na manutenção dessa ideologia é muito importante para o processo de descolonização, luta antirracista, desracialização nacional e global.

Frantz Fanon nos alerta em seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008,) a necessidade de marcar o branco nos processos de descolonização, ou seja, ainda que Fanon não tratasse especificamente do conceito de branquitude quando escreveu o livro, já incorporava com profundidade muito dele e das subjetividades brancas pela psiquiatria naquele momento histórico (1952). Ao analisar profundamente a racialização e os desdobramentos do colonialismo sob os corpos de povos negros e brancos, o psiquiatra da Martinica desejava a libertação negra, nos mostrando caminhos para compreender a problemática colonial que nos afetava, como ainda afeta.

Para mim, a questão de estudar a alienação branca, o racismo, as problemáticas negras e os comprometimentos ilusórios (FANON, 2008) de suas criações psicológicas pela psiquiatria e psicologia nos possibilita tratar do tema de fato como ele é, um projeto de opressão colonial branco, europeu, com desdobramentos nos povos dominados negros e miscigenados, que é altamente rejeitado como um problema contemporâneo real, completo e amplo pela branquitude. Que tem sido tratado invertidamente, como sendo “um problema dos povos negros”, para já não ser resolvido, alterando a alienação branca todo o contexto em seu favor, para manter sua proposta de dominação.

Por outro lado, a alienação gerada sob a vidas das pessoas negras pelo histórico, consequências do projeto colonial e os efeitos do racismo permite que ampliemos e tragamos os fatos desta racialização como uma ampla problemática humana, que, ainda que se concentre na perspectiva dual branca e negra, é um problema global, e afeta principalmente a todos os grupos racializados, povos e países afetados pelo colonialismo.

As chaves, com muitas constatações, respostas, achados, tramóias, idas e vindas da branquitude, contribuições das pessoas brancas colaboradoras e de muitas outras de diferentes grupos raciais que questionaram e vieram somar nos conhecimentos e (re)conhecimentos dos racismos e no estudo da identidade racial branca, nas práticas da branquitude, trazem uma maior amostragem desse mundo branco. Já pela perspectiva artística e da pesquisadora que sou, em ações para desconstruções, desmantelamentos, reestruturações e oxigenações de vida, me utilizo da arte como dispositivo descolonizante e antirracista constantemente, como poderemos observar, assim como a tradução cultural em seu recorte racial e de tradução afrodiaspórica, específica de um grupo afetado pelo racismo, pela identidade e cultura branca. Trazendo à tona as subjetividades brancas, bem como o mal-estar que causam ao mundo e é ocultado, como com tudo que ela tem que intoxica, e as pessoas fingem gostar pelas normatizações estabelecidas culturalmente na sociedade.

Figura 7 – Durante a performance “A Caixa Branca” com seus impactos descolonizantes



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Pela tradução cultural em seu recorte racial, pelas culturas de raça (HALL, 2016, 55) podemos verificar muitas questões objetivas e subjetivas específicas da cultura de raça branca, grupo que tem estabelecida a dominação racial, econômica, política que estabilizam a estrutura ideológica psicopolítica racial conformada culturalmente na sociedade. Esta estrutura é também moldada por aspectos e construções culturais relacionados as identidades da branquitude brasileira de nossa sociedade.

Questões que poucas pessoas brancas querem ou se dispõem a encarar sobre o seu mundo racial diferenciado, a sua própria identidade cultural construída sob uma ideologia que envolve o seu grupo, separando os outros é uma realidade a parte que delas vivemos a exclusão. O processo de perfeição do ser “modelo”, foi um processo e é um repasse herdado destas construções culturais de raça históricas que vão se movendo e redefinindo sob a ideologia das suas superioridades, ainda que quanto mais passe os tempos, mais estas ideias sejam rejeitadas, ainda assim mantém a cultura para terem poder.

E como lidar coletivamente com a questão no decorrer dos tempos é o que vemos em diferentes momentos neste trabalho e as artes agem neste momento, como pessoas de outras áreas confiam nos efeitos das artes, das imagens, do visual, das construções estéticas estabelecidas e dinamitadas cotidianamente nas mentes como modelos de perfeição, de beleza,

de sucesso, dentre outras falsas qualidades impostas. São questões sobre as construções das culturas de raça branca que FLORES(2008) localiza na história, como as organizações seletivas dos corpos ideais, tidos como saudáveis. A autora trata diretamente das mudanças sociais que interferiam na vida dos povos brancos pelas ideias eugênicas, o subtexto dos que não corpos inadequados os estudos sobre as populações negras e o trecho que se refere ao Jeca-Tatu, o considerado “mestiço”, se vê as políticas e as organizações que se davam no Brasil e o tratamento a população não branca. FLORES coloca sobre as seletividades e o modelo branco ideal

Aqui há duas ordens de questões. Primeiramente, convém lembrar que homens e mulheres, como reprodutores de uma prole que conduzisse à melhoria da raça, foram objetos discursivos e sofreram, de algum modo, a intervenção de médicos, educadores, sexólogos, ensaístas, da Igreja, do Estado e da imprensa. No caso do sexo masculino, homossexuais, masturbadores, portadores de taras sexuais, loucos, leprosos, tuberculosos, sífilíticos, os que possuíssem órgãos genitais mal-adaptados à cópula etc foram atingidos pela cultura moderna de raça. Já as mulheres tiveram, digamos, uma dose dupla de intervenção sobre a sua sexualidade, uma vez que a eugenia focava os eventos reprodutivos, não só a concepção da prole, mas também o nascimento e a criação. Alastrou-se assim uma pedagogia do casamento com fortes exigências para a mulher como educadora, responsável pela saúde e higiene do lar, co-participante na construção da nacionalidade. Porém, se a Igreja via na restauração da espiritualidade, no culto da mariologia, o caminho para a mulher alcançar a plenitude da maternidade, o discurso eugênico de Adalzir Bittencout exigia da mãe um corpo saudável, reforçando seu papel biológico. Numa outra ordem de questões, encontra-se a diversidade de pressupostos para a conquista desse Brasil moderno. O fantasma da desvirilização dos povos, que se propalou pelo Ocidente como causa de decadência da cultura ocidental, atingiu a *intelligentsia* brasileira. O exemplo mais paradigmático, analisado no meu livro, foi o pensamento de Mário Pinto de Andrade. Para ele, a criação de uma cultura viril, aquela dotada do espírito de progresso, da conquista, da razão, pragmática, objetiva e utilitária, superaria nosso passado degenerado, fatalista, subjetivo, retórico, sonhador, dominado, expresso na figura do Jeca Tatu. Aqui, o ser-viril, o homem como ser universal, genérico e não genericado, forte, saudável, branco, moralizado, seria o modelo almejado para contrapor-se ao não-viril, o homem doente, criminoso, tarado, homossexual. Viver virilmente significava viver na plenitude do vigor físico, da energia mental, do preceito das ciências, do governo democrático e consciente dos problemas da nação. Um povo não-viril estava associado ao desaparecimento da raça, à literatura, ao intelectualismo puramente literário, ao discurso à moda francesa, às populações analfabetas e doentes. (FLORES, 2008, 227-235)

Traduz aspectos e questões objetivas e subjetivas que coloquei sobre a identidade racial branca da época e sua construção cultural, pelas culturas de raça (HALL, 2017; FLORES, 2008) que a autora também menciona sua existência com estas palavras, pois é um fato das sociedades estruturadas pelo racismo. A entrevista nos possibilita observar como se faz traduzível as culturas de raças brancas no Brasil, que sob um panorama mais geral foi sendo expostos alguns dos mecanismos, ideias centrais adaptadas para o Brasil e os meios de

ação, que as pessoas influentes que estavam envolvidas lidavam com estas questões sociais nacionais, Assim como vinham dinamizavam estas ideias eugenicistas entre pessoas que se encontravam em cargos de poder e em áreas importantes do conhecimento, na desde o início do século passado engendrando da falsa ideia politicamente, no psicológico e imageticamente, por um trabalho de perspectiva em modelos perfeitos humanos que renderia o tipo de “progresso social” que as construções da branquitude aspirava

Pois, permanecem sob as propostas de raças superiores e inferiores, de terem privilégios raciais e do modelo branco corporal e cultural branco ser a referência e por este fato normalizar a dominação e a posse do poder, que surge no século XVI mas segue sem alterar as ideias das hierarquização das raças em trabalho explícito que comprove sua implicação com estas mudanças e não manutenção nos novos tempos. Hoje as ideias do início do século passado são trocadas pelo silêncio do discurso de raça dos menos extremistas. Algumas informações importantes pela perspectiva da branquitude trás questões históricas pouco discutidas que são vigentes ainda hoje, O Brasil oculta seus discursos culturais de raça mais pesados que circulam o imaginário social, porém as construções associada às falsas mas raças “superiores e inferiores” é o combustível desta sociedade racialisada, que no começo do século passado era mais abertas em suas manifestações. As ideias seguem em curso e delas podemos ver alguns aspectos, questões e envolvidas, no livro da autora *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. em entrevista com a historiadora Maria Bernardete Ramos Flores, em que Dínísio Oliveira pergunta as relações sobre estética e corpo, enraizada nas artes e suas articulações com outras áreas do conhecimento

Em seu livro, há uma afirmação de Terry Eagleton, segundo a qual “a estética nasceu como um discurso sobre o corpo”, que confere às artes visuais, sobretudo pela lente da estética moderna, uma aliança com disciplinas que não estamos habituados a vê-las juntas, como a antropologia física, a medicina legal e a biologia. Que exemplos teríamos para compreender melhor essa proximidade? (OLIVEIRA, 2008, 227-235)

Na referida entrevista FLORES discorre importante para o nosso conhecimento que são as relações entre estéticas do corpo na artes a política e a ciência, em sua nascente articulação com correntes ideológicas da biologia e medicina no Brasil, que matém resquícios até hoje ocultados pelas mitologia da democracia racial carregada, no discurso “somos todos iguais”. Mas, que ante a “modelos corporais não padrões” promove desde a exclusão normatizada de mulheres negras escuras em protagonismo nacional por terem fenótipos afros não embranquecidos agradáveis aos olhos das estéticas negras padronizadas como permitidas



a estarem presentes nas telegramaturgias, cinemas e mídias em geral nas mais diversas situações da vida cotidiana ou espetacular, como celebridades. Como a estas relações atreladas ao “corpos não modelos” que promovem as mais brutais violências obstétricas, as esterelização não consentidas em mulheres negras e outras violações hospitalares; às violências policiais motivada pela raça; os constantes impedimentos com a preferência de pessoas brancas por racismo a ocuparem os mais diversos cargos e representações que tenham decisões e poder básicos e concentrem melhor acesso a economia, logo a bens, consumo, saúde, dentre outras. Todas relacionadas estética do corpos, arte, política se articulando pelo racismo e excluindo naturalmente, como promovendo danos e mortes. O que a historiadora mostra os estudos, relacionados ao corpo e as ideias envolvendo a perfeição vinculada a arte ocidental européia, desenvolvidos sobre a questão. Esta fala mostra uma das traduções que se pode observar sobre os caminhos trilhados pela branquitude no Brasil ao aspirarem por modelos humanos se quer eram existentes em nosso país. Pois, desejavam como ainda o fazem, moldar e talhar os grupos brancos através de ideias interdisciplinares, que seguiram as determinações lideradas por homens pela ideologia da raça e sua política de pureza racial. Nisso a presença das artes, das ciencias, medicina e biologia forma aliadas em diferentes momentos, pela busca do modelo ideia e da perfeição projetada sobre os corpos brancos, como estas construções nas artes plásticas, visuais reforçadas pelas pessoas que as consumiam, como se projetavam e desejam se parecer com estes modelos. O que a autora mostra a seguir alguns homens influentes relacionando a busca por uma modulação de perfeição corpórea como o Renato Kehl(2008, 225-237), o pai da eugenia no Brasil.

Estas vigentes no país através de grupos racistas eugenicistas que acreditavam na atuação entre artes visuais com seus modelos de belo entrelaçada nas dramáticas com as histórias do teatro grego branco europeu, com a biologia e medicina atreladas as ideias coloniais do racismo científico, moldado pela eugenia que a pesquisadora coloca

Justamente, a relação entre a estética, como disciplina do gosto, das sensibilidades, que se desenvolveu a partir da segunda metade do século XVIII, concomitante às disciplinas da vida, a biologia, a antropologia e a medicina, percorre todo o assunto do livro. Desde o primeiro momento da pesquisa, eu me deparei com o lema “Trabalho, saúde e beleza” do Congresso de Brasilidade de 1942, e com a afirmação do médico eugenista Renato Kehl de que o homem capaz de talhar mármore a Vênus é capaz, também, de moldar plasticamente toda a humanidade; Instigaram-me também as obras do artista plástico e médico sexólogo Hernani de Irajá, especialmente *Sexo e beleza e morfologia da mulher: a plástica feminina no Brasil*, cuja tese é a de que os artistas acadêmicos, ao seguirem os cânones da arte clássica, prestavam um serviço aos médicos, aos antropólogos e à medicina legal. Chamou-me a atenção ainda, o

fato de Roquette-Pinto, considerado um dos maiores antropólogos brasileiros, à época, entender que o concurso de misses era assunto de interesse nacional, que envolvia a política da raça. Para ele, o evento tomava o caráter de uma prova eugênica e as candidatas davam prova de amor patriótico. Em meio a isso tudo, suspeitei logo dessa relação estreita entre estética e política, entre arte e ciência, que produziu uma maquinaria, uma tecnologia populacional, a investir no corpo dos indivíduos de modo a reproduzir normotipos e alcançar o padrão estético almejado para o tipo racial desejado. (FLORES, 2008, 227-235)

Essa está presente na performance “A Caixa Branca”, que traduz as construções, as subjetividades identitárias, os aspectos da cultura construídos pelos grupos raciais brancos em questões gerais em comum, com seus simbolismos e marcas históricas e atuais.

A referida “Caixa Branca”, da performance que realizei em 2017, foi identificada pela maioria das pessoas participantes como estando relacionada à raça branca. Observei essa identificação do público branco, negro e indígena participantes que se expressaram diretamente a mim, como conhecedores de práticas culturais, performances brancas identitárias, tanto de aspectos culturais como das práticas do racismo.

Na proposta da performance, eu não verbalizei sobre questões de raça/cor/racismo, mas sim sobre a paz, o bem estar e que iríamos nos preparar para a performance me utilizando de posturas e narrativas características e comportamentais da branquitude, e o desconforto era notável. A presença foi constante dos símbolos construídos pela cultura da branquitude em nossa sociedade como: a paz, lugar de paz, dentre outras. “A Caixa Branca”, sem ser explicitada sobre sua real “identidade”, gerou mal-estar e incômodo não verbalizados que foram expressados pela maioria das pessoas que estiveram na performance. Ao se entregarem na imersão da performance com desprendimento, alguns tiveram a chance de se deixarem desaguar ou de se ampararem e conscientizarem sob uma realidade que cogitavam, mas tinham vergonha de questionar, e passaram isso nos momentos de conversa reflexiva posterior à performance.

A figura 7 mostra momentos desses impactos descolonizantes sentidos e percebidos nas participantes durante a performance “A Caixa Branca”. Os efeitos da imersão ocorrida com esses grupos durante 2 a 3 horas, entre eu-performer e as participantes, que eram um grupo de mulheres negras e brancas, dentre elas ali estavam docentes, discentes e algumas pertencentes à comunidade social de Florianópolis.

O espaço da branquitude construído em nossa sociedade é tangível e real, porém não identificado diretamente como sendo branco. Porém, culturalmente pessoas brancas e outras não brancas sabem que esses espaços são posse, uso, acesso, presença majoritária, domínio,

poder e ação da branquitude. E assim como na sociedade essa sinalização, esse simbolismo, se explicitou quando construímos a caixa de cor branca em um espaço de ação negra. Foi como se traduzisse que ali seria tratada também essa questão mais específica da branquitude, o que se tornou evidente após a finalização da construção o aumento do distanciamento do público majoritariamente branco, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC), de “A Caixa Branca”.

Na performance, (re)produzi e traduzi essa caixa imagética, agressiva, que nos maltrata, ali corporificada, que em realidade penso se constituir socialmente de diferentes formas e espaços, e de simbolismos em nossa sociedade brasileira e global. Ela trata das questões e ações violentas, pesadas e tóxicas dessa caixa branca que desejei materializar, também pela imaginação para vida real, inspirada no *Cubo Branco* mencionado por Grada Kilomba em 2017 em suas abordagens, antes da realização de sua performance.

Ali, na construção artística feita no hall das salas de aula do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/UFSC), eu queria perceber essa forma e seus impactos visuais e artísticos no ambiente universitário, bem como traduzir algo de suas características simbólicas específicas de maneira mais marcante, direta e materializada performaticamente.

Construí uma estrutura física, tal qual uma sala, um espaço literalmente em formato de caixa, com a ajuda de voluntárias/os, inserida dentro de uma proposta maior naquele centro, em que era a ação “Descolonizando o Pensamento[...]”. “A Caixa Branca” foi produzida com um tecido sintético de material TNT, na cor branca, em tamanho de 3x4 m (três metros de altura por quatro de comprimento), com uma abertura lateral como uma porta de entrada e ornamentada com objetos na cor branca: um mancebo para pendurar roupas, caixa para colocar calçados na entrada e outra com placas e papéis para abordagens da performance, cadeiras e mesa, tela e computador, espelho, aparelho de som, CD, cubos para sentar.

A “*Caixa Branca*” traduziu para algumas pessoas negras e brancas um lugar incógnito a princípio. Para outras negras que desconheciam a proposta da performance e estavam distantes das discussões raciais, essas destacaram que ao entrar na caixa sentiram medo e uma sensação assustadora devido à claridade do espaço. Houve muito incômodo e desconforto de outra pessoa negra com o espaço sonorizado com a música étnica tradicional européia, conhecida como música clássica ou erudita. Isso era algo que eu não esperava escutar, mas sim o contrário.

Uma participante disse se sentir bem ali dentro.

Um espaço de tirar nosso ar com sua cor gritante ou de iludir nosso campo sensorial, foi o que eu percebida nessa construção e nas performances. Como a sua artificialidade e ilusão, como outras pessoas participantes comentaram durante e ao final das diferentes sessões das performances que ocorreram com os diferentes grupos agendados.

Criei um ambiente interno, tipo uma sala, inspirado nas estéticas de algumas decorações ocidentais branco-brasileiras, onde culturalmente costuma traduzir a limpeza e um suposto “bem-estar”, anunciado em propostas de decoração e de higiene comumente estabelecidas. A cor estatelada com objetos brancos no espaço, junto as minhas vestimentas brancas, ofuscavam a visão, traduzindo também a imposição hegemônica dessa cor no espaço/ambiente da performance, pela ausência de outras cores e da diversidade com que as cores da natureza, como em suas reproduções que criamos em objetos, nos oferecem outra vitalidade aos ambientes.

A tradução cultural se dá aqui pelo recorte da cultura de raças (HALL, 2016) e traduzindo a cultura de raça branca, ao mostrar a (re)produção artística e minhas narrativas com as participantes, inspirada nas construções culturais estéticas importadas socialmente pela branquitude e de seus ideais. Características culturais estabelecidas que nos assombram a vida cotidiana, de pessoas não brancas ao menos. Ali no local da performance, tais características e traços da cultura da estética da branquitude são para possibilitar memórias, e a cor branca é tida como adequada aos ambientes, como sendo “o chic”, “o fino”, “o alto padrão”.

Traduziu-se em paralelo uma expressão artística, política e de perspectiva tradutória cultural afrodiaspórica pela artista, que em trabalho tradutório também expressa a crítica negra dos sufocamentos que a imposição racial branca, conformada por seu aporte cultural estético instalado, estabelecido e reafirmado sobre a cor branca, simbolismos esses mantidos desde a escravização em nossa sociedade e que atribuem o branco como o ideal de pureza, limpeza, harmonia, tal qual procuram manter o significado simbólico do ser humano branco como puro e perfeito. Ao som das “Quatro Estações de Vivaldi” a “Caixa Branca”, ao contrário de seus simbolismos, projetou no ambiente, com seus objetos brancos os desconfortos, os gostos e gozos culturais da branquitude que nos prendem e machucam em corpo e alma.

Essa caixa que tenta violentamente nos limitar a ela.

E pensando no desejo de materializar, em como acender uma discussão importante sobre as questões pesadas e tóxicas que as dimensões reais da branquitude, que em seu Cubo

Branco diz como é esse mundo alienado branco que exerce dominação sob nossos corpos e almas, tive também grande inspiração e motivação em construir esse espaço imagético e real em razão das abordagens conceituais da psicóloga, psicanalista e performer Grada Kilomba. Ela inspirou-me na produção e realização do mencionado *Cubo Branco* e alguns meses depois, fiz a performance em espaço branco, idealizando o Cubo Branco em São Paulo.

Ao fim, “A Caixa Branca” materializada deu suporte e serviu de espelho às pessoas brancas como identificador para as outras não brancas. Durante minha trajetória e pesquisas sobre performances cotidianas de afetos e violências entre os grupos raciais negros e brancos, deparei-me, em variados espaços, com pessoas brancas que em minhas intervenções artísticas, em aulas, durante formações que ofereci, dentre outras ações, movimentações e ocasiões descolonizantes e antirracistas, delas participaram com aparente interesse. Muitas pessoas presentes e interessadas se identificavam com as propostas tratadas artística e didaticamente, emocionavam-se, se olhavam, se envergonham e desejavam demonstrar seu comprometimento e consciências ou enunciavam seu despertar para uma tomada de consciência.

Muitas dessas pessoas de fato se empolgavam, mas depois voltavam à vida normal e ao exercício de sua branquitude plena. No entanto, vi casos raros de pessoas que mudaram suas condutas e modos vidas brancas, no sentido de levar as questões de sua identidade racial para a vida cotidiana, como algumas poucas passaram a ampliar seu olhar em trabalhos e em suas atividades na universidade.

Acredito que todas, independente de se conscientizarem da problemática de seu grupo e do complexidade global que representa, de se transformarem ou não, de se esforçarem em mudar pouco ou muito, nunca mais foram as mesmas, após vivenciarem as performances de impacto.

Os processos de descolonização e antirracistas seguem sendo em maioria ações majoritárias de luta pela existência das populações negras e de outras marginalizadas não brancas. Abordagem única e de impacto, a fiz pensando nas poucas oportunidades que temos de falar e tocar em zonas sensíveis, o que as artes naturalmente já nos permitem fazer.

Encontrei nessas caminhadas muitas pessoas que se “comprometem” e logo recuaram; as que fingem e seguem oprimindo; as que perseguem e vão às ações somente para saber o que estamos fazendo; as que oprimem silenciosas; as que fogem; e, em reduzido número, as

que tentam as suas transformações com sinceridade, sem alarde, e fazem sua pequena diferença no mundo.

A “Caixa Branca” excludente e genocida, epistemicida, é tratada como “espaço do bem”, de “pessoas de boa índole e bom coração”, pelo fato de terem a cor branca. Essa construção cultural é tida como o símbolo “da paz”, mas que em realidade somente possui esses atributos no mundo imagético branco racializado e racista ou no dos povos não brancos colonizados que estão alienados pelas ilusões e fantasias brancas.

Com performances como essa, sigo na sua oposição e rompendo as paredes e estruturas da caixa branca do mundo real. Faço oposição às construções coloniais contemporâneas que (re)marcam nossos corpos simbolicamente, na rotina cotidiana dos encontros das relações raciais e étnico-raciais. Descolonizar é tarefa árdua e cansativa do dia a dia, assim como se amar, se cuidar, se opor às invenções externas é ato (re)existente para vivermos mais um dia do futuro, que já chega no amanhã.

### **3.2.2 A TRADUÇÃO CULTURAL, AS CULTURAS DE RAÇA E OUTRAS PERFORMANCES BRUTAIS**

Pensando na Tradução Cultural das performances de raça que já , pelo seu recorte de raça sobre as existentes culturas de raça do seu fundante racismo científico europeu, apontadas por Stuart Hall (2016, p. 55), de maneira que seja possível observar estas categorias racializadas, mesmo com a certeza da inexistências das hierarquias racias, como meio de pesquisar, tratar, lidar, como se relacionar com as problemáticas raciais inraizadas. Estas são invisibilizadas pelas presentes culturas de raça, pois a raça ainda é fator de alta manutenção econômica e poder principalmente. Estas falsa ideias que habita os imaginários coletivos das pessoas que constituem as sociedades estruturadas pelo racismo, na colonialidade. HALL aponta que

Os discursos de raça e racialização fazem parte da discussão porque – como é o caso de gênero e sexualidade – são os discursos mais refratários a serem conceituados nesta forma discursiva, sobredeterminada e suplementar. Tanto no caso de gênero, quanto no de racialização – seja o último concebido basicamente em termos genéticos e biológicos, ou étnicos e culturais – a Natureza é o curinga: o significante silencioso, o referente através do qual o sistema de hierarquias se representa como “natural” e fechado. Assim, a racialização desempenhou um papel crucial – embora historicamente mutante – na colonização e nos sistemas pós-coloniais de poder. Conceitualmente, como sabemos, raça não é uma categoria científica. As diferenças atribuídas a raça dentro da chamada população racialmente definida são tão grandes quanto as diferenças dentro das populações “racialmente diferentes”. Raça é um construto político e social. Os grupos compartilham padrões de cultura e crença não por causa de algum fator transmitido em seus genes, mas como consequência de

viverem em um mundo racializado. Isso não significa que, já que o que pensamos como as culturas de raça não são genética ou biologicamente transmitidas, a raça não tenha efeitos reais. Como indica o velho truismo sociológico, “aquelas coisas que homens e mulheres acreditam ser verdade são reais em suas consequências, em seus efeitos”. Raça é a categoria discursiva organizadora em torno da qual sistemas bastante reais.(HALL, 2016, p.54-55)

As especificações que o pesquisados nos traz sobre como as questões de raça seguem estruturadas em perspectiva global, que enquadram ao Brasil como toda uma movimentação que segue para esta não seja tratada, pois é contrato social e político que se articula com a cultura. E faz consolidar ideias de uma falsa superioridade racial branca e inferioriza os outros grupos que nesta pesquisa destaco o negro, mas nas questões da racialização seguem considerações e análises sobre as relações raciais,. Com a marcação e desneutralização do grupo que gera esta ideologia e se esquivava da responsabilidade de erradicação das construções sobre raça que determinam tudo na vida nas sociedades com seus sistemas violentos interseccionados(CRENSHAW, 2002, s.p). Desta maneira, o grupo de dominação racial que se privilegia, o branco e oprime em todas as áreas do conhecimento e lugares sociais precisa ser visto e se implicado, pois se beneficia pela dominação e poder simbólico construído culturalmente, transformando a realidade dos demais grupos humanos e promovendo desigualdade racial e social absolutamente. Gerou socialmente a destruição de culturas que resistem e reinventa seus meios de vida ou se assimilam, hibridizam, transcriam. Os grupos inferiorizados sofrem altamente as consequências desta falsa construção em curso que funciona por seus mecanismos violentos resquícios da colonização europeia. ]

A cultura de raça atraiu defensores homens e mulheres, modernistas e não-modernistas, fascistas e liberais, feministas e machistas. Se ascorrentes católicas, espiritualizantes, intelectuais da “ordem”, combati-am a modernização tecnológica, tida como causadora da crise da moral,da família e da mulher, e buscava restaurar a velha Europa, as correntesintelectuais, modernistas ou passadistas, que defendiam a moderniza-ção do país viam na novidade norteamericana, com sua cultura fordista e utilitarista, o meio para regenerar a nação. (FLORES, 2008, 227-235)

Assim localizar e marcar as manifestadas, as artimanhas praticadas por grupos humanos racializados dentre outras ações, que a partir da identificação, ações e manifestações corporais com a Tradução Cultural das performances das culturas de raças, se possa contribuir neste processo de erradicação da raça. Pela compreensão, coibição e erradicação de suas continuidade e não somente apagando uma ideia dos espaços e discursos por imposição política, para a sua continuidade “invisível de poder racial” que performa e que vive no imaginário coletivo. Assim, podemos verificar isso presente sua presença nas sociedades

racializadas e estruturadas pelo racismo, não me localidade originárias que nem tem contato com a vida urbana, isolada.

Aqui destacarei a Tradução Cultural, com recorte racial, ciente de que em critério de tradução não podemos ignorar a imbricação de raça (CARRASCOSA, 2018, p. 44), essa atrelada às culturas.

Performance, segundo Schechner (2006) é ação, é mostrar, apresentar, é sendo, é fazendo, o é pelo ensinar fazendo, pela [performatividade], dentre outras formas que se configura, nos possibilita acessarmos e compreendermos as comunicações, relações e ações gestuais do corpo. Como relação, ação, interação, conexão ancestral viva, no caso da tradução escrivente afrodiáspórica negra, ela estabelece uma relação de conexão entre a tradutora/escritora e leitora/o/e de memórias (CARRASCOSA, 2018; EVARISTO, 2020) e experiências coletivas, que se relacionam com o leitor de maneira ainda mais específica, pois o toca em sua subjetividade neste movimento “entre” ambos que é a performance.

Esse recorte mais tratado por Stuart Hall (2017, 2016) em seu texto *Diáspora, ou a lógica da Tradução Cultural*<sup>62</sup>, proferido em palestra em Salvador, Bahia, Brasil, trouxe à tona o cerne da problemática colonial, a raça e a racialização das diversas populações tidas como definidas e das diferentes raças contemporâneas. Conceitualmente, sobre a raça ser um construto social e político, observou com destaque, que ainda que seja uma categoria não científica sem a transmissão de algum fator diferenciador entre elas. Hall aponta que não há possibilidade de acontecer uma transmissão de padrões culturais ou de crenças entre as pessoas, através de seus genes ou biologicamente, mas é categórico que não há possibilidades de negar sua eficácia prática e os efeitos reais da raça nessas populações e grupos racializados. Ele afirma que esses padrões culturais e crenças são passados porque essas populações e grupos são racializados por sistemas bastante reais e organizados. Repassa que feito culturalmente articulado como poder ideológico da raça que é eficaz transmitido à diversidade de povos, racializados (Hall, 2008), com as devidas especificidades destes diversos grupos atrelados a falsa ideologia da hierarquia das raças. Construindo-se culturas racializadas e racializantes delas. O que vemos e observamos ser o colonialismo contemporâneo com sua falsa ideia de raça, que enquanto categoria que o dissemina

---

<sup>62</sup>Diáspora, ou a lógicas da tradução cultural – Realizada na Conferência de abertura do VII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). “Terras & Gentes”, realizado em Salvador (BA), entre 24 e 27 de julho de 2000. Copyright e Catherine Hall Editado com a permissão da detentora de direitos, 2016. Tradução Elizabeth Ramos. Revisão técnica: Liv Sovik.



discursivamente, organizadamente e até diria estruturalmente. KILOMBA (2019) também discorre observações pontuais e que dão forma a fala de HALL(2016), pois ela apresenta em suas performances como faço em diferentes momentos deste trabalho as construções e práticas racistas quando estão indo no ataque as pessoas negras.

Sobre o racismo ser uma prática discursiva como destacaram os autores, acrescento ser ela também performativa no sentido dos gestuais, na utilização do corpo para suas manifestações e amostragens, e para a apresentação de suas perversões.

Nós temos o poder de mudança em um sistema que se constitui pela violência e se consolida pela repetição de práticas culturais, que se mantêm atuantes dentro das culturas de raças (HALL, 2016, p.55) a partir do momento em que ocorreu a consolidação de uma falsa ideia de racialização hierárquica em um passado no século XVI, um construto social e político que se torna cultural.

O privilégio branco é a grande barreira nessa luta. Reconheço que encontrei nessa caminhada produções e pesquisas de muita gente branca legal e empolgada, mas logo a chama se apagou, com seus interesses maiores sobre si mesmos, e a vida seguiu sob suas lógicas brancas mais "fáceis e agradáveis" de viver. Neles não há o interesse em se desconstruir rapidamente ante os tantos privilégios. Não abrem mão de seus privilégios simbólicos da raça, pois de fato o receberam de herança dos antepassados e concordo que deve ser muito difícil deixar a vida facilitada para viver uma normal, mais dura e cheia de dificuldades. Então eles devem ser arrancados com a filosofia e pela pedagogia e prática fanoniana (FANON, 2008) mais avançada, que segue atual: pela descolonização do pensamento, do conhecimento e territorial. Pelo desmantelamento.

Mas quais são os limites da violência racial? Há um atenuante entre violência simbólica e violência física? Ou seja, uma pode mais e a outra menos se altamente divulgada? Se for altamente divulgada, passa a ter um peso maior? Esses são apontamentos observados nas performances da branquitude, que não são frutos de conclusões soltas, mas das vivências e experiências da vida cotidiana junto a um grupo racial e étnico-racial que vem intoxicando e tornando insustentável a vida. Isso tem se dado ante nosso silêncio e controle imensurável ante as mais diversas e incontáveis práticas violentas dos seus racismos nas relações raciais. Nos limites da opressão, da tolerância que secularmente abala nossas vidas pelas nossas ações não violentas, salvo os que já se cansaram e romperam com o sistema, se libertaram e pagam o preço, pois se vêm lançados na marginalidade mais cruel. Observo essas performances

racistas como sendo de alta perversão. O crime racial se investe em ver o prejuízo da vítima, sua dor, sua desejada punição, o desfecho injusto, tem desejo e prazer, satisfação e não se abate – embora muitas vezes algumas pessoas dissimulem abatimento pela situação. Não sabemos de casos notórios de racistas que estão reparando seus crimes espontaneamente por preocupação aos danos que causou às suas vítimas.

Então, a satisfação e o prazer em promover o dano, a violência, a rendição, em sentir o poder pela submissão é algo muito específico do tipo negrófobo. Suas práticas perversas que sempre tem consequências prejudiciais, traumáticas e criminosas contra pessoas negras são ainda mais graves, pois, investem nos prejuízos destas em prol do seu prazer pessoal..

Frantz Fanon(1925-1961) como um psiquiatra inovador , um dos grandes ativistas e intelectuais interdisciplinares de sua época, se debruçou até a sua morte no processo de libertação pela descolonização africana e morreu sem ver os muitos resultados de sua dedicação colaborativa contínua. Que pela práxis permanente com seus estudos, pesquisas, enfrentamentos e participação durante a guerra para a libertação de diversos países do colonialismo europeu predador enraizante que foi determinante na conquista coletiva que foi da Revolução Africana, nos anos 1950-1960. Na psiquiatria ele aplicou uma metodologia de escutar seus pacientes inovadora na época, deixando-os tranquilos para melhor obter os resultados dos tratamentos, os tratava como gente num período em que não havia este tipo de tratamento nos vulgarmente intitulados “manicômios ou hospícios”. Na questão dos povos negros e brancos, ele se engajou pois queria entender os efeitos do colonialismo em nossas mentalidades que descreve em narrativas cotidianas reais que parecem ficcionais pelo peso de suas realidade (2008, p,160-165), sobre as pessoas negras. Principalmente, o desejo desta libertação necessária em que ambos seguem alienados, colonizadas e as brancas, colonizadores.

#### *Traduzindo Performances Cotidianas Psicopolíticas da Branquitude e racistas*

Um dos exemplos de traduções afrodiaspóricas das performances da branquitude é o do caso atual e público que foi a morte de George Floyd. Que pode ter estado associado também a um ato de prazer extremo, consequências do ódio racial - como poderemos ver a seguir pelos estudos de Frantz Fanon . O ódio levado até causar a morte. Que leva o sujeito branco supremacista, crente e veementemente que é o “ser supremo”, na condição de policial que já o colocava em situação de autoridade. Ele matou com prazer. Simbolicamente,

mostrando poder e sua ilusória virilidade superior, com seu gesto: as mãos dentro de seus bolsos.

O prazer dele esta ali era inegável, prazer de matar foi assistido. sentimento que FANON (2008) aponta que o negrofóbico culmida no com a herança viva em nossa sociedades, comuns, a do prazer de machucar e matar, como na colonização.

O policial assassino, Derek, com as mãos no bolso foi o gesto simbolico, a *peformance cotidina pesicocultural da branquitude*, caso mais emblemático de representação do poder branco perverso. Mas, para além desta informação o ato, perverso branco comumente se relaciona, alia, ao prazer.

Este grupo vem perpetrando seu desequilíbrio no mundo. O desejo prazeroso de causar dor em outras pessoas em condição de submissão em diferentes graus e pela violência racial é ainda maior a situação de perversão e alienação do ser humano branco e do ser humano negro (FANON, 2008, p.25-31; TAVARES, 2020, s.p.). A que acometeu o grupo branco desde a colonização, com a racialização humana. Foi-se perdendo a humanidade e noção da realidade das vidas humanas e planetárias.

No caso da morte, de George, a negrofobia e seu prazer em ‘ter a autoridade” para investir e converter a sua autoridade profissional em falta de ética, abuso de autoridade e o exercício de seu “ilusório” e descontrolado poder racial, para deter um homem negro, forte, alto, somado a sua *performance cotidiana psicopolíticas racistas da branquitude* atrelada ao seu desejo de fragilizar, humilhar, deter, destruir e matar. Fanon (2008) faz uma análise profunda sobre tais relações, como podemos verificar no extrato abaixo:

***Traduzindo Performances Cotidianas Psicopolíticas da Branquitude e racistas***

Procurando a estrutura psíquica do fóbico, ele chega a esta conclusão: “Antes de se ater diretamente às crenças dos adultos, convém analisar em todos os seus elementos a estrutura infantil da qual elas provêm e que elas implicam”. Então a escolha do objeto fobógeno é sobredeterminado. Este objeto não surge da noite do Nada, ele provocou, em determinadas circunstâncias, um afeto no sujeito. A fobia é a presença latente desse afeto sobre o fundo do mundo do sujeito; há organização, formação. Pois, naturalmente, o objeto não tem necessidade de estar presente, é suficiente que ele seja: ele é uma possibilidade. Este objeto é dotado de intenções más e de todos os atributos de uma força maléfica. No fóbico, há prioridade do afeto em detrimento de todo pensamento racional. Como se vê, o fóbico é um indivíduo que obedece às leis da pré-lógica racional e da pré-lógica afetiva: processo de pensar e de sentir que relembra a época em que se deu o acidente causador da insegurança. (FANON, 2008, p.137)

Estas uma situação marco, que denuncia o que acontece cotidianamente nos EUA e Brasil, aqui as pessoas fingindo que o racismo foi descoberto naquele dia e que no Brasil

nada daquilo acontecia, até as pessoas negras tocarem “fogos na internet”, em rechaço aos maiores emissoras so país, colocando as pessoas brancas mais racistas do Brasil para comentar a morte de Floyd. Detalhe, sem um/a jornalista negro/a, a cara do Brasil. Aí “pegou fogo mesmo”, não é? Enquanto isso, a maior rebelião do século XXI da excusão racista filmada, a marte de um homem negro, ser filmada sem interferência e/ou preocupações com sua vida de fato pois ele morreu aoo vivo. Pela normalidade das filmagens inéditas da internet, das violências cotidianas e principalmente destas performances das abordagens e procdimentos policiais encreustrados de violência racial antinegras, principalmente contra os homens negros. Situação ocorrência cotidianas revoltantes que nos deparamos ao menos nos EUA, no Brasil.

Podemos refletir e ampliar a compreensão para o entendimento da abrangência das complicações das violências raciais, pois não estão restritas ao campo simbólico do xingamento como a branquitude racista brasileira insiste popularmente em enquadrar o racismo nacional. Porém, compreendemos que esta é somente mais uma das suas amplas formas de proteção e manutenção para a livre manifestação das suas performances racistas. Elas possibilitam um combustível, ao psicológico dependente que eles têm destillares seus racismos sobre nós (KILOMBA, 2018). Meio de sobrevivência para se mantenham imageticamente superiores enquanto brancos, até quando? Penso que isso não dure mais muito tempos.

O que as pessoas brancas serão se não se conscientizarem? E como estas populações se comportarão quando não mais dominarem as sociedades coloniais atuais, com suas práticas genocidas e falsas estruturas por eles mantidas? Como será o momento em que imageticamente for global e amplamente desmantelada a crença de sua “superioridade humana”?

### **3.3 CRIAÇÃO, ENSINO, CULTURAS E ARTES NEGRAS DA CENA: QUEM PODE EXISTIR?**

Foi a performance prática de ensino da aula inaugural da disciplina obrigatória Artes Negras da Cena e Culturas de Matriz Africana, do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de 07 de agosto de 2019, segundo semestre. Início deixando um registro dessa efetivação descolonizante e decolonial, que rompe e fissura as estruturas por meio da ação e incorporação das epistemologias afrodiaspóricas, em desobediência às imposições eurocentradas da instituição. A conquista da existência de um

componente curricular elaborado a partir dos conhecimentos das minhas pesquisas pessoais e acadêmicas, com a colaboração de duas docentes do curso e apoio de nossas coletividades, deu início à efetivação descolonial pela reestruturação curricular, por meio da presença de uma disciplina que divergia de toda hegemonia cultural branca instalada em uma universidade pública. A realidade do ensino brasileiro vem mudando com o acesso de pessoas negras e indígenas nas universidades brasileiras, portadoras de outras cosmovisões e culturas.

Essa construção, como no curso de artes cênicas, começou com minha imersão no projeto de extensão “Vozes de Zambi: Expressão Vocal e Consciência Negra”, que foi elaborado por mim enquanto artista, estudante, professora e intelectual afro-negra, sob a coordenação/supervisão de duas docentes do curso nos anos que ele vigorou. O trabalho e as pesquisas ali desenvolvidos deram bases para a construção da disciplina.

A efetivação da disciplina ocorreu durante o meu período de mestrado. Uma luta que travei por meio de coletivos universitários negros que criei junto a outras estudantes negras e negros. É fruto de resistência, de denúncias, movimentações constantes para coibir o epistemicídio de alguma maneira ante a hegemonia teatral e cênica branco-brasileira. Acima de tudo um meio de (re)existirmos e trazermos nossas epistemologias afros para aquele espaço de conhecimento que é a universidade pública brasileira, aqui, a UFSC.

Ação e presenças negras!

Figura 8 Queima das energias e propostas da ‘branquitude tóxica’ em “Quem pode existir?”



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Na figura 8 encontramos o registro de um momento potente de construção coletiva, de troca de energias e mudanças nas construções propostas no ambiente, pelas vibrações dos contos tradicionais afros que foram alterando pelas energias que a coletividade das imagens foi construindo pelas suas intenções e fazer performático de lúdico e introspectivo da proposta. O momento anterior de práticas performáticas de manifesto e denúncias da performance em aula acionou reflexões estampadas nos rostos e outras disposições da/es/os estudantes, que mostraram ter se impactado com o peso da primeira, que diz respeito à estrutura de poder da qual a maioria participa. No segundo momento, reconstruímos energeticamente o espaço com cânticos. Por minha condução, pude sentir a timidez inicial, as entregas, os desconfortos e o bem-estar de uma maioria que foi se consolidando pela força mântica que construímos com as canções ancestrais.

Potencializamos o primeiro dia de aula e o entendimento das temáticas mostraram ter o efeito esperado, já que a maioria interagiu e participou muito a partir de uma proposta de movimentação de espaço e corpos pelo trabalho coletivo a partir de nossas energias e consciência da toxicidade do epistemicídio e de novas possibilidades. Nossas intenções e ações

ali em cantos ancestrais afros de limpeza mental e de trocas de energias e afetividades nos (re)conhecimentos de outros mundos e outras concepções e perspectivas de ensino e descolonização antirracista com a culturas e artes negras e de matrizes africanas.

*Nasceu! Nasceu! Nasceu!*

*Parimos! Nasceeu!*

*Nasceu mais uma conquista negra, de nossos processos de libertação e enfrentamento à opressão racial branco-brasileira na universidade.*

A aula inaugural da disciplina de Artes Negras da Cena e das Culturas de Matriz Africana teve como tema: ***Genocídio, Epistemicídio, ressignificações e (re)existências negras*** com a performance-prática de ensino "***Quem pode existir?***". Aconteceu no Hall do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) durante a primeira aula do semestre, em 07 de agosto de 2019. Criada para oferecer subsídios históricos e teórico-práticos na formação e desenvolvimento das percepções/construções das corporeidades negras afro-brasileiras, afrodiáspóricas e africanas, a partir das perspectivas das culturas tradicionais e pesquisas das artes de matriz africana no Brasil.

A disciplina é obrigatória na grade curricular do Curso de Artes Cênicas, e inaugura a introdução de epistemologias que possibilitam o acesso ao legado histórico e cultural da ancestralidade e contemporaneidade das populações negras, estabelecendo principalmente conexões a saberes e modos de vida que transformam individualidades e coletividades, bem como valorizam a presença, a produção, as práticas culturais e as artes negras da cena.

A disciplina está em conformidade com o Estatuto da Igualdade Racial, Lei Federal nº 12.288/10, e com a Lei Federal nº 10.639/03, alterada para 11.645/08. Para além disso, a disciplina nasce da pesquisa dos/nos valores culturais de matriz africana, ressignificados na vivência afrodiáspórica de brasileiras negras/os.

A idealização, criação e adequações para o projeto de extensão "Vozes de Zambi", criado em 2012 e precursor na área das Artes Negras, no Departamento de Artes (ART/CCE antigo DALI), foram supervisionadas e coordenadas por Janaína Transell (2012-2015) e pela professora da área de cena Sassá Moretti(2012-2018).

Figura 9 – Exibição de filme e roda de conversa do Vozes de Zambé e Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros da UFSC



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Nesse projeto que desenvolvi durante mais de cinco anos, na sala de aula prática nº 403, do curso de Artes Cênicas, houve a nutrição de conhecimentos das/os estudantes negras/os e público interessado. Na imagem está retratada a exibição do curta metragem de personalidades negras, artes e questões de conhecimentos afro-negros, seguida de rodas de conversa. Essa foi uma ação promovida pelo Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros da UFSC, de 2012 a 2015, com rodas de conversas semanais para fortalecermos, nos nutrir de conhecimentos, sempre incentivando e promovendo o protagonismo das/es/os estudantes negras/es/os. Éramos invisibilizadas/es/os pelo racismo do curso, do centro e da universidade, mas estávamos juntas/es/os, e aprendemos isso no Vozes de Zambé e no Coletivo Kurima (com as diversas presenças que por ele passaram). Assim, seguíamos. Enquanto professora, precisava manter o equilíbrio, às vezes difícil, no projeto quando a situação era de racismo mascarado. Chaves de sala, equipamentos, sala suja, caras feias no corredor, gente conhecida fingindo não ver quando estávamos mais de uma pessoa negra ou cumprimentavam com cara de como se fôssemos extraterrestres, coisas do racismo institucional e individual ali, ao vivo e a cores. E enquanto isso a UFSC seguia como se nada estivesse acontecendo.



Sou uma mulher branca de 41 anos, professora de teatro (UFSC)<sup>63</sup> e artista da cena, nascida e formada no interior do Rio Grande do Sul, estado no qual o racismo é muito violento e evidente, onde as pessoas aprendem a serem racistas em seus núcleos familiares. Apesar de minha família não ter me incentivado às práticas racistas evidentes, e de ter me ensinado que as mesmas não eram corretas, o racismo esteve nela presente em ações sutis e silenciosas.[...] Militei organicamente no movimento estudantil, no partido dos trabalhadores e em movimento de educação popular durante os anos de formação. Acreditava que estava cumprindo com meu dever de cidadã crítica e ética lutando junto da esquerda branca por uma sociedade mais justa: para as/os brancas/os.[...]Profª. Dra. Priscila Genara, docente da UFSC (GENARA, 2021)

Eu estimulava com as aulas as investigações de Nós, instigava as reflexões, a busca de nossos conhecimentos para as construções de cenas e das ações do coletivo pelas vivências reais que tínhamos. Isso possibilitava a ampliação das consciências das/es/dos participantes do projeto e às vezes demonstrava a sensação de exclusão pelas hostilidades que passávamos, mas lá dentro mudávamos tudo. Ou então o fazia pelas as ações dos coletivos ou por nossas performances fissurando espaços e transformando o que podíamos para podermos respirar e nos abrindo, mostrando que criávamos mais e mais, novas possibilidades.

Ali possibilitamos o enaltecimento de nossos valores culturais, criando acesso pelo projeto, espacialidades negras itinerantes, pois não temos isso na universidade – nem espaços material e nem a oferta institucional de nossa cultura –, o que nos levou a criar uma rede orgânica de afetividade, que nos garantia cultura, acolhimento, (re)conhecimento e laços de amizade. Nossas ações pioneiras abriram portas e referências para novas coletividades que foram surgindo no decorrer dos anos. Elas se estabeleceram para e pelas artes e culturas negras e de matrizes africanas tradicionais e contemporâneas em movimentações transcontinentais e transatlânticas pelos elos mantidos com as comunidades parceiras, africanas e haitianas, e com participantes no/do coletivo.

Os aspectos das culturas de matriz africana, que não setorizam a vida de modo a pensá-la separadas, desconectada do todo, da natureza, da espiritualidade de tudo, dos corpos, do presente, passado e futuro, do cosmos e de um tempo que não dominamos ou conhecemos ao certo, há constante conexão com tudo. E tudo isso dentro destas pesquisas que me dispus a ampliar, dos cantos para a cena performática e teatral negra, que retoma a dança. Durante esses anos eu tenho apreendido muito nessas espacialidades negras que criamos. Uma construção de vidas, de energias e desejos de mudança, afirmação, autoconhecimento, e

---

<sup>63</sup>A professora é docente do Curso de Artes Cênicas da UFSC e fez o relato especialmente para a autora com fins de contribuir nesta dissertação, como autorizou a sua publicação .

conexões que reservamos para as produções de nossos conhecimentos, para nossas interações, ações, ensaios, pesquisas, acolhimentos, formações, dentre tantas coisa para nosso crescimento e aprimoramento existencial, de nossa comunidade social negra e não negra interessada. Espacialidade essa criada por Nós Para Nós, para nos acolhermos na (re)existência e em recriações afetivas da sofrida senzala à libertação do aquilombamento – vivência entre pessoas quilombolas insurgentes negras como comunidades organizadas, tal qual fora no período da escravização – mas (in)consciente. Como bem conceitua nossa historiadora Beatriz Nascimento sobre os quilombos urbanos, contemporâneos que herdamos para força

Os quilombos contemporâneos e os urbanos Durante os quatro séculos da escravidão, nos vemos ver a atuação do negro brasileiro como um homem participante de uma sociedade, embora negando às vezes, a sua origem racial. Quando eu cheguei na Universidade a coisa que mais me chocava era o eterno estudo sobre o escravo. Como se nós só tivéssemos existido dentro da nação como mão de obra escrava, como mão de obra para fazenda e para mineração. Então, neste momento a utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica. Basicamente doutrinária no sentido de agregação, no sentido de comunidade, no sentido de luta como se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida. Porque merecem essas melhores condições de vida, na medida em que fazem parte desta sociedade. Trecho do filme “Ori” (NASCIMENTO, 1989, S.P.)<sup>64</sup>

Trabalho com resultados tão prósperos, ampliados e transcendentais que até os cursos e demais espaços da universidade, que sempre nos hostilizaram em corpos e almas, respeitaram.

Parcelas de boas pessoas brancas também estiveram presentes, se demonstraram sinceras, bem como desfrutaram, conheceram e puderam trocar energias e participar de formações, minicursos, encontros de arte e cultura que ministrei e produzi com parcerias, como foi o *I e o II Encontro de Práticas Culturais e das Artes de Matriz Africanas - EPRACUAMA (2016 e 2018)*. Muitas outras movimentações em artes e culturas com parcerias e formações políticas estudantis em ocupações, oficinas antirrepressões, denúncias, novas construções foram os anos de 2015 a 2019. Para Nós

2017 foi o ano em que retornei ao meu trabalho na universidade após 3 anos afastada para o desenvolvimento da minha pesquisa de doutorado. Neste período muita coisa havia mudado no curso: o novo projeto pedagógico estava implementado; as novas instalações físicas estavam prontas e as aulas eram realizadas em locais adequados para as práticas artístico-pedagógicas. Porém, junto com as novidades visíveis, acontecia um trabalho profundo e sensível que propunha a transformação estrutural das humanidades de todos e todas que se relacionavam com o curso de artes cênicas da UFSC: as ações artístico-pedagógicas antirracistas.

---

<sup>64</sup> NASCIMENTO, 1989, s.p. - trecho que transcrevi da narrativa da historiadora, no filme “Ori”.

[...] Profa. Dra. Débora Zamarioli, docente do curso de Artes Cênicas, UFSC. (ZAMARIOLI, 2021)<sup>65</sup>

Caminhamos com muitas instalações das produções de *A Beleza de Nossos Corpos Negros*, nos diferentes campi da UFSC, em que me dispus a preencher e transformar estruturalmente o espaço da universidade sem uma pretensão anterior ou prévia.

Tudo foi acontecendo, e quanto mais as forças das ações se davam para (re)existirmos na academia, alterações significativas aconteceram no Departamento de Artes e Curso de Artes Cênicas, do CCE. Embora haja muita resistência para tudo ali, algo ocorreu, relacionado ao formato das instituições associado à cultura branco-brasileira-sulestina do país. E as mudanças seguem afetando diversas pessoas, como estudantes, comunidade externa e docentes

Foi neste contexto e a partir do contato direto com estas ações que fui introduzida, pela primeira vez, à educação antirracista. Em 2017 e aos 36 anos, era a primeira vez que eu escutava sobre políticas de branqueamento. Era a primeira vez que eu discutia, refletia e tomava consciência do racismo praticado por mim! Era a primeira vez que eu estava implicada e era ensinada a me responsabilizar pelas ações decorrentes da cor branca da minha pele. Era a primeira vez que eu me via como agente dos problemas da desigualdade racial e social brasileira. Todo este processo, iniciado pela parceria entre estas duas mulheres logo se estendeu institucionalmente a mim, quando assumi a coordenação do curso. Agora éramos duas professoras brancas se formando para as relações étnico-raciais com Roberta Lira. Realizávamos reuniões pedagógicas semanais para conversarmos sobre os mais diversos temas que envolviam branquitude, negritude, privilégios, silenciamento, epistemicídio, genocídio, racismo estrutural, racismo científico, arte, cultura, corpo, pedagogia, entre tantos aspectos que interseccionam a imposta racialização da sociedade.[...] Profa. Dra. Débora Zamarioli, docente do curso de Artes Cênicas, UFSC. (ZAMARIOLI, 2021)<sup>66</sup>.

Essas ações de extensões resistentes e (re)existentes perduraram, mesmo trocando ideias com apenas duas ou três pessoas do espaço inteiro, com pouquíssimas ações interessadas/es/os nas questões negras, para o protagonismo negro. Nós nos embalamos no aquilombamento de nossas ações artísticas e da transmutação espacial que realizamos de quando em quando, no ambiente universitário.

Nossas ações foram de vivências ancestrais junto à diversidade humana, entre promoções, apreensões e ações coletivas em/de UBUNTU no cotidiano, essências para nossas práticas e vida. Sob a perspectiva descolonial, em ações e práticas descoloniais e antirracistas

---

<sup>65</sup> ZAMARIOLI - Relato completo realizado e disponibilizado para esta produção nos anexos deste trabalho, com autorização de sua publicação.

<sup>66</sup> ZAMARIOLI - Relato completo realizado e disponibilizado para esta produção nos anexos deste trabalho, com autorização de sua publicação.

pelas/e nas produções das artes. A práxis viva de nossas aspiradas e inspiradas propostas acadêmicas.

O projeto apresenta dimensões de um programa, segundo a professora doutora Silvana Aguiar, do Departamento de Libras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, nossa colaboradora do projeto, etapa de 2018-2022. Nesse período em que o Projeto Vozes de Zambi esteve voltado para a pesquisa das culturas e algumas criações práticas visando fortalecer minha pesquisa de mestrado e o coletivo sob outra formação, agora se compõem para performances específicas, com antigas/os participantes e/ou convidados.

Parte muito importante desse desenvolvimento se deu com a contribuição das/os seus/suas participantes da extensão e do coletivo, como das professoras que se disponibilizaram a supervisionar o projeto. É preciso demarcar que foi o engajamento de nossas construções coletivas altamente colaborativas, de perspectivas da filosofia Ubuntu, que possibilitaram que o projeto acontecesse. Diante disso, o projeto tem sido a base para a construção da disciplina. Nele se desenvolveram diálogos entre a cena musical, teatral e performática contemporânea e da cultura tradicional de matriz africana, com ênfase na cultura afro-brasileira e nas tradições de matriz africana. Desde sua fase embrionária, atuou em linhas de pesquisa voltadas para a voz, música negra, performances cotidianas entre pessoas negras e brancas e suas relações raciais, com estudos das performances/cenas rituais/tradicionais negras e das outras artes do corpo. Deu acesso às estudantes negras/os e não negras/os como à sociedade em geral, em uma espacialidade de/para empoderamento negro.

Figura 10 – Vozes de Zambi participação na abertura do UFSTOCK



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

A vivência e construção da pesquisa direta com mestras/es de práticas culturais, pela identificação ancestral e dos sagrados ancestrais impulsionou a projeto. Também contribuíram o acesso a teóricos contemporâneos do audiovisual e teatro negro, fontes das investigações

que ampliaram o acesso destas artes na universidade. Isso ocorre em um momento histórico pós-cotas com mais estudantes negras/os nas universidades e em um tempo que, ao menos na UFSC, a representatividade, as referências e as epistemologias não europeias, entre as quais destaco as afro negras que não eram vistas como importantes, até por parcela das pessoas negras. O trabalho foi desenvolvido com teorias e práticas das artes negras da cena contemporânea afrodiaspórica, práticas culturais centradas no aprendizado pela oralidade e conhecimentos tradicionais afrodiaspóricos. Também construí com o projeto metodologias de ensino e alguns conceitos específicos como: *cenafrovivências*, *nosso lugar corporal*, *performances da branquitude*, *experiências sonoras e imagéticas ancestrais* que trabalho nas vivências dos *Cantos Afros como Tecnologias de (Re)existências*, os treinamentos de imersões, os aquecimentos potencializadores.

Foi dado acesso a suas investigações e percepções dos referenciais bibliográficos específicos da área para a coordenação do curso no período citado. Houveram formações do coletivo e turmas foram realizadas, produções e pesquisas críticas voltadas para as identidades e corporeidade negras, afirmação estética, enfrentamento ao racismo pela arte política engajada negra. Estabelecemos parcerias com coletivos, instituições, festivais, entidades externas, projetos de extensão da UFSC, organizações governamentais e não governamentais, dentre outras e fizemos diversas apresentações e circulações em Santa Catarina. Mais recentemente, isso expandiu-se com a linha de investigações ampliada para a áreas dos Estudos da Tradução, com sua pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação PGET.

Essa linha tem ênfase nas Epistemologias das Traduções Afrodiaspóricas, com as Traduções Performativas da Existência, por textos e produções das Performances Escrevíveis, das Traduções das Culturas e Culturais Afrodiaspóricas, das Artes e as Performances Artísticas sob diversos recortes.

Figura 11– Coletivo Vozes de Zambi - UFSCTOCK 2014



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Desse modo, a disciplina criada, para além do comprometimento docente esperado, leva consigo também a relação com o histórico cuidadoso e dedicado dos trabalhos desenvolvidos no projeto citado. Foi uma disciplina pensada com cuidado, que visa atender diferentes públicos e demandas, tem nitidamente o comprometimento com a promoção do ensino das artes negras da cena e das culturas de matrizes africanas sob as perspectivas e experiências coletivas de pessoas negras, conhecidas somente por pessoas vivam sob corpos negros. É comprometida com nossa vivência afrodiaspórica e repasse de nossas culturas de matrizes africanas sob as cosmovisões africanas de profissionais qualificadas/os com nossas epistemologias da área em vivência corporéa afrodiasporicas negra, para que possam explorar nossas oralituras (MARTINS, 2021, s.p.), literaturas negras na disciplina que tem caráter interdisciplinar. Sendo centrada nas nas artes e culturas negras o seu compromisso com a equidade e igualdade racial, bem como com o ensino qualidade e de excelência. Essas foram questões básicas das preocupações centrais para sua implementação e ensino, desde a fase inicial da criação da disciplina<sup>67</sup>, componente curricular pensado para possibilitar o protagonismo negro epistemológico e docente, vencendo o epistemicídio de produção acadêmica e o corpóreo afro negro, pela presença. Estas que vem sendo oferecida a partir do semestre de 2019-2, que ocorreu também em 2021-1.

---

<sup>67</sup>Trecho do texto do Vozes de Zambi, elaborado para a disciplina de Artes Negras da Cena e Culturas de Matriz Africana, produzido pela autora em consonância com o grupo de trabalho da disciplina. N. Da autora.

Diante de um corpo docente hegemonicamente branco, para que as aulas iniciassem no referido semestre, as professoras doutoras Débora Zamarioli e Priscila Gernara se disponibilizaram em oferecer a disciplina no momento.

Posso dizer que o trabalho com Roberta e com o Coletivo Kurima foi uma das coisas mais importantes que me aconteceram nos últimos anos. Foi um ponto de virada na minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Um encontro transformador. Trata-se de um aprendizado que, por um lado, convergiu com os princípios que aprendi em minha formação, como por exemplo, a importância das ações coletivas, o respeito entre as pessoas, a generosidade, a disponibilidade e a honestidade que deve ser cultivada para que um trabalho coletivo amadureça e dê frutos. Por outro lado, Roberta me mostrou que se meu trabalho no teatro se fundamenta em princípios éticos e estéticos, não abordar conteúdos que abranjam a diversidade de conhecimentos produzidos pelas pessoas que constituem nosso país, é deixá-lo incompleto. É considerar o conhecimento branco como universal e perpetuar, em última instância, o genocídio do povo negro e dos povos originários.[...] Profa. Dra Priscila Genara, docente do curso de Artes Cênicas, UFSC (GENARA, 2021)<sup>68</sup>

Elas se mostraram preparadas para o suporte institucional à disciplina e têm se colocado na condição professoras em aprendizagens e em letramentos racial demonstradamente ativo, como nas artes da cenas e nas culturas de matrizes africanas em formação. Questões específicas que são detalhes importantes nos processos de implementações descolonizante, que nos enchem de violências, pelas parcelas majoritárias que aspiram contra. Mas, a forma positiva e ativa do movimento estudantil negro do Coletivo Kurima cheio de apoiadoras/res, com o Centro Acadêmica de Artes Cênicas, CAAC/UFSC, as professoras foram fundamentais, como vem acontecendo em outros cursos da UFSC. Algo que deveria ser geral na universidade é movimento de luta. Assim funciona o racismo institucinal brasileiro ativo, operacionalizado pela violência silenciosa e aniquilante. Com muitas pessoas participes e o quão maior é o silêncio, maior o número de participantes na rede pactual do racismo institucionalizado, pelo racismo estrutural que somente existe a partir da ação individual de cada pessoa racista que amplifica o silêncio do racismo. As que se opõem a ele, vão sentir como “os negros impertinentes e militantes” , sentir o peso vivo do racismo deste montante ativo e silencioso, quando convém performar este gesto aniquilante, “que quer sinalizar que não existimos ali”(BENTO, 2005, s.p.). Mas não, nós (re) existimos.

E diante dele seguimos em parceiras, os suportes do movimeno negro previsto nas implementações, para o fortalecimento dessa construção, diante da falha histórica dos conhecimentos africanos, afrobrasileiros e indigenas no ensino nacional. Nas aulas elas

---

<sup>68</sup> Relato completo realizado e disponibilizado para esta produção nos anexos deste trabalho. Nota da autora.

contaram com o meu suporte específico da área, enquanto mestranda e pesquisadora coordenadora, diretora professora do referido Projeto de Extensão Vozes de Zumbi: Voz, Performance, Cena, Consciência Negra e Tradução (desde 2012) a coordenação supervisão da Profa. Dra. Dirce Amarante. Aprendemos muito neste processo novo e importante na história do curso, do cenário estadual e nacional. O resultado se dá pela criação do componente curricular.

**Criação da ementa da disciplina de Artes Negras da Cena e Culturas de Matriz Africana.** A disciplina foi criada a partir dos estudos de Roberta Lira, realizados em projetos, disciplinas e ações artísticas e pedagógicas na UFSC e na comunidade de Florianópolis. Com uma perspectiva antirracista e afro-centrada, Roberta Lira teve papel fundamental na proposição da ementa, orientando o processo de construção da mesma, sempre em acordo com os documentos que acompanham a lei 10.639/2003. A implantação desta disciplina é uma conquista histórica do movimento negro que remonta ao quilombismo de Zumbi e Dandara dos Palmares. Ela deve ser celebrada como uma importante referência para que outros curso de artes cênicas, cursos de outras áreas das artes e de todas as outras áreas do saber ocidental implantem disciplinas específicas e incluam a contribuição da população negra na construção do conhecimento nas distintas áreas. (GENARA, 2021)<sup>69</sup>

Figura 12 – Aula teórica e roda de conversa com a Profa. Sílvia Lorenzo



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Oferecemos a disciplina, que ainda não tem docentes negras/os, por meio de um corpo docente negro qualificado nas áreas das artes e culturas afros/tradicionais foi convidado para garantir a excelência das aulas ministradas, profissionais que teriam afinidade com a proposta. Estas/es da minha rede de contatos profissionais e das parcerias, e que quando fiz os convites se disponibilizaram a participar e somar com a equipe da disciplina.

<sup>69</sup> GENARA – Trecho do relatório do projeto de extensão FANCA, do qual participei como coordenadora pedagógica, realizado pela Profa Dra. Priscila Genara.



Nosso cronograma foi construído de acordo com a possibilidade de colaboração das profissionais. Dividimos em duas aulas para cada profissional mescladas com saídas externas e com aulas mais imersivas que ofereci. Tive uma participação mais ampla, enquanto pesquisadora e participante de projetos institucionais que apoiavam a disciplina – na extensão que eu participava caso de Profa. No Vozes de Zambi e FANCA –, espaços que nos possibilitaram melhor embrionarmos a disciplina.

As profissionais que em 2019 tivemos a alegria e honra de ter como colaborações inaugurais foram as presenças generosas da Profa. Dra. Sílvia Lorenzo (Literatura e Cultura Negra e Intercâmbio EUA/Brasil Middlebory College), Profa. Ana Paula Cardoso (Gestão, Artes Visuais e Danças com Sagrado Feminino), Dra. Alexandra Alencar (Antropologia e Cultura Tradicional de Terreiros e o Maracatú Arrasta Ilha/SC). Já em 2021, fomos agraciadas/os com as colaborações de Prof. Mestre Jayro Pereira (Escola Aldeia Ubuntu Vale do Akòko e Estudos dos Sagrados de Matriz Africana), Dra. Maria Aparecida Lopes (História das Artes e Estéticas Africanas e Afrobrasileiras), Dra. Drica Santos (Teatro Negro e Palhaçaria Negras), vieram em apoio por meio de minha rede de articulação e afetos, para contribuir na luta antirracista e descolonial, que são conscientes estar sendo realizado no Departamento de Artes, por minha iniciativa. Uma causa que é maior que nós e tem sido lutada pela militância e ativismos universitários e sociais negros históricos. Conquista literal negra que desta maneira fez com que o meu convite, embora seja pelo reconhecimento a seriedade e qualidade dos meus trabalhos, mas também uma possibilidade de participação em um processo coletivo negro maior dentro da universidade, dentro de uma conquista coletiva no ensino das Artes Cênicas, na Universidade Federal de Santa Catarina. Motivo pelo qual a maioria delas fez questão de mencionar que estavam ali pelo meu convite e luta. Pois, o estado não nos dá nada por nossos esforços, o que fazemos neste sentido é Nós por Nós e pela coletividade geral que sempre ganha quando conquistamos algo, um exemplo, são as cotas nas universidades, a luta emplacada foi negra, ao final os maiores beneficiários foram os brancos pobres, pois o acesso as classes mais pobres negras, há ainda outras dificuldades na continuidade dos estudos, mas esta é uma outra história.

Apresentaram suas pesquisas/trabalhos relacionadas com as nossas propostas que construímos conjuntamente, em maioria fiz reuniões presenciais, virtuais e por whatsapp com a maioria delas, construímos as aulas e adequações, com visando atender nossa demanda nova da disciplina.

Desta maneira, acredito que nos fortalemos mutuamente, pois reunir profissionais negros de alta qualificação, experiências, trabalhos respeitados e com atuações, práticas e pesquisas nas artes das artes da cenas e das culturas de matrizes africanas foi um luxo tremendo, muita oportunidade para nós, tanto para o corpo docente como para o corpo discente e comunidade que acessaram a disciplina. Nossas lutas se compartilharam, a da artista e estudante, dos coletivos negros envolvidos, como de profissionais que puderam mostrar seus trabalhos e atuações na universidade em disciplina específica. Observamos e avaliamos desde o princípio e ao final do primeiro semestre que a mesma poderia tranquilamente ser um curso de Graduação e Pós-Graduação, por ser altamente amplo, necessário, completo e com conteúdos intermináveis.

Algo que nos possibilita constatar as consequências e perdas que nos acometem pelo atraso imenso de não acessarmos historicamente conhecimentos diversos e não hegemônicos devido à ausência de nossas epistemologias afros no ensino e cultura brasileiro, como as indígenas, com suas disciplinas e conteúdos presentes todas as áreas do conhecimento, em todas as suas fases secularmente. Como pudemos ver mais amplamente pelas manifestações, práticas, interações, produções discentes e docentes a sua alta importância na educação e socialização humana.

Uma conquista lutada, mas que poderia ser aplicada desde 2003 e 2008, nos diversos cursos da universidade, como algumas/alguns docentes independentes e nas escolas. Promulgadas as Leis 10.639/03 alterada para 11.645/08, já revolucionam timidamente (pela pouca e/ou má aplicação), o ensino brasileiro onde a utilizaram se fosse usada em sua maioria adequadamente em todas as fases do ensino, teríamos face importantíssima da democratização no ensino em curso, quebrando a cultura hegemônica eurocentrada nacional. A aplicação dela nas escolas é a ampliação da diversidade epistemológica no ensino, começa uma nova fase no ensino brasileiro. Nas universidades há o pouco uso e aproveitamento da lei que é combatida, invisibilizada, desprezada pelo racismo epistêmico (PONTES, 2018, s.p.), uma das faces do racismo institucional ainda em 2021. Alguns cursos de IESs infelizmente tem a coragem de alegar que ela está associada em diferentes espaços e cursos, o seu desconhecimento e dentre outras:

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.(MEC, 2008, s.p.)

Por sua ampla diversidade de epistemes, saberes e possibilidade de aprendizagens que inserem sejam inseridas em todas as áreas do conhecimento, como pelas diversas cosmovisões afros e indígenas que nos apresentam outros modos de compreender o mundo e vida. Estas realidades levadas ao ensino, temos em meio ao caos, a oportunidade de perceber um transbordar que faz transcender a sociedade e nos dá esperanças, pois transforma a mentalidade e via, como passamos a tem nestes ambientes de ensino comprometidos de fato, perspectivas de pluralidade.

Necessitamos de cosmovisões mais humanizadas e conscientes de nossa realidade e de um Brasil, negro, indígena, diverso em consciência de fato pelo letramento racial, em país racializado e estruturado pelo racismo, para que se possam receber novas práticas de povos de nossa sociedade e mundo no ensino nacional. E não mais esta realidade de ensino colonial brancobrasileira. Estes seriam os caminhos tão esperados, falados e esperados, mas a reforma no conhecimento e no pensamento tem sido pouco implementada e ignorada pelos sistemas estruturantes do país. Recusada. Uma mudança que para acontecer necessita de epistemologias e saberes e as presenças paritárias dos demais povos desta nação, principalmente os originários e afros negros.

Por outro lado os esforços de inúmeras/os professoras/res no estado e país, vieram adequando e trabalhando com seriedade com resultados importantes como os que tivemos na disciplina na universidade. Mas, esta não é uma realidade majoritária nas instituições nacionais, muito menos das universidades. Caminhos de ensino de conhecimentos e aprendizagens plurais, não coloniais para construirmos uma sociedade menos violenta e que se reumaniza, necessita ao menos se mover em consonância com as políticas de igualdade e equidade racial, conquistadas pelo movimentos sociais negros e demais demandas sociais, que porém, não são respeitadas pela maioria das instituições brasileiras.

Junto à força estudantil, das docentes do departamento de psicologia, de antropologia, do Centro de Ciências e Filosofias Humanas, outras universidades, junto a docentes do departamento de Artes Cênicas, da UDESC, todas/os deram apoio aos coletivos negros citados de diferentes formas e em momentos variados, para que a disciplina viesse a existir.

As denúncias chegaram junto com as demandas para a criação de uma disciplina de artes negras e mudanças curriculares, junto das demandas geradas na Ocupa 2016<sup>70</sup>. Na

---

<sup>70</sup> Ocupa 2016 – Ocupação estudantil que aconteceram nas escolas secundaridas e universidades públicas brasileiras no ano de 2016 para reivindicar a não aprovação das PEC 241 “O projeto visa limitar o teto dos gastos

época, eu era estudante de graduação, e apresentei a proposta que idealizei de disciplina, aprovada nos coletivos, para a coordenação do curso, na gestão das referidas professoras que hoje oferecem a disciplina e atuo colaborativamente por varias vias representacionais de projetos da instituição e coletivo. Essas se comprometeram com as transformações curriculares (disciplinas e conteúdos em outras disciplinas), do ambiente de ensino, com a humanização nas relações humanas do curso. Elas também estabeleceram parcerias com os coletivos na personificação da estudante e outras/os participantes. Em 2017, estivemos em processo interno de letramento racial e das artes negras, que lhes ofereci enquanto professora ativa na área para que uma maior colaboração e fortalecimento para as ações futuras. Em 2018, nosso encaminhamento coletivo do *VI Reflexões sobre o 13 de Maio: Descolonizando o Pensamento[...] (2017)*, do Coletivo Kurima, saiu do papel e foi criado um espaço para ações institucionais mais efetivas visando as articulações das relações raciais e étnico-raciais. Criado pela Professora Dra. Priscila Gerana, onde eu Roberta Lira, atuei como coordenadora pedagógica e a Profa. Dra. Débora Zamarioli como professora colaboradora. O Fórum Permanente de Estudos Sobre as Artes Negras da Cena, História e Cultura, Africana e Afrobrasileira, FANCA

O projeto, criado por uma necessidade urgente manifesta pelas/os discentes do curso de artes cênicas em assembleia estudantil ocorrida em novembro de 2017, contou com a ativa participação da Profa Dra Débora Zamarioli e de alunas/os do referido curso. Com respeito à coordenação pedagógica de Roberta Cristina Araújo de Lima (Roberta Lira), é preciso destacar sua fundamental relevância no planejamento e andamento do projeto, uma vez que Roberta era neste cenário a especialista na área das Artes Negras da Cena e relações ético-raciais. Débora Zamarioli e eu, como não tivemos esses conteúdos em nossa formação, fomos apreendendo os conteúdos, revendo nossas práticas pedagógicas enquanto professoras, repensando nossas disciplinas e, sobretudo, compreendendo nosso lugar de privilégio de mulheres brancas em uma sociedade racializada. Para isso foi necessário que nós, professoras brancas, iniciássemos um letramento na área das artes negras da cena e relações étnico-raciais para podermos minimamente lidar com a área sem cometer atos racistas, seja pelo viés individual ou institucional. Tal processo de letramento foi, e segue sendo, orientado por Roberta Lira, que com sua generosidade, conhecimento e combatividade nos dá suporte nesse percurso sem fazer concessões à nossa branquitude, e dando o justo respaldo a todo o conhecimento produzido por negras e negros neste país. Conhecimento este que sofre um processo violento de apagamento e epistemicídio desde o período escravagista até os dias atuais. Durante o desenvolvimento do projeto foram realizadas reuniões pedagógicas periódicas, com a presença das três referidas professoras, em que eram discutidas, planejadas e encaminhadas as ações do FANCA, ao mesmo tempo em que essa formação e esse letramento eram realizados. (GENARA, 2021)<sup>71</sup>

---

públicos e pode afetar o investimento em educação no país nos próximos anos” e a PEC 55 contra direitos da educação e sociais.

<sup>71</sup> GENARA – Trecho do relatório do projeto de extensão FANCA, feito pela Profa Dra. Priscila Genara.

Desde então, vêm atuando em parceria com as entidades e curso. Eu e as professoras Débora Priscila trabalhamos juntas ativamente durante vários semestres. Formamos a equipe da disciplina, que trabalhou no processo de implementação na construção burocrática e nas articulações que somaram representações entre coletivos, das/os estudantes, da instituição, com as parcerias, como originou uma série de desdobramentos as formações e ações que fizemos, beneficiando diretamente o curso e o trabalhadoras docentes como a:

**Reformulações de ementas em disciplinas obrigatórias;** Duas disciplinas obrigatórias, Consciência Corporal I e Consciência Corporal II passaram por um processo de reformulação de seus títulos, ementas, objetivos e bibliografias. A proposição foi da professora Débora Zamarioli, responsável por ministrá-las no curso de Artes Cênicas. Desse processo, destaca-se: - a alteração do nome da disciplina de Consciência Corporal I para Saberes do Corpo, incluindo perspectivas afro-brasileiras e indígenas sobre a concepção cultural, cosmológica e terapêutica sobre o corpo brasileiro; - a alteração do nome da disciplina de Consciência Corporal II para Espacialidades dos Corpos, abordando aspectos sociais de ocupação do espaço atrelados à construção das identidades corporais, a exemplo das comunidades quilombolas e indígenas. (GENARA, 2021)<sup>72</sup>

Assim como ocorreu realizei formações personalizadas para as docentes, abrimos ao público o FANCA FORMAÇÃO que podem ser conferidas nos anexos desta pesquisa. As importantes alterações citadas feitas nas disciplinas de corpo como nas disciplina de Iluminação com a inserção de conteúdos após as formações, ampliaram os conhecimentos das/os estudantes e docentes. Como os melhor qualificaram no ensino do curso e costume dizer, livrando-as/os de parcelas mínimas dos atrasos e problemáticas promovidos pela hegemonia eurocentrada do conhecimento, que estabelece a ausência de nossas epistemologias afros e indígenas. As formações resultaram em pesquisas e experimentações colaborativas, para uma melhor aplicação da iluminação, nas peles escuras e/ou negras, como ocorreu na disciplinas, como na

**Iluminação Cênica** - Ênfase na necessária compreensão de que a pele de atrizes e atores são tecidos. Todo tecido, sendo matéria, pode absorver e/ou refletir a luz. Assim, é preciso pensar na interação entre “cor luz” e “cor pigmento” na relação com a pele do elenco, e não só quando se trata de figurino ou objetos cênicos. Pois nestas interações, pode-se destacar uma cor, deformar a matéria/tecido ou mesmo formar outras cores. Com isso, pode-se concluir que o efeito de uma determinada “cor luz” sobre diferentes tons de pele não será o mesmo. Há cores que valorizam peles mais escuras e há cores que valorizam peles mais claras. É preciso ter ciência disso para não criar um plano de luz sem pensar na diversidade de peles do elenco. - Destaque no trabalho com a intensidade da luz que está sendo planejada para determinado espetáculo, considerando os diferentes tons de pele do elenco. Já que o que costuma ocorrer é tratarmos a pele branca como “universal” e pensar o plano de

---

<sup>72</sup> GENARA – Trecho do relatório do projeto de extensão FANCA, feito pela Profa Dra. Priscila Genara.

luz a partir dela. - Inclusão de textos literários de escritoras/es negras/os para realizar exercícios de criação de planos de iluminação.[...] (GENARA, 2021)<sup>73</sup>

A força-tarefa que montamos nos constantes trabalhos durante o período anterior à inauguração da disciplina, extra-curso na durante o final de minha graduação, demandaram consultorias, assessorias, articulações, pesquisas, projetos, formações, escritas, curadorias e a construção de um pequeno acervo de livros adquiridos e disponibilizados pelas docentes para pesquisas e empréstimos às/aos estudantes. Foram pensadas as produções de arte e ensino no curso, com questões negras específicas durante o processo, a elaboração do programa de ensino para aprovação da disciplina, seu planejamento e plano de ensino rumo à sala de aula. Assim, elas culminaram na histórica na construção da disciplina obrigatória, tão batalhada em meio a novos desafios, pelas sequencias de transformações geradas do curso, que podemos ver

O projeto de extensão “Fórum Permanente de Estudos sobre as Artes Negras da Cena, História e Cultura Africana e Afro-Brasileira- FANCA” foi um aglutinador de transformações promovidas no curso de artes cênicas em função da parceria firmada com o Coletivo Kurima e com a multiartista e mestranda do PGET Roberta Lira. As alianças com o movimento de estudantes negras e negros da UFSC, na produção de ações pedagógicas e artísticas de extensão, ensino e pesquisa, permitiram ao curso de artes cênicas, mesmo que ainda timidamente, abrir seu currículo, dando espaço a epistemologias africanas, afro-brasileiras e indígenas. O protejo deu suporte para a inserção de conteúdos em planos de ensino, para a reformulação de ementas e para a construção e implantação de uma disciplina obrigatória, como orienta a lei educacional 10.639/2003. Além disso, o FANCA, com suas ações e as reuniões pedagógicas conduzidas por Roberta Lira, orientou as duas professoras do curso de artes cênicas nele envolvidas na necessária revisão da pedagogia e da história do teatro branco- eurocêntrico: de suas metodologias, de seus princípios criativos, éticos e estéticos. Esse movimento do repensar a tradição do teatro ocidental partiu de perspectivas antirracistas, feministas e afro-centradas, visibilizadas pelo FANCA, para articular saberes, conhecimentos e práticas entre estas diferentes culturas. (GENARA, 2021)<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> GENARA – Trecho do relatório do projeto de extensão FANCA, feito pela Profa Dra. Priscila Genara.

<sup>74</sup> GENARA – Trecho do relatório do projeto de extensão FANCA, feito pela Profa Dra. Priscila Genara.

Figura 13 – Momento de ritos e finalização performance em prática de ensino



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

A aula inaugural foi elaborada em um trabalho coletivo entre a equipe da disciplina, *performers*, professora, psicóloga convidada, músico e uma equipe de produção voluntária composta de estudantes-artistas, professoras, servidores e o CAAC. A concepção da performance prática de ensino partiu de minha concepção e estava alinhada com a pesquisa que faço. Tive boas contribuições do ator Leandro Batz, e contamos com a participação especial do percussionista Dário Cunha, da psicóloga e da mestrandia Renata Lima, tivemos a presença especial da convidada professora doutora Sílvia Lorenzo, da Middlebury College no Brasil (EUA) para ministrar a aula teórica. Também contamos com o suporte das Professoras do departamento de Artes Cênicas Débora Zamarioli e Priscila Genara.

Na performance “Quem pode existir?”, tive o intuito de destacar e levar para o sentir de todos os corpos presentes os pontos nevrálgicos e as consequências do racismo estrutural do Brasil e seu aspecto global: o Epistemicídio e o Genocídio Negros. Produzimos, enquanto equipe da disciplina e coletivo Kurima, uma instalação expositiva com nossas autotraduções das condições e das experiências negras coletivas pelas enunciações de Nós ali, enquanto *performers*, com todas/es/os participantes negras/os e não negras/os estudantes da disciplina, pessoas convidadas e interessadas em participar da performance.

Figura 14 – Performance prática de ensino entre estudantes e participantes da aula:  
Epistemicídio e Genocídio Negro



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

A performance foi sobre as existências humanas, as perseguições por origens, culturas, corpos e o amor, pela vida sem amarras. Uma manifestação viva sobre a descolonização engajada para libertação das almas e renascimento das afetividades sinceras em ambiente de ensino. Uma proposta sensível, um trabalho de (des)construção individual e coletiva de prática de ensino, vivências reais e produção artísticas e culturais acadêmicas antirracistas.

A expressão "**penso, logo existo**", cunhada por Descartes em 1637, por ser a pedra angular do eurocentrismo e cientificismo, inaugura a tradição do pensamento europeu que se imagina como sendo universal. Maldonato Torres (COSTA; GROSFÓGUEL; TORRES, 2018) desenvolve uma outra lógica sob essa afirmação "despretensiosa", ao dizer que por trás do "**penso e logo existo**" e destaca "**(eu) penso**", logo "**outros não existem**". Assim, nega-se a existência dos que são considerados como "outros", bem como são invalidados os pensamentos destas/es, já que esses "outros não pensam" também.

Vejo ser uma lógica coerente, pois se articulada com às práticas coloniais, esta apresenta pelos autores, pois esta autovalidação e pretensa superioridade branca desde então vem tratando como inexistente ou inferioriza os conhecimentos africanos, afrodiaspóricos. Fator que normalizadamente tem promovido o epistemicídio sob o conceito e perspectiva afrodiaspórica afrobrasileira de Sueli Carneiro (2002, p.97) e o das filosofos africanos e afrobrasileiras que denunciam a matança de nossos conhecimentos

Eu o vivenciei isso. Por isso comecei a pesquisar um pouco mais sobre e este trabalho expõe algo dos resultados de ausência de nossas epistemologias africanas, afrobrasileiras e demais afrodiaspóricas na universidade. Há uma quase inexistência nos currículos de



disciplinas e conteúdos, em relação ao quadro de docentes ministrante qualificados para ensinar as culturas branco-brasileiras, europeias e dos demais países de suas origens utilizados.

Temos nossos conhecimentos sequer preteridos, mas roubados ou apagados como costuma acontecer com a história do Egito, original Kemet, por exemplo, ser embranquecida sem cerimônias, enquanto praticamente todos os nossos amplos conhecimentos milenares vêm sendo considerados como inexistentes. Não fossem as (re)existentes inserções de docentes, projetos e presenças da comunidade negras (quando conseguimos estas aberturas), pesquisas de estudantes e coletivos universitários independentes negros fomentando e ensinando nossas epistemologias. Como as parcerias com a comunidade social negra como ocorreu na UFSC e têm ocorrido em universidades do país nessa nova fase, era apagamento certo. Essa resistência intelectual é histórica e nós estudantes militantes nos movimentos universitários e sociais negros da luta cotidiana temos enfrentado as diversas faces do racismo estrutural, institucional e individual. Tudo isso para termos minimamente a presença da democracia no espaço acadêmico e assegurados alguns de nossos direitos básicos com a presença das nossas epistemologias nas universidades. Caso contrário seguiríamos vivendo sob essa falsa realidade imposta pelos corpos docentes e estudantis brancos, nesse ciclo continuado da matança de Nós e de nossos conhecimentos.

As reflexões de Costa, Grofóguel e Torres (2018, p.11-12) argumentam que a lógica falha, autovalidativa e invalidativa de pensamento, por seu caráter universalista que vem particularizando e dominando o conhecimento no planeta há séculos como sendo único. Os mesmos autores (2018, p. 12) observam que Descartes não tenha pronunciado determinações corporais e nem geopolíticas para sua frase, base do pensamento europeu, desconsiderando conhecimentos a partir desses, como faz pensar que a produção do conhecimento dentro dessa tradição é universal.

Mas observam que seguramente se trata do pensamento e da produção dos conhecimentos de um homem europeu são observações que Maldonato Torres (COSTA; GROSFÓGUEL; TORRES , 2018, p.12) faz. Observações importantes que são necessárias

para se compreender o que ocorre nas sociedades estruturadas pelo racismo<sup>75</sup> em que vivemos e para percebermos as farsas da dominação do pensamento.

Observo atentamente e teço questionamentos: como o pensamento de homens de apenas cinco países europeus e de origens europeias (Inglaterra, Itália, França, Alemanha e Estados Unidos) tenha alcançado tal privilégio ao ponto de na atualidade se considere o seu conhecimento superior ao restante do planeta? Essas são questões que a Profa. Sílvia Lorenzo (2019<sup>76</sup>, s.p) levantou e citou Grosfóguel, em sua explanação na aula inaugural, e aqui as repito.

De acordo com a histórica cultural hegemônica europeia branca e da lógica sexista/racista dessa, ao se privilegiarem e atribuírem os cânones do pensamento válido ao seu próprio grupo racial, os brancos se autoqualificam superiores, buscando naturalizar e viralizar mascarada e globalmente essa ideia como universal. Destinar aos homens brancos europeus dos Pireneus, como destaca Grosfóguel, essa qualidade específica, exaltada e desejada pelo grupo racial branco – direcionada a tipo "superior" na linha das etnias da Europa branca, no desejo e aspiração tal qual estabelece a ideologia da raça-, difundida entre esses grupos étnico-raciais.

Uma observação importante do autor sobre o tipo característico físico, pela definição geopolítica provável de detenção da aspirada e possível "superioridade", dos Pireneus, que validaria o pensamento branco de determinado grupo étnico racial somente(COSTA, GROSFÓGUEL, TORRES, 2018, p.12).Isso invalidaria muitas outras produções atuais brancas se fosse pensado nessa possibilidade de classificação eugênica, aos moldes dos supremacistas. E é sobre isso que irei discorrer um pouco a seguir, para pensarmos nos níveis de invalidação em que a supremacia branca nesse contexto leva docentes sejam mulheres brancas, cisgênero, pessoas LGBTQIA+ -lésbicas, gays, bissexuais, pessoas transgêneros, pessoas não binárias, intersex – sejam pessoas com deficiência brancas, homens negros ou de outros grupos raciais marginalizados – a invalidarem conhecimentos e existências de mulheres negras, destacando os conhecimentos, proposições e manifestações de construção e edificação nas estruturas destas últimas pelo fato do racismo e do sexismo lhes ameaçarem e atingirem em espaço de vivência de trabalho, estudos, relacionamentos e produções.

---

<sup>75</sup>Em substituição ao sistema-mundo, por recomendação, uso a palavra sociedade/s estruturada/s pelo racismo em referência a colonilidade conceituada por QUIJANO.

<sup>76</sup>Explanação feita na aula oferecida na disciplina de artes negras da cenas em 08.08.2019.

Como suas vozes de mulheres e projeção na academia sempre acabam por estar sujeitas aos embates entre grupos marginalizados ou pela invisibilização total dos homens brancos, que são preponderantes nos dominando os espaços de poder. A autora Kimberlé Crenshaw (2002, s.p.), traz essas problemáticas cotidianas durante nossos processos de criação e produção, algo corriqueiro na universidade, que exige muito mais do que o natural e o tido como normal de Nós, mulheres negras, acarretando muitas vezes o adoecimento de nossos corpos, também não reconhecido devido às opressões sob raça e gênero que recaem sobre Nós. A autora explicita que

Há várias razões pelas quais experiências específicas de subordinação interseccional não são adequadamente analisadas ou abordadas pelas concepções tradicionais de discriminação de gênero ou raça. Frequentemente, um certo grau de invisibilidade envolve questões relativas a mulheres marginalizadas, mesmo naquelas circunstâncias em que se tem certo conhecimento sobre seus problemas ou condições de vida. Quando certos problemas são categorizados como manifestações da subordinação de gênero de mulheres ou da subordinação racial de determinados grupos, surge um duplo problema de superinclusão e de subinclusão. O termo 'superinclusão' pretende dar conta da circunstância em que um problema ou condição imposta de forma específica ou desproporcional a um subgrupo de mulheres é simplesmente definido como um problema de mulheres. A superinclusão ocorre na medida em que os aspectos que o tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero, sem qualquer tentativa de reconhecer o papel que o racismo ou alguma outra forma de discriminação possa ter exercido em tal circunstância.[...]Uma questão paralela àsuperinclusãoé a subinclusão. Uma análise de gênero pode ser subinclusiva quando um subconjunto de mulheres subordinadas enfrenta um problema, em parte por serem mulheres, mas isso nãoé percebido como um problema de gênero, porque não faz parte da experiência das mulheres dos grupos dominantes.[...] (CRENSHAW, 2002, s.p.)

Essas mesmas pessoas que são oprimidas, também são as que facilmente oprimem racialmente ou, se pertencentes a outros grupos não negros, reproduzem o racismo e as opressões interseccionadas, em situação que muitas vezes ocorre com quem pertence aos grupos que sofrem opressões, como entre mulheres brancas, mulheres e homens brancos/os pobres, entres pessoas LGBTQIA+ brancas, entre a diversidade de pessoas com deficientes brancos/os, idosas/os brancos/os dentre outros grupos. Sobre isso Carla Akotirene traduz sob a perspectiva afrobrasileira que:

É oportuno descolonizar perspectivas hegemônicas sobre a *teoria da interseccionalidade* e adotar o Atlântico como locus de opressões cruzadas, pois acredito que este território das águas traduz, fundamentalmente, a história e migração forçadas de africanas e africanos. As águas, além disso, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contrapostos humanos e não humanos. No mar Atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano. (AKOTIRENE, 2019, p. 20)

Em realidade a hegemonia se dá também nas interseccionalidades, e é sobre isso que a autora especialista na teoria no Brasil nos admoesta, sobre elas e suas questões diaspóricas e afrodiaspóricas. A teoria que foi criada pela intelectual feminista negra afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw nos ajuda a entender as questões, agressões e opressões, e aqui destaca como elas atravessam a Nós, mulheres negras, de maneira cruzada como, coloca Akotirene (2019). A autora brasileira nos destaca que:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado <sup>77</sup> - produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelos cruzamentos e sobreposição de gênero, raça, classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p. 19)

bell hooks afirma que Nós mulheres negras temos vocações intelectuais e potenciais para essa produção, porque nós não somos corpos sem mentes. Ela elimina a possibilidade da existência do conceito sexista/racista que busca retirar das mulheres negras a possibilidade de produzirem conhecimento intelectual, percepção que tem sido construída, perpetuada e reproduzida na cultura de raça branca e seu racismo estrutural. Como se tivéssemos apenas a capacidade sensório-corporal, das emoções e as próximas à natureza, diferente deles, "homens brancos", detentores da capacidade a intelectual, capazes de desenvolver conhecimento racional – e o pior é que acreditam nisso e pensam assim, pois a dominação tem funcionado por séculos. Observando as distições de Terry Eagleton , sobre um texto do livro *The Significate of Theory* (O significado da Teoria), sobre a diferença entre ser um acadêmico e um intelectual bell hooks em seu artigo *Intelectuais Negras* (1995), levanta a questão de Nós mulheres negras nem sermos cogitadas ou imaginadas nesta posição de intelectuais, principalmente por sua ação transgressora, segundo o autor, por lidar com a cultura e a política por meio de ideias e um apostura mais ampla que interfere no mundo . E reivindica esta potencia presente em Nós que herdamos de nossas ancestrais jáem posição prática questionando o próprio patriarcado e os sexismos que nos esteritipam e tentam nos destinar lugares, simbolos e invalidações e se manifesta criticamente, se/Nós colocando em questionamente o fato de não sermos nem cogitadas para estarmos nestas vocações pelas interdições da supemacia racial e do racismo:

---

<sup>77</sup> Cisheteropatriarcado: é uma nota que também considero importante, feita pela autora em seu livro *Intersseccionalidade*, onde a presença do termo referido termo, por si só já reforça sua preocupação da lembrança da presença ativa dessas opressões ante a necessidade de sermos conscientes as questões naturalizadas. Trecho da nota de rodapé: "atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo da opressão."

Em sua recente coletânea de ensaios *The Significance of Theory* (O significado da teoria) Terry Eagleton inclui um chamado *Critica Ideologia e Ficção* em que esclarece a diferença entre acadêmicos (que podem ou não ser intelectuais) e intelectuais. Se olharmos a tradicional compreensão ocidental do intelectual parece-me que este se caracteriza por pelo menos duas questões distintas. O intelectual não é apenas alguém que lida com ideias. Tenho muitos colegas que lidam com ideias e a quem eu muito relutaria em chamar de intelectuais. Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. Segundo intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla. A distinção de Eagleton baseia-se na suposição de uma qualidade de abertura crítica que permita a transgressão. É visível que ele considera essencial que os intelectuais sejam pensadores criativos, exploradores no domínio das ideias que possam ir até os limites e além seguindo as ideias em qualquer direção que tomem. E o conceito ocidental sexista/racista de quem é o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade dentro do **patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito** Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje o corpo da negra tem sido visto pelos ocidentais como o símbolo quintessencial de uma presença feminina natural, orgânica, mais próxima da natureza animalística e primitiva. (hooks, 1995, p. 468)

Desta maneira, hooks nos coloca em presença subvertendo o patriarcado racista e sexista, mostrando que herdamos a resistência das nossas ancestrais por isso ainda que invisibilizadas e tendo um percurso que constantemente, nos coloca em testes e procura nos invalidar, colocar em dúvida. Para ele temos que criar estratégias para lidarmos com estes desafios, ampliados a nós quando somos intelectuais e não meramente acadêmicas. Estes estereótipos que nos qualificam de procura, nos deixar “inaptas”, do artigo *Intelectuais Negras* (1995, p. 486), percebo que as argumentações de hooks rejeitam o pensamento racista e sexista de esta vocação estar somente destinada, com existência em aptidão, monopólio e dominação dos homens brancos sobre os conhecimentos, logo sobre o mundo. Objeção que podemos estender sobre nós mulheres afros do Brasil e do mundo, pois estes pensamentos se manifestam nas sociedades coloniais patriarcalistas. Pois essa lógica nunca esteve relacionada com um compromisso ético, intenção científica honesta e interessada em saber respeitar a diversidade humana, sem relações em compreender como os seres humanos estão aptos a serem e estarem no mundo. Sem as falsas hierarquizações de raça, gênero, classe e interseccionalidades diversas de violências interditantes que o digno desenvolvimento de nossas vocações diversas que escolhermos como nosso pensamento e conhecimentos.

Figura 15 Dario Cunha percutindo o Manifesto Denúncia do Epistemicídio nas Artes Cênicas da UFSC



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

*Por que o material de nossa intervenção performática foi jogado no lixo?* É o nome do texto que foi desenvolvido por Renata Christiane Araujo de Lima<sup>78</sup> após um tempo da ocorrência envolvendo o Coletivo Kurima e o projeto de extensão Vozes de Zambi, ambos atacados pelo racismo institucional e pelo epistemicídio direto em razão da ausência de valorização das ações de promoção ao ensino e presença de nossas epistemologias que fizemos no decorrer dos anos, com a parceria de pesquisadoras/es, artistas, intelectuais, mestras/es, movimentos estudantis, Centros Acadêmicos (CAs), estudantes da universidade e de movimentos sociais e tradicionais dentro e fora da universidade. Os apoios sempre foram mínimos, muitas vezes de má vontade, e contamos sempre com a sensibilidade das parcerias envolvidas específicas, mas o apoio e comprometimento efetivo da administração central não se consolidaram nas questões como mais necessitamos, com políticas específicas. Nossa *desobediência epistêmica*, recordando a feliz recomendação de Walter Mignolo, para concretização da descolonização do conhecimento na prática, assim como mais aprofundadamente Frantz Fanon (2008) observa que sem ação não há formas efetivas de fazermos a mudança, sob uma revolução de fato que transforme tudo, até porque a estrutura

---

<sup>78</sup>Renata Christiane Araujo de Lima - Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Psicologia Social PPGP/UFSC; Pós-graduanda em Psicodrama pela Locus Psicodrama Clínica & Escola. Integra a coordenação da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es em Relações Raciais e Subjetividades – ANPSINEP – Santa Catarina. Tem experiência na área de Psicologia na Educação Complementar (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos– SCFV – Assistência Social) e Psicologia Clínica. Nota feita por Renata Lima autora do referido texto com citação presente a seguir e completo nos anexos deste trabalho.

racista colonial procura nos silenciar e retirar de cena. Então agir é necessidade de resistência e (re)existência.

Foi a forma pela qual Renata Lima, membra do coletivo Kurima, analisou e questionou o pensamento hegemônico eurocentrado violento e a estrutura universitária opressora, escrevendo academicamente, bem como estudando fatores dessa anomalia humana, o mal uso dos conhecimentos de pessoas em posição institucional pública pela psicologia social aqui presentes por BENTO(2002), KILOMBA(2019), ANGELO(2020), dentre outras. Racismo Institucional, neutralizado e invisibilizado que promove a destruição de epistemologias, conseqüentemente gerando adoecimentos, podendo culminar em mortes de vidas de outro grupo humano, ali sendo subalternizado, o estudantil negro. Por meio da psicologia, um quadro como esse traduz explicitamente as *performances cotidianas psicopolíticas da branquitude associada a performance cotidiana psicológica racista*, de pessoas brancas que em performances corriqueiras, no mascaram e invertem as situações na maioria das vezes pelos pactos narcísicos(BENTO, 2002) dos envolvidos. Situações que até bem pouco tempo, como ainda ocorre pessoas brancas se quer eram cogitadas em meio aos seus atos de racismo mascarados-escancarados. Pois, o racismo é notório, mas pactuoso. O caso não são mais as personagens, mas a situação que não deve ser mais naturalizada. Protegidos entre os iguais do seu grupo racial branco, por seus pactos narcísicos(BENTO, 2002) seguem prejudicando vidas negras. Nessas situações as pessoas que cometem o crime de racismo são protegidas por sua rede de iguais, em uma prática que se propagou e estruturou culturalmente e suas vítimas, além de terem sido violentadas, seguem sendo constrangidas, assediadas, desmentidas, agredidas física e psicologicamente e perseguidas, podendo desdobrar em morte física ou existencial.

Dessa maneira a tradução tem um papel importante de, a partir de signos/estigmas e performances que portam seus gestuais específicos, contribuir como ferramenta antirracista pela constatação da identificação de gestos e narrativas notórias do racismo que são comprovadas histórica e cientificamente.

Identificando, constatando tais performances portadoras de ações, os gestos, as narrativas como *performances cotidianas psicopolíticas da branquitude e racistas* para que ao menos os casos e situações mais comuns que são cravadas como notórias culturalmente em nossa sociedade a partir de registros desses traduzidos culturais, enquadradas como performances de natureza violadora de direitos, possam ser coibidos e assim se possa

impossibilitam as alegadas "outras interpretações" ou "não entendimentos como violência racial".

Nas relações raciais atos não naturais de desrespeito vão adensar as *performances cotidianas psicopolíticas racistas* estão a toda parte e ocorrem a todo momento, Devem ser denunciadas.. Como podem ser micro ou macroviolências, é necessário marcar esses gestos que vão desde as movimentações e demonstrações, apresentações pessoais, estando em/com público ou não. Racismo é crime.

Questiono por meio de uma performance manifesto, o epistemicídio, na abertura da disciplina, para que fique nítido. A vivência na prática é diferente da teoria sempre. Nesse processo de (des)colonização institucional universitária, por meio de tecnologias de (re)existências como a arte, depois de um longo trabalho burocrático, a tensão presente de estar com uma performance negra fissurante .

Fissurar aquela espacialidade pública e de ensino e romper com os lugares e os silenciamentos impostos pela branquitude nas artes da cena (LIMA, 2017) e da vida, me/nos fazer presentes e pertencentes de nossas próprias construções naquele ambiente que sempre me/nos excluiu, é altamente simbólico. Retrata, mostrar a morte que o epistemicídio faz constante e efetivamente e nosso movimento pela vida, pelo direito de existirmos onde quer que seja, em paz. Mostrar as imagens com mini biografias de artistas. docentes, mestres e fazedoras/res das manifestações das culturas de matrizes africanas e das artes negras da cena local, estadual e nacional é mostrar quem e como nos matam. Nossa presença viva ali, uma egressa e um egresso do Vozes de Zambí, eu e o Leandro, de artes cênicas viva/os e uma egressa da psicologia do Coletivo Kurima vivas/o do processo de anquilamento da branquitude. Mas, também por estar ali em performance-prática de ensino pela conquista da disciplina que idealizei e juntas/os lutamos pelas nossas presenças nas artes cênicas da UFSC, diante de algozes, ali presentes. É mostrar a nossa potência ancestral presente e a força da minha/nossa (re)existência histórica ao racismo militante declarado deles, praticado com as epistemologias afro-negras que (re)existem.

Por meio da oficialização de uma disciplina obrigatória de Artes Negras das Cenas e Culturas de Matriz Africana, é prática ativa e descolonizante, que fortalece e amplia possibilidades de transformações, ainda que nós não tenhamos o controle disso. Pois, é preciso estar presente sempre, a cada dia, nas efetivas formas de nos validarmos sempre,



enquanto seguimos juntas/os desconstruímos os delírios coloniais, dia pós dias dos mais variados e contínuos, ataques raciais.

Diante de uma performance que, principalmente as/os pesquisadoras/es e artistas negras/os presentes como nós três, **realizávamos ao protagonizar/protagonizarmos coletivamente na instituição e participamos desse processo de performance, pela descolonização do conhecimento e pela incorporação afro negra e enegrecimento no Departamento de Artes, em um Curso de Artes Cênicas, de uma universidade Pública Federal.**

Diante disso, algumas das pessoas brancas ali também fazem parte do grupo de performances cotidianas de manutenção do poder branco colonial e de impedimento de mudanças das existências negras ali, epistemologicamente. Nesse processo a tensão presente deflagra a conquista e o medo da perda. Ainda que meros atores militantes de um grande grupo docente da branquitude com ausência de presença de outros grupos raciais, votam e decidem em colegiados pelos privilégios de suas raças que até 2012, não era questionado ou não causava incomodo manifestado. Marcando o conhecimento pela branquitude e as ações e decisões, com a presença da hegemonia branca normatizada sob as demais epistemologias, que vão sendo mortas neste espaços do conhecimento, por estes motivos de natureza limitada.

Assim observo a necessidade de atuação coletiva docente negra permanente nesta disciplina, que cuidadosa e cautelosamente foi pensada e construída para a atuação e fazeres artísticos e culturais no ensino de docente/s negra/s ou negro/s, mestras e mestres do saber popular. Como já vem ocorrendo em instituições como a UFMG, UFBA venho observado crescente aprendizagem sobre as ações em núcleos e com pessoas que estão em ações reestruturantes antirracistas e descoloniais, como eu/Nós primando por um ensino mais democrático e humanizado.

Possibilitando que a partir, da nossa diversidade possa vir novos cosmovisões e compreensões de mundo, de nossas epistemologias e vidas.

Para que tenham o suporte ontológico, sob outras perspectivas culturais e de mundos, ao passarem por nossos corpos afro-negros em constantes experiências individuais e coletivas na diáspora e África, para ensinar a partir de nossos processos e memórias de matrizes africanas inscritas em nossos corpos afros em performance (MARTINS, 2021, s;p.). Necessários de espaço, compreensão, oportunidade e possibilidade de nossos repasses

ancestrais dignos também no espaço academia das artes cênicas, como em todas as áreas do conhecimentos, para nossos ensinos e epistemologias na universidade.

Nos protegendo e evitando também dos atravessadores não negros, geralmente brancas/os com seus atravessamentos de históricas interferências e traduções ideológicas (CARRASCOSA, 2020, s.p.), estas de ordem coloniais da branquitude, que "quando nos insere", "quer falar e agir por Nós" em nossas epistemologias constante.

Este processos vindo de uma artista e estudante que anteriormente não havia estudado em uma universidade, mas que na vida veio atuando e enfrentando o racismo dia após dia durante minha existência, das mais variadas formas.

Constatar e visibilizar a potência de uma mulher negra, como a de uma coletividade majoritariamente formada por mulheres negras que mudaram a história de uma universidade é fazer revolução e justiça. É conquista de que devemos nos orgulhar, valorizar e manter viva para nossa permanência nos espaços, uma ação constante em uma universidade publica majoritariamente dominada por homens e mulheres brancas que reproduzem práticas sexistas, que competem entre si e não dão espaços para as comunidades negras se eles não se respeitarem, cultivarem todas as suas conquistas e se protegerem entre si, independente da nossa diversidade e diferenças, que devem nos agigantar. Mais dia menos dia a vamos abrir buracos e derrubar as barreiras que nos limita, excluem ou impedem de acessar com igualdade e equidade toda a universidade e demais espaços sociais. E vamos precisar reconstruir todos estes ambientes que não foram pensados para NÓS. Pois, a lógica atroz precisa ser desmantelada e para desmantelar precisa usar.

É marcar as fissuras, implodir a estrutura, para desmantelá-la e construir um novo coletivamente entre todas/os, pois mesmos com as alterações no sistema que vão nos dando mais alívio e um pouco de respiro, estas ainda estão viciadas em segregar, hegemonizar e é preciso ampliar, diversificar, abrir novos espaços e se conformar junto, se compreendendo, aprendendo entre nossos diferentes grupos humanos com espaços iguais.

Nossas cotidianas fissuras nas estruturais feitas majoritariamente feitas por mulheres negras em espaços de poder são ocultadas. Principalmente como no meu caso sou apenas uma estudante e ativista apagar a imagem é quase uma tarefa rápida.

Não podem deixar brechas para precedentes, as novas gerações negras que chegam vão encontrando os desmantelamentos nas estruturas que temos criando, então é preciso conhecer as histórias e as potências que protagonizaram-nas para possibilitar referencias e a

manutenção do que já existe, que é conquista da coletividade. Penso que será preciso ação continuada e atenção com às as nossas vidas, pois estes processos como diz Fanon, são perigosos e nos expõem à morte existencial e corporal sem escrúpulos

***Por que o material de nossa intervenção performática foi jogado no lixo?***<sup>79</sup>

Esse foi o questionamento das/os integrantes de um coletivo acadêmico de artes negras ao perceberem que os materiais de um projeto de intervenção tinham sido eliminados sem autorização ou prévio aviso. As instalações pertenciam a um ciclo de ações de um coletivo estudantil negro – *IV Reflexões sobre o 13 de maio: 127 anos de Abolição da Escravatura, Liberdade com Racismo*<sup>80</sup>, *Privilégios e seus Efeitos na Sociedade* – que aconteceu nas dependências de uma universidade pública do sul do país, em alusão ao dia 13 de maio<sup>81</sup> e propunha performances, música, intervenções, exposições e rodas de conversa sobre o tema durante o mês de maio de 2015. A instalação/exposição em destaque foi alocada no 'corredor das Cênicas – 'espaço conhecido por suas intervenções artísticas, musicais e cênicas – onde foram dispostas longas folhas de papel branco, canetas e alguns pedaços de carvão. Como 'convite-intervenção 'foram escritas pelas/os organizadoras/es frases disparadoras: "13 de maio, que dia é hoje?"; "O que significa ser branco?"; "13 de maio não é dia de negro!". No decorrer de dez dias quem acessava o espaço encontrava/deixava memórias, vivências, pensamentos. Pouco a pouco as paredes cobertas de branco foram preenchidas de carvão. Os conteúdos que tomaram o espaço geraram desconforto, explicitados nas expressões faciais que se transformavam diante dos escritos, nas manifestações verbais de indignação, ou mesmo em escritas carregadas de discriminação<sup>82</sup> (...)”Texto elaborado pela Psicóloga Renata Lima Diretora e Fundadora do Coletivo Kurima(LIMA, 2017)<sup>83</sup>

Estudo teórico, saberes, modos de vida afro-negras e afrodiáspóricas em arte são resultantes significativas de que podemos transformar a cada dia o sistema-mundo em que vivemos, ainda que em muitos momentos pelas opressões desses pensemos em desistir de tudo. Mesmo diante da situação desastrosa de desequilíbrio planetário, há também a vertente que luta pela vida e saúde. Ainda que as consequências dos sistemas extrativistas destruidores opressivos e dominantes estejam recaindo sobre nós de diferentes formas, e agora em especial pelas alterações climáticas demasiadas, fica sempre uma esperança na atuação. Pois a atuação

---

<sup>79</sup>Trecho do texto da performance que encontra-se completo no anexo deste trabalho. Também publicado na dissertação de mestrado da autora, disponibilizado para esta pesquisa que a ele está relacionado. N. da autora.

<sup>80</sup> Considerando que a palavra racismo, assim como outros conceitos relacionados serão repetidamente mencionados, creio ser importante localizar que foram eleitas/os intelectuais diversos na 'composição 'do conceito e que serão apresentadas/os ao longo deste trabalho. Nota da autora do texto Renata Lima.

<sup>81</sup>O dia 13 de maio de 1888 no Brasil foi marcado pela assinatura da Lei Áurea, que sancionou o fim da escravização sem contemplar políticas públicas para negras/os, e atualmente não representa um dia de comemoração, mas de resistência, de reflexão sobre a ancestralidade, a identidade e as condições de fato quanto ao acesso a bens e direitos fundamentais da população negra em diáspora que compõe a população brasileira”.Nota de Renata Lima autora do texto citado, participante da performance. Nota de Renata Lima.

<sup>82</sup>As manifestações de desconforto foram relatadas pelas/os organizadoras/es que transitaram aleatoriamente no espaço durante o período que os materiais estiveram expostos. Esta nota 81 e as notas 80 e 79 foram feitas pela autora do texto citado Renata Lima. participante da performance e membra do Coletivo Kurima.

<sup>83</sup> LIMA, 2017 – texto de autoria de Renata Lima. Disponível para este trabalho e completo no anexo.

das pessoas consideradas subalternas, ainda que nada disso elas o tenham, são conquistas importantes para ocupar os espaços geopolíticos que nos encontramos.

Figura 16 – Manifesto Denúncia do Epistemicídio de nas Artes Cênicas por Roberta Lira



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

## **QUEM PODE EXISTIR?**

Quem pode existir?

Quem pode existir neste país?

Que corpos?

Quem tem o direito de e-xis- tir?

Quais humanos?

Quem não tem sido marcado para morrer?

Quais corpos?

Quais são as pessoas que não tem sido marcadas para morrer?

Quem vale mais?

Quem tem sido marcado para viver?

Quem não é alvo?

Quais humanos?

Quais corpos?

Que corpos recebem proteção?

Quem nasce com privilégios?

Quais corpos?

Quais humanos?

Quem pode chegar vivo na vida adulta para entrar na universidade?

Quem pode estudar nas universidades?

Quem pode acessar as universidades?

Quais conhecimentos são válidos?

Quem pode pensar?

Quem pensa?

Quais conhecimentos podem existir?

Quais conhecimentos podem ser assassinados?

Quais conhecimentos podem ser invisibilizados e invalidados?

Quem é pode falar?

Quem é escutado?

Quem pode ser reconhecido?

Quem é validado?

Quem pode produzir conhecimentos?

Quem existe?  
Quem pode existir?  
Afinal,  
Quem pode existir?  
Quem pode produzir conhecimentos?  
(Roberta Lira)

## **BASTA DE EPISTEMICÍDIO NEGRO!**

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de seqüestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. (CARNEIRO, 2005, p.97)

Penso que o conceito de epistemicídio, que muito dialoga com os interesses das populações negras e traduz o trabalho escrito sob a perspectiva negra, pela filósofa Sueli Carneiro (2005, p.97), pois observa assertivamente o problema que sofremos enquanto produtoras/es de conhecimentos milenares. Assim como os pensamentos e conceitos sobre epistemicídio do filósofo sul-africano Mogobe Ramose, o de Renato Nogueira e Katiúcia Ribeiro que se acoram nas perspectiva da filosofia africana que vai no cerne da questão, que é a morte dos conhecimentos africanos e na forja ocidental européia e de suas descendências no planeta de que os povos africanos e os de suas origens não possuem a capacidade de construir conhecimentos. Farsas coloniais.

Ambos estudos estudos nos contemplam pela simultânea constatação de um fenômeno que ataca os povos afros ou negros e faz as denúncias com profundidade. As importantes

reflexões sobre as limitações e as formas limitantes e violentas de praticar a morte epistemológica e física literal de muitas/os intelectuais afros pelos roubos, rejeição e invalidação de suas produções de conhecimentos científicos atuais que não seja de amplo interesse lucrativo e de uso imediato, como descobertas sobre COVID-19, nestes casos como semelhantes, nos permitem sermos pertencentes a comunidade científica por interesses, pois ainda que haja pouca visibilidade.

Os que contribuem e produzem o epistemicídio são pessoas envolvidas em ações criminosas contra nossa humanidade, pois configura um tipo de racismo, o **impedimento** da existência, da produção, do acesso aos nossos conhecimentos pela discriminação de raça. O que o racismo tem feito conosco de diversas formas e áreas sociais e do conhecimentos humano.

Porque se há discriminação racial e ataques nessa esfera contra os nossos conhecimentos, em suas diversas formas de manifestação pelos mais diversos e dissimulados tipos de ataques, traduz-se nitidamente a presença de racismo contra o grupo negro e os povos afros em suas epistemologias. Presente na instituição de ensino, configura racismo institucional.

Racismo é crime no Brasil.

Então, essas situações em nossos processos de descolonização e reestruturação previstos por lei, atravessados, impedidos e atrasados pelas pessoas brancas racistas, devem ser forçados pelos grupos negros e demais marginalizados e pessoas brancas de fato interessadas na presença da diversidade do ensino e na democratização do pensamento mudar este cenário e situação social colonila alienada (TAVARES, 2020, s.p.)que vivemos.

A presença do racismo, que para além dos conceitos e sim observando movimensua prática, observo como uma forma sofisticada de fascismo. pois já não ataca majoritariamente os seus pares da mesma raça ou aos seus pertencente aos grupos étnico-raciais. O racismo mais denso vem acompanhada juntamente do fascismo, como as imposições e a discriminação da raça branca com sua falsa superioridade sob os demais grupos que ele julga inferiores. O que na colonialidade(QUIJANO, 2005, s.p.) vem acompanhado em muitos lugares da tendência de negar o racismo, fingindo não exercitar tais performances. É muitas vezes mais cruel. Se brancos/as progressistas repudiam o fascismo é porque são afetados. Mas, não repudiam o racismo com tanta veemência e força porque fazem parte das pessoas que os produzem. Então, não sentem seus efeitos, mas se beneficiam com eles privilegiadamente.

Precisam antes de se anunciarem antifascistas repudiarem seu racismo de si mesmos. Pois a cultura da raça é aprendida na infância e não perdoa ninguém. Todas as pessoas envolvidas a compreendem. Então, se contradizem e dissimulam ao se afirmarem antirracistas e antifascistas, sem exercitarem cotidianamente o trato de seu próprio racismo cotidianamente, não nos prejudicando ainda mais.

E se mantenham oprimindo o grupo racial negro, o que mais desprezam as demandas e pouco as escutam. Querem lidar com o social ou o racial superficial, dos racismos sempre dos “outros”. Assim, como o desgoverno faz e simplesmente muda de assunto quando não quer tratar de uma pauta séria e oprimir o povo. Os brancos “progressistas” fazem isso, e o que faz mal em demasia precisa ser colocado para que mude o quadro. Destaco os “progressistas”, pois é a parcela de onde se poderia esperar algo e muito nos atrapalha pela dissimulação. O racismo é ideologia pior que o fascismo. O fascismo impõe, estabelece sistemas opressivos na sociedade e o racismo faz isso, adicionado a impõem de toda a sua cultura e construção ideológica racial, sob as vidas e corpos dos grupos humanos por eles inferiorizando. Temos nossa humanidade retirada da linha da repetibilidade (MOREIRA, 2020) e somos tratadas/os como “coisas”.

Os povos negros e indígenas são as populações que sustentam e bancam os ricos e milionários brancos com suas famílias deste país, uma lógica que segue no mundo, pois é a lógica exploratória da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005, p.99-101).

Tais posturas do racismo institucional e individual devem ser encaradas, aprofundadas, expostas e vencidas pelas coletividades negras e demais povos marginalizados não brancos. Junto às representações negras e indígenas que precisam encontrar meios de se unirem mais nesses espaços, pela igualdade e equidade racial, para a desconstrução e o desmantelamento da dominação racial branca tão abominável neste país. Vencer também entre si as reproduções do racismo e o racismo antinegro, pois ao fim pela racialização das quatro raças somos amplamente atacada corporalmente pelos demais grupos inferiorizados em diferentes níveis. Porque estas pautas não devem ser lutadas isoladas, mas é necessário entendimento do problema que a racialização enraizou em todos os povos, ainda que estes se interracializem, formem famílias e relações mais efetivas como povos negros e indígenas, principalmente fora das aldeias.

Nós mulheres negras e mulheres indígenas, ante essas frentes hegemônicas e dissimuladas do poder semeando o terror racial à brasileira que normalizam, enfrentamos

também uma sociedade negacionista em relação as questões raciais, envolvendo inclusive populares dos nossos povos ou pessoas que se creem bem posicionadas nos espaços da branquitude, alidas ou não a as suas culturas. As Leis Federais que fazem parte do contxtto das culturas de raça, pois privilegiam determinados grupos raciais, como os brancos no Brasil. São as leis que temos em maioria no país, favorecendo e previlegiam estes grupos de diferentes formas a tal ponto, que o racismo estrutural funciona tão bem instaurado para excluir e impedir a vida digna das vidas sob as raças não brancas. Ao ponto de necessitarmos de leis e políticas especiais para Nós povos/populações negras( afros diversos – quilombolas, estrangeiros, refugiados, negros urbanos, dentre outros afrodiaspóricos) e indígenas (diversos – das aldeias dos mais diversos povos, do contexto urbano, dentro outros pertencetes a este grupo) vivermos no Brasi e ainda assim estas pouco são respeitadas.

Na criação, implementação e proteção das Leis Federais raciais especificas negras e indígenas, pensando no racismo especificamente no Brasil, precisamos de mais presenças sempre qualificadas. Pois, ainda somos muito poucas/os e isso sobrecarrega lideranças negras em diferentes setores e áreas nacionais. Não há paridade racial e de gênero e demais diversidades em postos, cargos, no Brasil. Aqui se prende homens negros bem arrumados ou em carros sofisticados para os humilhar. Se festeja quando uma jornalista é negra ou uma atriz negra - medidas sempre sob os padrões brancos da beleza negra embranquecida, bom lembrar - vem a ser a protagonista de uma novela. É uma colonial e quem a rege não se incomoda com tantas atrocidades sociais. É natural estarmos atuando em todas às áreas do conhecimentos em países africanos. “Pessoas negras são capazes e eu sempre soube, que raiva do que fazem conosco no Brasil, aqui não estamos em nada...”, E pensava nos médicos que vi, nos donos de lounges, estabelecimentos, agências de turismos, comércios, restaurantes, lojas de movéis, casas de bairros bem estruturados. Gaborone, com asfalto novo e cheia de ciclovias, pareciam algumas vias de Florianópolis. “Pessoas africanas negras escuras em tudo, dominando tudo, atuando em tudo, fazendo os países funcionarem”... Isso ficou na minha cabeça, “pessoas negras em tudo, fazendo os países funcionarem”. O jornal da TV com jornalistas com roupas tradicionais, mulheres bonitas e sorridentes (podiam sorrir, aqui nos vetavam os sorrisos e isso me marcou), com turbantes enormes e homens de fila na cabeça em rede nacional, pessoas negras apresentando o Jornal Nacional deles sozinhas. Um contexto lindo de se ver, principalmente para jovens de vinte e poucos anos, como eu era. Tudo isso, em alguns países e sem a “superpobreza hipervendida” para nós. Sempre nos impondo um



distanciamento “necessário da colônia”, do continente maravilhoso, nosso, com toda a sua diversidade, riquezas e dificuldades, quebradeiras e reinvenções do pós-colonial, que se lembrem bem disso. Mas, como a exclusão sempre gera dúvida nas mentes jovens, ela veio alguns momentos na minha cabeça sobre e Nós no Brasil, seríamos poderosos iguais a eles? retiramos. Mas preferi pensar que sim, eu estava jovem e bem, outras realidades existiam, pobreza, mas desse uma farinha para uma mulher negra do interior que fui morar e imagine o que ela fazia... maravilhas para várias pessoas... “O que nos faltava eram chances” eu pensava, como ela falava sobre as oportunidades que não temos até hoje como todo o nosso povo precisa ter. “Se tivéssemos algumas chances na vida, com boas coisas para desenvolvermos, nosso. Voltando pesei indignada sobre isso e segui me dedicado aos meus trabalhos, sonhos e atividades sociais voluntárias, com uma maioria negra e indígena, miscigenadas. Hoje vejo algumas das crianças dos projetos que atuei, tiveram chances não como as dadas aos brancos, mas de al menos não se tornarem corpos sepultados, alguns sim infelizmente, não tiveram chances, outras meninas têm suas famílias e estão felizes, com um caminho. Mas, estas são as chances que merecemos na colônia Brasil? Naquela época não tínhamos nem aeromoças (como eram chamadas as comissárias de bordo) negras nas companhias aéreas, diziam que não admitiam negras. E isso é a branquitude em dominação social pegando lugares e excluindo. No poder ocupando tudo e incapacitando ou demais grupos, pela impossibilidade de terem oportunidades e o exercício das atividades que poderiam desempenhar. O racismo impede e vai dando preferências aos brancos e estes fingem ter mérito. Crescemos com estes conhecimentos das culturas de raça branca e negra que são muito fortes e marcantes. Pois, nos davam orientação para nossos caminhos da vida, sobre como viver em sociedade, nas relações raciais da escola, do trabalho, entre amigos e ainda que este peso não fosse passado totalmente assim, Nós, pessoas negras sempre mesmo sem querer o carregávamos, pois em algum momento do dia o racismo sempre aparecia, mas o pior era quando aparecia entre as pessoas conhecidas e ocorriam os piores silenciamentos ou as falas inadequadas que nos pedem posicionamento a altura, nos colocando sempre em risco, pois os enfrentamentos para uma jovem era complexo, mas o fazia. Nos deparamos com as vivências do racismo na prática nos exercitava as estratégias e o saber viver melhor, as escolhas que vamos tendo que fazer, saber até onde iriam os sapos que teríamos que engolia em uma época que não se comentava o racismo, para uma maioria. Quando eles sejam libertos, pois lugar de sapos é na lagoa. Conhecimentos das nossas performances negras de

(re)existências, das performances cotidianas da psicopolíticas da branquitude e as dos demais grupos raciais.

Dia desses sobre assédio de mulheres de diferentes grupos raciais de uma emissora conhecida, masculinos que escrevem teledramaturgias sexistas e racistas, lamentaram a dispensa dos atores envolvidos nos assédios sexuais ocorridos com mulheres brancas, em maioria. O sexismo lamentado. Na concepção sexista deles os criminosos – lembremos que não veem como crimes o sexismo e o racismo na prática - não deveriam se quer responder pelo que fizeram, pois eram bons atores. Estas são as notícias cotidianas que circulam no Brasil da colônia de 2021, em que estas violações de direitos e vidas são normalizadas. Imaginemos como gênero e raça andam juntos e o quanto Nós mulheres negras passamos por estas violências interseccionalizadas, mas vulneráveis por causa da raça (CRENSHAW, 2002, s.p.) às violências eu bem às conheço. Ficam entre as fronteiras do silêncio cultural, da culpabilização de nossos “corpos muitos chamativos e provocativos” e na não sensibilização de nossas dores, pela não necessidade já que temos a “tendência de sermos levianas e provocarmos os homens”. Estes são nítidos esteriótipos que nos fazem construir posturas protetoras e em alguns casos de exposição mesmo, sobre nossos corpos e vidas diante do sexismo e do racismo, o que falarei mais adiante.

No contexto das “leis federais” específicas raciais para o grupo branco, pois são eles que fazem a maioria das leis, em sua maioria em tradução cultural, com recorte de raça para estes elas estão sempre camufladas aparecendo associadas muitas vezes ao “para todos” ou as mais específicas. ou ainda para que as instituições primam atender desde sua consolidação (BENTO, 2015). O grupo racial branco então vem e atribui esta máscara do privilégio estrutural branco e o chama de “meritocracia”, quando não passa de arranjos pactuais estruturados. Algo que vem sendo discutido para ser derrubado. Mas sem espaços na política, na educação, na economia onde o governo é blindado pela dominação de homens brancos-brasileiros, que se quer discutem a questão racial e negam categoricamente o racismo brasileiro, nos excluindo, seguem no poder de tudo. Sim, como estratégia fascisracista de dominação pela indiferença e imposição de suas culturas raciais brancas, na política econômica e a cultural, que se alastra em tudo. Os grupos negros e indígenas não tem poder econômico e se houver são minoritários, então os grupos e interesses à quem estas leis irão atender são às pessoas majoritariamente brancas (BENTO, 2005).

A política de dominação racial branca é uma prática ativa, que busca nos paralizar e subalternizar. Observar o cenário em que estamos envolvidos é importantes para podermos nos proteger e blindar nossas mentes e corpos. A prática negacionista seguirá ativa, para poderem manter existentes os seus racismos e a estes se incumbem de disfarçar, ou em algumas situações até são escancaradas nas instituições de ensino, culturais e sociais, que se protegem pela forjada mítica da democracia racial. Notóoriamente forçando a narrativa e a afirmação do eu "não sou racista" ou "não somos racistas" pela resença do o negacionismo de suas performances racistas covardes de sempre.

O interesse e principalmente as necessidades imediatas antirracistas, urgem.

A luta antirracista é uma luta histórica negra, afro, pois nunca aceitamos a racialização de fato. Mesmo com parcelas de nossas pessoas assimiladas nas sociedades para poderem sobreviver na sociedade às violações raciais dos povos brancos, contestamos a raça, o racismo fabricado pelos brancos a cada dia e temos conquistas invisibilizadas estrategicamente. Ignorar que movimentos negros existam é não lhes negar existências e invisibilizar meios de agir.

Sueli Carneiro (2005, p.97) mostra, com suas pesquisas e constatações pelo conceito de epistemicídio observado para as violações feitas com os povos afros, que todas as práticas que apresentam formas de nos negar enquanto sujeitos pensantes são as que procuram promover "saberes sepultados." Em suas colocações, ela traduz que os valores civilizatórios da humanidade ocidental, não deram conta de coexistir com a diversidade humana de outros conhecimentos e formas de vida, ou seja, a dos demais grupos racializados pelos antigos colonizadores e por suas gerações seguintes, pois essas práticas seguem vigentes e em curso.

As culturas negras e indígenas certamente são a face pulsante desta país, pois estão predominantes em toda a parte e isso deveria ser motivo de orgulho. A invalidar estas culturas se rendendo unicamente ao culto do que é do europeu ou das suas descendências fora da Europa. A rejeição das nossas raízes e principalmente das pessoas negras, que Beatriz Nascimento salienta que nosso grande problema vem a ser o não reconhecimento do negro, destaco ser uma rejeição racial. Beatriz Nascimento tras as duas questões importantes

A cultura negra que conseguiu se amalgamar com a cultura índia é realmente a cultura brasileira, uma cultura muito forte. Mas, insiste em por como cultura, inclusive o próprio termo cultura como sendo uma coisa nobre e européia.[...]A questão econômica não é o grande drama. Apesar de ser um grande drama, não é o grande drama. O grande drama é justamente o reconhecimento da pessoa do homem negro\* que nunca foi reconhecido no Brasil.( NASCIMENTO, 1989, s.p.)

Como aceitar a cultura se não aceita o ser humano que a produz? Como?

Essa é uma face das denúncias e das lutas pelo epistemicídio pela práxis e forma que, para mim, está relacionada com as propostas descolonizantes propostas por Grada Kilomba (2020, s.p.), bem como pela abordagem da filósofa e mestra em Filosofia Katiucia Ribeiro, pela visibilização e ensino de epistemologias e valores da filosofia africana – método de descolonização com a qual me identifico –, como em sua referência proposta para a definição de epistemicídio e na necessidade de seu desmantelamento.

Antes de conhecer esse conceito e seus efeitos eu já o vivenciava em minha vida artística e acadêmica. Na contramão de seus efeitos, vim trabalhando mais ativamente no combate desde 2011, na sociedade e em minha graduação. À medida que acessamos nossos conhecimentos, a proposta de desmantelar de forma mais efetivas as hegemonias raciais brancas do conhecimento que nos afetam onde estivermos, foi o que fui/fomos fazendo, nos tornando mais presentes, ao menos de maneira que soubessem que existem epistemologias afros ou negras e não somente branco-ocidentais.

Principalmente na tomada de consciência e conhecimento do amontoado de farsas históricas que vamos tendo tudo fica mais complicado, pois falsamente nos é imposto que vivemos em uma democracia racial, complicando as relações raciais. Como do estado que nossa sociedade se encontra devido a hegemonização e universalização dos conhecimentos, a colonialidade do poder que destrói e nos faz estarmos em um caos global sem precedentes está instalada.

Passemos ao **Manifesto: Genocídio, chega!**<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup>Nome do texto para performance de Leandro Batz – Ator, diretor e performer. Graduado no curso de Artes Cênicas (UFSC) desde 2015. Ator do grupo INCLASSIFICÁVEIS (desde 2015), onde atua no espetáculo: "5 Minutos", esteve em circulação em países da América Latina e circula em Florianópolis (SC). Dirigiu "Fando e Lis" em 2014. Foi diretor e ator da Cia. Grito de Teatro. Dirigiu o pocket show "Animal Show" e co-dirigiu "Broadway, por trás das cortinas" (2014), atuou na peça "Armas de Brinquedo" (2011) e nos musicais "Vitrini" e "Zoolândia" (2010), pela Cia Grito de Teatro. Atuou na peça "Sintoma", da Cia. Sem Escrúpulos apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2015). Foi assistente de direção do Musical "O Grande Show" com a produtora Start Artístico e atuou no Musical Toy Storie da mesma produtora (2019). Com audiovisual trabalhou no Longa Crisálida (2018). Como performer fez "Senzala", Coletivo Vozes de Zambi, apresentado no 3º Café Ndimba na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na 5ª e 6ª edição do UFSC TOCK e na 4ª Edição da Feira da Freguesia, Centro Histórico de São José (2013). Integrou a performance "Roupa Soja", apresentada na ABRACE, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina e no I Seminário Internacional de Filosofia Pop, Rio de Janeiro (2014).

Figura 17 – Manifesto Denúncia do Genocídio Brasileiro, por Leandro Batz



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O ator Leandro Batz durante a performance *Quem pode existir?* explicita nosso questionamento performático em seu manifesto à falácia sob a qual vivemos ao explicitar o artigo primeiro dos direitos da pessoa humana, que não têm sido garantidos para as populações negras brasileiras e no contexto global planetário. Questionar o nosso direito humano à existência de nós pessoas afro-negras diante do alarmante genocídio negro no Brasil, que deveria ser considerado ato de terrorismo ou estado de guerra. As ocorrências, frutos dos racismos estrutural, institucional e violência racial individual expõem as populações negras ao um extermínio de ordem racial sem precedentes, ao que assistimos no século XXI. Não há interesse e tampouco engajamento para sua erradicação, em comparação com a preocupação que dispensam as instituições e sociedades para obter e acumular dinheiro. O colonialismo capitalista eurodescendente/europeu está nos matando. E ele permanece buscando controlar as populações negras às margens da sociedade, garantindo que essas não terão acesso às suas culturas e impondo-lhe a dominante cultura branca.

Sabemos que nosso país nunca teve e não traçou na atualidade algum projeto que tenha o intuito real de erradicar/equitar ou para reparar de pronto a desigualdade racial, de gênero e social, muito menos o genocídio. Trabalhar na academia a destruição promovida pela colonialidade do poder é o mínimo necessário. Um projeto sério e engajado para uma pessoa que se afirme progressista, mas na realidade para a maioria branca que compõe o quadro docente das universidades públicas brasileiras rechaça essas propostas intimamente e as exteriorizam pela prática racista institucionalizada da “desinformação”.

Leandro Batz foi nosso convidado na disciplina. O convidado fez seu manifesto contra a matança, o genocídio que também o marca:

<sup>85</sup>**Manifesto: Genocídio, chega!**O direito à vida é o principal direito humano. Um Estado democrático deve zelar pelo direito à vida dos seus cidadãos e cidadãs. Por isso, qualquer tentativa de ruptura com a institucionalidade democrática deve ser fortemente combatida, pois ela infringe o direito à vida da população como um todo, em especial, os segmentos em maior situação de desigualdade e vulnerabilidade. Com essas informações podemos concluir que o genocídio da população negra é uma infração do direito à vida. **PAAAAAAAH.** A campanha "Vidas Negras" lançada pelas Nações Unidas no Brasil em 2017 comprovou que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil, A CADA 23 MINUTOS UM JOVEM NEGRO É MORTO NO BRASIL, são 63 por dia, 23.100 por ano. Com idade de 15 a 29 anos. Esses jovens podem ser qualquer negro, morto pelo fato de ser NEGRO, pode ser eu, pode ser você, você, você... **PAAAAAAAH**De acordo com o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) de 2006 a 2016 o número de homicídios de não-negros caiu 6,8%, enquanto o de negros aumentou 23%. E esses negros tem nomes: **Eduardo de Jesus**, 10 anos, morto na porta de casa (...)

Como ensinar a diversidade das epistemologias existentes sem suas presenças? A cultura branco-brasileira que nos é imposta sufoca e limita. Sequer a presença ou o conhecimento dos que são conhecidos como os grupos matriciais do país, os negros e indígenas, temos no ensino universitário. A ausência da diversidade epistemológica em equidade nos currículos promove a hegemonia de pensamentos, logo, de práticas culturais. De que forma pretendemos ser uma instituição democrática e plural se as epistemologias impostas são de origens europeias e branco-brasileiras? Principalmente para que estudantes de outros grupos raciais diferentes do branco se reconheçam, aprendam sobre suas origens, participações históricas e em suas áreas de formações e tenham referências para a vida inteira além docentes brancas/es/os. É fascismo genocida exterminar grupos inteiros, vocês concordam? E o que é o extermínio da juventude negra? São consequências do quê os suicídios e as mortes causadas pelos sofrimento psíquico das/os estudantes negras/es/os que não suportam a pressão do insustentável racismo individual e institucional que vocês promovem em sala de aula e na instituição que vocês trabalham? O que é assassinar as epistemologias de outros grupos humanos como os afros, negros e indígenas em trabalho público? E o que vem a ser manter uma estrutura racista, hegemônica espacial e culturalmente, onde você docente que deveria atender e acatar ética e profissionalmente a Lei

---

<sup>85</sup>Manifesto - completo no anexo ao final do trabalho.

Federal 10.639/03, alterada para 11.645/08<sup>86</sup>, mas oprime estudantes negras/os e indígenas os obrigando a tomar sua *cloroquina epistemológica eurocentrada*” goela abaixo”<sup>87</sup>? E se isso tudo não é fascismo, seria o quê?

Assim como o trato sistemático cotidiano contra as outras opressões que nos atravessam no nos mais diversos espaços geopolíticos como o patriarcado e seu capitalismo, os sexismos, os fundamentalismos, os classicismo, os capacitismos e outras violências e sistemas que servem para oprimir e dominar.

Mudar o olhar, mudar nossa perspectiva.

#### **4. TERCEIRO ATO PERFORMÁTICO DESCOLONIZANTE: *A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS* E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

*A Beleza de Nossos Corpos Negros* é uma criação<sup>88</sup> em que realizo a curadoria, a produção da instalação, a organização e coordenação geral através do Coletivo Kurima e da Kurima Bantu Mulheres Mudempudiro, que vem traduzir objetiva e subjetivamente pela tradução afrodiáspórica negra um processo de (re)existência/s historicamente em curso descolonizante e antirracista. Focalizada na recuperação de nossa humanidade pela naturalização da beleza de nossos corpos negros, pela sua condição de obra da natureza de natural perfeição corpórea como todos os outros, logo reestabelecer a nossa existência humana que tem sido negada.

Traduzo os dispositivos descolonizantes e antirracistas que são as propostas que também se traduzem como pertencentes aos grandes ciclos históricos, variados e contínuos das *performances da negritude* que temos realizado individual e coletivamente artística e culturalmente. São as produções e o ensaio fotográfico, as produções e as montagens da instalação-exposição, as traduções reflexivas e análises dos relatos. São as nossas *performances da negritude* em formato de relatos, citações, falas, ações. É esse movimento

---

<sup>86</sup> Complemento: existe há 17 anos, deveriam alterar os currículos, promover diversidade epistemológica, antirracismo e qualidade de ensino, mas não fazem na UFSC e em outras universidades brasileiras, pela preferência em praticar o racismo institucional e individual.

<sup>87</sup> Expressão popular que quer dizer terá que engolir, ou seja, aceitar o que a outra pessoa que obriga a fazer algo, querendo ou não, pela sua condição de vantagem. O que no caso do texto é condição de poder, hierarquia, do docente e discente, privilégio de racial e fascismo, fascismo com racismo.

<sup>88</sup> Criação – trecho do texto publicados que são conteúdos da pesquisa. Nota da autora.

performativo escreviente e visual, autoetnográfico e interssemiótico afrodiaspórico das instalações realizadas.

Assim como a tradução e produções artísticas funcionam como o próprio dispositivo tradutório afrodiaspórico negro antirracista e descolonizante pelo aprofundamento e sentido que traz de nossas experiências e subjetividades das artes negras, a tradução afrodiaspórica não tem uma marca expressa onde termina ou acaba.

A presença (re)existente, funcional enquanto epistemologias das artes negras, das culturas das matrizes africanas e das afrodiaspóricas em espaços amplamente epistemicidas, de ensino e produções eurocentradas. Como dinamizador de questões mais específicas que serão traduzidas e explicadas desse processo de recuperação e reestabelecimento de nossa beleza física, que tem movimento nacional, continental e global, das milhões de almas que habitam corpos humanos afronegros perfeitos no mundo e que têm sua humanidade negada por grupos humanos de semelhantes usurpadores de vidas negras que por estarem temporariamente em dominação racial nas sociedades – que pela lógica da natureza observamos que não devemos existir sob esta perspectiva de dominação humana destrutiva e hegemônica, mas sim com a vida humana coletiva, harmônica e colaborativa -, se mostram serem povos desafortunados.

Figura 18 – Mosaíco do Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Desde que assumi a coordenação geral do trabalho pelas entidades até 2019, passei a ter a concessão total dele para dar sua continuidade sozinha. Algo que fora proposto e estabelecido inicialmente, ante as impossibilidades das/os membras/os assumirem uma proposta nessa dimensão. Seguimos associadas, contando agora com a parceria das entidades na realização de minha dissertação, como para outros trabalhos relacionados. Foi tão



importante como decisivo dar esses novos rumos. Pela proposta do Dossiê Kurima: Estética Negra (2015) comecei pela criação do projeto com o *Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros*, com seus desdobramentos. O objetivo era a afirmação e valorização de nossa beleza, o cuidado com a comunidade negra da UFSC e a naturalização de nossa humanidade naquele espaço, pela naturalização de nossos corpos, como o contínuo protagonismo negro.

Realizamos um ensaio fotográfico de estúdio produzido por uma equipe profissional e acadêmica, com recorte de gênero e raça – com uma maioria de mulheres negras –, tendo como modelos estudantes, professoras/es, técnicas/os administrativas/os, terceirizadas/os e frequentadora/es negras/os da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto inédito em Santa Catarina promove o protagonismo e a visibilidade das presenças negras, retratando faces da rica diversidade da comunidade negra da UFSC.

As imagens resultantes compõem a instalação-exposição, o documentário e o livro que rompem com a ideia de uma Santa Catarina em que não há povos negros, como com a sistemática ausência desse grupo étnico-racial nos mais variados espaços, numa sociedade estruturada pelo racismo e pelo pensamento colonial.

Observo desde a graduação, e principalmente durante a construção reflexiva e argumentativa do projeto, o quanto nossas presenças naturais por meio das nossas imagens negras são praticamente excluídas dos espaços brasileiros das artes visuais, das artes da cena, do audiovisual, das artes plásticas, entre outras. Situação que nos tem feito historicamente produzir mais, trabalhar a autoafirmação e buscar protagonizar, como lutar sempre pela emancipação negra, pela necessidade de estarmos em todos os espaços, que frequentemente no Brasil, na maioria dos casos, não nos são disponibilizados, limitados pelos sistemas de cotas – uma conquista nossa, pelos movimentos sociais negros com a participação do nosso povo –, oficiais e/ou por políticas internas de empresas e organizações, órgãos públicos. Isso não é nada natural ou proporcional à presença populacional, é o que temos conseguido para estarmos inseridas/es/os em restrita representação, nos espaços da sociedade brasileira.

A maioria branca fez a dominação dos melhores espaços e não dá brechas a outros grupos, e temos lutado para estarmos presentes em todos os lugares. Pois se essa é a lógica proposta de nossa sociedade, a democracia, ainda que não executada, por acreditarmos nela batalhamos para instituí-la, temos esse direito. Então, quando isso acontece, as populações brancas de todas as partes reforçam ainda mais as barreiras para impedir e/ou dificultar nossas entradas, permanências e sucesso usando o mecanismo do racismo estrutural, ativado pelas

*performances cotidianas psicopolíticas da branquitude*, que cada uma de suas individualidades faz sua parte, como tenho tratado neste trabalho.

Seguimos queremos paridade em tudo, como trazer nossas perspectivas sobre Nós e sobre a vida como um todo. Então o ensaio fotográfico *A Beleza de Nossos Corpos Negros*, agora como proposta mais mais ampla vem mostrar isto em diferentes momentos desde sua concepção e abertura em 2015.

Nesse ato performático marco um pouco do processo de construção, das inquietações que me estimularam a prosseguir com esse trabalho, pelas descobertas em pesquisas que fui tendo a partir das reflexões relatos, aprofundamento sobre as diversas problemáticas que afetam de diferentes formas nossas vidas, enquanto pessoas e mulheres negras a partir das estigmatizações e esteriotipizações de nossos corpos. A importância de nossas criações, a rede global que atua na direção anticolonial instalada, e a gana de possibilitar os acessos a processos básicos e profundos para a constante descolonização de nossos corpos, pelas nossas primordiais vivências antirracistas tão combatidas que tenho visto na vida acadêmica e na sociedade.

Lutamos pela preservação, pela continuidade de nossas vidas. Lutamos todos os dias para vivermos em paz enquanto pessoas brancas lutam para tirar nossas vidas direta e indiretamente. Essas pessoas não se importam e lutam muito, mas muito, para destruir e eliminar nossas vidas quando insistem em manter seus sistemas de extermínio humano. Nunca vou entender isso e aceitar suas falsas investidas. A questão se tornou muito fechada, a cegueira é instituída pela estrutura que dá uma migalha e engana uma maioria, e essa dinâmica cultural é antiga. Uma constante distopia é viver isso, uma palavra que sempre vejo encaixada nesta situação de múltiplos mundos em que vivemos.

Para encontrar caminhos quando nossas consciências negras estão presentemente ativas de quem somos e do mundo em que vivemos, e o que e como queremos viver, se torna primordial agirmos com garra para dismantelar qualquer coisa desse sistema com outras tecnologias. Participar desse processo ativamente, ainda que ele nos tire muito da saúde, tem sido uma realidade quase sem escolhas. Encontrar processos e meios que atenuem nossas dores ignoradas e nos conectarmos com energias que gerem afetividades, paz, amor, espiritualidade, prazer, lazer, beleza, amor, saúde e felicidade é básico. E isso fazemos também nas guerrilhas de trabalho pelas produções salutares que acalmam nossas almas e corpos cheios de poder cocriativo e possibilidades.

Curar-nos, cuidar-nos, autocuidar, nos conhecermos, cultivar-nos, cultivar ancestralidades e memórias ancestrais, nos valorizar, pensar em maneiras fortalecedoras e renovadoras de existirmos no futuro que desejamos, repensarmos a tradução de nossos corpos negros e imprimir sobre eles os reais, que para Nós soam como novos signos e os belos sentidos que sempre tiveram. Sentidos que têm a ver com nossa essência natural de sermos seres que fazem parte da natureza perfeita e da Criação Incriada, que não sabemos o que é mas sentimos viva. Vida em Nós como muitas de nossas cosmovisões africanas, em suas diversidades têm ciência de nossa beleza natural e vitalidade da essência existencial corporificada em seres da natureza perfeita que somos. Blindar-nos caso seja impossível atenuar em Nós os efeitos danosos desses processos de violência que nos recaem cotidianamente, como as nossas propostas e as redes, as referências que nos unem a outras, nos possibilitando dias mais saudáveis.

Como reforçar sua importância das práticas descolonizantes e antirracistas nas artes, nas culturas que atingem mais afetiva e sensivelmente todas as pessoas? Quais os caminhos que tenho escolhido lidar com as pessoas não negras que se mostram interessadas em seu novo, até onde cheguem? Ao menos saberão que existem caminhos, pois esses são necessários para um bem maior e sem ter que mostrá-los, pois somos Nós quem sofremos com a violência racial, e a lógica seria nos distanciarmos, porém ainda mostramos e ensinamos caminhos que devem desbravar sozinhos e entre si coletivamente.

Aqui trago também com os alguns dos relatos das pessoas participantes que dizem muito sobre o momento do ensaio em 2015 e o contexto na universidade, do Brasil e mundo:

Participar desse projeto foi muito interessante porque eu nunca tinha participado de nenhum projeto assim que realçasse e valorizasse a estética negra. Florianópolis, pelo fato das pessoas acharem que só gente branca mora aqui, quando veem uma negra com cabelão e turbante, elas ficam: “Aí que exótica!” porque não estão acostumados a ver uma negra ou negro assumindo a sua identidade. Acho importante esse projeto e a divulgação dessas fotos pra enfatizar mesmo a nossa beleza e fazê-la mais visível ( Carolina R., 2015)

Figura 19 – Modelo – estudante de Direito Caroline R. – participante do Coletivo 4P (2015) e atual membra colaboradora do Coletivo Kurima



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O projeto, a nosso ver, contribui para o fomento, a visibilidade e a afirmação dos povos afros bem como para a cultura africana, suscitando questões como: por que vemos uma maioria de pessoas brancas nas imagens em nosso país? Por que não nos vemos nesses espaços? Pessoas negras pouco aparecem em veículos de comunicação e em produções artísticas, numa evidente contradição com a realidade étnico-racial brasileira que atesta ser de uma maioria negra de acordo com os dados coletados pelo IBGE (2017, s.p.). Por meios da classificação de raça/cor, a população declarada negra<sup>89</sup> aumentou entre 2012 e 2016 e correspondia neste período aos 54,9% da população brasileira, ou seja, mais de metade dos 205,5 milhões de habitantes do Brasil. Enquanto a população que se declarou branca caiu no mesmo período para 44,6% (IBGE, 2017, s.p.). A pesquisadora que analisou os dados acredita que o aumento de população negra se deu “devido a tendências da miscigenação no país e cresça as declaradas como pardas, como um maior reconhecimento da população negra em

---

<sup>89</sup> População declarada negra - Necessário de discussão a marca recaí sobre pessoas que existem em determinados corpos, mas nem sempre quem se afirma negro na atualidade para acessar políticas somente. Há cores, fenótipos e corpos que são perseguidas, outros podem sofrer discriminação, os racismos instalados nas sociedades matam principalmente as pessoas com as marcas mencionadas e, aqui destaco sua abrangência no Brasil.

relação a sua própria cor, que faz com que pessoas se identifiquem como pretas (IBGE, 2017, s.p.). Segundo pesquisadoras da agência de notícias do IBGE

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos. Para o professor Otair Fernandes, doutor em Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Leafro/UFRRJ), a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia e do fato de ter sido o último país a acabar com a escravidão. O professor ressalta que, mesmo após 130 anos de abolição, ainda é muito difícil para a população negra ascender economicamente no Brasil. “A questão da escravidão é uma marca histórica. Durante esse período, os negros não tinham nem a condição de humanidade. E, pós-abolição, não houve nenhum projeto de inserção do negro na sociedade brasileira. Mesmo depois de libertos, os negros ficaram à própria sorte. Então, o Brasil vai se estruturar sobre aquilo que chamamos de racismo institucional”, lembra. (IBGE, GOMES, MARLI, 2018, s.p.)

Onde a marca recai sobre pessoas que existem em determinados corpos com suas cores e são perseguidas a partir da tradução inferiorizante que esses têm, pela leitura tradutória das pessoas que não fazem parte desse grupo, o negro. Porém, acredito que seja possível que pessoas que se autodeclarem brancas também possam não o ser, mas se declararem com tal para fugir da discriminação racial pelos recursos de embranquecimento, bem como pela percepção equivocada que possam ter de si mesmas ou pela falta de aceitação devido ao racismo estrutural.

Visto que a pesquisa do IBGE no quesito raça/cor é preenchida pelas/os pesquisadoras/es por critério da autodeclaração, ou seja, a compreensão de cada pessoa de como ela é, sua afirmação racial e sua cor estão relacionadas a como ela se compreende e se afirma no mundo ou se percebe ou deseja ser pertencida. Em 2019, 46,8% de população branca, 56,2% de população negra, 1,1% de população identificada como indígenas ou amarela, e o que

O IBGE pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração. Ou seja, as pessoas são perguntadas sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. (IBGE, 2018, s.p.)

Diante desses fatores e dados que se modificam a cada ano, temos a possibilidade de sermos um país muito mais negro do que imaginamos e seguimos sendo um território altamente racializado, racista e desigual devido ao culto da falsa ideia de raça no imaginário

social, pela presença constante da prática racismo estrutural antinegro que somente piora. Prática que marginaliza e exclui a maior parte de sua população, que sequer tem representações de suas culturas e imagem representada com dignidade e a devida equidade diante de nossas desigualdades abissais em diversos âmbitos da sociedade, nos espaços.

As populações têm suas características físicas marcadas e estigmatizadas, movidas pelos diversos racismos instalados em nosso país. Em Santa Catarina somos 15,5% da população (IBGE, 2010, s.p.), e não constatamos nossa presença nos espaços sociais mais diversos.

Por que existem tantos espaços brancos?<sup>90</sup>

Considerado um dos estados mais racistas do Brasil, Santa Catarina, em 19/11/2019, teve publicada uma matéria alarmante referente ao dia da Consciência Negra e trouxe informações que as populações negras não gostaram de ver. A alta discriminação no Estado constatada com a matéria de título Registros de Injúria Racial aumentam mais de 200% em Santa Catarina, mostrou dados de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. A discriminação e o crescimento de um ano para outro das injúrias raciais, que passaram de 337 para 1.060 casos registrados e

Em todo o Brasil, a variação foi menor. O número passou de 6.195 em 2017 para 7.616 no ano passado, um aumento de 20%. As regiões Sul e Sudeste estão no topo da lista dos Estados brasileiros com mais registros de casos de injúria. Para a coordenadora do Movimento Negro Unificado (MNU) e professora da educação quilombola, Maria de Lourdes Mina, os dados têm relação com a imigração europeia. — Está relacionado com a formação dos Estados. Santa Catarina é um dos mais racistas, e tem uma concepção eurocêntrica. Pra mudar isso é preciso ter uma política séria de reparações. Reparações por todo o sofrimento, todos os assassinatos da população negra. Se você se debruça na história de como foi a perversidade no período da escravidão vai entender que o Estado deve essa política de reparações. É o acesso a educação de qualidade, a moradia adequada, entre outros, que mudará esse cenário(CATARINENSE, 2019, s.p.).

O Coletivo Kurima, estudantes Negras e Negros da UFSC, agora Coletivo Kurima Digital, foi criado em 2011 por uma maioria de estudantes negras e negros da Universidade Federal de Santa Catarina, principalmente para conseguirem permanecer estudando, aprender a lidar, enfrentar e coibir o epistemicídio e o racismo institucionais para permanecerem na

---

<sup>90</sup>Sobre "espaços brancos" ao definir clivagens sociais e uma hierarquização do indivíduos e grupos por suas pertencas raciais, se expressa na constituição de "lugares"(nos sentidos espacial e social) onde a presença dos desfavorecidos será majoritária (lugares de pobreza e de subalternidade) e lugares onde sua presença é minoritária (lugares de riqueza, de poder e de saber socialmente legitimado) (Santos, 2007). As atribuições subjetivas são influenciadas por princípios valorativos e, na forma prática desta clivagem, vemos pelas hierarquias quem "pode" estar em cada um destes lugares conformados pelo racismo (Lima, 2017).

universidade com maior garantia dos direitos estudantis, continuamente violados pela estrutura e cultura acadêmica eurocentrada. O Coletivo se distingue e identifica pelo protagonismo negro onde as cenas das questões negras são pautas significativas de suas ações, com espaço para todas as que se façam necessárias. Já A Kurima Bantu Mulheres MUDEMPORIRO - Mulheres em Movimento e Desenvolvimento por Direitos para Ombembwá (Paz) se constituiu enquanto um movimento de mulheres de origens africanas, estudantes, egressas e das comunidades sociais regionais, nacionais e internacionais identificadas e afirmadas politicamente como afrodiáporicas e/ou negras. Essas que, em maioria, são empoderadas ou caminham para que lhes possibilitem a conquista de seu empoderamento feminino e o respeito aos seus direitos. Se reúnem para se ajudar na construção do bem-estar material e espiritual de cada uma. A igualdade de gênero e raça se destaca como objetivos maiores: lutam por uma sociedade livre de racismo, do sexismo e do patriarcado. Para tanto, se esforçam por preservar suas culturas e heranças ancestrais, identidades, profissões e pelo alcance de melhores condições de vida, com amor, dignidade, saúde, lazer, estudo, moradia, segurança e paz para elas, para suas filhas, filhos e famílias.

Figura 20 – Abertura da instalação-exposição Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros, na Biblioteca Universitária (BU)



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O Coletivo Kurima e a Kurima Bantu Mulheres Mudempudiro, ambas entidades independentes, atuam há uma década na universidade e na sociedade com os objetivos de investigar, agir, criar, produzir, estudar fomentar e refletir sobre as questões negras principalmente, criando espacialidades que tornam possíveis o crescimento pessoal intelectual e a ampliação das relações humanas na perspectiva dos povos de matrizes africanas.

A instalação-exposição<sup>91</sup> é interativa, com rodas de conversa e atividades culturais que discutem temas como corpo e corpo negro, identidade, raça, arte e cultura negras, história, relações étnico-raciais e raciais, representatividade, normatividade, racismo, branquitude e desconstrução de estereótipos. Nesse sentido, o Coletivo Kurima possibilitou materializar um desejo-sonho de possibilitar o cuidado e o autocuidado à comunidade negra da UFSC que tive quando criei o projeto e recebi autorização para desenvolvê-lo junto a membras/os interessadas/os ou sozinha com equipe própria.

Quando tive a ideia do ensaio fotográfico, nossos coletivos eram formados em boa parte de lideranças envolvidas em formações acadêmicas e/ou em atividades profissionais. Então, tive a consciência de que realizaria o projeto por meio do coletivo com a colaboração inicial de parte das/os membras/os com disponibilidade na época. Porém, eu teria que atuar praticamente sozinha, com algum apoio na realização quando possível, como nos desdobramentos do projeto que foi bem recebido, mas muitos não conseguiriam envolver-se.

Decidi, então, pela dedicação quase exclusiva ao projeto, levando-o como meu trabalho de arte e pesquisa, o que de fato se concretizou. Com apoio do coletivo e da entidade de mulheres, construímos uma comissão para as definições de nomes e ajustes na proposta inicial e, depois, segui na coordenação geral nas produções e nos desdobramentos do projeto. Diante disso, minha responsabilidade dobrou, ainda que com ampla liberdade como membra para levar o trabalho enquanto realizadora pelo coletivo, a construção pessoal e com nossa equipe da exposição, que se configurou mista de membras/os e de colaboradoras/es.

Tudo tem início com o ensaio fotográfico *A Beleza de Nossos Corpos Negros* feito em estúdio após meu ensaio fotográfico pessoal, hoje ampliado para *A Beleza de Nossos Corpos Negros*. Nesse momento não pensei na amplitude do projeto. Somente quando eu e Diana Souza, a fotógrafa, começamos a amadurecer a ideia de realizar a primeira etapa – a produção do ensaio fotográfico – foi que observei seu natural desdobramento na produção do material nas fotos digitais e impressas, assim como uma exposição para apresentação do resultado dessa etapa que eram os registros do ensaio (captação em imagem e vídeo), o documentário e o livro.

---

<sup>91</sup> *Instalação- Exposição - do Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros*". Ficha Técnica: Concepção, Curadoria e Coordenação Geral: Roberta Lira/ Fotografia: Diana Souza / Design Gráfico: Léo Rosa / Produção: Amanda Duarte, Ricardo Murdock e João Gomes. Realização: Kurima Bantu Mulheres Mudempodiro e Coletivo Kurima – Estudantes Negras e Negros da UFSC. Facebook: Coletivo Kurima Bantu, Dossiê Kurima, Instagram: Coletivo Kurima, Kurima Bantu Mulheres.



Muito rapidamente, em uma fração de segundo, fui visualizando os muitos desdobramentos que esse momento e sua especificidade poderiam produzir. E que eu desejaria que o projeto se estendesse da e para a comunidade negra global do planeta Terra que, por diferentes formas, poderiam acessar esse livro de existências negras captadas pela arte fotográfica das lentes preciosas de Diana Souza.

Foi muito satisfatório e desafiador somar funções pela necessidade de viabilizar o projeto e, para além de criar e fazer a coordenação geral, encarar a curadoria e a produção de nossa primeira instalação-exposição. Foi intenso, um termo técnico de acúmulo da supermulher, pois a equipe muito empenhada que possibilitou a produção do ensaio era composta por uma maioria de mulheres negras: uma criadora, produtora e coordenadora geral, uma fotógrafa, uma produtora, uma captadora de imagens, estudante de cinema, uma estudante de artes cênicas, assistente de produção, mais duas assistentes de produção de projeto de arte negra, duas jovens brancas captadoras de imagens, estudantes de cinema e dois homens negros assistentes de produção. Fora a articulação com funcionárias/os do MARquE Museu, da UFSC.

A equipe esteve concentrada para o ensaio fotográfico naquelas primeiras semanas de outubro de 2015, em maior número nos três dias de ensaios com as/os modelos participantes. Todo esse trabalho harmônico que aconteceu foi um axé e um guzo muito especial que todas as pessoas sentiram naquele ambiente muito bem movimentado, e que possibilitou que acontecesse o *cuidado* que eu desejava transmitir as/aos participantes. Oferecemos a construção materializada de uma agradável recepção de estúdio de fotográfico, uma parte adaptada do MARquE Museu. Dentro do museu, somada às saudações de forte energias de axé, que se concentrava naquele lugar que preparamos energeticamente. Foi mais do que eu esperava e era uma concentração de pessoas negras muito significativa e agradável no espaço, a proposta emanava renovadora e salutar construções. Eu sentia o lugar e a energia das pessoas pulsando, quando falavam do projeto.

A criação do ensaio, seu processo, o elencar de diferentes momentos posteriores já na fase das exposições para discorrer em teorias negras e afrodiáspóricas, desfechou em seguirmos num inesgotável laboratório real, criativo e ativo, específico. Em nossa diáspora afro-brasileira, as pessoas negras são/estão em ambientes tradutórios de um mundo paralelo, em que a condição afrodiáspórica nos coloca em um conflito subjetivo e psicológico muitas vezes nem compreendido, diante das práticas performáticas cotidianas da cultura de raça e

principalmente ante as invertidas das performances culturais cotidianas da branquitude, que não tem limites e parada.

Preferem tentar proteger “propriedades legítimas”, “territórios” e privilégios “inquestionáveis” a compartilharem a possibilidade de construir uma real civilização de fato. Vivemos em um Brasil bélico que exclui por critérios raciais e suas interseccionalidades, que rouba, mata e conduz povos negros e indígenas à morte ou ao crime por prática histórica viciada. Essa cultura não é “civilizada”, é apenas falsamente normal e cordial. É uma cultura sem diferenças que pense, respeitem e construam sociedades para a coletividade com igualdade e sem concentração de poder e recursos para menos de dez pessoas em um país. Pensando nisso, Nós, povos negros, ocupamos os espaços contra o caos.

Figura 21 – Momentos das performances de abertura com a comunidade social e universitária



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Os dispositivos artísticos de “A Beleza de Nossos Corpos Negros” vêm conduzir o enfrentamento. No contexto do ensaio fotográfico, as pessoas negras mostravam o quanto estavam felizes, satisfeitas, contentes e alegres por aquela ação existir e por participarem. Suas imagens eram translúcidas. A exposição foi algo mais complexo, com mais contratempos, pois envolvia detalhes técnicos com os quais eu não esperava me deparar.

Um deles, após o ensaio, foi a impressão das imagens que não foram reveladas, mas impressas. Essas impressões em suas dinâmicas técnicas têm semelhantes questões relacionadas às atribuídas a coloração das fotográfica que observamos inicialmente no Primeiro Ato Performático na tradução sobre a poesia e imagem “Linda no Retrato”. Os problemas encontrados nas revelações de 1995, com maquinários da KODAK para revelações

fotográficas, também ocorreram conosco em 2015 na regulagem das sofisticadas máquinas de impressão de imagens coloridas, que não estavam reguladas para imagens de pessoas negras. Como o rapaz da gráfica falou, depois de muitas conversas "delicadas", pois inicialmente a ideia era imprimir e aceitar o que sair, atribuindo os problemas à fotógrafa, o que não era a realidade e não era justo. Conseguimos entender ao final que as regulagens para as imagens de pessoas negras, não comuns em impressões em quantidade na empresa, precisava ser alterada, pois a máquina estava regulada para pessoas brancas. Assim, o técnico que aqui chamarei "Wilson" (ficticiamente), para manter seu anonimato, nos informou sobre essas questões mais específicas e regulou as máquinas como necessitávamos, pois isso geralmente não poderia acontecer, orientou. Dessa forma, durante a impressão das imagens, passamos por momentos delicados com a equipe técnica de empresa externa, ante as tensas negociações que tiveram que existir para que um ensaio fotográfico de belezas negras não se transformasse em uma obra grotesca e frustrante diante das limitações e precariedades técnicas e a presença do racismo nas tecnologias.

Figura 22 Cartão de Shirley – Racismo nas artes visuais pela fotografia



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O fundamento do cartão de Shirley é "claro". Uma produção tecnológica feita para favorecer consumidoras/es de peles claras, ou seja, possibilitar que as imagens com pessoas brancas ou clara, tivessem suas imagens fotográficas bem definidas na finalização das revelações, impressões. O material técnico específicos para as nuances de cores que vão favorecer a conformação destas imagens. Às demais não brancas e negras que tinham suas imagens sem o favorecimento dos tons magenta e adequados para peles escuras, os vermelhos, nas calibragem das máquinas, tiveram suas imagens distorcidas, ou seja, não atingindo bons resultados em colorações e em aspecto físico de suas representações nas imagens. O cartão de Shirley, da KODAK criado ou não visando somente lucros – para o público que mais

consumia na desde o lançamento, nos EUA (ROTH, 2016, s.p.)-, veio trabalhar e disponibilizar uma tecnologia em consonância com o racismo. Pois, não atendia aos demais grupos humanos em diversidades de colorações, com ato discriminatório em equipamento e reculagem destes. Principalmente quando usuários dos demais grupo o consumia. Com posteriores alteram. Uma forma da presença do racismo se institucionalizado, observamos junto à equipe técnica das gráficas, assim como antes com a fotógrafa, discutimos sobre a constituição das câmeras, as regulagem para as cores escuras, assim como para as impressões coloridas, pois foram questões e tensões, descobertas e negociações do processo das impressões, no pós-ensaio fotográfico negro, da maior universidade de Santa Catarina.

Em 2015 o projeto exigiu produção interdisciplinar e multidisciplinar, envolvendo uma rede de parcerias. Formada por uma equipe profissional e acadêmica de uma maioria de pessoas negras, reuniu **47 modelos negros/os da comunidade universitária** da UFSC e **10 pessoas** em uma **equipe técnica especializada com recorte de gênero**, com **uma maioria de mulheres negras**. Em **produção acadêmica e extensionista** dentro do campus que veio beneficiar e dar visibilidade à comunidade negra foi de extrema importância, pois Santa Catarina que tem o marco histórico de maior registro de injúrias raciais do Brasil que **soma 15 ataques racistas para cada 100 mil habitantes** (CATARINENSE, 2019, s.p.)<sup>92</sup>. Considerado ser o Estado onde os ataques racistas mais crescem no país. O aumento dos **registros de 2018, equivalem a um aumento de 211% casos em relação a 2017, segundo os registros**. Se faz notável como posicionamentos políticos e opiniões de pessoas influentes, mobilizam a coletividade para suas propostas saudáveis e nocivas. Desde 2018, após a configuração nacional que se organizou no Brasil pelas eleições, nos entregando a um desgoverno, o senso de liberdade de práticas opressivas e da violência crescente nacional, mas delas destaquei o racismo, tema desta pesquisa, como os números de nosso Estado, pelas manifestações de pessoas racistas. Com alterações culturais, pelo aumento verbalizações, que tendiam a serem mais veladas, não-ditas e silenciosas. Com o atual desgoverno é notável que pessoas reacionárias, dentre elas as racistas, se sentiram apoiadas em suas práticas atrasadas, como em seus crimes, como ocorre nas manifestações e ataques de ódio racial na atualidade no Estado e país. Pois, se o desgoverno o faz, manifestando diversas formas de ódio e o seu

---

<sup>92</sup> 2019 – Maior número de registros de injúria racial do Brasil. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/registros-de-injuria-racial-aumentam-mais-de-200-em-santa-catarina> .

racismo em diversas formas, agora pela negação do seu racismo, a notória negacionista. Possibilitou-nos **mostrar a importância de nosso orgulho** e posicionamento, naturalizando nossas presenças nos espaços que nos rejeitaram cotidianamente, a Nós, cidadãos/ãos deste país, que devemos ser respeitadas/os. E este trabalho **traduz nossas potências transcriativas afros de herança** ancestral da travessia diáspórica (MARTINS, 2020, s.p), **inscrita em nossas corporeidades, como por nossas produções artísticas de mobilizada ressignificação estética reumanizante positiva de Nós**. Afetamos por e com as imagens campos tradutórios visuais e do imagético coletivo das comunidades universitárias e sociais negras e não negras.

#### 4.1 PERSPECTIVAS DE AUTOCUIDADO, PROTEÇÃO E LUGAR SEGURO: POTÊNCIAS EM TRANSCRIÇÕES DIANTE DO CAOS

Figura 23 – Rafael S., acadêmico de Arquivologia



Fonte: Diana Souza/Acervo pessoal.

Achei esse trabalho muito bonito, e mais que isso, um trabalho muito importante sobre esse processo de empoderamento pelo qual a pessoa preta, invariavelmente, precisa passar. A fragilidade do subjetivo da pessoa preta é algo que foi construído socialmente de uma forma em que a gente perde as referências de mundo. Não se vê enquanto professor universitário, não se vê nas propagandas da tv ou as que a gente passa e vê na rua. E isso de certa forma desestrutura a nossa concepção de identidade, ou então quando eu coloco um turbante e me proponho a participar de um ensaio fotográfico com essa temática, é justamente essa identidade que eu to retomando, a identidade que "evoca a ideia de ser, e de pertencer" e acho que principalmente essa

ideia de empoderamento que fica depois de um ensaio fotográfico como esse. Acho que muitos dos participantes nunca foram fotografados, e eu não me assusto nesse sentido, e não é pela ausência da beleza do corpo negro, você sabe que tudo isso é parte de um processo de reprodução de uma ideologia branca, de uma identidade branca, então essa ideia totalmente subversiva que não poderia ser chamada por um coletivo que não fosse um coletivo negro, que trata essa temática da arte como um todo, eu acho que não faria tanto sentido. Tem a problemática, de quando eu vi o nome, me remeteu a ideia da hiperssexualização, a beleza dos corpos negros, e esse é um debate muito recorrente dentro do movimento negro, e a gente tem que tomar cuidado já que essa é uma questão bem individual e devemos tomar cuidado pra que isso não fortaleça ainda mais a nossa falta, ausência de referências. Eu acho que o negro é lindo, o corpo do negro de fato é lindo, e o problema é do branco pela nossa hiperssexualização, e a gente tem que fazer isso com cuidado pra não deslegitimar ainda mais a beleza do negro. Então eu de fato acredito na beleza do negro, de fato acredito na beleza do corpo negro, e não como ferramenta de hiperssexualização, mas como ideia de identidade, como falei no começo do vídeo, a ideia de "ser e pertencer".(Rafael S., em 2015 era acadêmico de Arquivologia, membro do Coletivo 4P)<sup>93</sup>

O motivo do ensaio fotográfico foi possibilitar *cuidado* e autoamor em quem sofre como a violência racial. Porém, o ensaio se desdobrou de tantas formas que o cuidado acompanhou também outras atividades, que se agregaram e foram realizadas conjuntamente com as propostas ou mostras das exposições-instalações, em circulação desde 2015, como o caso das oficinas sobre estética negra, cantos afros e cultura ancestral do Intercâmbio Brasil/Peru de Mulheres Negras[...] (2017), a oficina sobre cabelos e roda de conversa que aconteceu no 11º Fazendo Gênero e 13º Mundo de Mulheres (2017).

Traduzindo estas nossas *performances da negritude*, em um dos aspectos de importância do Ensaio Fotográfico *A Beleza de Nossos Corpos Negros* e seus desdobramentos é ele fazer parte de nossas *tecnologias de (re)existência*, como tenho qualificado os *Cantos Negros: tecnologias de (re)existência*<sup>94</sup> (desde 2014), o que observei ocorrer igualmente com as nossas “imagens”, *nossos próprios corpos* em imagem visual ou viva (real) são nossas tecnologias de (re) existência pela imagem de Nós reumanizada. Ela é compreendida por inteiro, enquanto potência natural e vital da natureza. Nos fortalecemos a partir de nossas presenças reais ou imagéticas reumanizadas, não mais distorcidas pelos construtos desumanos temporários coloniais e sexistas.

Nossas presenças foram reumanizadas pelas “imagens fotográficas e reais” de Nós, neste caso pela face artística e principalmente, pelas artes visuais e o contato natural em

---

<sup>93</sup> Rafael S. – Relato realizado no dia do “Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros” em 2015, parte dos materiais produzidos para os demais desdobramentos do Projeto Dossiê Kurima: Estética Negra. Relato autorizado nos trabalhos referentes ao dossiê e trabalhos da autora. Parte do acervo pessoal da autora.

<sup>94</sup> Sobre os Cantos Negros:tecnologias de (re) existências

presença viva, pelas diversidades e questão cultural que ela pode gerar uma/esta/a identificação. Racismo é agente inibidor de nossas imagens e dela faz uma distorção, dismantelar as construções racistas e coloniais e as ausências de nossas representações nos espaços sociais e indústria cultural, principalmente, é necessário. Possibilitando a visibilidade reumanizada, positivada de corpos negros nas artes e na vida real. Nós, pessoas negras, fomos reumanizadas por Nós mesmas. O reconhecimento e identificação de si mesmo na outra pessoa negra aconteceu pela observação da nossa presença, recuperando a imagem pela identificação de Nós (NASCIMENTO, 1989, s.p.). Este trabalho artístico das artes visuais, potencializa e possibilita nossas imagens ao natural, que traduzem a reumanização de nossos corpos.

Por possibilitarem nossa visualização e (re)conhecimentos, como a identificação de Nós mesmas/os nos espaços, as fotografias foram expostas em instalações, mostras ou exposições. Elas possibilitaram a recuperação imagética de nossas imagens e nossas identificações, o que ensaio fotográficos tem possibilitado a pessoas negras. Na década de 1970, quem explicitou o poder da recuperação de nossas imagens apagada foi a historiadora quilombola Beatriz Nascimento (1942 – 1995). Natural de Aracaju, Sergipe, ela foi uma importante intelectual afrobrasileira, professora, historiadora, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres.

Os importantes resultados desta produção geraram possibilidades, e por elas conceituo a *Tradução de Recuperação Afroimagética*, o que considero uma outra tecnologia afro, que traduz um processo de linguagem visual, ontológico e cultural principalmente que se soma à área dos Estudos da Tradução e das Artes por face de cura das humanidades negras em corpo e alma, que é um dos caminhos procurados nesta pesquisa.

A presença das imagens negras nos espaços de exposição tem sentido e impactos diversos para as pessoas negras. Em parcelas significativas do público, provocou-se a identificação do que vem sendo ocultado: as imagens frequentes diversas e positivadas de pessoas negras na universidade e sociedade. Se observa historicamente um apagamento das imagens de pessoas negras em decorrência do racismo, o que nos matava existencialmente.

Ao observar os resultados deste trabalho de artes visuais por meio da fotografias do ensaio fotográfico de *A Beleza de Nossos Corpos Negros*, tive a possibilidade de observar todo o processo de produção como das exposições que atuei e estive presente, inclusive com intervenções com o público que me expressava suas impressões, emoções, opiniões,

sugestões, pedidos. Pude analisar como essas produções artísticas puderam traduzir como resultados de ativamento de reorganizações ontológicas, corporais coletivas e individuais.

O apagamento das imagens dos espaços e/ou suas estigmatizações substituídas pelas presenças das imagens e identificações positivadas de si e da coletividade provoca o ativamento de fortalecimentos, afirmações afro-negras e curas. Todas estas alterações nas subjetividades das pessoas negras caminham para o trabalho de potencialização do autoamor, para um futuro amor coletivo.

Estes processos transformadores acionados pelas/nas artes sensibilizam mais facilmente as pessoas afetadas pelas obras artísticas, que vem funcionando como dispositivos de cura, autocura, de antirracismo e descolonização diversa.

O “*Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros*” e seus desdobramentos se qualifica enquanto um dispositivo artístico onde a arte é meio e obra descolonizante antirracista de alta importância. Enquanto dispositivo, dispara e aciona, trata de processos subjetivos das pessoas das comunidades universitárias e sociais onde esteve. Possibilitando assim o acionamento tradutório ressignificante das populações de origens africanas no mundo dentro da universidade e nos espaços sociais brasileiros e internacionais.

Traduzindo estas nossas performances da negritude, em um dos aspectos de importância do Ensaio Fotográfico A Beleza de Nossos Corpos Negros e seus desdobramentos é ele fazer parte de nossas tecnologias de (re)existência, como tenho qualificado os Cantos Negros: tecnologias de (re)existência (desde 2014), o que observei ocorrer igualmente com as nossas “imagens”, nossos próprios corpos em imagem visual ou viva (real) são nossas tecnologias de (re) existência pela imagem de Nós reumanizada. Onde ela é compreendida por inteiro, enquanto potência natural e vital da natureza. Nos fortalecemos a partir de nossas presenças reais ou imagéticas reumanizadas, não mais distorcidas pelos construtos desumanos temporários coloniais e sexistas. Contatos de nossas imagens ao mais natural de nós, pela identificação, pelo se ver e se identificar.

Presenças reumanizadas pelas “imagens fotográficas e reais” de Nós, neste caso pela face artística e principalmente, pelas artes visuais e o contato natural em presença viva, pelas diversidades e questão cultural que ela pode gerar uma/esta/a identificação. Racismo é agente inibidor de nossas imagens e dela faz uma distorção, dismantelar as construções racistas e coloniais e as ausências de nossas representações nos espaços sociais e indústria cultural principalmente, é necessário. Possibilitando a visibilidade reumanizada, positivada de corpos



negros nas artes e na vida real. Nós, pessoas negras reumanizadas, por Nós mesmas. O reconhecimento e identificação de si mesmas, na outra pessoa negra, pela observação da nossa presença, recuperar a imagem pela identificação de Nós (NASCIMENTO, 1989, s.p.). Este trabalho artístico das artes visuais, potencializa e possibilita nossas imagens ao natural que traduzem a reumanização de nossos corpos.

Por possibilitarem nossa visualização e (re)conhecimentos, como a identificação de Nós mesmas/os nos espaços onde as fotografias foram expostas em instalações, mostras ou exposições. Elas possibilitaram a recuperação imagética de nossas imagens e nossas identificações, o que ensaio fotográficos tem possibilitado com pessoas negras, na década dos anos 70 explicitou o poder da recuperação de nossas imagens apagada a historiadora quilombola Beatriz Nascimento (1942 – 1995). Natural de Aracaju, Sergipe, ela foi uma importante intelectual afrobrasileira, professora, historiadora, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres.

Os importantes resultados desta produção geraram possibilidades e por elas conceituo como Tradução de Recuperação Afroimagética o que considero uma outra tecnologia afro, que traduz um processo de linguagem visual, ontológico e cultural principalmente que se soma à área dos Estudos da Tradução e das Arte, por face de cura das humanidades negras em corpo e alma, que é um dos caminhos procurados neste pesquisa.

As presenças das imagens negras nos espaços de exposição têm um sentido e impactos diversos para as pessoas negras, onde em parcelas significativas do público provocou a identificação do que vem sendo ocultado: as imagem freqüentes diversas e positivadas de pessoas negras na universidade e sociedade, o que se observa historicamente um apagamento das imagens de pessoas negras em decorrência do racismo (NASCIMENTO, 1989, s.p.). O que nos matava existencialmente.

Ao observar os resultados deste trabalho de artes visuais, por meio da fotografias do ensaio fotográfico de A Beleza de Nossos Corpos Negros, tive a possibilidade de pelas observações durante todo o processo de produção como das exposições que atuei e estive presente em inclusive com intervenções com o público que me expressava suas impressões, emoções, opiniões, sugestões, pedidos, pude analisar como estas produções artísticas puderam traduzir como resultados de ativamento da reorganizações ontológicas, corporais coletivas e individuais. Estas ocorreram de diferentes maneiras, nas pessoas que as acessam dos diferentes grupos raciais e étnico-raciais e nos espaços que elas passaram com as presenças

negras, geralmente atípicas em quantidade de imagens e públicos das instalações, exposições, mostras, oficinas.

O apagamento das imagens dos espaços e/ou suas estigmatizações substituídas pelas presenças das imagens e identificações positivadas de si e da coletividade provoca o ativamento de fortalecimentos, afirmações afro-negras e curas principalmente e, todas estas alterações nas subjetividades das pessoas negras caminham para o trabalho de potencialização do autoamor, para um futuro amor coletivo.

Estes processos transformadores acionados pelas/nas artes sensibilizam mais facilmente as pessoas afetadas pelas obras artísticas, que vêm funcionando como dispositivos de cura, autocura, de antirracismo e descolonização diversa.

O “Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros” e seus desdobramentos se qualifica enquanto um dispositivo artístico onde a arte é meio e obra descolonizante e antirracista de alta importância. Porque enquanto dispositivo dispara e aciona trata de processos subjetivos das pessoas das comunidades universitárias e sociais onde esteve. Possibilitando o acionamento tradutórios ressignificante das populações de origens africanas no mundo dentro da universidade e nos espaços sócias brasileiros e internacionais que esteve afetando pessoas dos mais diversos grupos raciais, étnico-raciais e culturas. um processo tradutório de ampla ressignificação social dos povos negras na universidade, onde a transcrição negras da qual nos utilizamos para produzi-la, para além da arte.

#### **4.1.1 A RECUPERAÇÃO AFROIMAGÉTICA I**

Figura 24– Denise S., Personal Trainer, Formada em Educação Física (UFSC)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Eu acho importante porque é a comunidade universitária, então é pra que a gente se encontre, pra que a gente se veja mesmo, e pra que a gente se reconheça. (Denise S., Personal Trainer Educação Física, ensaio fotográfico ABNCN, 2015)

A Recuperação Afroimagética vem a ser a proposta que chamei de recuperação das imagens e das imagéticas humanas, nesta pesquisa especificamente das pessoas afros, negras que tem suas imagens distorcidas e desumanizadas por sistemas estigmatizantes e colônias históricas. Com base nas pesquisas que trarei a seguir sobre os prejuízos históricos e os danos que a racialização, promoveu sob estes grupos humanos, com as falsas construções no campo das e sobre nossas imagens (visual), no e sobre o imagético (mental) deste grupo pelos estereótipos (TAVARES, 2020). A recuperação afroimagética parte de produções, processo, obras artísticas e culturais que visem pelas imagens afros positivadas em diferentes linguagens, assim como fizemos com nossa instalação-exposição valorizaras desconstruções, promovendo a alteração das distorções feitas nas/sobre nossas as imagens (visual) e nas/sobre as imagéticas (mental) afros em sua diversidade. O que pode ser aplicado a outros grupos que foram marginalizadas e tiveram suas imagens distorcidas.

A partir de nossa valorização corpórea promovemos a recuperação de nossas imagens, o que estou chamando de recuperação afroimagética, por meio das artes, como muitas e muitos artistas buscam valorizar nossas estéticas corporais das imagens afros negras. Afetadas amplamente física, moral e intelectualmente, justamente onde a falsa ideia de raça nos afetou e por estes aspectos nós atrelou às falsas heranças biológicas inferiorizantes (MUNANGA, 2004, s.p.).

Desta maneira, pela recuperação das imagens e das imagéticas de povos marginalizados pela racialização, estigmatização, dentre outras, como para os povos afros recuperarem imagens e afroimagéticas, podemos pensar a arte como dispositivo descolonial e antirracista intencional para possibilitar e viabilizar a positividade destas imagens e imagética. Onde a arte é obra são dispositivos descolonizante antirracista, pois as mesmas decodificam estas distorções pelas novas perspectivas das/sobre as imagéticas e das/sobre as imagem produzidas por meio de diversas linguagens artísticas.

A recuperação afroimagética pode ser realizada como coloquei por meio das produções, processos, obras, dentre outras do gênero criativo que intencionalmente visem recuperar a positividade das nossas imagens humanas das/sobres as imagens e das/sobre/ as imagéticas que podem estar presentes nas artes: visuais, audiovisuais, da cena, dentre outras.

#### **4.1.2 A TRADUÇÃO DA RECUPERAÇÃO AFROIMAGÉTICA II**

A Tradução Afroimagética que aqui apresento emerge da recuperação afroimagética feita pela produção artística, performática das Instalações-Exposições de *A Beleza de Nossos Corpos Negros*. Ela carrega a presença desta minha proposta tradutória para este tipo artes como dispositivo descolonizante antirracista que acontece pela **recuperação afroimagética**. A tradução segue a partir dos resultados iniciais que as pessoas envolvidas e o meio registram, transmitem é possível acessar elementos que permitam realizar a tradução dos processos desta recuperação

*A tradução da recuperação afroimagética* pensada para produções artísticas. Vem traduzir os resultados da recuperação afroimagética ou imagética que culmina nos processos progressivos de reumanização do grupo afro ou envolvido que participou, foi atingido, afetado pela recuperação. Os resultado destes processos estão atrelados, vinculados aos seus efeitos, como aos demais resultados progressivos desta afetação pela positividade da imagem e do imagético por meio de recuperação afroimagética ou imagética. Esta realizada por uma

produção artística ou cultural, processo, obra ou outras que produzam as decodificações necessárias de positavações das/sobre as imagem e das/sobre as imagéticas das pessoas afros.

### **Quanto aos elementos e aspectos da Tradução da Recuperação Afroimagética**

Podemos pensar nela também como um outro dispositivo processual descolonial antirracista, pois pela traduz afrodiaporicamente os resultados iniciais e dos processos subseqüentes, produz novos elementos descolonizantes como as falas da pessoas participantes, afetadas e vinculadas a produção artística. Um dispositivo de arte de recuperação da imagem e imagética, como da afroimagética possibilita pela *Instalação-Exposição Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros* a ampliação de consciências pelo fortalecimento destas antes as opressões raciais, que podemos fazer de suas falas. O impacto do ensaio para a estudante Denise. S., que é personal trainer , em 2015, cursava Educação Física, na UFSC, em sua fala sobre sua participar no ensaio fotográfico em 2015, a jovem da figura 24:

#### ***Traduzindo a Recuperação Afroimagética***

**Eu acho importante porque é a comunidade universitária, então é pra que a gente se encontre, pra que a gente se veja mesmo, e pra que a gente se reconheça.** (Denise S., Personal Trainer, 2015) Em tradução afrodiaporica e cultural e raça pensando no contexto que estudantes negras e negros vivem em sociedade e logo em universidade estruturada pelo racismo quando Denise S. que é capoeirista, mulher, estuda educação física e se coloca empoderada e pertencente a universidade como tras este pertencimento, constantemente negado as estudantes negras/os, na parte de sua frase “eu acho importante porque **“é a comunidade universitária”**”, ela se refere as pessoas negras como sendo pertencenets e sendo a “comunidade universitária”.

Somos Nós nos reunindo em nos mostrando. E reforça: **“então é para que a gente se encontre”** pois, traduz a ciência de que somos poucas/os e não entamos em toda a parte, mas que com a existência de espaços como este, negros onde nos entendemos culturalmente( e estes são aspectos das culturas de raça forçados em existir devido à colonilidade), que nos esforcemos e nos encontremos, para nos fortalecer, pois vivemos em constexto de racismo e entre poucos, esta parte contém muitas informações. Neste trecho ela trás algo que é a base da recuperação afroimagética **“é pra que a gente se veja”**: o (re) conhecimento que vamos ter

de nossas próprias imagens, pois ali onde somente vemos pessoas brancas, temos relações sociais, porém convivemos com a presença do racismo que parte deste grupo humano, Como ficamos onde somos oprimidas/os pelo racismo que rejeita nossas imagens e as distorce e nos aoagam, nos vemos e os reconhecemos é fator revigorante, nutrido e fortalecedor. Neste trecho a muitas outras questões que podem estar presentes sobre o contexto universitário e juntei os dois, é para que a gente se veja e pra que a gente se reconhecendo não nos perdemos de nós **“pra que a gente se reconheça”**.

**Ela** Mostra um pertencimento ainda maior, ela que lida com a resistência pela capoeira na universidade, estar em um espaço que transmita empoderamento, pertença e um certo poder empodera e fortalece. Pelo reconhecimento de uma pessoa negra na outra, recuperamos nossas identidades é o que Beatriz Nascimento também diz no filme “Ori” e artigo com ela esta nossa recuperação afroimágética, como a minha perspectiva desde o início do projeto, de nos vemos para nos identificarmos e reconhecemos. Nos reumanizando. A imagem de Denise e seu relato são o resultado inicial do processo da recuperação afroimágética do *Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos*, enquanto dispositivos descolonizante e antirracista em **recuperação afroimágética e sua tradução**. A sua tradução que possibilitou a **análise e tradutória da recuperação afroimágética** que emerge da recuperação pelos processos de: afetações, fortalecimento, empoderamento, vínculo, pertencimento, senso de reconhecimento da produção que participou, Gerou seu relato, análise tradutória do seu relato, conteúdos, reflexões .

Podemos pensar nela também como um outro dispositivo processual descolonial antirracista, pois pela traduz afrodiasporicamente os resultados iniciais e dos processos subsequentes, produz novos elementos descolonizantes como as falas das pessoas participantes, afetadas e vinculadas a produção artística. Um dispositivo de arte de recuperação da imagem e imágética, como da afroimágética possibilita pela *Instalação-Exposição Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros* a ampliação de consciências pelo fortalecimento destas antes as opressões raciais, que podemos fazer de suas falas. O impacto do ensaio para a estudante Denise. S., que é personal trainer , em 2015, cursava Educação Física, na UFSC, em sua fala sobre sua participar no ensaio fotográfico em 2015, a jovem da figura 24:

Traduzindo a Recuperação Afroimágética

**Eu acho importante porque é a comunidade universitária, então é pra que a gente se encontre, pra que a gente se veja mesmo, e pra que a gente se reconheça.**  
(Denise S., Personal Trainer,)

Em tradução afrodiaspórica e cultural e raça pensando no contexto que estudantes negras e negros vivem em sociedade e logo em universidade estruturada pelo racismo quando Denise S. que é capoeirista, mulher, estuda educação física e se coloca empoderada e pertencente a universidade como tras este pertencimento, constantemente negado as estudantes negras/os, na parte de sua frase “eu acho importante porque **“é a comunidade universitária”**”, ela se refere as pessoas negras como sendo pertencenets e sendo a “comunidade universitária”.

Somos Nós nos reunindo em nos mostrando. E reforça: **“então é para que a gente se encontre”** pois, traduz a ciência de que somos poucas/os e não entamos em toda a parte, mas que com a existência de espaços como este, negros onde nos entendemos culturalmente( e estes são aspectos das culturas de raça forçados em existir devido à colonilidade), que nos esforcemos e nos encontremos, para nos fortalecer, pois vivemos em constexto de racismo e entre poucos, esta parte contém muitas informações. Neste trecho ela trás algo que é a base da recuperação afroimagética **“é pra que a gente se veja”**: o (re) conhecimento que vamos ter de nossas proprias imagens, pois ali onde somente vemos pessoas brancas, temos relações sociais, porém convivemos com a presença do racismo que parte deste grupo humano, Como ficamente onde somos oprimidas/os pelo racismo que rejeota nossas imagens e as distorce e nos aoagam, nos vermos e os reconhecemos é fator revigorante, nutrido e fortalecedor. Neste trecho a muitas outras questões que podem estar presentes sobre o conexto universiátio e juntei os dois, é para que a gente se veja e pra que a gente se reconhecendo não nos perdemos de nós **“pra que a gente se reconheça”**.

**Ela** Mostra um pertencimento ainda maior, ela que lida com a resistência pela capoeira na univerisidade, estar em um espaço que transmita empoderamento, pertença e um certo poder empodera e fortalece. Pelo pelo reconhecimento de uma pessoa negra na outra, recuperamos nossas identidades é o que Beatriz Nascimento também diz no filme “Ori” e articulo com ela esta nossa recuperação afroimágética, como a minha perspectiva desde o inicio do projeto, de nos vermos para nos identificarmos e reconhecemos. Nos reumanizando.

A imagem de Denise e seu relato são o resultado inicial do processo da recuperação afroimagética do *Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos*, enquanto dispositivos descolonizante e antirracista em **recuperação afroimagética e sua tradução**. A sua tradução que possibilitou a **análise e tradutória da recuperação afroimagética** que emerge da recuperação pelos processos de: afetações, fortalecimento, empoderamento, vínculo, pertencimento, senso de reconhecimento da produção que participou, Gerou seu relato, análise tradutória do seu relato, conteúdos, reflexões

Ela possibilitou a recuperação da imagética afro negra da comunidade universitária da UFSC e de outras comunidades que a acessaram.

Promove o início e/ou a continuidade de processos da reumanização presentes por proposta que visam a práxis descolonizante.

Assim denomino, chamo o que identifico como um tipo de mecanismos, dispositivo em arte pela potencia positivada que produzimos das imagem, como as criamos. Como é o caso do *ensaio fotográficos* e outros dispositivos que possibilitem e impulsionem estes processos de recuperação da imagem humana, neste caso específico, o da nossa imagem afro negra. Estes mecanismo tem aspectos :

1. Ação: Emerge da Recuperação Afroimagética da imagem um dispositivo de artes ( visuais, audiovisuais, artes da cena, outra, onde a arte é meio e obra) em que esta intencionalmente vem viabilizar e criar uma produção, processo, obra, dentre outros que promova a positivação reumanizante da/sobre a imagem e da/sobre a imagética das pessoas afros negras , possibilita a posterior tradução;

2. Das Tradução e possibilidades tradutórias: É realizada sobre a resultante da **recuperação afroimagética** e sobre o processo, que pode desencadear em outros processos conjuntos como Sua base são os resultados e os processo: Processo de Compreensão de Si mesmo em sociedade colonizada e racializada, do “eu” individual e coletivo (Consciência Negra), respeitabilidade (Moreira, 2020, s.p.), participar da natureza e da Criação. Da reconstrução e consciência corporal, da auto estima e autoamor, do pertencimento, do empoderamento, da espiritualidade, do espiritual de si e coletiva, de si e da coletividade reumanização, são muitas possibilidades;



3 . Produz e nutre a imagem reumanizada visibilizada e naturalizada humana afro, reumanizadas, ou seja, livre de estereótipos/ exotização/etc, dos ideais instituídos pelo racismo científico, e resultados reumanizantes;

4. É composto pela organicidade de relatos que sugem como parte do processo de recuperação da imagem; outros processos reumanizantes coletivos, individuais do grupo em questão ou importantes desdobramentos sociais ;

Foram obtidos importantes resultados subjetivos individuais coletivos e sociais da produção do ensaio que podemos ver alguns nesta pesquisa, como ocorreram em cada instalação-exposição fotográficas em circulação, mostra, oficinas, como de outras possibilidades resultantes sob povos racializados. Estes que tiveram suas imagens distorcidas, estereotipadas e marcadas, levam a outros resultado de processos contínuos e de reumanização. Houve a reumanização de grupos desumanizados pela violência colonial da escravização e genocídio e do racismo atual, grupos negros perseguidos pelas marcas colocadas simbolicamente sob seus corpos reumanizar a partir do corpo, num processos que chega à alma, ao espírito do ser.

Para possibilitar uma exploração maior de produções, resultados e processos em curso, elaborei algumas premissas que acredito e tenho visto se manifestarem nestes processos de artes políticas, articulados com afetações humanas e transcendências sociais, recuperando humanos desumanizados pelos estudos da tradução e em artes visuais. Assim, ao fim elaboro as *Recuperação da Imagem e Imagética, A Recuperação Afroimagética e a Tradução da Recuperação Afroimagética* visando contribuir com estes nossos processos de reumanização de Nós e dos demais grupos humanos violados.

O que não ocorre e tem efeito reverso, que desejam alerar, inúmeras/os artistas, as causas das alienação e todas a brutalidade do racismo e colianismo contemporneo na colonialidade (QUIJANO, 2005, 99-101). Pois, retiram a nossa humanidade o que TAVARES (2020) explica no campo representacional a ação da violência que dá sentido a nossa identificação tradutória do processo contrario para sua ampliação, pois

A alienação é esta engrenagem absolutamente relevante, permanente crucial, no campo representacional, mesmo quando a escravização física não existe. Existe esta escravidão mental alienação. Ou ele alerta portanto para um outro aspecto: A

violência foi o instrumento de aprisionamento das nossas mentes a esta condição alienante. Então portanto, ( essa é a palavra de Fanon), o colonizado ele não se libertará das engrenagens alienantes da escravidão mental se ele não se usar da própria ferramenta, da própria engrenagem criada pelo colonizador para sair dessa. Você não sai dessa condição da violência colonial sem usar da violência revolucionária, da ruptura com essa violência colonial. Para ele a violência pode ser aprisionadora mas pode ser libertadora, portanto o processo de ruptura com a situação colonial, seja ela física ou mental, ou ambas no caso ainda do universo que ele vai estudar profundamente, que é o universo da libertação. (TAVARES, 2020, s.p.)

Destas maneira, produzir dispositivos por meio de produções de protagonismo afros pretendem exaltar e reumanizar por meio de suas consciências negras, do orgulho de suas negritudes a partir de seus corpos, a restauração das imagens e a da imagética negra em ato político e subversivo insurgente (TAVARES, 2020, s.p), pretendendo que estas ações transcendam processos reumanizantes para as subjetividades destas vidas negras. O que podemos observar pelos desdobramentos de produções como o ensaio fotográfico que fizemos, e conforme TAVARES coloca

[...]é a violência simbólica, a violência de maior profundidade de maior enraizamento, é a violência da imposição da linguagem do colonizador sobre a linguagem do dominado, do escravizador sobre o escravizado. O primeiro objetivo é arrancar a língua. Arrancar o idioma desqualificando esse idioma e obrigando o subalterno aprender o idioma do colonizador. Agora língua não é somente a fala vocal. Você tem a fala gestual, você tem a fala imagética. (TAVARES, 2020, s.p.)

O início: a valorização das imagens dos corpos negros pelas propostas de quem conhece questões que mortificam e as que ressignificam, sintam bem estar, revivam, fortaleçam, motivem, transformem perspectivas e acima de tudo busquem, queiram, percebam, e persigam caminhos de reumanização, de bem que fortaleça o existir ante ao caos racial.

O corpo desumanizado pela alienação colonial psicopolítica branca (FANON, 2008) agora é fortalecido e potencializado, entra em processos diversos de (re)conhecimento de si. Acontecem processos ontológicos curativos de toda a origem, inícios, *continuums*. Isso enfrenta e subverte as normativas estabelecidas ao se ressignificar e não acatar ou deixar que se acomodem mais sobre si próprios, os normalizados e normativados das belezas brancas padronizadas e modificadas temporalmente e, acima de tudo, epidermicamente, ao menos no Brasil.

Essa prática tradutória segue recusando, rejeitando e questionando o embranquecimento imposto por diversos seguimentos também em arte e cultura que promovem esta distorção antinatural e a violência abissal promovida em caráter da desumanização. A percepção de si mesma/o está em se ter referenciais de outras/os seus

iguais para recuperar a sua identidade conforme Beatriz Nascimento propõe (1989, s.p.), pela imagem da outra pessoa negra pela identificação da corporeidade. Esta que é diversa, mas que continua sendo negra, afro de semelhante do mesmo grupo racial e/ou étnico-racial, das diferentes etnias que nos compõem. Devemos acessar nossas histórias, nas culturas e origens para se orgulhar de si sempre. Trata-se de reformular ideias e dissolver outras pelo exercício temporal que vai apagando as mentiras coloniais inventadas e escondidas do processo de reumanização do ser humano colonizado e violado pelo projeto colonial. Se ver, se olhar, se identificar e se amar, para ter paz no espírito, ter crença na vida, no mundo, ter força com amor por si, vontade de viver, sabendo que tudo que inventaram de você e de seu grupo é falso. Um processo de reconstrução de si, de sua imagem, de seu corpo negro, da sua história e cultura.

Pensando que os trabalhos de recuperação das imagens e das imagéticas, assim como seus processos tradutórios que dão o desdobramento que pelas forças de seus resultados afetam as identidades negras, promovendo rupturas com as ideias coloniais. Processos que não são questões que se modificam de uma hora para outra, são processos de vida de movimento ascendente. Tem uma importância ímpar, principalmente em sociedades estruturadas pelo racismo e dominadas pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2015, p. 99-101), que desumanizam pessoas negras, afrodiáspóricas e africanas dentre outras pessoas de grupos não brancos com a normalização da violência contra elas e pela sua dominação e sobreposição existencial sobre os demais grupos. Assim como KILOMBA (2020,s.p), Bento(2002)colocam, o no contexto pós-colonial distorce nossas imagens violentamente, animalizando-nos e desumanizando-nos com falas consideradas vocabulário que estão livres para expressar com ações que violem diretamente pela violência nossos corpos. Historicamente, a alienação colonial (FANON, 2008), afeta as nossas imagens e a imagética negra com a violência.

“A violência é o cimento colonial” expressa com perfeição o Prof. Júlio Tavares (2020, s.p.) e desenha em narrativa vibrante e altamente qualificada, o elemento de que solidifica, tem desdobramentos como o medo e instabilidade, a desigualdade que dão bases seguras para a estrutura do racismo se manter sólida, como a dominação racial permaneça consonante com a proposta do projeto colonial.

O Prof. Dr. Renato Nogueira, filósofo, nos alerta para a importância de conhecermos nossas histórias e as planetárias, compreendendo de onde vem determinadas construções

culturais históricas e quais são seus intuitos:

Vale a pena registrar que uma espécie de racismo antinegro é a desumanização radical que se transborda em zoomorfização sistemática. Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso incluiu algumas gradações. E, sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embassar a escravidão negra (NOGUERA, 2014, p. 25).

Desta maneira, vemos a importância dos resultados gerarem uma tradução da recuperação de nossas imagens. Isso vem, primeiramente ativar, potencializar, iniciar processos existenciais de reontologização (PEREIRA<sup>95</sup>, 2021, s.p.), e acima de tudo, estabelece uma conexão íntima, profunda com as nossas ancestralidades que são reumanizadoras do ser afro, ou seja, de origens africanas, negra e das demais do mundo.

Onde a *Tradução da Recuperação Afroimagética* pode ser importante, identificada e potencializada? Se observarmos que a linguagem se fixa o campo das imagens como TAVARES (2020, s.p.) e no imagético humano, quando sofremos as violências ou temos nossas imagens desumanizadas estas informações ficam instaladas no campo da mental, em nosso na imagem (visual) e no imagético(mental). Então, dismantelar estas construções que tem início com a linguagem em sua ampla dimensão, nos utilizarmos de recursos e construções que possam recuperar nossas imagens e imagética afros, podemos alterar este curso e romper com o ciclo da violência e desumanização de Nós, nos reumanizando. Observando Tavares que nos possibilita um letramento no audiovisual e das questões psicopolíticas pelas perspectiva Fanoniana. E explica que

Vamos entender aqui linguagem portanto, como este conjunto de representação que nos permite comunicarmo-nos com o mundo da linguagem ao gesto à própria visualização. Então a colonização lingüística nos arrebatou em todos os níveis possíveis da linguagem. Desde do campo imagético, gestual até o campo fonético propriamente dito e até o campo do imaginário. Se constrange este conjunto de possibilidades comunicativas com o mundo exterior. Então, a primeira forma é esta, é na produção de um estranhamento com essa linguagem do colonizado com a sua própria linguagem que começa a colonização. (TAVARES, 2020, s.p.)

Pelas diversas formas, principalmente as pensadas para esta finalidade, a de

---

<sup>95</sup> Termo - cunhado pelo Prof. Mestre Jayro Pereira, teólogo pela PUC, nosso apoiador ancestral nas ações universitárias, um dos fundadores e gestor da Escola Aldeia Ubuntu Vale do Akòko, que também possibilitou que jovens iniciassem seus conhecimentos no Candonblé em Florianópolis. O termo mencionado faz parte das pesquisas do mestre que foram expressados em diferentes momentos de ensino, palestras em conversas ente ele e a autora. Na aula inaugural da disciplina de Artes Negras da Cena[...], no curso de Artes Cênicas a convite da autora, palestrou sobre a existência negra e falou dos processos mencionados, no semestre de 2021-1. Nota da autora

mostrarmos nossas imagens reumanizadas para as coletividades, sociedades pelas artes e culturas rompendo com padrões estabelecidos. Potencializando assim uma tecnologia que pode contribuir na geração de cura e reencontro com nosso ser natural, desumanizado pelo colonialismo e racismo, que precisa encontrar cada dia mais formas de se fortalecer no mundo estruturado.

Ser (re)conhecida corporalmente, originariamente (África) e culturalmente como importante, a partir de acionamentos a partir a imagem e dos contextos que são possibilitados por artistas, fazedoras/es, produtoras/es de artes e culturas com as construções, criações e manifestações de nossas artes e culturas podem acionar mudanças em nossas subjetividades.

Desta maneira a importância dos resultados gerar uma tradução da recuperação das nossas imagens vem, primeiramente ativar, potencializar, iniciar processos de reontologização reumanizadora do ser afro, ou seja de origens africanas, da pessoa negra. Onde a *Tradução da Recuperação Afroimagética* pode ser identificada e potencializada pelas diversas formas de mostrarmos nossas imagens reumanizadas para as coletividades, sociedades pelas artes e culturas, potencializando uma tecnologia que pode contribuir na geração de cura e reencontro com nosso ser natural, desumanizado pelo colonialismo e racismo, que precisa encontrar cada dia mais formas de se fortalecer no mundo estruturado pelo

A imagem reumanizada nos recupera a o corpo, pelo dismantelamento das distorções de nossa eu natural, pela outra perspectiva que a identificação possibilita, com novas lentes se (re)conhecer bela/o na/no nossa/o semelhante negro, acionado pelas nossas culturas de proteção, resistência e reinvenção a consciência de Nós, pelo gosto e desejo interior por si mesma/o. Despertar do Autoamor e do amor coletivo, sem fugas ao ver sua projeção na outra pessoas negras, como a colonialidade projeta reacionarmos fugirmos de nós mesmos por alguns tempos.

Um processo que afroimagens, articulada com nossas culturas e artes, destacando as artes visuais, culturas e modos de vida, cosmovisões trazidas, articuladas podem funcionar como um dispositivo tradutório de nossa naturalidade humana, enquanto seres da natureza que somos perfeitos em constituição, sob a perspectiva da natureza que nos cerca na vida e no mundo.

Ser (re)conhecida corporalmente, originariamente (África) e culturalmente como importante, a partir de acionamentos a partir a imagem e dos contextos que são possibilitados por artistas, fazedoras/es, produtoras/es de artes e culturas com as construções, criações e

manifestações de nossas artes e culturas podem acionar mudanças em nossas subjetividades afetadas pela colonialidade do poder (QUIJANO, 2005, p. 99-101), como pelos estigmas que nos marcam corporalmente e nos distorcem as imagens que temos de nós mesmas/os.

Se ver e (re)conhecer, se identificar, se cuidar, se amar processo de libertação.

Cuidado do ensaio, o momento terapêutico que um ensaio fotográfico pode proporcionar e possibilitar momentos pessoais, íntimos preciosos de preparo e de um olhar para si mesmo, de prazer consigo, de valorização, de leveza, apreciação e exaltação de sua própria beleza. Foi terapêutico e empoderador para muitas/os participantes, especialmente para as pessoas que relataram e demonstraram certa timidez, por não conseguiam se sentir ou se verem belas/os anteriormente.

Há um significativo, porque toca as subjetividades de pessoas afetadas pelo racismo que atribui as pessoas negras um falso padrão negativado, o que atinge fronteiras da alma que desestabiliza as existências negras por estes valores afetados, que são quase todas, em algum momento da vida ou toda ela.

Em relação ao tópico da violência, as mulheres negras realçaram uma outra dimensão do problema. Tem-se reiterado que, para além da problemática da violência doméstica e sexual que atingem as mulheres de todos os grupos raciais e classes sociais, há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto-estima. Esses são os efeitos da hegemonia da "branquitude" no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade das mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidades destas. Tal dimensão da violência racial e as particularidades que ela assume em relação às mulheres dos grupos raciais não-hegemônicos vem despertando análises cuidadosas e recriação de práticas que se mostram capazes de construir outros referenciais. (CARNEIRO, 2003, p.123-124 )

Sueli Carneiro, em seu artigo *Mulheres em Movimento*, traz reflexões importantes de nossa bela ancestral que foi um ativista guerreira a filha direta dos quilombos, a revolucionária historiadora e roteirista Beatriz Nascimento traz as importantes fala e estudos da historiadora sobre a situação das mulheres negras e o amor. Pois, se o cimento do colonialismo é a violência (TAVARES, 2020, s.p.) como desenha e nos passa a sensação visual do investimento colonial em não ser dissolvido, certamente onde ele exista amar sempre será ato revolucionário, algo que as mulheres negras este cenário colonial descomunal e abissal, temos sido as guerreiras do amor. Quanto tentam de todas as maneiras retirá-lo de nós. A tentativa de afetarem nossa alta produção e fomento de bálsamos dinamizadores da vidas e a capacidade de nos reinventar imersivamente em amor e afetividades dentro da zona mais

sombrias de guerra colonial de mais 500 anos sistema. Pois, seguramente torna-se quase inerente a muitas de nós, e não para criarmos mais signos e estereótipos, mas temos uma especial e incrível capacidade de amar. Somos territórios vivo de afeto e amor. A violência colonial do passado e atual, nunca deixou ou teve planos de não ser para a destruição e a tentativa de destruir e amor os afetos é sua marca de sucesso, constante. Isso em outras palavras, indo direto aos pontos certos do que nos afeta a existência, primeiramente nossas almas, expandindo para nossos corpos é muito do que há no mencionado artigo de NASCIMENTO(1990), afortunadamente lembrado por CARNEIRO(2003). Pois a ausência do amor, dentro desta guerra colonial, pode retirar nossos afetos e nossas vidas. E por mais que a violência nos cerque, não podemos deixar que ela nos habite, A violência é o resultado. A violência presente em nossos espaços é a certeza que o projeto colonial está assegurado e dando certo. Amar é natural e o que nos é natural precisa ser explorado, (re)conhecido, nutrido e sentido. Temos o direito de existirmos com amor porque o amor é inerente a nós, é natural. Se deixar acometer e dar pouco a violência é ter a certeza que o projeto colonial um sucesso. E depende de nós sabermos pelo que somos movidas/os. O que desejamos para nossas existências? Amor ou violência? E há como escolher em alguns casos? Em outros tantos? Acredito que se somos herdeiras do amor, das criatividade, das transcrições da diáspora, nos entraremos sempre meios de manter os nutrientes em Nós. Estas nossas ancestrais se inquietam e nos inquietamos com nossas questões tão diversas dinâmicas de mulheres negras em movimentos sim, nome que condiz a nossa ideia o motivação de ceder pela vida e luta. Não podemos deixar brechas para que a violência habite em nós. Precisamos dinamizar as motivações e o amor em nossas vidas e deixar a violência para quem as produzem. Por isso pensarmos coletivamente, escrevermos, sermos referência umas das outras, vencermos nossas mazelas, desentendimentos e potencializarmos nossas afinidades, nos puxarmos, sem deixar brechas para o projeto colonial em curso. Estratégias e vida percebida, compreendida, sentida e com nossa comunidade demais comunidades que respeitem a diversidade humana. Não há lugar para amor nela. E sobre as violências simbólicas geradas pelas falsas imagens no audiovisual, nas telenovelas, mídias e das performances diretas, das relações sociais. É sobre isso repousa no imaginário coletivo e as perdas que temos com estas construções (CARNEIRO, 2003, p.122-123 apud NASCIMENTO, 1990. s.p.), esta no artigo "A mulher negra e o amor".

Nele, conforme citação que segue, ela expõe categórica e pontualmente as questões

que envolvem nossa liberdade de mulheres negras para além dos padrões coloniais e patriarcais instituídos. Vejo em seu texto uma elaboração e fala ousada para uma mulher e negra de seu tempo, num Brasil tão cheio de preconceitos e tabus que recaiam principalmente sobre as mulheres, sobre tema marcado estruturalmente historicamente, a Nós mulheres e negras, sempre tratadas como “mulheres negras”, “as negras” com os esteriótipos. Num contexto que não muda, diante das reinvenções temporais padronizadas de beleza que a branquitude estabelece. sempre no intuito de se manter o modelo, no centro e na condição de controladora expressa. A pesquisadora CARNEIRO (2003, s.p. 122-123 ), traz o pensamento de NASCIMENTO(1990, s.p.) apresenta uma perspectiva a frente seu tempo falar sobre temas íntimos e tabús, na esfera antirracista e antipatriarcal de nossas vidas provocando muitas reflexões ao delinear e denunciar os efeitos dos estigmas e demais problemas que nos afetam num panorama breve e direto raça, gênero e o nosso ser ontológico :

Convivendo em uma sociedade pluriracial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento, (desde a mulher mestiça até à branca), seu trânsito afetivo é extremamente limitado. Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. Sua escolha por parte do homem passa pela crença de que seja mais erótica ou mais ardente sexualmente do que as demais, crença relacionada às características do seu físico, muitas vezes exuberante. Entretanto, quando se trata de um relacionamento institucional, a discriminação étnica funciona como um impedimento, mais reforçado à medida que essa mulher alça uma posição de destaque social [...] No contexto em que se encontra, cabe a essa mulher a desmistificação do conceito de amor, transformando este em dinamizador cultural e social (envolvimento na atividade política, por exemplo), buscando mais a paridade entre os sexos do que a “igualdade iluminista”. Rejeitando a fantasia da submissão amorosa, pode surgir uma mulher preta participante, que não reproduza o comportamento masculino autoritário, já que se encontra no oposto deste, podendo, assim, assumir uma postura crítica, intermediando sua própria história e seus ethos. Levantaria ela a proposta de parcerias nas relações sexuais que, por fim, se distribuiria nas relações sociais mais amplas(CARNEIRO, 2003, p.122-123, apud CARNEIRO, 1999, s.p.).

Beatriz Nascimento propõe ainda um amor às mulheres negras sob outra uma perspectiva que a ocidental, em que essas possam se sentir e perceberem-se valorizadas, bem como amplificar sua beleza mesmo diante dos estigmas, ao propor uma desmistificação do conceito de amor modelo. Conhecer mais sobre nossas perspectivas afrocentradas que dialogam com nossas realidades e histórias ancestrais, que muitas vezes pouco conhecemos. Como do valores que empregamos as coisas na vida são questões que a nova geração geração de filosofas/os Dranda. Katiúcia Ribeiro, Dra. Aza Njeri, Prof. Dr Renato Nogueira, dentre outras/os no que apresentam outras perspectivas ancestrais de se pensar a vida e o amor.

Digo futilidade da beleza e o exclusivismo de ela culturalmente poder *pertencer*



unicamente às *peessoas brancas*. O que não é real, mas pela estrutura social racista e a indústria da moda, com suas e seus modelos brancas/os, segue sendo imposta a beleza de seus corpos brancos, a cada tempo um tipo que seja branco e carregue a falsa marca de uma beleza perfeita. Cada pessoa do seu tempo cria e reproduz a ideologia da raça que se transforma, mas muda quando a sua hierarquização e a autodominação de uma inexistente perfeição superior, pela autoavaliação da raça branca. Uma alienação é a questão dessa dominação para eles e Nós lidarmos com a toxina que faz mal e nos limpamos, bem como distanciarmos.

Ainda que tenha um pequeno número, cotas, de pessoas de outros grupos raciais ainda tratadas como exóticas e não como bonitas, que por não serem brancas, sob uma lógica muitas vezes não dita, expressa culturalmente e visivelmente, se vê a interferência da ideologia de *raça*, pela *cultura de raça branca*, como se a beleza existisse somente para pessoas brancas.

O ensaio fotográfico *A Beleza de Nossos Corpos Negros* não traz modelos profissionais, coloca em cena pessoas negras como modelos, e não para uma função de apresentarem um estilo, representarem uma grife ou mostrarem uma nova tendência negra, mas para estarem nesse espaço designado no mundo branco para quem *é belo sob a perspectiva da branquitude - logo se é belo é uma pessoa branca pela lógica da branquitude e da ideologia da raça que produz a reprodução do racismo-* por pensamento, escolhas e espaço deles e somente para eles. É o que Guerreiro Ramos (1966), sociólogo afro-negro, nos faz refletir no livro *Teatro Experimental do Negro* sobre como as coisas aconteciam desde os tempos das *invasões*:

Povos brancos, graças a uma conjunção de fatores históricos e naturais que não vem ao caso exterminar aqui vieram imperar no planeta, e, e como seria consequentemente, forçaram, sobre aqueles que dominam, uma concepção de mundo feita à sua imagem e semelhança. Num país como o Brasil, colonizado por europeus, os valores, mais prestigiados e, portanto, aceitos, são os do colonizador. Entre estes valores está o da brancura como símbolo do excelso, do sublime do belo (RAMOS, 1966, p. 129).

Visto que o belo, sob a concepção ocidental europeia, não é o fator que aqui nos interessa, mas para além das frivolidades e do domínio das classificações criadas e presunçosas. Porém, sermos respeitadas/os em como tratarmos da beleza com naturalidade. Beleza que culturalmente muitos povos negros convivem nas sociedades e aprendem que ela não cabe a ele, devido às concepções brancas, da exigência de ser branco, de ter brancura para ter beleza e humanidade. Uma questão muito forte aqui no Brasil, principalmente pela face da política de embranquecimento que nosso país adotou para eliminar as populações negras e forçar seu branqueamento com cotistas italianos, na “produção pelas supostas relações entre

imigrantes e ex-escravizadas/os” para a construção de uma sociedade hegemonicamente branca e “de progresso branco”, erro grotesco do racismo científico que não deu certo.

Figura 25 EECUN – Encontro Nacional de Estudantes Universitários e Coletivos Negros (2015)



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora.

É o que os relatos de algumas/uns participantes no ensaio demarcaram explicitamente, por suas falas ou demonstrações de contentamento durante seus ensaios, a satisfação e identificação que gerou um senso de representatividade em uma diversidade de pessoas negras. Como também explicitaram durante suas visitas à instalação-exposição, esses de diferentes cursos, movimentações políticas estudantis negras da UFSC, de outros países, de outras instituições, apresentaram a mesma sensação e contentamento em comum, traduzindo suas subjetividades negras, relativas à experiência de ser uma pessoa negra e sociedades coloniais como a brasileira. Alguns mostraram sua apreciação para a produção acadêmica, ou ambas, pois as questões seguem juntas tratando de questões estruturais correntes do nosso meio acadêmico

Vejamos o relato da estudante Waleska Georgiana, do Curso de Artes Cênicas (2015) :

Eu achei muito importante, pois nós somos todo dia bombardeados pela mídia e seus padrões que nem todos conseguem alcançar, e geralmente esse padrão é branco. E é interessante a gente entender e perceber que os negros também são bonitos e que a gente também pode ter o nosso referencial. Que ele não precisa ser essa mulher de cabelo liso, que nos faz pensar "eu tenho que ter o cabelo igual o dela", ou porque se nosso cabelo é assim, eu sou condenada a fazer progressiva pra sempre, ou que eu não posso gostar do meu nariz, da minha cor, ou que eu tinha que ser negro mais claro, porque tem isso também. E eu achei importante isso porque agora vamos mostrar nossa cara, mostrar que somos bonitos também, que estamos aqui e que devemos ser vistos e respeitados." (Waleska G., 2015)<sup>96</sup>.

Figura 26 – Waleska G. – Modelo – estudante do curso de Artes Cênicas (2015)



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O cuidado foi o motivo do ensaio. Um momento de atenção, de zelo pelo outro e a esse outro a possibilidade de voltar seu olhar para si mesmo, externa e internamente.

---

<sup>96</sup> Waleska – o Relato da participante e todos os relatos e imagens das/es/os modelos participantes do ensaio fotográfico foram coletados após o ensaio fotográfico e têm autorização de serem utilizados, publicados em produções do projeto, como as que façam referência a ele ou aos trabalhos relacionados de minha autoria, que estejam sob minha responsabilidade. Nota da autora.

Acreditamos que foi isso que o ensaio fotográfico provoca e para pessoas negras esse olhar traz magia. A magia de um momento que difere do cotidiano e faz pensar em pessoas negras como seres humanos que são, quando a beleza desses corpos políticos se potencializa em poder para si mesmos. Um espaço ao que as pessoas negras geralmente ainda não são convidadas, como muitos comentaram durante a realização do projeto, quando foram convidadas/os:

*- Que maravilha ser convidada, nunca nos convidam para nada.*

Observo como fatores preponderantes de motivação das/des/os participantes fazerem parte da produção do ensaio fotográfico a autoafirmação para a participação, a presença de autoestima, o querer ser vista/e/o, a disposição consciente ou inconsciente de fazer parte de uma proposta afirmativa de nossa estética e negritude ou por uma questão de autocuidado.

Por outro lado, nossa equipe foi orientada para atender com afetividade e um acolhimento muito espacial cada pessoa negra, que na vida comum em diversas situações sofre mau atendimento e é preterida. Um preparo especial foi realizado no ambiente e no estúdio que montamos em uma das salas do MARquE Museu. O preparo para estarem diante das câmeras durante a produção, fora e dentro do estúdio, para exporem suas imagens e saíssem belas para onde quer que elas fossem levadas, dentro da proposta de afirmação e visibilidade negra consentida pelas pessoas participantes. O cuidado com elas e os desdobramentos de se disporem a receberem esse cuidado, ainda que as pessoas participantes pudessem não ter pensado que estariam recebendo cuidados, mas sim que iriam ser vistas, fotografadas belamente ou que contribuiriam para a visibilidade negra, dentre algumas outras possibilidades.

A ideia central, como já exposto, foi a de deixar tudo especial mesmo diante da pequena maratona que foi fotografar 47 pessoas em três dias e em aproximadamente seis horas. Dar atenção e possibilitar que o cuidado acontecesse a cada pessoa, que todo o ensaio e sua ideia se desdobrassem no autocuidado pela autoafirmação negra para o acontecimento do autoamor.

Ainda que tenha sido um processo diferente para cada pessoa, as pessoas que compuseram esse projeto possibilitaram que se tornasse efetivo e concreto. Longe de suas terras de origem, elas carregam memórias e identidades, em contraponto com as subjetividades das marcas que carregam, dos traumas que marcam e das marcas que traumatizam, muita nascidas da violência física e dos estereótipos cruéis criados nos tempos

coloniais e instituídos arbitrariamente a seus corpos na tentativa de mudar suas almas e essências humanas pela brutalidade. As pessoas nascidas em outros tempos hoje têm seus corpos negros marcados pela história colonial moderna e fortalecida pela contemporânea. São seres em corpos da África, corpos em diáspora, seres diaspóricos.

Corpos que transcendem, encantam e continuam sendo corpos em performances. Que criam e reluzem, que brilham. Eles transgridem a norma que lhes encerra em um lugar: *o lugar do negro*, de onde a sociedade branca pode garantir sua falsa normatividade de *raça bela* que impõe as *raças feias* a outros grupos humanos. Transgridem a frase comum para pessoas negras brasileiras terem na memória, frase clássica do racismo: “Ponha-se no seu lugar”, depois utilizada para relações de classe também entre o grupo branco. Trabalhei na performance teatral *Senzala*, com o poema *Da Senzala* como também com a poética e energia da vida de João da Cruz e Sousa<sup>97</sup>. Ele que foi poeta, ator, funcionário público, a quem nunca foi deixado ocupar seu lugar ilustre conquistado nos espaços geopolíticos de Santa Catarina. Em sua cidade natal, era um homem afronegro que transitava pelo mundo branco, filho de escravizados, não pôde ocupar seu cargo público, que recebeu por real merecimento, mas a velha Desterro se negou a deixá-lo assumir seu cargo. Motivo: racismo.

Um não dito-racista, porém em tempos de escravização. Ele que por sua raça, corpo, origens e talentos sempre foi encaminhado para *o lugar do negro, mas nunca aceitou*. Foi embora e adoeceu em outras paradas. Até escreveu sobre o racismo e questionou os tempos à sua forma, mas morreu sem conhecer algumas mudanças dos tempos, ainda que não sejam tantas pois, ainda hoje usamos o seu poema *Da Senzala*.

É seguro que *não temos um lugar instituído*, mas ele costuma historicamente ser demarcado pela perversa branquitude, que a partir de sua identidade racial branca brasileira, ou seja, “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento”o que Maria Aparecida Bento (2002, p.2), psicóloga especialista em branquitude, deixa tranquilamente nítido. A pessoa branca se vê e se constitui a partir do pensamento de ser superior aos grupos não brancos e principalmente aos povos negros. Bento ainda coloca que

Aspectos importantes da branquitude, como o medo que alimenta a projeção do branco sobre o negro, os pactos narcísicos entre os brancos e as conexões possíveis entre ascensão negra e branqueamento serão abordados. No Brasil, o branqueamento

---

<sup>97</sup> João da Cruz e Sousa – Poeta simbolista catarinense conhecido com Cruz e Sousa, autor do poema *Da Senzala* que musiquei em 2013 e utilizamos na performance *Senzala* que aparece neste trabalho.

é freqüentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais. Na descrição desse processo o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não-brancos e, portanto, encarados como não tão humanos. Na verdade, quando se estuda o branqueamento constata-se que foi um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, embora apontado por essa mesma elite como um problema do negro brasileiro. Considerando (ou quiçá inventando) seu grupo como padrão de referência de toda uma espécie, a elite fez uma apropriação simbólica crucial que vem fortalecendo a auto-estima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais, e essa apropriação acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social. O outro lado dessa moeda é o investimento na construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua auto-estima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais. (BENTO, 2002, p.2)

Dessa maneira, falar sobre as marcas que são lançadas sobre nossos corpos negros se faz importante para que observemos que essas construções que se perpassaram para nossas vidas, ao menos no que diz respeito a marginalização em consequências de nossa exclusão social, faz parte dessa perseguição e desumanização de nossos corpos originários de África. Inverdades que se somam quanto a termos um lugar destinado, o da senzala, da subalternidade, da escravidão, da marginalidade, da pobreza, do corpo feio, e tantas outras invenções e criações que não tem relação com nossa natureza bioancestral africana como diria nosso mestre Jayro Pereira(2021, s.p.).

Somos filhas e filhos de reis e de povos de África. Vamos nos reerguer neste país, mas para isso precisamos valorizar uma de nossas maiores potências nesta vida terrena: nossos corpos negros. Eles são nossos templos do espírito para permanecer em nossa jornada sobre a Terra e a devemos destiná-los nosso maior cuidado. Pois se nos perseguem e nos matam ao verem nossas imagens físicas nos espaços, também reconhecem nosso poder à primeira vista, pois somos um dos povos belos, criativos, dotados de alta inteligência, amor e sagrados. Fazemos parte dos povos que vem de um continente que abrigou e abriga civilizações que mais tem histórias, criações e trabalhos deste planeta.

Essa é uma construção perversa sobre os corpos de pessoas negras dominadas pela força do fuzil, em tempos coloniais (XVI-XIX), para deterem o poder e o domínio econômico. Ainda hoje, nos submetem à repressão armada e à estigmatização de nossos corpos, culturas e origens. A criação do lugar de um corpo *feio* inexistente na criação planetária, mas vivo na mente do europeu, foi um erro brutal e desumano lançado a seres humanos nomeados como inferiores. Quijano coloca sobre essa questão e seus desdobramentos algumas especificidades:

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação as novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. Com o tempo, os colonizadores codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial. Essa codificação foi inicialmente estabelecida, provavelmente, na área britânico-americana. Os negros eram ali não apenas os explorados mais importantes, já que a parte principal da economia dependia de seu trabalho. Eram, sobretudo, a raça colonizada mais importante, já que os índios não formavam parte dessa sociedade colonial. Em consequência, os dominantes chamaram a si mesmos de brancos. (QUIJANO, 2005, p.99-101)

Assim, a fábula dos povos europeus foi longe demais. Ao reunirem alguns de seus cientistas, filósofos e artistas do período iluminista, “suas eminências” da Igreja Católica em pleno período vigente da Santa Inquisição com as ideias da pseudociências, pensamentos filosóficos e com a contribuição do fundamentalismo religioso. Se autodenominaram superiores e pertencentes a uma raça humana perfeita e apta para a dominação geral: a raça branca. Estabeleceram que os demais grupos humanos, seus semelhantes, pertenciam a diferentes raças inferiores: amarelos, indígenas e negros. Os nomeou, os classificou, os hierarquizou, qualificando-os e desumanizando os demais grupos de seres humanos. Estabeleceram uma relação de comparação entre seu grupo branco através de parâmetros e qualidades inventadas a seus próprios corpos brancos e humanidade, se auto-elegendo, auto-classificando, auto-elevando e se colocaram como *modelo de humano*.

Os brancos quando inventaram o mundo fizeram assim: uma criação feita por homens brancos que se autodenominaram: “*belos, perfeitos, angélicos, puros, limpos, inteligentes e superiores*”. Essa ficção inteiramente branco-européia, do imaginário de alguns homens brancos regionais europeus, de algumas etnias da Europa, que pretensiosamente tem perpetuado essa inconsequente ideologia da hierarquia das raças que precisa ser desconstruída, destruída, eliminada com urgência, pois ela se construiu com base em uma série de falácias onde os povos africanos, que eram os povos visados e traficados para que a economia das colônias, pudessem existir com sua forma de trabalho, e também os destituiu de todos os seus direitos, inclusive o humano. Quijano fala que

Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p.99-101)

Na citação acima, o autor fala da eficácia desse construto social e político, que desenvolvido pela instalação cultural de supremacia racial, o grupo dominante segue mantendo-se em dominação, ainda que seja falso. Destaca que a raça é fator determinante das classes sociais, assim como ocorre com um sistema mais antigo que é o fator de gênero, que observamos pela universalização e permanência em dominação historicamente do androcentrismo tão naturalizado como normativa universal com seu patriarcado.

*A Beleza de Nossos Corpos Negros*, por via do ensaio fotográfico, nos dá acesso uma análise ampla desse processo artístico e tradutório de questões humanas e sociopolíticas dos povos negros, a partir da realização de um ensaio fotográfico. O ensaio apresenta etapas importantes e pensadas no processo de produção referente ao tratamento dispensado as pessoas participantes que são verdadeiras, eficazes e significativas doses de bem-estar proporcionado a elas, e dizem respeito a uma atenção especial a se dar a pessoas negras. O ambiente preparado, que funcionou bem e harmonicamente, teve como resposta as manifestações por diferentes relatos de diferentes formas de demonstrar satisfação com o ensaio. Sua dinâmica de potencializar a negritude pela ampliação, fortalecimento ou despertar da consciência negra funcionou como dreno e mecanismo de autoafirmação individual e coletiva, pela valorização de seus corpos, historicamente estereotipados.

A cultura negra afrodiaspórica e afro-brasileira que se constitui nessa proposta artística abarca uma dimensão significativa sobre diversas temáticas dentro das questões negras, mas principalmente sobre a perspectiva da ontologia das pessoas de origens africanas, pensando em suas vidas antes da existência do projeto colonial e os danos causados por ele. As movimentações práticas que possibilitam o reestabelecimento das humanidades afetadas pelo racismo, que nos deixaram traumas sem dimensões de alcance. Os processos de recuperação de Nós mesmas/es/os enquanto individualidades e coletividades diversas se unem a partir de um sentir coletivo quase unânime dos males coloniais. De posse de nossas consciências



ampliada, fazemos descobertas que podem ser considerados equivalentes a terapêuticas de cura dos traumas do colonialismo e seus racismo. Fazeres para que possamos retornar a Nós e enquanto povos que se (re)conhecem em um processo de descolonização e desassimilação pelas formas humanizadas que vamos encontrando de nos fazermos felizes no mundo. Portando bem-estar de sermos quem somos, como somos, com nossos corpos negros e sem os fantasmas da colonização, dos racismos. Essa é uma das faces que dos processos de descolonização de nossos pensamentos e almas, para que construamos ambientes felizes e seguros dentro de Nós.

A partir de nossas tecnologias de (re)existências como o canto, que muito tenho usado, e a música em geral, as nossas artes diversas afrodiáspóricas e africanas, nossos fazeres culinários e grióticos da contação de histórias e ensinamentos ancestrais que se dão no ajuntamento do fazer do alimento. Nossas práticas corporais com nossa diversidade de performances e danças, capoeiras, nossas criações e contações, nossos desenhos, nossas ciências da natureza e da espiritualidade que entre si dialogam, nossas pinturas, arquiteturas, construções e cores que encantam a vida cotidiana e se harmonizam com a natureza.

São muitas formas e qualidades de nós em forma de tecnologias que não se separam, pois geralmente andam juntas e vem nos fortalecer. Precisamos nos conectar, pois essas nos acolhem e nos levam à nossa ancestralidade, à conexão com nossos ancestrais, com nossas filosofias e diversas cosmologias negras e africanas que dão sentido e força a nossas existências. Nos curando, fortalecendo e distanciando dos ataques ainda diários que enfrentamos de toda ordem. Essa conexão por meio de uma arte ocidental que nos conecta com a nossa subjetividade mais profunda e abalada, que trata de nossa beleza como a entendemos na diáspora diante da vida cotidiana com a realidade de existirmos em uma sociedade estruturada pelo racismo, como a brasileira e a suleestina de Florianópolis, mas especificamente na UFSC. Esse contexto violento e que causa uma série de sofrimentos psíquicos, baixa estima, depressão, dentre outras questões no espaço acadêmico, me levou a criar o ensaio fotográfico como mecanismo momentâneo de oxigenação.

Existem desdobramentos pedagógicos, antirracistas e descoloniais quando em exposição e/ou instalações-exposição nos colocamos nos espaço sem proposta artística de interferir e desestabilizar uma falsa normalidade que se diz ideal. Mesmo sem que estejamos em peso nesses espaços, incomoda o simples fato de estarmos em 52 imagens, e não dispersas pelo campi, mas aglutinadas em instalações, demonstrando o futuro e as multiplicidades de

presenças. Visto que isso funciona muito bem no mundo branco, porque para nós não cabe? Ainda que nossos motivos de estarmos nos ambientes possam não ser os mesmos.

A proposta *A Beleza de Nossos Corpos Negros* é potente ao ponto de pessoas brancas fingirem que não nos estão vendo. Então, repeti o ocorrido intencionalmente no MaRque Museu com uma montagem em etapas aberta ao público. Primeiro com algumas frases e perguntas:

## **Existe Beleza Correta?**

## **Qual a Beleza Correta?**

Com espaços de interação nas diferentes fases e locais que a instalação-exposição circulou. Optei por repetir esse processo de montagem "neutra", primeiramente sem as presenças e imagens ou qualquer referências racial. Com frases e palavras que construíam narrativas com o espaço.

Gradualmente, a depender do espaço, fomos acrescentando elementos que as pessoas em geral poderiam se identificar e interagir corporalmente de formas diferentes, com os módulos móveis e painéis, bem como em algumas escritas em papéis dispostos nos espaços, junto ou não das referidas frases. Muitas vezes as pessoas não tem ideia que a instalação-exposição iria acontecer ali, por não relacionar notícias com o espaço ou por não acessar as divulgações, que no local somente são presentes no dia final da montagem com as fotografias.

Durante um período de 10 ou 7 dias as interações aconteciam por pessoas variadas, o que mudava quando as imagens negras estavam dispostas nesse mesmo ambiente, na data marcada junto a projeções de áudios, vídeos, folders informativos, cadernos de registros, dentre outras partes instaladas específicas como um totem montado em 2017 no andar do estúdio de som ou o altar de afetos em 2019, feito para a 8M Mostra Kurima Bantu, com um recorte das mulheres fotografadas, em reverência e para discutirmos os direitos e violências impostas as mulheres negras cisgênero e travestis.

Questões que vieram se estruturando acerca do modo de trabalho e do material da montagem ao longo dos 5 anos de circulação. Enfrentamos e construímos de maneiras diferentes, com nossas tecnologias de (re)existência, onde as artes vem nos balsamificar os dias e possibilitar a criação e produção acadêmica extensionais independente como meio de

solucionar tensões que a estrutura institucional, ainda não adaptada para Nós.

Percebemos que o ensaio fotográfico foi o momento de cada uma dessas pessoas das comunidades negras da UFSC se desligarem das tensões raciais. Era momento de cuidado, de afetos, de respeito e exaltação aos nossos corpos, de valorização e embelezamento. As observo como portadoras de um gesto revolucionário. Sim, pois não era algo comum, ensaios fotográficos de pessoas negras e ainda mais na UFSC. Não havia notícias de algo assim até então.

Quando na UFSC fora promovida uma proposta artística e política daquela envergadura, pensada para fortalecer uma parcela de uma comunidade excluída até então? Somente por nosso Coletivo Kurima. Mesmo recebendo recurso da universidade, o envolvimento institucional para as questões que são de importância estudantil e de âmbito geral no que diz respeito a diversidade racial é pequeno. Tivemos, sim, um bom apoio do MaRque Museu naquele período, pela parceria independente que fizemos pelo coletivo com o setor, que não nascia naquele momento. O fato de protagonizarmos e estarmos na linha de frente das ações e por haver estudantes e sendo estas/es envolvidas/os alteraram muito os ânimos.

Uma ação de idealização, realização e produção feitas por Nós e para Nós, principalmente, com toda uma qualidade técnica específica, protagonizada por estudantes e profissionais negras, atuando com o recorte de gênero, com uma maioria de mulheres negras, era um fator para ser documentado e de interesse de outros setores, principalmente do jornalismo oficial universitário, mas não houve tal interesse espontâneo e nem o básico solicitado. Atividade de extensão universitária era independente, inédita e importante, realizada por coletivo universitário independente negro e coordenado por graduanda artista negra, tratando de temáticas significativas das nossas questões negras.

A diversidade das pessoas fotografadas que foram ali se mostrar e de maneira a se colocarem visíveis e em condição de expressa autoafirmação de serem belas, ainda que nem todas estivessem fortalecidas no momento do ensaio de da posse de suas belezas naturais, mas a ação as estimularam a fazerem parte desse processo como do próprio pessoal, do enaltecimento e fortalecimento de suas autoestimas, das identidades de cada uma delas e como da potencialização e valorização de nossas comunidades negras universitárias e sociais. Uma maioria das/os participantes se colocaram disponíveis e abertas/os de diferentes formas, estreitamos relações e participações em outras ações e atividades após o ensaio. Algo muito

expressivo, lindo e impressionante acontecia ali, enquanto movimento estético, epistemológico e político, emocionante de sentir e participar de cada momento.

Muitas participantes estavam tímidas, era a primeira vez que posavam em um ensaio, para os cliques da talentosa e parceira ímpar, a fotógrafa Diana Souza.

Figura 27 Fotógrafa Diana Souza parceira que fez a captação das imagens do “Ensaio Fotográfico A Beleza de Nossos Corpos Negros”



Fonte: Diana Souza, 2015/acervo pessoal da autora.

Diana Souza é fotógrafa, formada em Turismo pela Universidade Federal da Bahia, é nossa colaboradora, que em parceria como fotógrafa participou da co-criação e da produção do Ensaio Fotográfico (ABNCN), vivia em Florianópolis na época do ensaio e nos conhecemos em uma de minhas apresentações artísticas, no MASC Museu Musical, no Centro de Integrado de Cultura. Desde aquele dia iniciamos uma parceria com ensaio fotográficos. Um dos frutos destes ensaios, como mencionei, deu origem a ideia do ensaio com a comunidade da UFSC. Diana sempre muito centrada, dedicada ao seu trabalho com a fotografia, mergulhou comigo no processo de elaboração que eu desejava ser em amplas faces de protagonismo negro,

Nossa fotógrafa parceira e criadora de imagens, dona do olhar que trouxe tantas belezas à produção do “Ensaio Fotográfico A Beleza de Nossos Corpos Negros” (ABNCN).

“Diana Souza é fotógrafa com olhar focado na expressão pessoal, possui como desígnio criar imagens que valorizam a representação social e profissional através da linguagem fotográfica.”

Sobre Dossiê Kurima e Ensaio fotográfico como representação da presença negra da UFSC em um espaço de beleza foi ação inédita e impulsionadora. Acredito que naqueles momentos de bem estar as/os participantes puderam se sentir amplamente restituídos de si mesmos, de suas presenças de suas forças naturais. Pensei nesta tradução diante de alguns relatos, como pelos gestos no ensaio e durante a produção de cada um/a, suas poses para as fotos, preparo, que não é igual a uma pessoa com outra corporeidade, ainda mais se esta não sofre violências raciais. Cada um/a dando as costas a violência colonial contemporânea, que constantemente lhes/nos diz que “negro não é bonito”, que “negro, preto é feio”. Mesmo não sendo verdade as repetições do racismo, que não se cansa de fazê-las no decorrer das vidas negras, nos marca. Lhes/nos perseguindo constantemente no mundo externo ao nossa, na sociedade racista.

Ali a atmosfera era outra. Algumas palavras que traduzem aquele ambiente: acolhimento, amor, afirmação, afeto, proteção, amparo, cuidado, exaltação, beleza, saúde e bem estar. Valorização. Nos corredores do estúdio que montamos no MARquE Museu(UFSC), as pessoas juntavam-se sorridentes, o local está reservado para o ensaio, no último dia choveu muito, ainda assim foram muitas. Elas se olhavam, conversavam, se (re)conheceram, se encontraram, pensaram e falaram de si, se surpreenderam e se emocionaram, ficaram felizes, talvez plenos. Certamente sentiram bem de si, do lugar das coisas, se alimentaram com lanchinhos, se produziram estar e amor. Havia no ar uma energia ‘preparada por nós inicialmente e a que veio sendo construída por cada pessoa transformando e traduzindo o ambiente em um agradável lugar acolhedor e cheio de encantamento.

Difícil de explicar, que resgatavam algo, que nos, lhes tem sido negado a seus/nossos corpos em toda as suas/nossas existências. Algo inacreditável, real que por nós/eles é expressado em algum momento da vida ou não. Algo que atinge profundamente suas/nossas suas almas. Algo incompreendido por muitas pessoas - pois realmente não é racional e é altamente subjetivo, mas o mínimo de empatia é possível compreender que a dor é imensurável. Mas, os dias eram da beleza, dos afetos e da recuperação de nossa humanidade. Ali trouxeram e levaram seus afetos, suas belezas e uma possível ampliação das percepções de si mesmas/os.

Ali, talvez, para que essas pessoas em momentos de bem-estar pudessem se sentir amplamente restituídos a si mesmos, pensei, ante alguns relatos, em suas poses para as fotos, dando as costas a violência colonial contemporânea, que diz que “negro não é bonito”, que lhes persegue no mundo externo. Nos corredores do estúdio que montamos no MARquE Museu(UFSC) juntavam-se sorridentes, se olhavam, conversavam, se conheceram, se encontraram, pensaram e falaram de si, se surpreenderam e se emocionaram, ficaram felizes, talvez plenos. Certamente sentiram bem-estar e amor. Havia no ar uma energia construída por cada pessoa, um ambiente acolhedor e cheio de encantamentos, difícil de explicar, que resgatava algo negado a seus corpos em suas existências, algo que atinge suas almas. Algo incompreendido por muitas pessoas – pois realmente não é racional– que ali trouxeram seus afetos, suas belezas, respeito, espaço e valorização ao ser humano negro que são.

Observando e evidenciando que são tudo isto e muito mais, com suas estéticas perfeitas doadas pela natureza da vida, carregando heranças ancestrais, seguiram e seguem imersas em fortalecimento interior e coletivo cheios de axés e guzos. Depois do ensaio fotográfico, percebemos que muitas/os sentiram caminhos mais abertos para novas mudanças sobre perspectivas que envolviam suas vidas e seus corpos negros políticos tão vivos e presentes nesta universidade e país, nesta vida planetária.

A fim de possibilitar cuidado e bem-estar às pessoas participantes, o ensaio fotográfico veio quebrar o monopólio inventado da beleza ideal racializada que se sente sendo superior as demais. Para isso, foi primordial mostrar um pouco da diversidade do grupo humano afro-negro a que pertencemos, fortalecer as imagens naturalmente belas que temos e trabalhar nossa afirmação, a partir de uma realidade natural da vida humana, quebrando as normativas, como vem acontecendo em diferentes pontos do planeta por pessoas negras, valorizando nossas estéticas naturais.

## **4.2 CAMINHOS TRILHADOS: IDENTIFICAÇÃO E OUTROS PROCESSOS TRADUTÓRIOS**

Para os processos tradutórios de *A Beleza de Nossos Corpos Negros* uma de minhas reflexões é sobre termos mecanismos de identificação e de visibilização como vimos anteriormente para que se amplie a reflexão sobre as questões que deseumanizam nossos corpos e vidas, como as que envolvem a recuperação de nossa humanidade.

Vimos fortemente seu efeito enquanto dispositivo descolonizantes, por meio das imagens e pessoas negras nas instalações-exposições endecorrendo de nossa presença, sua potência enquanto mecanismo artístico de desconstrução de signos coloniais criados por europeus coloniais e mantidos por seus descendentes, que como compreendemos segue ativando a perpetuação no imaginário das coletividades e individualidades. As construções coloniais e das criações do racismo científico, por mais que pareçam em nossa sociedade uma irrealdade e um desagrado recorreremos as raízes fundantes da desse construto social , político e cultural colonial, que é a raça, modernizado pela presença das falsas ideias decaídas. O conceito da falsa ideia de raça, da Sociologia(MUNANGA, 2004, s.p.), nos mostra, como repeti incontáveis vezes neste trabalho, a inexistência das hierarquias raciais pesquisadas no decorrer dos tempos por várias/os autoras/ra que se engajam por dismantlar esta estrutura sistêmica violadora e aniquiladora de existências. Não existem, mas o contruto imaginário destas este tem levado muitos grupos humanos profundezas de si mesmos, o que nos motiva, com a muitas/os outras/os estudiosos a nos aprofundarmos nas buscas dos mecanismos desconstrutores. E a informação, o conhecimento histórico com as tecnologias de dismantelamento no campo mental das pessoas é um desafio dos dias atuais de nossa pretendida descolonização. Mas as artes em suas diversas linguagens tem sido um local seguro para este processo.

## **Por que Precisamos Nos Afirmar Belas/os**

Figura 28 Por que precisamos nos afirmar belas/os? - Modelo – estudante Mariah de L.– Colégio de Aplicação (2015)



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Minhas práticas descolonizantes se opõem às permitidas opressões sociais normatizadas o pelo racismo o institucionalizado. Ele nos fecha de todos os lados. Assim como as pessoas afros de posse de suas consciências negras colocam-se contra os padrões estabelecidos, pelas normativas hegemônicas brancas impostas sob os corpos físicos e sua forma de valoração humana. Desconstruo e descolonizo como posso, em oposição, ao me colocar nos espaços a Nós negados vivendo, em nossa sociedade que nos trata como estrangeiras/os do próprio lugar. Protagonizo transformando a vida em presenças e narrativas vivas. As produções de arte, vida e cultura nos enchem de energia, bem estar e oxigenações. Ao mundo traz também renovação. Fissura a hegemonia, sacia algo de nossa sede de vivermos melhor, e a cada novo momento produz ações que nos fortalecem, causam mudanças, conhecimentos, que bem preenchem tudo, satisfazendo algo. Sigo dessa maneira, em diálogos práticos com Frantz Fanon (2008), Kilomba (2021) principalmente, que só acreditava num descolonizar pela práxis. E esta arde, mas me contempla a cada intervenção, a cada pessoa tocada, a cada conquista, a cada vida negra protegida, a cada corpo reafirmado. Porém , os golpes são forte e é preciso autocuidado profundo e para ele venho me resguardando, desde metade do percurso desta produção.



Como um fator que marcou a minha passagem da infância para a pré-adolescência é a diferença existente de tratamento dado a nós meninas, jovens e mulheres. Em tudo e até um certo momento não é notável a dimensão, depois ela se escancara. E foi através de um destes motivos, que constantemente era a mim demonstrada a necessidade da proteção física da menina, adolescente e da mulher negra sexualizada. A proteção do meu corpo e da minha pessoa feminina, mulher.

O que desde meus 10 anos aconteceu comigo. Dessa maneira eu me via e passava, como também enfrentava as situações de "sempre estar em risco" dos assédios dos homens (des)conhecidos e que não mediam palavras se ocorria alguma situação. Os assédios verbais na rua e no ambiente de trabalho eram naturalizados por causa da beleza de nossos corpos negros exotizados e mais propícios a sofrer violência. Essa foi uma questão que minha irmã me chamou a atenção, pois o cuidado deveria partir de Nós mulheres negras, por termos corpos mais propensos ao fato de sofrerem assédio e possivelmente se ocorresse, não serem preservados e protegidos pela própria justiça se dela viéssemos a precisar.

Assim, a cultura das vestimentas específicas de uma mulher negra, de onde poder usar determinadas roupas ou nunca, para além de casa, era algo muito castrador para mim, que quebrei algumas barreiras em muitos momentos e me coloquei como quis com decotes, minissaias, transparências, vestidos colados quando eu quisesse, salvo em situações que poderiam ser compreendidas ou facilitarem o assédio de homens descontrolados, na época chamados de "tarados". Quando nos tornamos mulheres feitas era como se eles aparecessem e o que acontecesse seria de nossa responsabilidade. Algo muito sexista e cruel, passarmos a vida nos protegendo de diferentes formas para não sermos estupradas, um risco sem controle quando a sociedade está repleta de homens descontrolados de si, sexistas e os mais extremos doentios que acham que porque estão a sós com uma mulher podem abusar de suas privacidades, vidas, confianças e corpos.

Há muito tempo Nós mulheres negras estamos nos manifestando pelas artes para traduzir e visibilizar nossas vidas e experiências, como as constantes violências a que temos sido submetidas, de diferentes formas, pelas imposições sobre nossos corpos e almas. Buscamos isso de várias formas, seja mostrando nossas artes, para expressarmos nossas vozes, para denunciarmos, nos afirmarmos no mundo, visibilizar nossas narrativas, desejos, fazeres, prazeres, dores entre momentos de relativa paz e das distopias que vivermos, nos movimentamos sob as tensões de (sobre)vivermos, existirmos e termos momentos de

felicidade. Uma imensa vontade e necessidade de termos proteção, ocultada pela força que aprendemos que temos e se não sentimos, nos obrigam a passar a tê-la, ante as exposições e perigos ampliados de sermos mulheres negras (re)existindo mais um dia em sociedades racistas e sexistas.

Figura 29 – Ntozake Shange, à direita, com Janet League em sua peça “Para meninas de cor que consideraram suicídio / Quando o arco-íris acabou ( 1977)



Fonte: *The New York Times* (Obituário), 2018.

A performer Ntozake Shange (SHANGE, 1977, 61-65), nos anos 1976, possibilitou o acesso e reflexões sobre questões que desejou expressar com sua arte, sobre Meninas de Cor, Meninas Negras. Envolveu em poemas, escritos por ela, aspectos em comum existentes na vida de mulheres negras estadunidenses e mostrou suas especificidades, notadamente em decorrência dessa condição. Ou seja, em consequência de nascerem negras, serem racializadas pela sociedade racista, sexista e ainda "terem direito" às incursões étnicas sob seus corpos e almas em condições afrodiáspóricas.

A performer e escritora representou com muita potência experiências que traduziam, como ainda traduzem, realidades de mulheres afro-estadunidenses, bem como a de outras mulheres negras do mundo, como as escritivências de Conceição Evaristo. Experiências coletivas de mulheres negras poeticamente levadas ao público por dramaturgia poética

envolvendo cena, dança e poema, que conceituou como coreopoemas. A aclamada peça "Para meninas de cor que consideraram o suicídio/Quando o arco-íris" foi o seu primeiro trabalho, realizado em 1975, nos EUA. Ela é formada por um ciclo de monólogos poéticos que tratam de experiências que mulheres afro-estadunidenses têm em comum, acompanhado por movimentos de dança e música. Isso é traduzido perfeitamente no filme sobre a obra de Ntosake Shange, escritora e performance estadunidense, com quem me identifico muito por algumas faces de seu trabalho de performances e liberdade de viajante, de ser artista e ser acadêmica, um ser pensante que produz e tem pensamento crítico. Seu trabalho enquanto artista negra estadunidense é referência entre as mulheres negras estadunidenses.

Algo demonstrado como sempre é exposto de alguma maneira no meio artístico o limite para. Nós, para nossas expressões quando essas não fazem parte de um contexto exótico promovido daqueles que geralmente "bancam", patrocinam a arte, tem a posse do dinheiro, ainda que recurso público. Se não formos "exóticos ou escravos", às vezes não interessa nossa arte. Contestar, drenar as toxinas do controle que nos invadem, como encontrar e trilhar outros caminhos é direito nosso.

Parece tudo muito proibido para nós mulheres negras, o que fazemos livremente em uma sociedade supremacista e sexista que nos impõe arcarmos com os riscos, quando são os homens que devem não ser violentos e/ou devem se tratar, controlar seus desequilíbrios (pois querer uma mulher sem sua vontade é desequilíbrio, perversão). Essas e outras questões que violentam a Nós mulheres, mazelas e dores, aparecem no filme *Para Garotas de Cor (For Colored Girls Who Considered Suicide)*, uma adaptação da peça de Ntosake Shange. Esse clássico do teatro afro-estadunidense trata da problemática racial e de gênero, onde as desigualdades e as construções que pesam sob nossas almas e corpos negros são evidenciadas, em histórias de mulheres que as protagonizam. Seus corpos marcados e estigmatizados são expostos às dores e inúmeras questões relacionadas raça e gênero, dentre outras intersseccionalidades, que nos marcaram a existência. A autora marca a produção que trata de questões que afetam famílias negras em suas diferentes configurações, desde uma professora de dança solteira bem-sucedida à uma chefe de família-mãe-esposa de ex-soldado de guerra alcoólatra que lhe pratica violência doméstica.

A reflexão e a representação poética, traduzida tradução afrodiásporicamente da literatura/poética dramaturgica para o filme (como ocorreu com a série), mostram, ao repassar ao público, situações cotidianas que fazem parte das experiências coletivas de mulheres que

compõem a população negra estadunidense de diferentes níveis e culturas étnicas. Essa proposta, mesmo ante os dramas profundos e graves, em todos os momentos traz nossas imagens negras de maneira responsável, mostrando as problemáticas que nos marcam, envolvem e atacam mascaradamente social e etnicamente, mas não estigmatiza o grupo. Traz o drama na diáspora colonial dos EUA, sob a perspectiva cultural negra delas/es.

Nossas imagens são presentes em todo o roteiro e a representação cinematográfica-teatral-poética, como preferirem – eu vejo todas essas coisas –, demonstra o avanço e a independência de base das propostas artísticas sob as realidades e questões que afetam as populações negras, bem como o investimento nessas. As bases de pesquisas, artistas, literatura, temática e o preparo para a produção das artes negras da cena e no audiovisual são notáveis, bem como a presença da consciência negras, que compreende a racialização dos EUA e consegue desenvolver a produção que lhe interesse. O que começamos agora no Brasil, com as novas gerações impulsionando produções e discussões sobre nossas realidades, nos coloca em protagonismo e com nossas imagens negras em evidência, construídas sob nossas próprias perspectivas e não sob as das pessoas brancas da área das artes e culturas. Mas aqui no Brasil, pelo tipo de políticas implantadas, como a do embranquecimento, e com o sustentáculo do racismo brasileiro, a mítica democracia racial fortalece os racistas e enfraquece as pessoas negras, vendando-as. É o racismo estrutural denso e negacionista do país, que ainda nos faz engatinhar em produções negras e em outras áreas que possibilitem nossa maior autonomia, força coletiva e emancipação. Mesmo com tantas lutas e avanços conquistados historicamente, a política racista do país funciona muito bem contra as populações negras.

Ainda assim, a ausência de consciência de que somos um país racializado se dá unicamente pelo desejo de não trazer à tona essa realidade, ou seja, para não tratar com propriedade e consciência da problemática racial. A questão brasileira é complexa e vale lembrar que seguramente a maior parte da população não deve conhecer termos acadêmicos relacionados à questão racial e à palavra racializada, que pelo problema da raça pode causar muitos entendimentos equivocados. Porém, o que é necessário refletir é que nem na academia muitas pessoas não negras e negras conhecem esses termos, visto que esses tratados das identidades do embranquecimento, que sustenta muitas pessoas ilusoriamente e fortalece a estrutura racial racista de um país altamente miscigenado entre povos originários-indígenas, africanos e europeus, certamente serão colocadas em xeque.

Não se consegue marcar para avançarmos, e no Brasil é proposta que também posso localizar como uma forma de tradução performativa escrivente (CARRASCOSA, 2018, p. 26), ainda que não seja sob a proposta intencional, essa minha feitura tradutória. Pois, enquanto tradutora negra traduzo conexões que dizem respeito às relações e signos lançados em nossos corpos negros pela racialização colonial branca, que se adensa em questões étnicas entre Nós. Carregamos marcas que nos expõem a situações e contextos que podem nos violar por uma questão de em gênero e raça. São realidades específicas de Nós mulheres negras, que nessas reflexões pelas produção afro-estadunidenses são explicitadas. Mesmo que ocorram, ainda que regionalmente, modulações específicas culturais negras ou do racismo, pelas muitas identificações de vivências afrodiaspóricas que podem acontecer entre mulheres negras de outros países, regiões ou estados específicos de um país, situações de perspectivas mais gerais nos aproximam: nossos corpos, raça e gênero. Por serem marcados por questões étnicas, do racismo e sexismo principalmente e por nos exporem a termos experiências coletivas negras em comum. São violências que ocorrem especialmente pelos estigmas decorrentes de nossa raça e gênero e que recaem sob nossos corpos por meio de violência interseccionalizadas. Isso dialoga com a construção poética de Ntosake Shange e as pesquisas de Kimberlé Crenshaw que constata e nos mostram que

Os exemplos mais conhecidos de opressão interseccional são geralmente os mais trágicos: a violência contra as mulheres baseada na raça ou na etnia. Essa violência pode ser concebida como uma subordinação interseccional intencional, já que o racismo e o sexismo manifestados em tais violações refletem um enquadramento racial ou étnico das mulheres, a fim de concretizar uma violação explícita de gênero. (CRENSHAW, 2002, s.p.)

A particularidade do tema que Ntosake Shange (COSER, 2005) destaca é a situação em comum na qual pessoas humanas afro-negras, no caso mulheres estadunidenses, são marcadas por suas origens, raças e gêneros, e veem suas vidas culminando em um abismo que é o consequente efeito destinado a muitas vidas negras das sociedades estruturadas pelo racismo e pelo patriarcado principalmente.

Somadas a outras interseccionalidades, essas situações são quase que uma regra para esses destinos, compreendido nos EUA, mas com as constatações das inconsistências do racismo quanto à capacidade de pessoas negras e suas ascensões de parcelas da sociedade, a questão racial tem sido menos questionada em alguns casos. O não questionamento e a negação ainda maiores são encontrados no contraditório, sitiado e atrasado Brasil colônia, que insiste em viver sob a alienação da raça. Uma negação intencional, pois sempre foi visível

a consciência da existência e das práticas racistas no país que camufla suas performances de raça, como pudemos rever fatos e situações de nossa realidade cotidiana. É um tema que trata do notório, principalmente do meio científico, intelectual, e dos movimentos afro-negros tão presentes nas relações raciais de nossa sociedade.

Dessa forma, pelo desejo de se manter como uma antiga colônia atual, no que tange à raça, racialização e estrutura social racista branca, continuarmos vivendo sob uma abissal desigualdade racial, social e de gênero, e não acontece diferente nas artes e culturas que sempre se mostram a frente de seus tempos. Quando a questão é raça, voltamos aos tempos coloniais, não há diálogos, e quando há, instala-se um senso de animosidade, agressividade e/ou "retardo" nas ideias em que não há avanços, e esses muitas vezes nos prejudicam na produção artística pela ausência de recursos e investimentos financeiros. Ao contrário dos EUA, temos poucas/os milionárias/os negras/os que poderiam ser investidoras/es das artes negras ou que tenham empresas altamente potentes para produzirmos audiovisuais e outras artes que tratem de nossas questões.

Temos as produções de guerrilha, ou seja, as gravações com o que se tem, com poucos recursos e até sem pagar o elenco, porém essas produções não duram no teatro ou outras formas de cena. Já para o audiovisual pode funcionar, mas até quando seguiremos na precariedade enquanto os brancos usam os recursos deles e os nossos? Tenho visto um destaque pela mobilidade social de números quase restritos de pessoas ricas e/os milionárias negras que tem suas consciências negras, que demonstram estar amplamente plugadas com o nosso tempo e país, porém a pressão racial da branquitude nunca deixa a coisa caminhar. É como se essas pessoas temessem, certamente pela sua inexpressão numérica no país, como pela ignorância no meio artístico nacional, pois as/os artistas brancas/os e brancos nacionais em sua diversidade são beneficiados pelo privilégio de sua branquitude em trabalhos, onde são majoritários e dominantes não naturalmente pela competência.

Podem muitos até serem competentes, como diversos podem até ser parceiros/as de artistas negras/os, mas a reprodução do racismo estrutural nas artes da cena privada, como na institucional nacional pública que envolve a cultura como um todo, é de dominação branca. No Brasil, pelo fato dos movimentos sociais terem conquistado as cotas em muitas áreas por meio de políticas públicas – publicidade, ensino, serviço público, dentre outros, o que deveria ser em todas as áreas–, esses lugares e políticas tem caminhado sob uma perspectiva mais de controle das desigualdades extremas, do que de seus racismos. Surge uma situação que a

questão racial chega na bagagem, pela presença das pessoas negras que se utilizam das políticas (em maioria afirmativas), mas não que os lugares e as pessoas estejam preparadas para trabalhar respeitando suas identidades, diversidade, conhecimentos e culturas. O que tenho observado é o despreparo em contraposição aos cursinhos rápidos em alguns lugares que pretendem se engajar, mas sem a assessoria permanente e ações antirracistas instauradas com ações reestruturação nas/das empresas e instituição, nada serve.

O antirracismo é prática secular negra necessária de se espalhar com engajamento e honestidade entre as pessoas do grupo praticante que querem se modificar de fato e outros grupos menos marginalizados. Ele é necessário e geralmente pode estar presente onde haja a presença de consciência e ação engajada sistemática com rejeição e combate ao privilégio branco pessoal e coletividade no cotidiano. O que fica demonstrado não haver de fato engajamento no Brasil, vista a situação séria, mas sim uma nova leva dissimulada de falsos progressistas antirracistas mascarados/as. Essa é uma realidade característica da sociedade da mítica democracia racial que força pessoas negras por estarem em desvantagem a terem uma convivência com a as micro e macroviolências das pessoas racistas brancas que os rodeiam, pela necessidade de nossa manutenção de vida e pela falsa moral que eles não trabalham nada, mas querem aplicar contra nós, caso não os toleremos mais. É um fator que diz muito da falta de honestidade e enganação dessas pessoas que se aproximam de pessoas negras para aparentarem seres "boas pessoas", "democráticas", "do bem", "antifascistas", "de esquerda", um misto do que há de pior, pois no fundo fazem ao seu tempo o que podem, é que é sempre pouco perto do estrago que eles e seu grupo tem feito a Nós e a toda sociedade. Também alguns se aproximam dos movimentos negros ao performarem sinceridade e engajamento inicial, e sempre são muito bem acolhidos pelos seus discursos e performances antirracistas mascaradas, e depois de perderem o temor inicial, vão buscar os espaços de poder para se projetarem pelo trampolim do movimento negro.

Assim, na área da Cultura, muitas pessoas que estão nas áreas de decisão e poder, que definem editais ou escrevem, selecionam elenco, muitas quando ações altamente ou excludentes têm sido questionadas – e essas irão aumentar cada vez mais, pois em sociedades racistas não há democracia e os únicos que não compreendem isso ou como isso se dá são os próprios racistas privilegiados com os bônus cotidianos que nos pertencem –, se manifestam com agressividade e raiva que tentam projetar como nossa. Essa raiva e projeção têm muito

mais a ver com a imobilidade que desejam manter de suas estruturas e costumam alegar que já existem as representações, bem como já tem negros bem-sucedidos nas artes.

Hoje temos presenças negras somente devido ao destaque da desigualdade para as cenas, e para as contratações e tratos das temáticas diversas do país com ausência de perspectivas negras diversas que nos contemplem. Um escritor/a brancos/os que domine o cenário das telenovelas, da dramaturgia, do cinema, não dá espaços em paridade para que as artes negras, que quanto mais segregação a branquitude produz, mais pautas e produções específicas vamos somando. Sem tratar a questão com o respeito, a profundidade e locais corretos que devem ser tocados para sua erradicação, negam a problemática muitas vezes contestada no Brasil. E sobre essa questão a autora Kimberlé Crenshaw(2002, s.p.) dialoga sobre a invisibilidade de raça e gênero que afeta nossas existências classe e as representações por meio de filmes.

Essas questões que nos desejam reprimir, marcar traumáticamente por nos estigmatizarem em relação ao sexo e a nossa liberdade de sermos quem somos, de percebermos e nos (re)conhecemos sem a perseguição de fantasmas que podem nos reprimir, liberar mais do que o desejamos ou de fazermos o que bem quisermos com nossos corpos e vidas. A estigmatização de nossa sexualidade e a associação de uma erotização com nossa beleza ou do binarismo da feiura junto a uma baixa moral que traduz a infidelidade, a ausência de confiança, vulgaridade, ainda que não estejam presentes em nós ou que haja a presença em pessoas de nosso grupos – pois somos humanos e essas certamente ocorrem como em outros grupos raciais –, mas não como uma regra, que é o que desejaram/am nos marcar em nossos corpos, esse lugar por eles visto e considerado como profano.

Por outro lado, nos atribuir a feiura facilita a exclusão pela ilógica alienada do racismo, pois instaura uma permissividade a uma maior prática das mais variadas violências, que vão desde os xingamentos à violação de nossos corpos ou, o mais comum nos tempos atuais, a execução pela mira dos corpos negros que oferecem a nós e a nossas famílias a morte.

A violência atribuída pela sociedade branca racista se instala entre os demais grupos e o descontrole é muito forte, pois se atrela a um tipo de naturalização que tem podido nos julgar como grotescos, não belos, acompanhados da baixa moral, da marginalidade e de uma objetificação desumanizante inquietante, sem limites que não pode prosseguir. Nossos corpos têm recebido esse lugar imposto já comentado no decorrer do trabalho, que não nos



pertence. Porém, pode até fazer-nos crer nisso em muitos casos pela afetação do embranquecimento e pela exaltação e presença massificante majoritária das imagens da branquitude com suas belezas e vidas por elas mesmas padronizadas como ideais humanos. São construções que têm se constituído e solidificado pelas posses de recursos financeiros provenientes de suas investidas no capitalismo colonial, que permite que visivelmente o grupo racial branco – pensando em sua composição pelo marcador raça – em suas diferentes etnias, países e sociedades, como ocorre na brasileira, construa a estrutura de mecanismos que os favorece incessantemente, fazendo a sociedade funcionar para eles. Pelas posições que ocupam em espaços de poder e decisões, devido à característica de nossa sociedade de dominação racial branca, fica fácil investir na imagem que é a base de suas opressões: deixar evidente quem manda, quem controla, quem possui o corpo ideal para estar nesse controle. Isso leva muitas pessoas a não gostarem de si mesmas por não serem brancas, não aceitarem suas imagens, suas origens, seus corpos como são, assim como seus iguais pela ausência de referências positivas, de status, projeção e pertencimento a uma vida e mundo que deu e dá certo.

Ao contrário do que veem em seus grupos, a estampada exclusão, invisibilidade e a construída existência de muitas ausências, que possibilitam a existência das precariedades materiais que são impostas principalmente aos grupos mais inferiorizados como em sua ordem indígenas e negros. Essa realidade tem imagens, e as que vemos na vida cotidiana são fortes, porém não se resumem às construídas ausências. Há vidas, riquezas culturais, criações e reinvenções que respondem como conseguem ao sistema maquinal das exclusões estruturadas e presentes de diferentes formas nas vidas de milhões de individualidades indígenas e negras.

Minhas inquietações são sobre esse quadro, que mais parece um circuito fechado e viciado, com partes segregadas e uma toxina que nos faz viver sob (re)existências com as nossas vidas num maquinário que quer nos prender em seu mundo inventado, dentro do mundo. Em realidade, acabei por definir mais uma forma de pensar "A Caixa Branca" que criei materialmente em performance com cubo branco (KILOMBA, 2018). O mundo que a branquitude nos obriga a participar dentro da sociedade, presente e tratado na performance "Ilusões" (KILOMBA, 2017), que desumaniza, e mortifica em vida nossas vidas pelo apagamento de nossos corpos e presenças no mundo. A exposição foi pensada inicialmente como um momento de cuidado e autocuidado que é a experiência de poder participar como

modelo de um ensaio fotográfico e estar no lugar exato simbólico e político de posse, pertencimento e exaltação da beleza e de nossa perfeição humana.

Figura 30 – Modelo Cássia S. participante do Projeto Vozes de Zambi, UFSC (2015)



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Reestabelecendo nossa beleza natural, ainda que para muitos possa parecer fútil, não o é, mas é a tomada de posse de nossos lugares de obras perfeitas, de corpos perfeitos, que vão para além das **frivolidades coloniais e acessam consonantes em nossas individualidades, como vem reestabelecer recuperando, a presença de nossas imagens como Beatriz do Nascimento, bem destaca:**

O Ori significa a inserção a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. É preciso a imagem para recuperar a identidade, tem que se tornar-se visível. Porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um, o reflexo de todos os corpos. (GERBER, NASCIMENTO, 1989, s.p. )

Via questões que a autora abordava nos anos 1970, época em que eu nasci, sem que em 2015, época de criação do ensaio, as conhecesse— afortunadamente isso me foi recomendado pela banca de qualificação. Pensava na confluência com suas ideias sobre o nosso apagamento da imagem, a que eu muito me referi como presença negra. A consciência **negra, pelo fortalecimento de nosso Ori, a cabeça, o nosso ponto de equilíbrio mencionado pela autora, palavra de um dos principais troncos culturais e linguísticos, o yorubá, presente em diferentes povos africanos e muito marcante aqui no Brasil.** Ori... Destaca a importância desse processo junto às coletividades pelas afirmações de nossos corpos que têm inerentes em si a beleza. Essas belezas legítimas e naturais de Nós que somos filhas/os da Criação e obras da natureza que somos.

Me senti envergonhada, estou mais acostumada a ficar atrás da lente.. Eu acho super interessante e bastante necessário pra mostrar a cara da pessoa negra, pra mostrar os estudantes negros que tem dentro da universidade e deixar mais visibilizado com a gente é aqui dentro. Então a gente tem que começar a aparecer e isso é uma iniciativa é muito importante pros estudantes e também pro coletivo, e é isso." (Michele M., atriz, Arquiteta pela UFSC, em 2015 era estudante do Curso de de Arquitetura e Urbanismo).

Até poucos anos, em 2010 e um pouco antes, majoritariamente o que tínhamos era extremamente um amontoado de produções de cultura branca, marcadas pelo racismo, sexismos e outras discriminações cultivadas no cerne da branquitude. Ideias que caminharam juntas e atreladas através das construções estruturadas pelo racismo que possibilita que essas sejam, como permanecem, bem-sucedidas nas mídias, nas produções dramatúrgicas de séries, telenovelas, *webséries*, cenas teatrais, *realitys*, dentre outras atrações da TV aberta brasileira. As invenções de um passado colonial, do racismo, que ao envolverem questões fortemente atreladas aos nossos corpos negros nos marcam sob os estigmas da não beleza ou da condição de beleza atrelada ao exótico. Ao erótico que imprime sobre Nós os signos coloniais inventados e que nos desumanizam pela objetificação. Algo que muitas/es/os de Nós não queremos carregar mesmo sabendo serem eles falsos e não são uma simples questão de não ligar, não se importar. São questões profundas que são reforçadas por uma construção histórica que na atualidade é reensinada cotidianamente às novas gerações dos grupos negros, brancos e indígenas, principalmente sobre quais são os lugares e as características que esse mecanismo destruidor atribui e designa para cada pessoa nos grupos a que pertencem e crescem aprendendo isso. Muitas pessoas negras não querem aceitar essa realidade para não terem que lidar com a condição de pessoas excluídas e a anormalidade que atribuem a nós ao

discriminarmos. A ideia de não pertencimento a essa sociedade e a esse mundo é bem nítida e pertencente em questão de cada pessoa.

Figura 31 – Instalação-Exposição na Biblioteca Universitária, BU/UFSC (2015)



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

O ensaio fotográfico foi voltado para fotografar pessoas negras, e somente fotografamos as pessoas afirmadas como negras que se voluntariaram, independente da variação de suas colorações e constituições fenotípicas – mas não nos aproximamos das definições coloniais do que vem a ser uma pessoa negra –, pois temos consciência de que somos uma diversidade. A exigência era somente as pessoas participantes pertencessem às comunidades negras da UFSC, se afirmassem negras e tivessem demonstrada evidência de pertencerem ao grupo afro-negro.

O que nos causou espanto em alguns momentos foram algumas pessoas atrevidas ao ponto de nos questionarem sobre o fato de o ensaio ser apenas de pessoas negras ser algo discriminatório. No Brasil branco, a discriminação somente acontece se as pessoas brancas não podem participar por alguma incompatibilidade.

O ensaio era sobre pessoas de origens africanas, afirmadas negras e percebidas como tal. No ensaio e em outras as situações, principalmente as que ofereçam algum benefício às pessoas negras, sempre tem um agrupamento branco para tumultuar ou para se utilizar de benefícios que não lhe estão destinados como as cotas raciais nas universidades e nos serviços

públicos. A seleção é fenotípica, e nesse momento a pessoa branca desonesta e perturbada – pois vai causar atraso nos processos e vai perturbar a harmonia do andamento, de algo que não lhe diz respeito –, age para tentar levar vantagem, pois pelo privilégio branco não estavam sendo processadas. Agora, com o aumento dos casos, quando processadas, têm que responder pelo crime de falsidade ideológica e desocupar a vaga, pelo menos, visto que os processos são voltados para pessoas à seleção de pessoas negras.

Já a tentativa de deslegitimar questões específicas que não lhe incluem tem um pouco da má-fé, a falta de senso de querer estar em tudo e outro tanto do medo da perda de seus privilégios. Essa espécie de censura e prática é típica do racismo antinegro controlador. Quando outro grupo racial e étnico demarca explicitamente a raça e a etnia em seleções públicas, como por exemplo asiáticos sendo selecionados para intercâmbio por empresa brasileira, geralmente não há questionamento racial para essas iniciativas. E se compreende que a seleção é somente destinada àquele grupo chamado, então não esperam que cheguem pessoas negras ou brancas se afirmando japonesas sem descendência com o grupo (ainda que existam pessoas afro-asiáticas e euro-asiáticas desses grupos étnico-racial). Acredito que esperem pessoas asiáticas em sua diversidade, mas nunca são questionados ou lhes é dito que estão promovendo a discriminação racial contra brancos ou coisas do gênero.

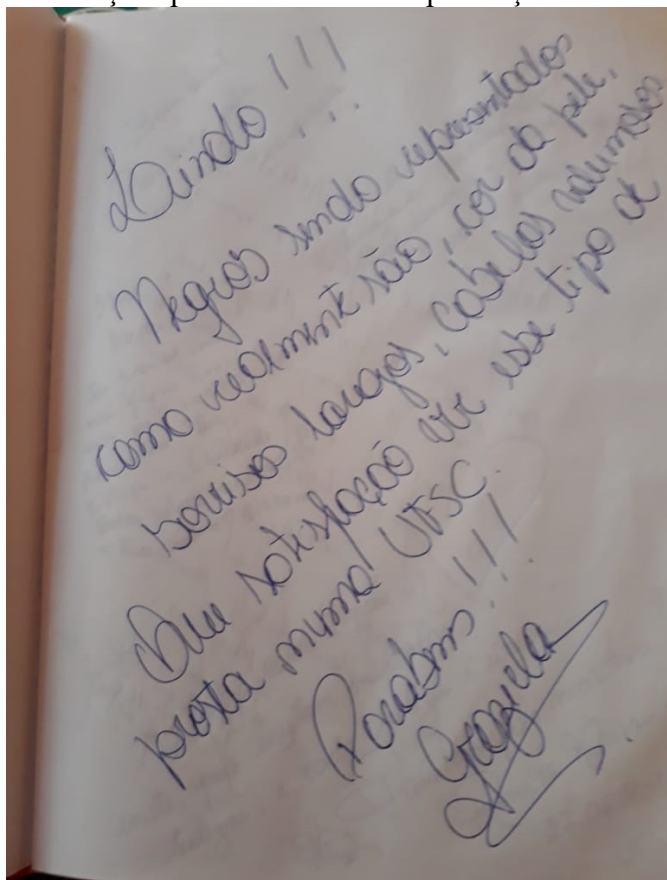
Como poderia ser tirar uma dupla nacionalidade, a espanhola por exemplo, algo que pessoas brancas descendentes de espanhóis no Brasil se candidatariam, sem esperarem serem questionadas sobre a legitimidade de sua raça e grupo étnico e que o mesmo estaria promovendo a discriminação racial, caso houvesse uma concentração enorme de pessoas brancas, ou pelo pensamento limitado de que pessoas de origens europeias somente poderiam ser brancas. Mas, certamente uma pessoa negra seria questionada se chegasse nesse espaço e fosse tirar sua cidadania, se essa fosse sua descendência direta<sup>98</sup>. Assim como se anunciarem que há um concurso para pessoas/povos indígenas, não serem questionados sobre essa seleção ser racista. Quando fazemos algum tipo de seleção racial ou étnica, principalmente entre descendentes de africanos brasileiros, os racistas saem de todos os cantos para poder dinamitar nossas ações e tentar invalidá-las, deslegitimando-as, criando falsas narrativas e argumentações vazias de quem somente precisa violentar e impedir. No ensaio aconteceram algumas perguntas assim, após sua realização, e algumas pessoas perguntaram porque era

---

<sup>98</sup>Direta – os exemplos são fictícios para ilustrar as situações por questões básicas do cotidiano de questão específica, mas não trago informações diretas desse processos.

somente para negros, ainda que de alguma maneira tenham acessado a ideia básica do projeto. Temos convivido com essas ações sempre.

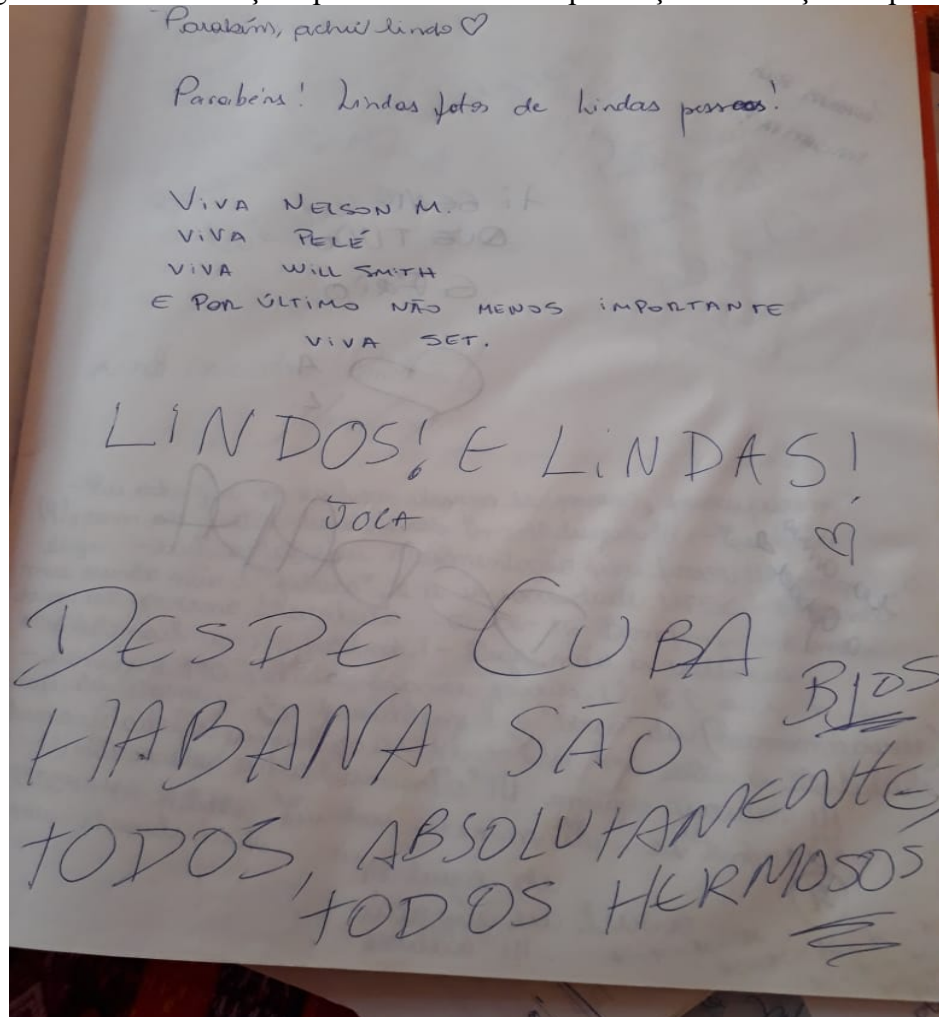
Figura 32 – Manifestações públicas – Livro de presença da Instalação-Exposição



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Em contrapartida, a demonstração de consciência negra ou do desejo dessa ampliação ficou explicitado nas manifestações, conversas e discussões entre pessoas que iam escrevendo nos cadernos de registros da exposição e nos felicitavam, agradeciam, parabenizavam, se sentiam contempladas pela presença da exposição, e deixavam relatos que fortaleciam ainda mais a proposta de continuidade, ampliação e circulação.

Figura 33 – Manifestações públicas – Livro de presença da Instalação-Exposição



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Assim nomeadas e destacadas pela nossa sociedade e outras racializadas, reservam pelo racismo de marca benefícios como a própria atribuição de beleza pelo grupo branco às pessoas mestiças, que podem ou não querer se afirmarem negras ou indígenas. Por serem mais claras e possuírem corpos e fenótipos em algumas situações mais aproximados com as pessoas brancas, podem se beneficiar ante a vida de um contexto estrutural de racismo, mas se situarem em um entre lugar, como muitas nos relataram, com dificuldades de suas afirmações em algum grupo ou a não cogitação dessa hipótese.

Para mulheres negras afirmadas, sendo elas de pele claras ou escuras, sempre os preços dessas “vantagens” são a violência de nossos corpos física e psicologicamente. É segura a diferença como a beleza e os tratamentos são direcionados se somos de pele clara ou de pele escura, o privilégio de quem vive em sociedades racializadas sob essa perspectiva

violenta não podem negar essas questões de que a violência se amplia quanto mais escura é a mulher negra. Essa realidade é se colocar em paralelo com as mesmas negações do privilégio de raça branca, e tentar silenciar uma questão que não se quer discutir: privilégios. Como se fosse uma reprodução dessas violências raciais sobre Nós e entre Nós mulheres e pessoas negras.

Precisamos discutir essas questões entre Nós e nos compreendermos e ajudarmos, pois já sofremos demais com o mecanismo, mas silenciar ou não falar sobre o tema é mais do mesmo que vivemos como os brancos. Temos condições de tratar esses problemas, afinal somos mulheres negras, pois o que diz respeito aos nossos corpos funciona na vida cotidiana, no momento em que os estigmas são acionados sobre nós, pelo mecanismo do racismo.

Assim como sua força motriz existe para atuar sob a condição destrutiva de nossas reais imagens e na manutenção sejam claras ou escuras, as invenções que nos violam seguem beneficiando os povos brancos que as produzem de diferentes forma, como excluindo nossas imagens reais não limitadas de estarem presentes no mundo e desumanizam nossos corpos, principalmente no caso de Nós mulheres, que, quanto mais escuras, somos tidas como feias, temos outras violações destinadas a Nós, o que não se pode negar, e as mulheres que o passam bem o sabem. Como somos colocadas/os em condições de não confiança, de corpos disponíveis para os prazeres dos brancos e de quem se interesse, a continuidade de suas alienações nessas questões em relação a si mesmos, projetadas sobre Nós.

Os nossos corpos de mulheres negras foram motivos pelos quais a face do ensaio fotográfico *A Beleza de Nossos Corpos Negros* foi cautelosamente pensada e traduzida neste trabalho em seu natural.

Se a nossa sensualidade surgisse para a fotografia, naturalmente, como algo que vem da/o participante no momento do ensaio, seria tranquilo, por ser natural. O que eu e a fotógrafa Diana estávamos de acordo era em não promovermos que as fotografias pudessem ser uma repetida construção histórica dos esteriótipos e signos lançados sobre Nós, como se possuíssemos uma beleza que é existente somente se for sensualizada ou sexualizada, traduzida como a objetificação de nossos corpos. Nesse caso, para insatisfação dos olhares que habitualmente nos colocam sob a objetificação do prazer ou da tortura, não tivemos esse trabalho. Ainda que cada um/a de Nós tenha o direito à sua sensualidade, ser atraente sexualmente, possuir seu corpo erótico saudável, a problemática do racismo com seu pensamento colonial racismo torna este fenômenos naturais em violação. O que questiono é



até quando que carregaremos tais marcas e estaremos expostas/os a tais violações, pela construção do colonialismo, que esta sempre nos tirando a possibilidade de desfrutarmos e gozarmos de direitos naturais de seres humanos. E nada natural é simplesmente nos designarem esses lugares estigmatizados. Então, não estou questionando se mulheres negras desejam fazer seus ensaios fotográficos explorando sua sensualidade e corpo erótico, pois somos pessoas livres e perfeitas para vivermos como quisermos e desejarmos, podendo aproveitar as experiências humanas.

Meu desejo era somente não nos utilizarmos dos recursos, estados e partes de nós que nos impõem e limitam como sendo nossa única expressão de beleza, que ao final dentro deste contexto colonial acaba por nos objetificar, e se realizarmos no plano privado esses ensaios, precisamos somente estarmos prontas/es/os para lidarmos com esta questão sobre Nós.

Figura 34 – Modelo estudante Gabriela F. do curso de graduação em Economia



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Enquanto não alteramos e recuperamos nossas imagens, resta para nós a beleza em nossos corpos presentes, por onde então precisamos nos proteger da monstruosidade e/ou da sexualização, da violência psicológica, das torturas e traumas. Uma infeliz construção da cultura de raças para as relações raciais entre o grupo negro e branco, mas que avança sob o mesmo grupo ou de outros inferiorizados, quando a necessidade de projetar suas violências,

principalmente para reproduzir as diversas violações sofridas pelos grupos opressores dominantes, projeta-se para compensar atacando as mais frágeis pessoas LGBTQIA+ e mulheres, ambas negras.

Dessa maneira, o ensaio fotográfico foi pensado sem ser uma proposta de exposição que trouxesse o nosso corpo físico exotizado ou sexualizado intencionalmente. Como por muitas vezes observei que as construções estéticas de "beleza negra" seguem tendo uma exploração e (re)construção, idealização limitada tida como se fossemos portadoras meramente das belezas, dos corpos exóticos ou sexualizados. Eu não queria esses modelos, pois dele eu já conhecia os estigmas na pele, ao longo da minha vida. Eu queria a nossa beleza natural sendo mostrada, essa que sempre tem sido negada e ao mesmo tempo desejada e temida.

Pensei em trazer para o ensaio uma produção de nossa beleza natural, como somos, ou seja, como cada pessoa é sem alterações estéticas raciais. Mas sim que apresentasse a nossa diversidade estética corporal específica de cada pessoas: fenotípica, estrutural, de coloração, da estética do vestuário, em sua natural sensualidade de quem a apresentasse, pois essa tem sido a tradução da cultura branca colonial de suas criações quanto à nossa possibilidade de sermos belos, sob a sexualização ou a beleza exótica, aquela quase única, criações psicológicas brancas coloniais sexualizadas de pessoas negras (FANON, 2008). Temos beleza natural e foi esta a intenção do ensaio, mostrar os nossos corpos negros ao natural, a nossa beleza natural sem as estereotipações branco-coloniais.

Foi de extrema importância para nos vermos como somos, despojadas/es/os do olhar e dos arranjos coloniais supremacistas de uma (hiper)sexualização que somente mostra o que o olhar colonial quer ver, que só tem a ver com as fantasias dos colonizadores e de seus descendentes. A hipersexualização e a proteção preventiva à violência me marcaram a vida inteira, e sempre partiam de minha mãe. Proteger e ensinar, muitas vezes pelo medo exagerado, sufocar para proteger, pois ela com seu medo com base em uma vivência da infância, em que foi protegida do assédio de homem mais velho, imaginava as consequências de um ataque às suas filhas. Até porque Nós mulheres negras compreendemos que há um "respeito permissivo" das outras pessoas em relação a Nós, que muitas vezes somos vistas como apenas corpos objetificados.

[..]baseadas em imagens preexistentes de mulheres pobres ou étnicas como sendo sexualmente indisciplinadas. Isso poderia ser enquadrado como discriminação

interseccional, já que os aspectos da subordinação nessas imagens derivam, simultaneamente, de estereótipos de gênero preexistentes que apontam diferenças entre mulheres, baseados em percepções da conduta sexual e, também, de estereótipos raciais e étnicos, os quais caracterizam alguns grupos como sexualmente indisciplinados. Conseqüentemente, as mulheres que estão a intersecção desses estereótipos tornam-se especialmente vulneráveis a medidas punitivas, baseadas em como suas identidades são percebidas pelos outros.[...] (CRENSHAW, 2002, s.p.)

Somos vistas como o ser perfeito para abusos, consolidados pelas construções durante a ilógica da escravidão, que faz com que pessoas brancas e outras não negras, ainda se sintam no direito de darem continuidade à construção colonial que nos desumaniza, objetifica nossos corpos e desvaloriza nossas existências, tão humanas quanto as deles. O fato de termos superando os sofrimentos e nos controlado ante ao sistema estruturado racista que nos ataca a cada dia, há séculos, não quer dizer que devemos viver eternamente sob a política das violências.

As descendências recentes dos colonizadores em 2021, a branquitude, mantêm viva suas culturas de padrões e normativas corporais que constantemente vai se modificando na busca de uma perfeição física impossível de ser atingida, e as usam contra as pessoas negras e demais não brancas como forma de validarem sua falsa criação de ser humano perfeito. A questão é a aparência de seus corpos e a constituição de si mesma, que em diversos sentidos consiste em uma busca sem chegada a essa perfeição, representada na atualidade como o corpo padrão sarado<sup>99</sup>, magro, mais desejado e adequado, a relação entre perfeição e beleza que seus antepassados, das áreas das artes, das filosofias, da biologia.

Pela condição natural da vida não há corpos com padrões de beleza, essa é uma construção pelo pensamento e mantido pela cultura dos grupos humanos que sustentam essas invenções humanas. A padronização europeia como imagem corporal perfeita é invenção que de tanto se repetir exaustivamente secularmente, qualificando como feios os corpos não europeus brancos, se “acreditou” e “se crê”.

Autodenominam e desumanizam os demais grupos, principalmente o negro, a partir de uma racialização sob jugos materializantes e zoomórficos, sendo em realidade cientes de sua falsa natureza, e aumentam sempre a necessidade de nos impor o feio para conseguirem

---

<sup>99</sup>Corpo sarado – se refere a um corpo trabalhado e modificado, pelo ganho de massa muscular de acordo com o gosto e estilo físico escolhido pela pessoa que o tem e é tido como pessoas portadoras de corpos saudáveis, mas não é sinônimo de saúde, conforme advertem alguns médicos para cuidados com a saúde e imunidade, principalmente em tempos de COVID-19, estes também podem pegar a doença. Nota da autora.

sustentar a "sua criação de belo colonial" em contrapartida com a sua ideia inventada de superioridade corporal modelo, que não se sustenta por ter sido inventada por eles mesmos.

Assim, quando querem falar ou pensar em uma beleza de Nós, que se recusam a ver ou mencionar, se não retiram e enquadram na feiura, a enquadram no exótico e sexual. Tudo relacionado com os seus medos, visto que estas criações são inventadas, mas estão incrustadas nas sociedades desde o período de torturas e destruições da escravidão. Nossas imagens não têm a ver com as construções destrutivas coloniais brancas feitas sobre nossos corpos e de nossa humanidade, não somos o retrato e nem o resumo da lixeira psicológica tóxica ideológica pessoas brancas brasileira ou de outras origens europeias supremacistas. O estrago foi feito desde a escravidão pela ilógica e covardia e foi fato consumado. A desconstrução desse desastre cabe a Nós, pois é uma construção pensada para poderem colocar a deles como referência em prejuízo a humanidade e aos povos afros.

Figura 35 – Por que Precisamos nos afirmar belas? Modelo Priscila, Pós-Graduação em Educação, UFSC (2015)



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

Nossa negritude e consciência negra precisam ser ou seguir ativadas. A consciência de Nós nesse processo de recuperação de nossas imagens, de nossa beleza que é essência natural e é inerente às criaturas da natureza e nunca saiu de Nós, pessoas negras. Mas fomos violentadas em nossos corpos e almas por inteiro. **E todo o processo de recuperação é**

**árduo e nunca experimentado quando a situação é nova.** A situação de sermos violadas/es/os em relação às nossas belezas naturais e termos nossa humanidade animalizada *pelos performances culturais racistas cotidianas de pessoas brancas* é um fator importante para observarmos nossa condição de reconstruirmos as nossas imagens e nos fortalecermos pela consciência de quem somos e do que de fato são essas pessoas, motivo pelo qual eu cartografei suas culturas, práticas manifestadas em performances cotidianas da tormenta das alienações do racismo e da branquitude. Devemos ter cada vez mais a nossa consciência ampliada sobre quem somos? De onde viemos? O que estamos vivendo e o que está nos encapsulando em sua alienação? Isso nos possibilitará compreender o que fazer para nos desvencilharmos das amarras do racismo e de seus padrões culturais brancos de torturas que dão vida à ideologia e às pessoas brancas. Ainda que não seja tarefa fácil, o processo de autoconsciência e de uma consciência coletiva pode nos libertar e conduzir a novos caminhos, outros modos de vida, de ver e pensar o mundo. Para isso precisamos nos localizar, avaliar, ter consciência de quem somos e de onde estamos, bem como da importância de investirmos em Nós, individual e coletivamente.

Temos a necessidade urgente de nos localizar, nos compreender enquanto serem humanos pertencentes a uma natureza em perigo, (re)aprender a nos amar de corpo e alma. para assim podermos respeitar o nosso coletivo afronegro e demais grupos humanos com mais profundidade - algo que já carregamos-, a nossa natureza da qual fazemos parte, a pensar um mundo que possamos viver sem mais fazer parte do processo destrutivo dele e de NÓS, induzidos pelos grupos dominantes no poder. Pois é a isso que temos sido impulsionados/es/os, a não nos amarmos por sermos desumanizados e destituídos de nossas culturas-histórias-origens e exploradas/es/os, além de sofrermos simultaneamente pelo nosso apagamento. Toda nossa humanidade que nos é negada, e nossa assimilação ao mundo capitalista colonial racista e cissexista patriarcal branco depende de nós para existir, principalmente de Nós pessoas negras. Pois somos as altamente exploradas, usadas, violadas, mortas se fora de controle e mantidas, e se utiliza de nossa alienação na manutenção das criações, sustento econômico e psicológico que mantém viva a engrenagem do racismo estrutural, aliado aos outros sistemas de exploração humana.

Será que temos perspectivas e noção segura de onde queremos ir? Encontrando nosso eu saberemos. Temos um senso social instalado que aponta como se de fato não fossemos

possuidores de beleza. Assim, uma desconstrução imagética feita sobre nossas almas habitadas em corpos negros é essencial.

Precisamos recuperar o reaprender a pensar em nossas imagens apagadas da perfeição natural de nossos corpos, conseqüentemente de nossa beleza, possibilitando o amor por Nós mesmas/es/os a partir de nossas imagens, e observando com sabedorias nossas imagens corporais pelo espelho de Mamãe Osùn poderemos ir curando nossas almas ao nos aceitarmos com a beleza natural que temos e nunca saiu de Nós. Ao recebemos do mais Alto Poder e Criação Suprema de tudo o que existe, qualquer coisa que nos tente afastar disso não passa de mera criação do campo signo dos pensamentos humanos.

Para isso, precisamos mudar, alterar e trazer outras perspectivas sobre Nós, pessoas afronegras, e é esse o trabalho deste ensaio fotográfico e principalmente de suas instalações que dialogam com este outro olhar. Nessa relação as artes visuais se contrapõem à naturalizada ausência de nossas imagens em espaços e produções de valorização dos corpos, da beleza humana e empoderamento de Nós.

## **5. TRADUZINDO PERCURSOS TRANSCONTINENTAIS: *INTERCÂMBIO BRASIL/PERU DE MULHERES NEGRAS E A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS*<sup>100</sup>**

Nossas relações transcontinentais com as mulheres afroperuanas, surgiram neste momentos de contato e entrevista sobre a Mostra da Instalação-Exposição “A Beleza de Nossos Corpos Negros”, no 13º AWID/2016 Salvador (BA), com a liderança afro-peruana da AMUNETRAP e FENATRAD:

Correta não, não. Não tem uma beleza correta. Olá, eu me chamo Ernestina Ochoa, sou uma mulher afro peruana, e sou uma dirigente em nível internacional, sou a vice-presidenta da Federação Internacional de Trabalhadoras Domésticas Trabalhadoras do Lar, como somos chamados em alguns países latinos. E eu digo que não há uma beleza completa. Nós todas somos belas, desde o nosso interior, de dentro. Somos belas e nos afirmamos belas. Somos as mulheres afros, belas e de todo o mundo. Porém, o que nós precisamos modificar é este racismo e esta discriminação que existem em muitos países. Por isso que as mulheres afrodescendentes estão se organizando em nível latino-americano e em nível mundial, para dizer basta de racismo! Não à discriminação! Porque as mulheres

---

<sup>100</sup> O subcapítulo 3.4 – Contém trechos desenvolvidos e reelaborados de artigo publicado na revista *Corpos* de 2018, de publicações, relatórios e textos contendo informações sobre a instalação-exposição para fins desta pesquisa de dissertação de mestrado que dialogam com esta produção final.

trabalhadoras domésticas no meu país, no Perú, nos sentimos discriminadas: por ser mulher, por ser trabalhadoras domésticas e por sermos negras. Por isso é que eu me uno a luta do movimento afro. ( OCHOA, 2015).<sup>101</sup>

Figura 36 – Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, Chorrillos, (Lima/Perú)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

### **5.1 A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS E A SUA IMPORTÂNCIA PARA AS MULHERES AFROLATINOAMERICANAS**

A Instalação-Exposição e mostra de *A Beleza de Nossos Corpos Negros* possibilitou traduções diversas neste intercâmbio principalmente afrodiaspóricas entre línguas, entre nossos grupos étnico-raciais, como das culturais em recortes raciais como pessoas originárias de diferentes grupos étnico-raciais, como as das performances. A criação do *Projeto Intercâmbio Brasil/Perú de Mulheres Negras: Empoderamento como Ferramenta de Desenvolvimento, Igualdade e Justiça incorporado ao Dossiê Kurima – Estética Negra* nos enquanto representação ativista de entidade e artista-pesquisadora possibilitou amplos desenvolvimentos nas relações transcontinentais e transnacionais estabelecidas entre Nós, mulheres afrobrasileiras da Kurima Bantu Mulheres MUDEMPODIRO e as mulheres afroperuanas da *Asociación de Mujeres Negras Trabajadoras de Perú*, AMUNETRAP.

---

<sup>101</sup> OCHOA, 2015 - Entrevista feita com a liderança afroperuana Ernestina Ochoa da AMUNETRAP, em audiovisual, transcrita e traduzida do espanhol para português brasileiro pela autora. Nota da autora.

Desta maneira, ao ser contemplada pelo edital do *Fondo Semillas*, da *13º Fórum Internacional AWID 2016, "Futuros Feministas: Construindo Poder Coletivo em prol de Direitos e Justiça"* em projeto cruzado com a instalação-exposição, mostra do ensaio fotográfico *A Beleza de Nossos Corpos Negros* e minhas oficinas. Procurei atender as demandas que nos chegaram pela amiga-hemana Ernestina Ochoa, como representante da Kurima Bantu mulheres e desenvolvi este projeto que foi/tem sido um importante e marcante trabalho de pesquisa em práxis descolonizante na base. A exposição-instalação e as oficinas de cantos ancestrais dentre as outras atividades e ações que abarcaram o intercâmbio trouxeram novos sentidos, talentos, vivacidades e fortalecimento para ambas as entidades. Como nas instrumentalizações em trabalho nos dois países pelo empoderamento e fortalecimento da consciência negra das mulheres da AMUNETRAP, onde percebemos o desenvolvimento de um notável trabalho de *Recuperação da Imagem e do Imagético*. Os resultados foram notáveis na afetação aparente que se iniciou durante o processo de empoderamento com as mulheres negras afroperuanas da AMUNETRAP. Inicialmente apresentavam em boa parte, baixa estima verbalizada. Com as identificações pelas imagens de outras mulheres e pessoas negras pelas imagens, como acesso a conhecimentos sobre falsas ideias de beleza, da colonialidade (QUIJANO, 2005) quem vivemos em trabalho de fortalecimento de suas consciências negras, passaram a observar a beleza de outra perspectiva, como passaram a ter um maior interesse por suas estéticas e como por si mesmas. Para estas mulheres se sentirem bonitas e se enfrentarem, como às falsas ideias sociais é porque seus processos de empoderamentos tem lhes tocado e fortalecido a mente, o corpo e a alma. A exposição e oficinas, como a produção de nossas fotografias, promovendo a identificação pelas imagens positivas negras recuperando nossas humanidades e belezas, com as atividades específicas possibilitaram que as mulheres e seus familiares estabelecem uma outras relação com suas imagens, corpos e vidas negras já sedentas destas novas perspectivas.

O Impacto das mostras e exposição que ocorreram nas propostas planejadas que realizamos geraram compartilhamentos e significativas experiências entre as mulheres afroperuanas da AMUNETRAP, em Lima (Perú) na primeira etapa do projeto, como com as afrobrasileiras e afroamericanas na segunda etapa, em Salvador (Brasil). As mulheres afroperuanas melhoraram suas autoestimas na forma mais direta, como vi alguns sinais marcantes de suas tomadas de decisões já nas oficinas, como: as mudanças estéticas nos cabelos que algumas solicitaram o corte, no momento da oficina de estética corporal e



musical(realizados na oficina). Os posicionamentos no uso de turbantes com a solicitação do ensino das amarrações por algumas das participantes; o pedido de serem maquiadas e terem suas roupas arrumadas com acessórios que trouxeram antes das oficinas de estética, bem antes das oficinas, mas no dia da Mulher Negra.

A maioria das populações negras encontram-se morando no bairros de Chorrillos (Lima) e em outras cidades do interior do país. As mulheres negras trabalhadoras domésticas (CREMSHAW, 2002, s.p.) como Ernestina, expõem suas dificuldades como ela fez em desabafo, relatando o que passavam na vida cotidiana. Estavam sedentas de mudanças e melhora nas expectativas de vida delas e de suas famílias, querem bem estar, dignidade e mobilização social (LIMA, 2018, s.p.).

Desta maneira, as ações e atividades descoloniais de letramento racial e cultural que realizei com elas e suas famílias foram muito significativas para uma maioria das mulheres que são das classes trabalhadoras mais simples. Pois, sentem de diferentes formas os efeitos das desigualdades sociais em seus corpos e famílias, serem decorrência do racismo estrutural e do sexismo, pois cada dia mais compreendem a dimensão do que vivem, algumas sindicalistas estão atentas aos seus direitos. As mulheres muito potentes e cuidadoras de suas famílias, nos encontros motivaram a planejada participação familiar que era fundamental, deixavam aparente também os aspectos coletivos da cultura negra afroperuana, a união específica da comunidade. Foi algo que admirei muito pela fluidez e interesse de todos, inclusive dos maridos em apoio, alguns homens com posturas bem feministas. Elas há pouco mais de dois anos assumiram politicamente a realização de manifestações culturais afroperuanas em ações públicas, motivadas por nosso trabalho. E em 2019 tiveram o reconhecimento dos valores culturais da comunidade negra pela Municipalidad de Chorrillos e após seus encaminhamentos conquistaram a comemoração oficial do Dia da Mulher Negra e Afrocaribenha. Importante ação de empoderamento local delas, que promoveu a visibilidade e o reconhecimento da AMUNETRAP como movimento de mulheres negras e da comunidade negra que se concentra no local, ampliando a participação de outros grupos ativistas de mulheres. Elas que são a base mais invisibilizada do país se agenciam (COLLINS, 2016) e se fazem visíveis e vão conquistando espaços e direitos.

O trabalho segue em curso e esta é a nossa etapa da *tradução de recuperação da imagem afroimagética em* o processo de suas transformações posteriores, com estas mulheres da AMUNETRAP estão vivendo agora. As acompanho mantendo apoio recíproco.

Afetadas pelas violências racias diretamente pela desumanização de seus corpos, em país onde são um número pouco expressivo e num contexto complexo das questões e relações raciais e étnico-raciais, onde há constante relações interraciais, como as constantes reproduções do racismo e o modelo da branquitude segue como padrão estético. Esta busca pela descolonização de Nós, de nossa sociedade e do mundo, do desejo de novos caminhos e de nossa liberação de tantas lutas com mais conquistas, pois Nós desejamos ter direitos iguais e uma vida digna para todas/os. Conflue com nossa caminhada, então, o que CRENSHAW(2002) coloca é fator em comum para Nós, pois somos mulheres das lutas e

Inspiradas pela vontade de discutir a desigualdade que atinge mulheres em todo o mundo, as ativistas dos direitos humanos vêm realizando significativos ganhos nas últimas décadas, assegurando a maior inclusão do tema do abuso dos direitos relativos às mulheres e ao gênero nos discursos dos direitos humanos.<sup>1</sup> Em nível formal, o princípio da igualdade de gênero, no que se refere à fruição dos direitos humanos, baseia-se na Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, sendo depois explicitado na Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra Mulheres (Convention for the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women/CEDAW). Essas garantias foram detalhadas através de uma série de conferências mundiais, incluindo as do Cairo, de Viena e de Beijing. Tais detalhamentos realmente constituíram avanços conceituais, pois expandiram os direitos humanos para além dos seus parâmetros iniciais, que marginalizavam os abusos de direitos relacionados ao gênero que atingissem especificamente as mulheres. (CRENSHAW, 2017, s.p.)

O projeto que nasceu de relações de processos de arte, sensibilização e tradução, como da tradução afrodiaspórica da proposta artística da amostra da exposição e das nossas reflexões críticas de Ernestina sobre uma problemática racial ocorrida no fórum AWID/2016, algo importante neste processo, pois para este contexto ao expormos a situação no projeto, nos selecionaram. Foram as proposições tendo desdobramentos, ou seja, a mostra da exposição, as demandas nela surgidas que gerou o projeto, reverberando em transformações de tantas vidas na América Latina.

Relembrando, durante as performances que eu realizava, no Fórum AWID/2016, no local da mostra da exposição dentro daquele celeiro de proposições feministas e ante a mostra da arte fotográfica de Diana Souza, eu performava diante das imagens das mulheres do ensaio da UFSC - que eu havia selecionado em curadoria de algumas participantes para o recorte de gênero- vi muitas mulheres de diferentes partes do mundo circularem. Interagindo e amando as imagens em mostra no saguão central do Fórum. Ali conheci a liderança Ernestina, presidenta da *Asociación de Mujeres Negras Trabajadoras del Perú- AMUNETRAP* e na época era vice-presidenta da *Federación Internacional del Trabajadores del Hogar- FITH*, hoje uma amiga-hermana. Naquele dia Ernestina como para as demais presentes fiz minha

performance sobre nossas identidades de mulheres afro negras naquele espaço. E fui surpreendida por seu desabafo. Fiquei muito tocada com sua denuncia articulada, que passou tornou-se uma conersa iniciada em tom de cansado lamento

“Nós mulheres negras somos duramente golpeadas por sermos mulheres, por sermos pobres, por sermos trabalhadoras domésticas e por sermos negras. Esta situação atinge nossos filhos, já que eles tem menos oportunidades de ingressarem na universidade (que são pagas), pelos menos motivos econômicos que nos afetam e porque em nosso país (Peru) não são oferecidas oportunidades para nossos filhos, como para nós mesmas porque somos afrodescendentes.” [Ernestina Ochoa, 2017] (LIMA, 2018, s.p.)

Oficializei as parcerias, escrevi o projeto *Intercâmbio Brasil/Peru de Mulheres Negras: Empoderamento como Ferramenta de Desenvolvimento, Igualdade e Justiça* e submeti o projeto. Fomos um dos 20 projetos selecionados, entre mais de 200 projetos de entidades feministas de 120 países, pelo edital Fondos Semillas (2016) da Association Woman's Right Development (AWID), do qual fui a proponente responsável, coordenadora geral e professora ministrante. O projeto teve sua realização durante os anos de 2017 e 2018, e atuei como representante da entidade Kurima Bantu Mulheres Mudempodiro em parceria com a AMUNETRAP, onde a amiga Ernestina Ochoa atuou como a facilitadora e articuladora no Perú.

No Brasil, antes da viagem, fui trilhando os caminhos e observando as recomendações passadas por sua liderança e as especificações que fiz na oficina delas. Com ela mantive contato e fomos construindo um cuidadoso planejamento durante os pouco mais de seis meses, que antecederam a minha viagem. Comprometi-me em fazer um projeto como solicitado por Ernestina, elaborei o projeto e fomos selecionas, tudo muito rápido, fluído. Mas, somente depois pude perceber a dimensão daquele pedido, como a importância dele para as tantas vidas, seu potencial fortalecedor e transformador para Ernestina e suas companheiras. Dia singular em que a mulher vibrante, alegre e lastimada, de bandana verde na cabeça (primeira mulher da figura 37) conquistou o que nem imaginava para tanta gente.

Nossos importantes colaboradores Léo Rosa, Diretor de Arte Gráfica do Coletivo Kurima, que tem sido nosso dedicado designer gráfico, fez um bonito e dedicado trabalho, regado de partilhas e trocas. Nossa colaboradora admirável Christy Beatriz Najarro Gusmán, muito dedicada tradutora de espanhol, fez um trabalho respeitoso com os textos e oficinas que elaborei e lhes confiei. E a competente e delicada Kellyn Gusmán fez a captação das imagens com muito engajamento e parceria durante a maior parte das oficinas em Lima.

Em Lima e aqui no Brasil formamos equipes potentes em qualidade de trabalho, muitas partilhas e afeto, rendo agradecimentos pela atuação colaborativa de todas as pessoas envolvidas e parceiras. Certamente sem elas/es não conseguiríamos obter os resultados satisfatórios e exitosos que tivemos. O significativo e generoso apoio-patrocínio internacional da AWID, o comprometido e importante no apoio da UFSC, por meio do Gabinete do Reitor (gestão 2017) e o apoio na pré-produção do Curso de Artes Cênicas, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH/ UFSC), do Centro Socioeconômico (CSE/UFSC), Municipalidad de Chorrillos, *Centro de Desarrollo de La Mujer Negra Peruana* (CEDEMUNEP), dentre outros apoiadores, que tornaram possível a viabilidade desse projeto relevante de empoderamento para mulheres negras afro-peruanas, afro-brasileiras e demais afro-latinas.

Figura 37 – Mosaico de momentos do Intercâmbio Brasil/Perú Negras (Lima)



Foto: Acervo pessoal da autora.

O intercâmbio que realizamos no período de 2017 a 2018 chegou no momento certo, mesmo com as dificuldades encontradas pouco antes do início da minha viagem para Lima que se centralizou mais em questões do racismo institucional. Assim, iniciamos o intercâmbio em julho de 2017. Ministrei um ciclo de oficinas para as mulheres afro-peruanas da AMUNETRAP e instrumentações para as lideranças, nos meses de julho e agosto, em Lima. A primeira oficina ocorreu no evento que realizamos em alusão ao Dia 25 de Julho, *Dia da Mulher Afro-latina e Afro-Caribenha (ou Dia da Mulher Negra no Brasil, no 2º Encontro de Mulheres Afrochorrillanas*, com as mulheres da AMUNETRAP, Chorrilleñas, suas famílias e

a comunidade. Iniciamos nossa circulação na América Latina do *Intercâmbio Brasil/Peru de Mulheres Negras: Empoderamento como Ferramenta de Desenvolvimento, Igualdade e Justiça* começando pelo Lima (Perú). Seguimos para a segunda etapa do intercâmbio alterada, realizada em Dezembro de 2017, em Salvador, após nova pré-produção cheia de novos ajustes e importantes incorporações no projeto. O que nos possibilitaram contribuir em processos de organizações e mudanças das trabalhadoras afro-latina, com trocas com as mulheres afrobraleiras no encontro e em encontros na universidade.

As oficinas específicas e a rede de afetos foram intensas e ninguém permaneceu como era antes. Tenho acompanhado pelos contatos estabelecidos com as irmãs, como pela observação pelas nossas relações e redes sociais mais próximas. Resultantes importantes das propostas de *A Beleza de Nossos Corpos Negros* no intercâmbio foram seus empoderamentos estéticos-políticos-culturais com outras linguagens artísticas em práxis descolonizante, que potencializou as questões mais complexas e delicadas das instrumentalizações sobre questões raciais, traumas, exclusão e morte, com leveza. Tocando em afeto e saberes garantimos trocas com aquelas mulheres afro-peruanas repletas de generosidade, disposição, afetividade, inteligência e fibra que fizeram parte do intercâmbio Brasil/Perú de mulheres, negras nos renderam preciosas memórias e vínculos importantes transcontinentais afrodiaspóricas.

### **5.1.1 A PRESENÇA TRADUÇÃO DA RECUPERAÇÃO AFROIMÁGÉTICA EM SITE DAS INSTALAÇÕES-EXPOSIÇÕES DE *A BELEZA DE NOSSOS CORPOS NEGROS***

O Site em desenvolvimento é fruto de minha parceria com o Coletivo Kurima e a Kurima Bantu Mulheres MUDEMPODIRO no site das Instalações-Exposições de *A Beleza de Nossos Corpos Negros* que tem a presença de minha proposta tradutória para este tipo de produção artística de *recuperação afroimagética* que nos possibilita ter acesso a processos tradutórios desta recuperação pela *tradução da recuperação afroimagética*. O site segue em construção e é também um desdobramento desta dissertação em consonância com propostas do coletivo e entidade. O trabalho do site ainda não está disponível ao público no momento da finalização deste trabalho.

ENDEREÇO 1:

<https://zleorosa.wixsite.com/website-1>

## 6. (IN)CONCLUSÕES

Este trabalho de pesquisa possibilitou a produção desta dissertação em tradução como performance de minhas memórias escrevíveis em autoetnografia, pelas análises dos temas que percebi como importantes em meu percurso e para nossas comunidades negras e humanas.

O trabalho seguiu em constante movimento e as questões raras das temáticas tanto me atravessaram como me possibilitaram observar outras perspectivas dentro das análises realizadas com as artes visuais, performances e ações no percurso universitário e vida cotidiana. Todas de diferentes formas a partir de minhas experiências universitárias se inter cruzaram e envolveram a valorização e a recuperação de nossas humanidades.

A oportunidade desenvolver as propostas tradutórias pelas de ação direta autoetnográfica, possibilitou uma relação intensa e imersa de apresentação tradutória das questões mais complexas do trabalho: as questões raciais, das culturas de raça, da exaltação da beleza negra e a recuperação de nossa humanidade, das localizações das performances e as possibilidades de traduções como as propostas de recuperação afroimagética e das traduções das recuperações afroimagéticas.

Sob estas amplas dimensões, complexas e delicadas visei e busquei tratar pontos específicos das obras apresentadas que funcionaram também como dispositivos antirracistas e descolonizantes dinâmicos, as imagens “*Instalação-Exposição Ensaio Fotográfico: A Beleza de Nossos Corpos Negros*”, da “Linda no Retrato”, da imagem da performance “*Senzala*”, da performance a “*A Caixa Branca*”, da performance “*Quem Pode Existir*” e das outras performances envolvendo as culturas de raça. Os temas se inter cruzaram, senti muitas limitações ante a escrita, que também teve um movimento de expurgo e cura, como a repetição necessárias dos assuntos em diferentes temáticas, funcionando como um meio de memorizar, o que básico que nos tem sido ocultado. Algo que desde meus estudos da graduação, tenho insistido em performatividade, marcar as forams de opressão, os opressores/as e questionar o sistemas.

Mostrar o básico, e mostrar novamente. Pois, se as pessoas insistem em não alterar o curso, ao menos vão gravar o que nos afeta, pelo acesso repetido as informações que são a base de nossos problemas, e se repetem de diferentes formas em minhas performances neste trabalho. As temáticas são profundas, mas de que valem aprofundamentos se as pessoas

ainda rejeitam a presença determinate da raça, do racismo e da racialização e nossas sociedades? São estas também (in)conclusões de nosso percurso.

Algumas *performances da negritude* dinâmicas orgânicas pela proteção à vida, pela resistência e pelos dismantelamentos dos racismos institucional, epistêmico, estrutural e individuais, o fiz também nestes *atos performáticas descolonizantes*.

O trabalho possibilitou levantar e apontar a presença da problemática da raça por meio das que chamei de *performances cotidianas psicopolíticas da branquitude e suas traduções*. Que penso necessárias somente para melhor localizar questões e problemas de nossa racialização. “ a que fale possível e marque o grupo branco”.

Tive a oportunidade de iniciar a construção de uma plataforma para apresentação parte desta pesquisa aliada a uma proposta de *tradução da recuperação afroiamgética da da* instalação-exposição em produção das artes visuais, em nosso site que segue em processo de construção, para um acesso e fomento mais amplo da produção artístico-científica. Essa é uma das resultantes importantes deste trabalho, uma parte que dá muita satisfação, entre encontros e desencontros do processo da pesquisa é importante desdobramento, e continuidade da mesma. O site pretente ficar disponível ao público para visitaçã *on-line*, com as resultantes importantes dos processos tradutórios e outras propostas de atuação com outras/os colaboradoras/es.

É necessário nos fortalecer em conexão ancestral para que as nossas novas gerações naturalizem essas práticas mais negras e banir do mundo as opressões.

Construindo hoje caminhos para colhermos frutos no amanhã.

Estive entre reflexões e diálogos, entre pares importantes desta trajetória e encontrei orientações e consonâncias de pensamentos, como pudemos realizar raras trocas que destaco com sendo importantes de figuras marcantes de nossas movimentações negras brasileiras, portadoras de outras bagagens e experiências como da Profa. Dra. Sílvia Lourenço, a Profa. A Dra. Denise Carrascosa e o Sr. Mateus Aleluia. Essas reforçaram sentimentos e a percepção que eu carreguei da potência deste trabalho pôde ser melhor dimensionada ainda por outras novas ações transcontinentais e transatlânticas, como já ocorrerá, porém em dimensão reinventada. Isso reforçou meu intuito inicial de manter a arte com a perspectiva afrofuturística, não em estética, mas como uma possibilidade/meio de construções no presente, em diversas produções de Nós que venham a garantir as nossas existencias no futuro. Pude refletir e repensar na continuidade do projeto pela ativação de uma plataforma

digital e física que possibilite levar para outras regiões do Brasil e fora dele, com os empoderamentos das mulheres e pessoas negras no/do mundo, efetivamente.

Desta maneira acredito que a pesquisa possa **contribuir na propagação de novos processos e inspirações à outras concepções práticas para o reestabelecimento de nossas humanidades afros negras. Por meio de autoafirmação, como trago a possibilidade da recuperação de nossas afroimagens e afroimagéticas e de suas traduções, a partir da naturalização de nossas belezas, pela conexão de nossos corpos e almas em amor a Nós por inteiro. Pois, necessitamos alterar os processos que nos matam, perseguem e expõem a morte, precisamos nos proteger. E buscar os meios de garantir as nossas existências, o acesso aos nossos conhecimentos e às conexões com as forças ancestrais nos amparam, caminhos devemos prosseguir seguindo e (re)descobrimo.**

Como as falas das resistências e (re)existências ressoam “onde matam cem de Nós, nascem mais de mil de Nós”. Os controles eugênicos modernos de extermínio não funcionarão, terão de acabar em algum momento e Nós, como pudermos e de onde estivermos, conscientes de Nós neste momento certamente vamos unir forças para insurgir, nos rebelião da libertação mental e corporal, e transcender. Porém, precisamos erradicar os processos epistemicidas e genocidas das vidas físicas e intelectuais de nossos povos afros e negros.

A pesquisa busca ser uma contribuição para esta área e temática, que não finaliza aqui, pois espero dar seguimento a ela em novo momento em um doutorado. A necessidade de amadurecimento e aprofundamento com as/os autoras/es que selecionei e me identifiquei, como para a realização de um trabalho mais circunscrito, delimitado e direto no que mais desejo com as artes, mas que pela força do momento não foi possível, porque esta proposta urgia de dentro para fora e de fora para dentro. Em momento próximo me dicarei em tempo adequado a esta continuidade. Tendo em vista a necessidade de termos referências diversas, principalmente para além da língua, em outras linguagens, como no caso das artes.

Diante desta dimensão de nossa afrodiáspora, venho me despedir para um descanso e acúmulo do fôlego necessário, para eu possa me envolver e dedicar para estas novas etapas de pesquisas em Traduções Afrodiáspóricas, Artes com ênfase nas Artes Negras da Cena, Visuais e Audiovisuais Negras interdisciplinar e multidisciplinarymente.

O meu corpo minha preciosidade precisa da paz do reestabelecimento, pois esta produção foi densa para corpo, mente e alma. Dar cuidados especiais ao meu corpo como



busquei fazer e motivar durante esta pesquisa, e vivências da minha vida cotidiana, buscando nossa preservação, proteção e valorização existencial. Sinto os resultados no meu corpo, que sai abalado pelos atravessamentos intensos deste trabalho e ao mesmo tempo leve, refeito, aliviado. Meu templo que permite ao meu espírito, minha alma siga perceber e sentir os (en)cantos, cenas e atos de performances na/da vida, nas/das artes entre Nós. Sinto na vida, o ritmo do tempo, o bálsamo das águas, o sonar dos ventos, a conexão de sentires que me aviva a alma, que nos aproxima umas pessoas das outras e dos mundo que estejam nesta consonante vibração e natureza astral, e que desejo para todas as pessoas humanas planetárias, mais vida em NÓS.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidades**. Feminismos Plurais. São Paulo: Polén Livros, 2019.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. Publicado em 24/11/2017. Disponível em <https://www.google.com/url?q=https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos&source=gmail&ust=1575114864928000&usg=AFQjCNHLaa3blxzILg6SofMmKNbIsXd5g>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ANGELO, Robin Di. Encontro Branquitude, Racismo e Antiracismo: O que podem os indivíduos diante da estrutura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Uo9s4dOw9Q>. Acesso em: 20 fev. 2021.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. IBGE mostra as cores da desigualdade. Publicado em 11/05/2018. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BENTO, Maria Aparecida Siva. **SciELO**. Branquitude e poder - a questão das cotas para negros. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100005&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100005&script=sci_arttext). Acesso em: 28 out. 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branquitude e branqueamento no Brasil**. CEERT - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2001. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude – O Lado Oculto do Discurso Sobre o Negro. In: **Psicologia social do racismo**– estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (147-162).

BENTO, M.; NOGUEIRA, Simone Gribran; SILVEIRA, Marly de Jesus (Org.). **Identidade, branquitude e negritude**: contribuições para a Psicologia Social no Brasil, novos ensaios relatos de experiência e de pesquisa. São Paulo: Cassapsi Livraria e Editora, 2014.

BIÃO, A. J. C. **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P & A Editora, 2007.

BIÃO, A. J. C; GREINER, Christane (Orgs.). **Etnocenologia**: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999. Disponível em :<https://doczz.com.br/doc/421270/etnocenologia--uma-introdu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BIKO, Steve. **A definição de consciência negra (1971)**. Portal Geledés, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/definicao-da-consciencia-negra/>. Acesso em: 11 out. 2018.

CARDOSO, Lourenço. *O branco-objeto: o Movimento Negro situando a branquitude*. **Instrumento Revista de Estudos e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, volume 13, número 1, janeiro-junho de 2011.

CARNEIRO, Sueli Aparecida; FISCHMANN, Roseli. **A Construção do Outro Como Não-Ser Como Fundamento do Ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tesel.pdf> . Acesso em: 20 abr. 2020.

CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias**. Salvador: Editora Oguns Toques, 2017.

CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxisteórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas**. Cadernos de Literatura em Tradução 16. Especial Negritude e Tradução. USP, 2016.

CARRASCOSA, Denise; DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência : a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 1. Ed., 2020.

CARRASCOSA, Denise; LIMA, Renata C.A. de; LIRA, Roberta. *Traduzindo o Atlântico Negro - Entrevista com Denise Carrascosa*. Disponível em: <https://youtu.be/IgtmVizd7Kg> . Acesso em: 20 març. 2020.

CARTILHA: *Chega de Violência! Combate a práticas sexistas, homo-lesbo-transfóbicas, racistas, xenofóbicas e capacitistas nos trotes universitários*. Florianópolis: Coletivo Kurima, Coletivo Gozze, Coletivo 4P, IEG e NIGS, 2014. Disponível em: [http://diversifica.ufsc.br/files/2013/03/cartilha\\_diversidade\\_arquivo\\_%C3%BAnico.pdf](http://diversifica.ufsc.br/files/2013/03/cartilha_diversidade_arquivo_%C3%BAnico.pdf). Acesso: 10 out. 2016.

CATARINENSE, DIÁRIO. **Registro de Injúria Racial Aumentam de 200% em Santa Catarina.** 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/registros-de-injuria-racial-aumentam-mais-de-200-em-santa-catarina>. Acesso em: 20 jul. 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução de Juliana de Castro Galvão; revisão de Joaze Bernardino Costa. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 01 out. 2019.

COSER, Stelamaris. **A diáspora africana nos versos de Ntozake Shange.** Tradução de Stelamaris Coser. Niterói: Gragoatá, 2005.

COSTA, FLÁVIA. Revista Geledés. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/lei-7-71689-lei-cao-25-anos-combate-ao-racismo/?gclid=CjwKCAjw\\_L6LBhBbEiwa4c46usQ\\_cMMUdcpzRscIjg9OXYLQ0oOyemI4uY0\\_uY5uogQk0cLXGhGhxoC1zMQAxD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/lei-7-71689-lei-cao-25-anos-combate-ao-racismo/?gclid=CjwKCAjw_L6LBhBbEiwa4c46usQ_cMMUdcpzRscIjg9OXYLQ0oOyemI4uY0_uY5uogQk0cLXGhGhxoC1zMQAxD_BwE). Acesso em: 01 mar, 2021

COSTA, Joaze Bernardino; TORRES, Nelson Maldonado; GROSFÓGUEL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSFÓGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, volume 31, número 1, janeiro-abril, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista de Estudos Feministas**, v.10, n.1, Florianópolis: 2002. Tradução de Schneider, Liane. Revisão de Bairro, Luiza; Costa, Claudia de Lima. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt). Acesse em: 01 abr. 2021.

DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado(Org.). **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 1. Ed., 2020.

EVARISTO, Conceição; DUARTE, Constância Lima, NUNES, Isabella Rosado(Org.); LOPES, Goya (Ilustrações). **Escrevivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 1. Ed., 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EdUFBA, 2008.

FARIAS, Adriana.” Você não tem o estilo de quem lê”, diz policial a jornalista negro. **CEERT**, 2015. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/violencia-seguranca/6164/voce-nao-tem-o-estilo-de-quem-le-diz-policial-a-jornalista-negro>. Acesso: 22 jul. 2016.

FILHO, A. M. M. **O negro e o garimpo em Minas Gerais.** Belo Horizonte, São Paulo: Editora Itatiaia, EdUSP, 1985.

FLORES, Maria B.R.; OLIVEIRA, Emerson D.G. . A cultura da fealdade: “tecnologia e estética do racismo” – Emersom Dionísio Gomes Oliveira Entrevista Maria Bernardete Ramos Flores. *Artcultura*, v.10, n.16, p. 227-235, jan.-jun.Uberlândia: 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1508/2763>. Acesso em: 20 out.2018.

GIROY, Paul. **O Atlântico negro**. Tradução de Cid Kripel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Outras Palavras – Eurocentrismo em Xeque. <https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/para-compreender-a-amefrica-e-o-pretugues/?fbclid=IwAR1UuGwTRvQYHGJj7K1yyIHnbC7oiDAjVKKh6MhAK-MXtQ5iKDK9SIOtRb4>

HALL, Stuart. Diásporas ou a lógica da tradução cultural. Tradução Liv Sovic. **Revistas USP**, São Paulo, volume 10, número 3, setembro de 2016, p. 47-58.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Traduzido por Adelaine La Guardia Rezende, Ana Carolina Escoteguy, Claudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonaram Amaral. Organização Liv Sovic. Belo Horizonte: editora UFMG, 2018.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 1995.

hooks, bell. *Vivendo de amor*. In: WERNEK, J. (Org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephane Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

hooks, bell. **Erguei a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Características étnico-raciais da população brasileira: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça*. 2011.Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas\\_raciais/PCERP2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raciais/PCERP2008.pdf). Acesso em: 06 dez. 2016.

JÚNIOR, Ronaldo Sales. *Democracia racial: o não dito-racista*. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 2006. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/ts/a/K6nMrbtTHFH6Pp6GbH5QRVN/?format=html#>. Acesso em: 18 set. 2018.

KILOMBA, Grada. **Lidando com o Racismo na Europa**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=EE2XBFr\\_eZY](https://www.youtube.com/watch?v=EE2XBFr_eZY). Acesso em 14 jan 2021.

KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba*. Palestra no Instituto Goethe de São Paulo, em 8 de março de 2016. Tradução de

Jessica Oliveira. Disponível em: [https://www.academia.edu/23391789/Tradu%C3%A7%C3%A3o\\_para\\_o\\_Portugu%C3%AAs\\_de\\_DESCOLONIZANDO\\_O\\_CONHECIMENTO\\_Uma\\_Palestra-Performance\\_de\\_Grada\\_Kilomba?auto=download](https://www.academia.edu/23391789/Tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_Portugu%C3%AAs_de_DESCOLONIZANDO_O_CONHECIMENTO_Uma_Palestra-Performance_de_Grada_Kilomba?auto=download). Acesso em: 07 ago. 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Roberta C. A. de (Roberta Lira). **AVoz (En) Cantos e Falas de (Re) Existência Negra: rompendo com o silenciamento e o lugar imposto pela branquitude nas performances cotidianas e nas artes da cena**. Florianópolis: Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

LIMA, Roberta C. A. de (Roberta Lira). *Intercâmbio Brasil/Perú de Mulheres Negras: relatos e reflexões*. **Qorpus**, edição 27, UFSC, Florianópolis, 2018. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/5711-2/5821-2/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira Lopes. **Beleza e ascensão social na Imprensa Negra Paulistana, 1920-1940**. São José: Premier, 2011.

MARTINS, Leda Maria. **89º aPós Explorações Seminário Leda Maria Martins; Performances do Tempo Expiralar**. Disponível em: <https://youtu.be/fXuXKjOUsIA> . Acesso em 20 mai. 2021.

MARTINS, Leda. Leda Martins fala sobre arte, educação e manifestações culturais -2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k52osVHhqtM&t=141s> . Acessado em: 06 de jun. 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **A Cena em Sombras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória. **Línguas e Literaturas: Limites e Fronteiras**. Nº 26, 2003.

MEC, Planato Federal. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10101-lei-11645-10-03-2008&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10101-lei-11645-10-03-2008&Itemid=30192) . Acesso em: 28 fev. 2021.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOREIRA, Adilson. Jornada Feminismos Plurais - **Racismo Recreativo com Adilson Moreira e Djamila Ribeiro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CYJzrBfjEgg> . Acesso em: 08 dez. 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Inclusão social, um debate necessário: uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. **Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ**, 05/11/03. Publicado em: 2004.

Disponível sob solicitação em: [http://dedalus.usp.br/F/P73NTTFF9GKRP1SVU9EP7D3X38RI3P536XK2SDPQD6E4ME8YFE-03935?func=full-set-set&set\\_number=000666&set\\_entry=000001&format=999](http://dedalus.usp.br/F/P73NTTFF9GKRP1SVU9EP7D3X38RI3P536XK2SDPQD6E4ME8YFE-03935?func=full-set-set&set_number=000666&set_entry=000001&format=999) ( acesso sob solicitação). Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> . Acesso em: 05 dez. 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Experimental do Negro: testemunhos**. Rio de Janeiro: GRD Edições, 1966.

NASCIMENTO, Abdias. **Sortilégio II (Mistério negro de Zumbi redivivo)**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

NASCIMENTO, Abidias. **Sankofa**. Ocupação Abdias do Nascimento. Itaú Cultural 2016. Disponível em : <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **A mulher negra e o amor**. Jornal Maioria Falante 1999. Recuperado e disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-e-o-amor/>. Acesso em: 05 maio 2021.

NOGUEIRA, Renato. **Pedagogias da Imagem - Branco sai, preto fica**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-9fUBRwHsnY&t=14s>. Acesso em: 08 fev. 2021.

NEVES, Eustáquio; VALESCO, Suzana. Sob a luz tropical: racismo e padrões de cor da indústria fotográfica no Brasil. **Revista ZUM 10/2016**: Revista de Fotografia. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/racismo-padroes-industria-brasil/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

OLIVEIRA, Emerson D.G.; FLORES, Maria B.R. A cultura da fealdade: “tecnologia e estética do racismo” – Emersom Dionísio Gomes Oliveira Entrevista Maria Bernardete Ramos Flores. *Artcultura*, v.10, n.16, p. 227-235, jan.-jun. Uberlândia: 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1508/2763>. Acesso em: 20 out.2018.

PALMARES, Fundação Cultural. Lélia Gonzalez. Disponível em : <https://www.palmares.gov.br/?p=53181> Acesso em: 01.03.2021.

PLANALTO. Lei Caó. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm) . Acesso em: 02 jun. 2020.

PLANALTO. Lei de Cotas. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm) .Acesso em: 04 jul. 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Organização de Edgardo Lander. Publicado em: 2005. Disponível em:[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod\\_resource/content/1/colonialidade\\_do\\_saber\\_eurocentrismo\\_ciencias\\_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf). Acesso em: 10 out. 2019.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. **Epistemologias do Sul**. Organizadores SANTOS, Boaventurade Sousa; MENESES, Maria Paula. Capítulo 2. Coimbra: Edições Almedina S.A., 2009.

RAMOS, Guerreiro. *Patologia social do branco brasileiro*. **Jornal do Comércio**, janeiro de 1955.

RAMOS, Guerreiro. *Teatro Experimental do Negro*. **O Negro Desde Dentro**. GRD Edições, 1966.

RAMOSE, Mogobe. **Globalização e Ubuntu**. In DE SOUSA SANTOS B. & MENESES (org.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

RAMOSE, Mogobe. Entrevista A importância do Nós, com Mogobe Ramose, por Moisés Sbardelotto, tradução Luís Marcos. **IHU ON-LINE Revista do Instituto HumanitasUnisinos Sander**, edição 353, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3688-mogobe-ramose>. Acesso em: 21 jan. 2021.

REIS, Luciana. **ABRAPT – Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias**. 2021. Roda de conversa com Hilda França (UFBA), Luciana Reis (UFBA) e Raquel Souza (UFBA), Mediador: Jorge Hernán Yerro(UFBA). NordEsTrad - Nordeste em Tradução( Dia 27.08) Transmitido ao vivo em 27 de ago. de 2021 - Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-GB\\_WFL6\\_WE](https://www.youtube.com/watch?v=-GB_WFL6_WE)  
Acessado em: 28 ago. 2021>

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala? Feminismos Plurais**. Belo Horizonte: Grupo Editorial Letramento, 2017.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, escolas e arcádeas : a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado aprovada, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Ensino, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, 2017. Disponível em: [http://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/07\\_Kati%C3%BAscia%20Ribeiro%20Pontes.pdf](http://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/07_Kati%C3%BAscia%20Ribeiro%20Pontes.pdf). Acesso em: 11 mar. 2021.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Cosmovisão Africana, Curso Livre África e sua Diáspora: História e Cultura**. Disponível em: <https://youtu.be/usa5o1KrT6>> Acesso em: 10 jan. 2021.

ROTH, Lorna. Questão de Pele. Instituto Moreira Salles. **Revista Zum 10: Revista de Fotografia**. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/>; Acesso em: 07 fev. 2021.

SANTANA, Tiganá. Tradução, interações e cosmologias Africanas. **Cadernos de Tradução**, v. 39, Edição Especial: Poéticas não Europeias em Tradução - Refundações e Reescritas desde Brasis /Parte I, Refundações. Florianópolis, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39nespp65>. Acesso em : 20 out. 2020.

SANTOS, InacyraFalção dos. Anais ABRACE. **Corpo e Ancestralidade**: ressignificação de uma herança cultural. Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”. In: **Performance studies**: an introduccion, 2 ed. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SCHECHNER, Richard; ICE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. Educação e Realidade. volume 35, número 2. UFRGS: 2010. Entrevista com Richard Schechner: O que pode a Performance na Educação? Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13502> . Acesso em : 01 mai 2020

SHANGE, Ntosake. **Who is Ntosake Shange? For Colored Girls Who Have Considered Suicide**. MacmillanPublishingCo.,Inc., New York, N.Y., p.61-65, 1977.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. **Performances de gênero e raça no ativismo digital de Geledés: interseccionalidade, posicionamentos interacionais e reflexividade**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, volume 20, número 3. Belo Horizonte: 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982020000300407&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982020000300407&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 11 abr.2020.

SOUSA, João da Cruz. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

SOUZA, Raquel. NordEsTrad - Nordeste em Tradução ( Dia 27.08) Transmitido ao vivo em 27 de ago. de 2021 - **ABRAPT – Cartas Náuticas Afrodiaspóricas para Travessias Literárias. Roda de conversa com Hilda França (UFBA), Luciana Reis (UFBA) e Raquel Souza (UFBA), Mediador: Jorge Hernán Yerro(UFBA)** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-GB\\_WFL6\\_WE](https://www.youtube.com/watch?v=-GB_WFL6_WE) Acessado em 28.08.2021

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

TAVARES, Júlio César. Centro Afro Carioca de Cinema Zózimo Bulbul. **Masterclass Roteiro com Prof. Dr, Júlio Tavares – Cinema e Pensamento: Narrativas Negras**. Disponível em: <https://www.facebook.com/CentroAfroCariocadeCinemaZozimoBulbul/videos/649246055675486/>. Acesso em: 11 set.2020.

VALESCO, Suzana; NEVES, Eustáquio. Sob a luz tropical: racismo e padrões de cor da indústria fotográfica no Brasil. **Revista ZUM 10/2016**: Revista de Fotografia. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/racismo-padroes-industria-brasil/>. Acesso em: 07 fev. 2021.



VERSIANE, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias. Conceitos alternativos em construção.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

WERNEK, Jurema. Encontro Branquitude, Racismo e Antiracismo: O que podem os indivíduos diante da estrutura. Disponível em [:https://www.youtube.com/watch?v=5Uo9s4dOw9Q](https://www.youtube.com/watch?v=5Uo9s4dOw9Q). Acesso em: 20 fev. 2021.

#### REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

**Eu Não Sou Seu Negro.** Direção de Raoul Peck. Baseado no Livro de James Baldwin. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8631269/programa/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

**Pele Negra, Máscara Branca.** Direção de Conrado Krainer. Youtube, postado em Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=sQEwu\\_TJi0s&t=309s](https://www.youtube.com/watch?v=sQEwu_TJi0s&t=309s). Acesso em: 23 abr. 2018.

**Ori.** Direção de Raquel Gerber. Texto e Narração de Maria Beatriz do Nascimento, 1989. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/pesquisar/?q=ORI>. Acesso em: 03 maio 2021.

**Para Garotas de Cor.** Direção de Tyler Perry. Adaptação da obra de NtosakeShange. Disponível em: [https://www.primevideo.com/detail/0NHIEJWFS3XKKAV6JCWVYRZR/ref=atv\\_sr\\_fle\\_c\\_Tn74RA\\_\\_1\\_1\\_1?qid=1621587649&pageTypeIdSource=ASIN&language=pt\\_BR&sr=1-1&pageTypeId=B07YLDB2FZ](https://www.primevideo.com/detail/0NHIEJWFS3XKKAV6JCWVYRZR/ref=atv_sr_fle_c_Tn74RA__1_1_1?qid=1621587649&pageTypeIdSource=ASIN&language=pt_BR&sr=1-1&pageTypeId=B07YLDB2FZ). Acesso em: 01 fev.2021.

**Se a Rua Beale Falasse.** Direção Berry Jenkins Baseado na obra de James Baldwin. Disponível em: [https://www.primevideo.com/detail/0QON9CJ7KL8G56NO4W110GC5RK/ref=atv\\_sr\\_fle\\_c\\_Tn74RA\\_\\_1\\_1\\_1?pageTypeId=B0915FQXBF&qid=1621588125&pageTypeIdSource=ASIN&language=pt\\_BR&sr=1-1](https://www.primevideo.com/detail/0QON9CJ7KL8G56NO4W110GC5RK/ref=atv_sr_fle_c_Tn74RA__1_1_1?pageTypeId=B0915FQXBF&qid=1621588125&pageTypeIdSource=ASIN&language=pt_BR&sr=1-1). Acesso em: 02 fev. 2021.

## ANEXO A – TEXTO 1 DA PERFORMANCE “QUEM PODE EXISTIR?”

*Por que o material de nossa intervenção performática foi jogado no lixo?*<sup>102</sup>

Por Renata Lima

Esse foi o questionamento das/os integrantes de um coletivo acadêmico de artes negras ao perceberem que os materiais de um projeto de intervenção tinham sido eliminados sem autorização ou prévio aviso. As instalações pertenciam a um ciclo de ações de um coletivo estudantil negro – *IV Reflexões sobre o 13 de maio: 127 anos de Abolição da Escravatura, Liberdade com Racismo*<sup>103</sup>, *Privilégios e seus Efeitos na Sociedade* – que acontece

u nas dependências de uma universidade pública do sul do país, em alusão ao dia 13 de maio<sup>104</sup> e propunha performances, música, intervenções, exposições e rodas de conversa sobre o tema durante o mês de maio de 2015. A instalação/ exposição em destaque foi alocada no 'corredor das Cênicas – 'espaço conhecido por suas intervenções artísticas, musicais e cênicas – onde foram dispostas longas folhas de papel branco, canetas e alguns pedaços de carvão. Como 'convite-intervenção 'foram escritas pelas/os organizadoras/es frases disparadoras: "13 de maio, que dia é hoje?"; "O que significa ser branco?"; "13 de maio não é dia de negro!". No decorrer de dez dias quem acessava o espaço encontrava/ deixava memórias, vivências, pensamentos. Pouco a pouco as paredes cobertas de branco foram preenchidas de carvão. Os conteúdos que tomaram o espaço geraram desconforto, explicitados nas expressões faciais que se transformavam diante dos escritos, nas manifestações verbais de indignação, ou mesmo em escritas carregadas de discriminação<sup>105</sup>. Já nos primeiros dias frases racistas iam surgindo: "preto quando não caga na entrada, caga na saída"; "preto com branco não combina" (onde alguém interfere na frase dizendo "quem disse?", "combina super!", "adoro esta combinação"); "Tinha que ser preto", "Nega do cabelo duro", "Não sou tuas negas", "Negro é sinônimo de pobreza e desgraça minha filha!". Uma analogia<sup>106</sup> à música "Zumbi" de Jorge Benjor: "ao centro senhores sentados olhando mãos negras colherem o pó branco". Havia também um breve relato: "Nos tempos em que trabalhei em Jurerê

*Internacional*<sup>107</sup> notei a grande quantidade de negros na cozinha e na limpeza. Eu, branca, ficava na frente. No salão, eles ainda na senzala (2011)". Numa certa manhã, o corredor acordou 'limpo', nada nas paredes nem no teto. Afinal qual foi o destino daqueles materiais? A acadêmica negra<sup>108</sup> responsável pela elaboração do projeto procurou obter informações e recuperá-los, mediante explicações quanto a finalidade da exposição e o valor dos materiais, mas ao questionar o paradeiro desses, deparou-se com o desrespeito – tendo

---

<sup>102</sup> Texto completo de Renata Christiane Araújo de Lima, participante da performance "Quem pode existir? Observo que as notas rodapé também fazem parte das observações da referida autora.

<sup>103</sup> Considerando que a palavra racismo, assim como outros conceitos relacionados serão repetidamente mencionados, creio ser importante localizar que foram eleitas/os intelectuais diversos na 'composição 'do conceito e que serão apresentadas/os ao longo deste trabalho.

<sup>104</sup> O dia 13 de maio de 1888 no Brasil foi marcado pela assinatura da Lei Áurea, que sancionou o fim da escravização sem contemplar políticas públicas para negras/os e atualmente não representa um dia de comemoração, mas de resistência, de reflexão sobre a ancestralidade, a identidade e as condições de fato quanto ao acesso a bens e direitos fundamentais da população negra em diáspora que compõe a população brasileira.

<sup>105</sup> As manifestações de desconforto foram relatadas pelas/os organizadoras/es que transitaram aleatoriamente no espaço durante o período que os materiais estiveram expostos.

<sup>106</sup> A música popular brasileira "Zumbi" composta pelo músico Jorge Benjor faz referência a diferentes grupos étnicos africanos escravizados no Brasil. Zumbi dos Palmares foi líder do Quilombo dos Palmares – uma sociedade livre formada no século XVII. De acordo com a intelectual e ativista negra Lélia Gonzalez que diz numa de suas manifestações públicas documentadas em 20 de novembro de 1988 "–Líder do 1º Estado livre de todas as Américas (...) criado pelos negros que resistindo à escravidão se dirigiram para o sul da Capitania de Pernambuco, atual estado de Alagoas, afim de criar uma sociedade livre e igualitária, uma sociedade alternativa, onde negros, índios e brancos pobres viviam no maior respeito, proprietários de terra e senhores do seu produto de trabalho". (Trecho da letra original da música Zumbi: "ao centro senhores sentados olhando mãos negras colherem o algodão branco").

<sup>107</sup> Este é um bairro situado em região nobre de Florianópolis, capital de Florianópolis.

<sup>108</sup> A acadêmica que foi mencionada neste breve relato é professora de canto, acadêmica do curso de Artes Cênicas e membra de movimento estudantil negro na mesma instituição em que foi realizada a intervenção.

em vista o tratamento ríspido aliado às respostas da servidora e da funcionária terceirizada de serviços gerais: "(...) pare de criar caso por conta de papel!! ", e ainda, "(...) limpei tudo, que estava uma sujeira e joguei tudo fora no lixo". Não houve qualquer justificativa pertinente, considerando ainda questões burocráticas que a situação poderia envolver<sup>109</sup>. Como desfecho do episódio, a servidora questionada instaurou um processo administrativo em face da estudante, alegando que a 'insistência' na busca pelos materiais demonstrou desrespeito ao seu trabalho. O relato mencionado foi descrito pela organizadora responsável pelo projeto e as frases que compuseram as instalações foram baseadas em imagens capturadas durante a intervenção, caso contrário esta discussão não seria possível, pois assim como o racismo<sup>110</sup> em sua expressão mais fugaz, nenhum material foi localizado. Os questionamentos acerca do sumiço dos materiais silenciaram (?) – será que o racismo foi eliminado com os materiais daquela intervenção? E se a reclamação quanto ao sumiço dos materiais tivesse como reclamante um/a estudante ou professor/a branca/o, os encaminhamentos seriam semelhantes? Renata Christiane Araújo de Lima, 2017)

## ANEXO B –TEXTO 2 DA PERFORMANCE QUEM PODE EXISTIR?

Manifesto: Genocídio, chega!<sup>111</sup> Por Leandro Batz

O direito à vida é o principal direito humano. Um Estado democrático deve zelar pelo direito à vida dos seus cidadãos e cidadãs. Por isso, qualquer tentativa de ruptura com a institucionalidade democrática deve ser fortemente combatida, pois ela infringe o direito à vida da população como um todo, em especial, os segmentos em maior situação de desigualdade e vulnerabilidade. Com essas informações podemos concluir que o genocídio da população negra é uma infração do direito à vida. **PAAAAAAAH.** A campanha "Vidas Negras" lançada pelas Nações Unidas no Brasil em 2017 comprovou que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil, A CADA 23 MINUTOS UM JOVEM NEGRO É MORTO NO BRASIL, são 63 por dia, 23.100 por ano. Com idade de 15 a 29 anos. Esses jovens podem ser qualquer negro, morto pelo fato de ser NEGRO, pode ser eu, pode ser você, você, você...**PAAAAAAAH.** De acordo com o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) de 2006 a 2016 o número de homicídios de não-negros caiu 6,8%, enquanto o de negros aumentou 23%. E esses negros tem nomes: **Eduardo de Jesus**, 10 anos, morto na porta de casa, complexo do Alemão por PMs em 2015. Delegado fala "Todos nós temos responsabilidades quando atuamos com armamento. Mas existe um limite da própria defesa, e os policiais, como ficou provado pela exaustiva investigação, atiraram respondendo uma injusta agressão, e lamentavelmente acabaram atingindo a criança. Eles respondem por terem atingido não a criança, mas sim os traficantes. Concluímos que eles agiram em legítima defesa e erraram na execução" **Eduardo de Jesus**, 10 anos segue morto, **PAAAAAAAH.** **Claudia Silva Ferreira**, 38 anos, morta por PMs no morro da Conganha - Rio de Janeiro, em 2014.

<sup>109</sup> O espaço utilizado pelo projeto é comum à exposições e atividades do curso de Graduação em Artes Cênicas. O espaço foi solicitado à administração do Centro com finalidade de estudo/ extensão, portanto, era de conhecimento de técnicas/os administrativos, coordenação, direção, além das/os funcionárias/os responsáveis pela limpeza contratados por empresa terceirizada.

<sup>110</sup> O sociólogo Oracy Nogueira caracterizou o racismo no contexto brasileiro como preconceito de marca e não um preconceito de origem. O primeiro determina uma preterição, o segundo, promove uma exclusão incondicional dos membros do grupo abrangido. Desta forma, prevalece uma hierarquia racial sustentada por um certo ideal de branqueamento, que busca 'corrigir' por meio da mestiçagem o saldo populacional de um processo de abolição sem reforma agrária e indenização dos libertos, que depositou sólidos investimentos na imigração europeia que se encarregariam dessa tarefa civilizatória (BARBOSA, 2015).

<sup>111</sup> Texto completo do performer Leandro Batzfeito para a sua participação na performance "Quem pode existir?".

Claudia levou 2 tiros porque acreditava-se que ela tinha envolvimento com o tráfico de drogas, ACREDITAVA-SE. Thaís Lima, filha de Cláudia fala "Foi só virar a esquina e ela deu de frente com eles. Eles [os policiais] deram dois tiros nela, um no peito, que atravessou, e o outro, não sei se foi na cabeça ou no pescoço, que falaram. E caiu no chão. Aí falaram [os policiais] que se assustaram com o copo de café que estava na mão dela. Eles estavam achando que ela era bandida, que ela estava dando café para os bandidos". Cláudia foi colocado no porta-malas que se abriu e arrastou seu corpo por 350 metros. Cláudia Silva Ferreira era uma mulher negra, PAAAAAAAH. **Amarildo Dias de Souza**, 47 ou 48 anos, sequestrado torturado e morto. Amarildo estava em casa, Favela da Rocinha, Rio de Janeiro, foi levado por policiais da UPP, Unidade de Polícia Pacificadora, repito, Unidade de Polícia Pacificadora, neste dia Amarildo Desapareceu. Ano de 2013, não 1964, não 1976, NÃO. 2013, em plena Democracia o companheiro de Elisabeth Gomes da silva, pai de Romeu, desapareceu e nunca mais voltou, PAAAAAAAH. Evaldo - PAAAAAAAH - Rosa PAAAAAAAH - dos Santos PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAAH, PAAAAAAH, PAAAAAAH, PAAAAAAH, PAAAAAAH, PAH ,PAHHH, PAAH, PAHH,PAHHHHHHHHH...., mais de 80 tiros, ou melhor 252, de acordo com o laudo. O resto vocês já sabem. **Marielle Franco, Marielle Franco**, Mulher, **Marielle Franco**, mãe de Luyara, **Marielle Franco**, deputada, **Marielle Franco**, 38 anos, **Marielle Franco**, companheira de Mônica Benício, **Marielle Franco**, morta, 3 tiros na cabeça e 1 no pescoço, PAH. Vitor Rodrigues Xavier da Silva, 19 anos, Catarinense, morto por PMs dentro do terreno de casa, por estar com uma arma de brinquedo, DENTRO DO TERRENO DE CASA. Delegado fala "Como você vai saber que a arma é de brinquedo? E se não fosse? Se fosse uma arma de verdade e ele tivesse atirado contra os policiais? Não tem como saber a distância. Depois que se viu que era uma arma de brinquedo. Aí é tarde. Não tem como saber, a arma é igual" E se? E se? Essa é a resposta do Delegado Ênio Matos. Vitor foi executado no dia 19 de Abril deste ano, nos Ingleses, dentro do lugar mais seguro que uma pessoa acredita estar, em casa. Você, homem, mulher, negros, negras, infelizmente preciso lhes dizer que não existe uma lugar totalmente seguro pra você. Juntem-se aos seus, nunca esqueça a ancestralidade, e todas as pessoas que tiveram que perder a vida, que tiveram a vida roubada pra você estar aqui HOJE. Pessoas brancas, falo pra vocês, assumam a responsabilidade de seus ancestrais, o racismo é um problema de vocês, responsabilidade de vocês. A estrutura favorece a vocês, o privilégio é de vocês. Então se eu não tiver paciência pra lhe explicar porque falo grosso, ou porque faço cara feia, apenas respeite e estude, não podemos acabar com o genocídio da população negra sozinhos, a responsabilidade TAMBÉM é de vocês. Cansamos de escutar sons de tiros, chega de PAH, PAH, PAH... Já perdi a conta de quantas vezes já morri, cada vez que um corpo negro cai, cai um pouco de mim, um pouco de nós, partes que nem sabia que tinha. Já cansei de morrer, só quero viver em paz (Leandro Batz, 2019).

## **ANEXO C – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. DENISE CARRASCOSA**

### **O CONTEXTO E O PROCESSO**

Entrevista *Traduzindo o Atlântico Negro – Entrevista com Denise Carrascosa*, foi realizada por uma produção on-line a distância – eu em Porto Seguro, a professora em Salvador e Renata Lima em Florianópolis, em 06/02/2020, à meu convite, Roberta Lira, para fins de possibilitar a resolução de questões importantes daquele período de minha formação. Cumprir com atividades referentes às produções vinculadas à bolsa CAPES durante o verão no recesso universitário e sanar muitas das dúvidas que eu nutria sobre a tradução afrodiaspórica, como principalmente possibilitar respiro suprindo ausências epistemológicas afros.

Recebi a sugestão de minha antiga orientadora para realizar uma entrevista com tradutor ou tradutora negra para uma série on-line do programa, que embora esta não tenha dado certo, a entrevista sob outra proposta aconteceu. Lembrei da banca de mestrado da Jess Oliveira (PGET-2018) e me veio a imagem da Profa. Denise Carrascosa à cabeça, e pensei que ela seria a entrevistada ideal. Ao mesmo tempo me questionando: Porque não havia feito aquele contato antes? Acredito que aquele foi o momento. Com a proposta da entrevista mantida, fiz as articulações com a Profa. que gentilmente aceitou o convite.

O processo on-line foi um pouco complexo naquela época antes da pandemia ser anunciada e a vida on-line ser normatizada posteriormente -desde amrço de 2020-2021-, pensei em unir várias questões importantes: a entrevista-atividade de trabalho, a visibilização de uma pesquisadora negra das nossas epistemologias da tradução, como a disponibilização da resultante inédita em rico material de perguntas básicas, que não encontrávamos nos currículos dos cursos. Possibilitando a divulgação e o acesso dos nossos referenciais para pesquisas das/os novas/os pesquisadoras/es negras/os como eu, como para ampliar o conhecimento das/os demais tradutoras/es e público em geral.

Passei minha proposta para a orientação que foi bem acolhida, como o trabalho foi se desenvolvendo sequencialmente, na pré-produção. Elaborei perguntas pertinentes as questões que me inquietavam naquele período nevrálgico do desenvolvimento da minha pesquisa. Convidei a pesquisadora Renata Lima para participar da entrevista e produção, com quem contei com a colaboração direta nas questões cruzadas de nossas epistemologias negras lançadas pela pesquisadora. Ainda sobre a os conteúdos da entrevistas, nós pudemos reunir perguntas importantes que acreditamos serem importantes naquele momento histórico e que poderiam visibilizar nossas epistemologias da Tradução Afrodiáspórica no Sul do país. Ao mesmo tempo que possibilitou a visibilidade de um trabalho desenvolvido por uma professora negra liderança das traduções comunitárias que vem sendo produzidas a partir de seu projeto de pesquisa *Traduzindo no Atlântico Negro*, da UFBA.

Realizamos então a entrevista, eu (PGET – UFSC) e a mestra Renata Lima (PPGP – UFSC) - também mestranda naquele período -, com a docente, pesquisadora e tradutora referência na elaboração e publicação destas epistemologias negras na área dos Estudos da Tradução, a Profa. Dra. Denise Carrascosa.

Link da entrevista:

*Traduzindo o Atlântico Negros – Entrevista com Denise Carrascosa.* Disponível em: <https://youtu.be/IgtnVizd7Kg> . Acesso em

## **JANEIRO E FEVEREIRO DE 2020**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

Dia de realização: 06 de fevereiro de 2020.

Entrevistada: Profa. Dra. Denise Carrascosa

Entrevistadoras: Roberta Lira (Roberta C. A. de Lima) Mestranda da PGET (UFSC) e Renata Lima (Renata Christiane C.Araujo de Lima) – Mestranda da PPGS (UFSC).

### **[Introdução]**

- 1) **Texto Roberta:** atriz e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) [...]
  - 2) **Texto Renata Lima:** psicóloga e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social [...]
- 1.Organizamos uma entrevista / 2.Também estarei entrevistando nossa convidada/ 1.a tradutora e professora adjunta da Universidade Federal da Bahia(UFBA) Denise Carrascosa.

### **[Apresentação da convidada]**

Um pouco mais sobre a Profa. Dra. Denise Carrascosa<sup>112</sup>:

Denise Carrascosa é Doutora e Mestra em Crítica Literária e Cultural pela Universidade Federal da Bahia(UFBA), tradutora literária pela Universidade de Salvador(US), advogada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunta de Literatura da UFBA, no Programa de Graduação do Instituto de Letras e no Programa de Pós-Graduação de Literatura e Cultura. Lidera o projeto de pesquisa “Traduzindo no Atlântico Negro” e coordena, há 8 anos, o projeto de extensão “Corpos Indóceis” e “Mentes Livres”. Tem trabalhado na

---

<sup>112</sup> Profa. Dra, Denise Carrascosa – as informações da entrevistada são de elaboração e fonte da mesma, presentes no livro *Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas para Travessias Literárias* que está nas referências deste trabalho de pesquisa. Entrevista referente à trabalho acadêmico das bolsas CAPES no mestrado.

produção de oficinas de escrita literária e performances no Conjunto Penal Feminino do Complexo Penitenciário Lemos Brito, na Bahia, onde construiu, junto com mulheres presas sentenciadas, a Biblioteca Mentos Livres (2013), possibilitando remição de pena pela leitura. Autora do livro “Técnicas e políticas de si nas margens: literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru” (2015); co-autora de “Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo Sul-Sul” (2014); organizadora de “Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias” (2017). Participa do Conselho Editorial da Editora Oguns Toques Negros.

### **[Perguntas da Entrevista]**

Pergunta 1) Renata L. - Como e quando você começou a sua trajetória como tradutora?

Resposta 1) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 2) Renata L. - Desde o princípio você já atuava e trabalhava com a tradução sob a perspectiva afrodiáspórica?

Resposta 2) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 3) R. Lira - Quais foram as principais questões, possibilidades ou problemas enfrentados em sua profissão, consequentes de seus trabalhos e das suas enunciações enquanto professora doutora e tradutora negra, em uma área majoritariamente composta de pessoas brancas e de conhecimentos e posturas eurocentradas?

Resposta 3) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 4) R. Lira - Professora Denise, você tem trabalhos importantes sendo desenvolvidos em Salvador (BA), nós gostaríamos de saber um pouco especificamente, como surgiu o Núcleo de Pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro e a produção de oficinas de escrita literária e performance no Conjunto Penal Feminino do Complexo Penitenciário Lemos Brito? Existem conexões tradutórias e de atuações entre estes dois trabalhos?

Resposta 4) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Cont.Resp. 4) D. Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 5) Renata L. - Como você tem observado os impactos desses trabalhos no meio acadêmico, social e na sua existência pensando nas interseccionalidades que te constituem?

Resposta 5) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 6) R. Lira -Você pode nos contar como aconteceu a criação do livro *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para Travessias Literárias*? E falar um pouco sobre a sua reflexão deste traduzir por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas e porque não, de outras linguagens afrodiáspóricas?

Resposta 6) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 7) R. Lira - Como construir caminhos de visibilidade e aprendizagens para as epistemologias afros dentro dos cursos dos Estudos da Tradução, diante de sua desconhecida e vasta diversidade tradutória? Ela que vai além da tradução de línguas, mas sim esta presente em outras linguagens e se dimensiona em mundos, enquanto há poucas/os pesquisadoras/es afros na área que possam desbravar tais questões?

Resposta 7) D.Carrascosa - Em áudio numerado

Pergunta 8) R. Lira - Como a tradução intersemiótica tem contribuído nos processos de criação, produção e mostra das Traduções no Atlântico Negro por meio das artes da cena, que talvez você possa observar bem mais de perto com as propostas de sua turma de teatro?

Resposta 8) D.Carrascosa - Em áudio numerado

### **[Chamada para a Leitura]**

Renata L. - Agora vocês ficam com a Professora Denise Carrascosa que vai ler um trecho do livro de sua organização *Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiáspóricas para Travessias Literária*.

### **[Finalizando com Leitura]**

Profa. Doutora Denise Carrascosa: Trecho do livro *Traduzindo no Atlântico Negro: Cartas Náuticas Afrodiáspóricas para Travessias Literárias*, p.27 e 30.

#### [CRÉDITOS NO VÍDEO]

#### **Link da Entrevista Completa :**

*Traduzindo o Atlântico Negro – Entrevista com Denise Carrascosa.* Disponível em: <https://youtu.be/IgtmVizd7Kg> .

#### [REALIZAÇÃO]

#### **PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

### **ANEXO D – RELATO PROFA. DRA. PRISCILA GENARA<sup>113</sup>**

Sou uma mulher branca, nascida e formada no interior do Rio Grande do Sul. Venho de uma formação universitária muito rigorosa e em um contexto muito específico, fundamentada na escola russa e europeia de teatro. Uma formação de muita disciplina e comprometimento em que as questões coletivas, na instância do fazer artístico, se sobreponham às pessoais e em que todos/as éramos tratados como iguais e capazes de enfrentar os desafios formativos a nós colocados.

Tive apenas uma colega e um colega negro em seis anos de graduação, e nunca achei isso estranho. Na universidade não tive professoras/es negras/os, só no ensino médio, que foi realizado em Mato Grosso do Sul durante os anos em que morei lá com minha família. Nunca ouvi falarem sobre racismo nos espaços acadêmicos, durante essa jornada.

Com minhas professoras no curso de artes cênicas aprendi o valor do trabalho coletivo, o amor pelo conhecimento, o respeito à alteridade, o exercício contínuo da generosidade, da humildade e da disponibilidade. Nesse sentido, minha formação me deu elementos importantes para entender a sociedade e se posicionar de forma a colaborar com sua transformação e a se opor às diferentes formas de opressão. Militei organicamente no movimento estudantil, no partido dos trabalhadores e em movimento de educação popular durante os anos de formação. Acreditava que estava cumprindo com meu dever de cidadã crítica e ética lutando junto da esquerda branca por uma sociedade mais justa para os brancos. A perspectiva antirracista ficou de fora deste processo e permaneci alheia a ela até parar para ouvir o que Roberta vinha falando há tempos no curso de artes cênicas, onde sou professora e onde ela era, à época, aluna.

Ao ouvir Roberta falar sobre racismo estrutural, a lei 10.639/2003, sobre a hegemonia dos conhecimentos brancos, epistemicídio, fiquei um tanto assustada. Como era possível eu não saber de nada daquilo? Como admitir que eu era racista se eu sempre condenei o racismo e acreditava que estava fazendo o possível para não perpetuar ações desta natureza? Como que há uma lei que não é aplicada? Como que a universidade pública não está aplicando essa lei? E todas essas informações e conhecimento trazidos por Roberta aos poucos começaram a fazer sentido. Comecei a exercitar uma escuta, pois eu precisava ouvir o que essa aluna, liderança do movimento negro, estava dizendo. Tinha medo de cometer racismo na relação com a Roberta, não sabia ao certo como agir, não tinha letramento.

Decidi parar e escutar. E entendi, com o passar do tempo, que essa vigília sobre si mesma na tentativa de não deixar o racismo que me constitui como mulher branca de privilégios, tomar a frente de minhas ações. Parar, parar para escutar o que aquela mulher, aluna do curso, tinha a dizer. E Roberta tinha muito que dizer e muito que ensinar. E isso sem fazer concessões à minha branquitude. Toda a vez em que minha atenção precisou ser chamada, ela o fez e eu sou grata por isso. Nunca quis ser racista e ainda assim o racismo me pega.

Até firmar a parceria com a Roberta e o Coletivo Kurima, acreditava que estava tudo certo em meu trabalho: abordava com dedicação e rigor princípios éticos e estéticos, a partir da tradição russa e eurocêntrica,

---

<sup>113</sup> GENARA – Relato disponibilizado para as pesquisas da autora, com a publicação autorizada pela referida docente à autora.

na formação de artistas e seres humanos. Hoje eu sei que havia uma lacuna fundamental, e quem me mostrou isso foi Roberta. Sei também que apesar de não ser uma pessoa que exerça ações racistas de evidente violência, o racismo habita minha constituição como pessoa, compõe minha subjetividade e que isso cria camadas. É preciso um exercício constante de vigilância, de atenção, de revisão e de reparação se quero exercitar ações antirracistas como forma de existir no mundo. Trata-se do exercício de uma vida.

Posso dizer que trabalhar com Roberta Lira foi uma das coisas mais importantes que me aconteceram nos últimos anos. Foi um ponto de virada na minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Um encontro transformador. Por um lado, trata-se de um aprendizado que convergiu com os princípios que aprendi na graduação em artes cênicas, como por exemplo, o fato do aprendizado artístico e humano ocorrer de maneira coletiva. Há a necessidade do entendimento de que quando uma colega cresce em sua jornada, a outra acaba crescendo também. O conceito filosófico ubuntu traz isso de uma forma muito bonita. “Eu sou porque você é”. O respeito e a confiança para que um trabalho coletivo amadureça e dê frutos.

Por outro lado, Roberta me mostrou que se meu trabalho em atuação e encenação se fundamenta em princípios éticos e estéticos, não tratar das relações raciais, não incluir conteúdos da cultura africana e afro-brasileira, é fazer pela metade, é considerar o conhecimento branco como universal e perpetuar, em última instância, o genocídio de um povo. Não desenvolver uma pedagogia antirracista e anti-colonialista usando os instrumentos de poder que a branquitude me confere, em um país racista, misógino e de herança colonialista, é estar de acordo com esse estado de coisas.

Desde então, passei a repensar minha trajetória de vida e profissional, questionando a hegemonia das epistemologias brancas e as lacunas de não haver o olhar anti-colonialista e reafirmar princípios importantes da luta antiopressão. Uma perspectiva mais humana, ampla e democrática se abriu. E foi preciso desenvolver um olhar atento e mais refinado ao teatro e à vida corriqueira.

Nesse processo de letramento com a Roberta, aprendi muito sobre a vida, sobre o coletivo e sobre a ação humana. Meu trabalho ganhou novas perspectivas e minha trajetória atualizou seus objetivos. Meus objetos de estudo seguem os mesmos, porém agora com uma perspectiva mais ampla e inclusiva: mais honesta.

Tenho lidado com minhas disciplinas de forma a incluir conteúdos que contemplem a população negra e indígena. Não vou colocar aqui os exemplos, porque já são muitas as possibilidades de arranjos. O conhecimento afro, assim como o indígena, são universos inteiros. O conhecimento branco-eurocentrado-masculino não é o único, nem o certo, nem o melhor conhecimento que a humanidade produziu até agora.

Aprendi que é importante normalizar a presença do corpo negro nos espaços, que não basta incluir conteúdos nas disciplinas, mas que há um cuidado na forma de tratá-los. No início, percebi que tinha o ímpeto de olhar para os/as alunos/as negros/as quando tratava de assuntos afro negros<sup>114</sup>, a ação era automática. Comecei a ficar mais atenta e a direcionar o debate, orientação, ou explicação para toda a turma.

Achava, no início que haveria poucas referências a serem incluídas. Quando descobri a riqueza e a grandiosidade da contribuição das pessoas negras na construção das artes e cultura do Brasil, e de países onde houve escravidão, fiquei novamente assustada.

Aprendi que preciso desenvolver um olhar e uma escuta mais atentas e sofisticadas para poder agir de forma a criar equidade entre os/as estudantes. Antes de iniciar o processo formativo e a parceria com a Roberta, acreditava que bastava não exercitar o racismo evidente para não ser uma pessoa racista. E que ao ter atitudes mais sensíveis para com estudantes negros/as, o/a estaria discriminando e colaborando com o racismo. Hoje entendo que ao tratar todos/as os/as estudantes da mesma forma, acabo ignorando o fato de que os/as estudantes não possuem a mesma origem, as mesmas oportunidades e condições para se desenvolverem como seres humanos e artistas.

Entendo agora um pouco mais sobre as sutilezas do racismo e que ele pode estar pautando minhas ações mesmo que não esteja percebendo. Entendo que não estou isenta de um racismo que está nas estruturas da sociedade e habita meu imaginário só porque passei a enfrentá-lo, só por que passei a me letrar e a incluir os conteúdos nas minhas disciplinas. Trata-se de um exercício diário de desconstrução e revisão de si que não acabará enquanto estiver viva. Só posso agradecer à Roberta pela oportunidade de tê-la como parceira e orientadora nessa jornada. Gostaria um dia poder retribuir a ela tudo o que esse processo está me dando. Obrigada, Roberta.

---

<sup>114</sup> Termo utilizado por Roberta Lira.



## **ANEXO E – RELATO PROFA. DRA. DÉBORA ZAMARIOLI<sup>115</sup>**

Algumas palavras sobre o reconhecimento dos germes.  
De: Débora Zamarioli

Foi em 2017 que iniciei o processo de autoconhecimento da branquitude. Foi apenas aos 36 anos que comecei a escutar os brados da urgência de auto questionamento e de transformação da minha subjetividade e responsabilidade social enquanto mulher branca. Até este momento, meus ouvidos eram protegidos por uma espécie de filtro, e as vozes de 54% da população brasileira me chegavam como um sussurro. No meu papel de professora do ensino superior público federal, essas vozes foram filtradas como uma necessidade de mudança epistemológica ocasionada pelos “novos tempos” da universidade pública brasileira. No entanto, no meu íntimo, eu sabia que estava sendo convocada para uma demolição constante e cotidiana de mim mesma.

2017 foi o ano em que retornei ao meu trabalho na universidade após 3 anos afastada para o desenvolvimento da minha pesquisa de doutorado. Neste período muita coisa havia mudado no curso: o novo projeto pedagógico estava implementado; as novas instalações físicas estavam prontas e as aulas eram realizadas em locais adequados para as práticas artístico-pedagógicas. Porém, junto com as novidades visíveis, acontecia um trabalho profundo e sensível que propunha a transformação estrutural das humanidades de todos e todas que se relacionavam com o curso de artes cênicas da UFSC: as ações artístico-pedagógicas antirracistas.

Estas ações eram frutos-estratégias da parceria estabelecida, no final de 2015, entre os coletivos Kurima de estudantes negros e negras da UFSC, Kurima Banto Mulheres Mudempodiro e a coordenação do curso de artes cênicas. Foi a partir de um episódio racista de grande repercussão dentro da comunidade do curso, que a artista, pesquisadora e arte-educadora Roberta Lira, representante dos coletivos, e a professora Priscila Padilha, coordenadora do curso na época, estreitaram laços para o desenvolvimento de ações formativas no âmbito institucional para as relações étnico-raciais e para o enfrentamento ao racismo dentro do curso.

Foi neste contexto e a partir do contato direto com estas ações que fui introduzida, pela primeira vez, à educação antirracista. Em 2017 e aos 36 anos, era a primeira vez que eu escutava sobre políticas de branqueamento. Era a primeira vez que eu discutia, refletia e tomava consciência do racismo praticado por mim! Era a primeira vez que eu estava implicada e era ensinada a me responsabilizar pelas ações decorrentes da cor branca da minha pele. Era a primeira vez que eu me via como agente dos problemas da desigualdade racial e social brasileira.

Todo este processo, iniciado pela parceria entre estas duas mulheres logo se estendeu institucionalmente a mim, quando assumi a coordenação do curso. Agora éramos duas professoras brancas se formando para as relações étnico-raciais com Roberta Lira. Realizávamos reuniões pedagógicas semanais para conversarmos sobre os mais diversos temas que envolviam branquitude, negritude, privilégios, silenciamento, epistemicídio, genocídio, racismo estrutural, racismo científico, arte, cultura, corpo, pedagogia, entre tantos aspectos que interseccionam a imposta racialização da sociedade.

É difícil descrever em poucas palavras o turbilhão de micropercepções que são constantemente necessárias para reconhecer padrões e impulsos racistas. Digo impulsos, ao invés de ações, porque fui educada para não agir de maneira ofensiva, mas nada me falaram sobre os impulsos racistas que são cotidianamente

---

<sup>115</sup> ZAMARIOLI – Relato disponibilizado para as pesquisas da autora, com a publicação autorizada pela referida docente à autora.

produzidos e reproduzidos no encontro com pessoas negras: um segurar de bolsa; um sentimento de desconfiança e estranhamento; uma certa condescendência; um certo esforço para ficar à vontade; uma ponta de arrogância; um pouco de medo... É assustador ver os germes dos seus próprios monstros, mas ao mesmo tempo é libertador se reconhecer e ter o poder de se transformar.

Fui criada dentro de gestos racistas da falaciosa democracia racial, onde reina a meritocracia. É triste, perturbador e revoltante conseguir enxergar e ouvir através das rachaduras, buracos e fendas feitas nos filtros brancos que me estruturam. Também dá medo e, ao mesmo tempo, promove coragem para o movimento de transformação. Escolhi ser atriz como profissão pela paixão à transformação promovida pela alteridade. Porém, até então, eu só me encontrava com personagens brancas. E, mesmo aquelas que não eram, acabavam sendo branqueadas pelo filtro racista da minha percepção.

Para além do seu papel instrucional, os encontros pedagógicos eram espaços seguros, de acolhimento, cumplicidade, sinceridade e, acima de tudo, de provocação. Eles me impeliam à ação. Quanto mais nós conversávamos e quanto mais eu estudava, mais eu sentia a necessidade de agir dentro das minhas possibilidades pedagógicas, administrativas, familiares e afetivas. Em 2018, formalizamos nossas ações no projeto de extensão FANCA: fórum permanente de estudos em artes negras da cena e cultura de matriz africana. Este projeto durou dois anos e deu suporte para diversas práticas antirracistas no âmbito do curso. Realizamos cursos de formação para a comunidade acadêmica, oficinas, vivências teatrais, espetáculos, performances e exposições. Através do FANCA olhámos para o outro e para nós mesmas. Promovemos o nosso próprio desenvolvimento em pedagogias antirracistas.

Na minha prática, houve uma re-elaboração dos conteúdos e das formas de ministrar as disciplinas relativas ao corpo e à atuação. Comecei a buscar, refletir e experimentar, junto aos estudantes e às estudentes, o corpo com suas histórias pessoais, suas ancestralidades, suas identidades, seus medos e desejos. Os corpos individuais passaram a dialogar com o corpo coletivo, com as desigualdades raciais e sociais, com as histórias de luta e resistência da população negra e indígena, com o reconhecimento de privilégios e da branquitude. Tudo está no corpo! Se assim é, na área de atuação, onde treinamos para o encontro com a alteridade, é nossa responsabilidade treinarmos para a escuta dos germes de nossos monstros internos: os impulsos sorrateiros da branquitude, do racismo, do machismo, da homofobia, da transfobia, do capitalismo...

Como organizadora de um evento de dança de grande porte na universidade, passei a questionar e ampliar minhas referências artísticas, e os temas de discussão dentro da dança. Como coordenadora do curso, as relações étnico-raciais abriram minha percepção para a necessidade urgente da perspectiva racial para se pensar todo o projeto pedagógico e, junto com a perspectiva de classe, para se pensar a permanência estudantil; da perspectiva de gênero para pensar estratégias de apoio, acolhimento e enfrentamento aos assédios morais e sexuais que são estruturantes das instituições brasileiras, incluindo as instituições de ensino.

À medida que o conhecimento promovido pelo letramento nas relações étnico-raciais se transformava em ação, eu percebia mudanças nos olhares e atitudes dos(as) meus(minhas) colegas brancos(as) em relação a mim e à minha colega docente. Era como se nós estivéssemos revelando algum tipo de segredo que não pudesse vir à tona. Mais tarde, aprendi, com Maria Aparecida Bento, que nós estávamos nos desviando do pacto narcísico entre os brancos e isto era inaceitável.

A continuidade e a insistência nas ações artístico-pedagógicas antirracistas dentro do curso, realizada pelo FANCA, passou a se tornar incômoda para algumas pessoas da comunidade acadêmica. Para estes olhos, as ações passaram da beleza exótica inofensiva de algumas performances para a perigosa discussão do racismo dentro das disciplinas, das palavras, dos gestos e do cotidiano do curso. “Afim de contas, o que nós brancos(as) - maioria dentro do curso - temos a ver com o racismo”? “Eu utilizo músicas africanas em minhas aulas”. “Se criarmos uma disciplina obrigatória que trate do teatro negro, temos que criar disciplinas para o teatro nordestino e açoriano”. “E como ficam os indígenas”? “Se há uma exposição sobre a beleza negra, vou propor sobre a beleza branca”. “Vocês não estão ouvindo a minha voz! (disse em prantos uma professora branca)”. “Isto é racismo reverso (disse um professor branco)”. “Existem pessoas dentro do movimento negro que discordam da luta identitária”. Frases como estas ecoavam nas discussões sobre a criação de uma única disciplina obrigatória que tratasse das artes negras da cena e da cultura de matriz africana.

Felizmente, esta foi uma luta e conquista dos coletivos negros parceiros do curso que desde 2011, sob a liderança de Roberta Lira, promoveram e incentivaram ações acerca da igualdade racial, do enfrentamento ao racismo e à todas as formas de preconceito e discriminação dentro da comunidade universitária. Através das propostas vividas através do FANCA, de nossas experiências de vida e da pesquisa aprofundada de Roberta Lira, nós três criamos o programa da disciplina obrigatória “artes negras da cena e cultura de matriz africana”. Em agosto de 2019, ela foi ministrada pela primeira vez no curso de artes cênicas da UFSC. Pessoalmente, é uma alegria saber que os e as estudantes terão uma formação diversa da minha!

O pacto narcísico fora quebrado e, antes que pudéssemos concluir nosso período administrativo frente à coordenação do curso, declinamos o cargo para cuidarmos de nossa saúde mental. Pela primeira vez, eu sentia

respingos da violência branca que cotidianamente age sobre corpos não brancos. Dialeticamente, reconheço que ter a possibilidade de recuar e fazer uma pausa para o autocuidado é um privilégio proporcionado a mim como mulher branca. Há sempre uma tensão dialética entre todas as forças que perpassam nossas estruturas sociais e nossos corpos. A vigília deve ser constante e no dia-a-dia.

Hoje as artes negras da cena, o estudo das relações étnico-raciais e das culturas afro-indígenas e afrodiaspóricas são respiros de humanidade dentro dos diversos sofrimentos causados pela sede insaciável de superioridade e perfeição imposta pela branquitude capitalista aos corpos brancos e não-brancos. Sou extremamente grata aos esforços das minhas colegas Roberta Lira e Priscila Padilha, que me ensinam que o letramento para as relações étnico-raciais não é apenas um recorte epistemológico, mas antes de tudo ele é a transformação do corpo, da mente e do espírito para a vida individual e coletiva.

## **ANEXO F – CRIAÇÃO DA EMENTA DA DISCIPLINA CÓD.:ART , DO CURSO DE ARTES CÊNICAS (UFSC)**

### **Programa de Ensino<sup>116</sup>**

**Nome da disciplina:** Artes negras da cena e culturas de matrizes africanas

Código da disciplina: ART

Horas/aula semanais: 4 Total de horas/aula: 72

Pré-requisito: sem pré-requisito

**Ementa:** Epistemicídio e Genocídio africano e afro-brasileiro. Origens Africanas. Estratégias culturais negras de resistência e reexistência, preservação e disseminação cultural, da escravização aos dias atuais no Brasil. A arte da população negra brasileira na formação sociocultural e artística do Brasil contemporâneo. Artes negras da cena e na contemporaneidade brasileira.

#### **Objetivos:**

- Oferecer subsídios históricos, teóricos e práticos para a compreensão da formação e desenvolvimento das culturas e das artes de matrizes africanas no Brasil;
- Proporcionar um ensino comprometido com a promoção da igualdade racial;
- Introduzir epistemologias de matriz africana e afro-brasileira, que possibilitem o acesso às ancestralidades da população negra brasileira, ao legado cultural e histórico de seus antepassados escravizados no Brasil, consonante com o Estatuto da Igualdade Racial, Lei Federal 12.288/10, e com a Lei nº10.639/2003. Conteúdo Programático:
  - Epistemicídio e Genocídio africano e afro-brasileiro
  - Origens Africanas (berço da humanidade): Aspectos históricos, Civilizações, Mitologias e Culturas;
  - Estratégias, movimentos e práticas de resistências e (re)existência cultural dos africanos ao sistema escravista no Brasil;
  - Imperialismo e processos de descolonização em África e Brasil;
  - Movimentos e mobilizações artístico-culturais pós-abolicionistas;
  - O pensamento eugenista, o mito da igualdade racial e as artes brasileiras;
  - A arte da população negra brasileira na formação sociocultural e artística do Brasil: teatros de revista, grupos teatrais negros, artes negras no período da ditadura; os movimentos sociais negros, Katherine Dunham e a lei Afonso Arinos, Cultura;
  - Panorama das artes nas diásporas africanas;
  - As Artes Negras da Cena no contexto brasileiro contemporâneo: Teatro, Performance, Dramaturgia e Dança.

---

<sup>116</sup> O programa de ensino da disciplina construído pelas professoras Profa. Dra, Priscila Genara, Profa, Débora Zamarioli e pela Mestranda Roberta Lira. Implementada em 2019-2.

### **Bibliografia Básica<sup>117</sup>:**

- CAMPOS, Carmen Lúcia;  
CARNEIRO, Sueli; TOLEDO, Vera Lucia Vilhena de. A cor do preconceito. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007. 135 p. (Coleção Jovem cidadão). ISBN 9788508109371.
- KABENGELE MUNANGA. Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações. 3. ed. São Paulo: Gaudí, 2012. 109 p. ISBN 9788581840246.
- MOORE, Carlos. Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 2. ed. ampl. Belo Horizonte: Nandyala, 2012. 301 p. ISBN 9788561191719. Bibliografia complementar: ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac/SP, 2000.
- BIÃO, Armindo;  
GREINER, Christine. Etnocologia: Textos Seleccionados. São Paulo: Annablume, 1999.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser. 2005. 339 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- DIOP, Cheikh Anta. A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Portugal: Editora Pedago, 2014. [...]

---

<sup>117</sup> As referências permitidas para a criação da ementa e do programa da disciplina são as disponíveis da Biblioteca Universitária, BU/UFSC, de acordo com orientações repassadas na época. Na prática há repertório mais amplo e específico das áreas.